

TUDO O QUE

NUNCA

CONTEI

CELESTE NG



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Você pode encontrar mais obras em nosso site: Epubbr.club e baixar livros exclusivos [neste link](#)



Tudo o que nunca contei

CELESTE NG

TRADUÇÃO
JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © 2014 by Celeste Ng

TÍTULO ORIGINAL

Everything I Never Told You

PREPARAÇÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Daniel Seidl de Moura

Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO

Amanda Dewey

DESIGN DE CAPA

Darren Haggart

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira / Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-975-8

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-1512

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto	
Créditos	
Mídias sociais	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Nota da autora	
Agradecimentos	
Sobre a autora	
Leia também	

Lydia está morta. Mas eles ainda não sabem disso. Dia 3 de maio de 1977, seis e meia da manhã, ninguém sabe nada a não ser por este fato inofensivo: Lydia está atrasada para o café da manhã. Como sempre, sua mãe colocou, ao lado de sua tigela de cereal, um lápis bem apontado e o dever de casa de física de Lydia, seis problemas assinalados com pequenos tiques. A caminho do trabalho, o pai de Lydia sintoniza a rádio WXXP, a Melhor Fonte de Notícias do Noroeste de Ohio, cuja transmissão é dificultada pelo chiado da estática. Na escada, o irmão de Lydia bocejia, ainda envolto nas reminiscências de um sonho. E, em sua cadeira no canto da cozinha, a irmã está curvada, os olhos bem abertos sobre o cereal, sugando-o floco por floco, esperando Lydia aparecer. É ela quem diz, finalmente:

— Lydia está demorando muito hoje.

No andar de cima, Marilyn abre a porta do quarto da filha e vê a cama intacta: os cantos do lençol ainda dobrados sob o edredom, como num leito de hospital, o travesseiro ainda fofo e arredondado. Nada parece fora do lugar. Calças de veludo cor de mostarda emboladas no chão, uma única meia listrada com as cores do arco-íris. Uma fileira de fitas condecorativas de feiras de ciências na parede, um cartão-postal com a foto de Einstein. A bolsa de lona amarfanhada no chão do armário. Sua mochila verde encolhida na escrivaninha. O perfume Baby Soft na cômoda, um cheiro agradável de talco de bebê ainda pairando no ar. Mas nada de Lydia.

Marilyn fecha os olhos. Quem sabe, quando os abrir, Lydia estará ali, coberta até a cabeça pelo edredom, com mechas de cabelo escapando por baixo, como de costume. Uma montanha mal-humorada encolhida sob o edredom, que Marilyn de alguma forma não tinha visto. *Eu estava no banheiro, mãe. Desci para beber água. Estava deitada aqui o tempo todo.* É claro que, quando ela olha, nada muda. As cortinas fechadas brilham feito uma tela de televisão branca.

No andar de baixo, ela para na soleira da porta da cozinha e põe as mãos em cada lado do batente. Seu silêncio diz tudo.

— Vou olhar lá fora — diz, por fim. — Talvez, por algum motivo...

Mantém o olhar fixo no chão ao avançar em direção à porta de entrada, como se as pegadas de Lydia pudessem estar gravadas na passadeira do corredor.

Nath diz a Hannah:

— Ela estava no quarto ontem à noite. Ouvi o rádio tocando. Às onze e meia.

— Nath silencia, lembrando que não dera boa-noite a ela.

— Alguém pode ser sequestrado com dezesseis anos? — pergunta Hannah.

Nath cutuca sua tigela com uma colher. Os flocos de milho murcham e afundam no leite turvo.

A mãe volta para a cozinha, e, por uma gloriosa fração de segundo, Nath suspira de alívio: aí está ela, Ly dia, sã e salva. Isso acontece às vezes — o rosto delas é tão parecido que, olhando de soslaio, dá para confundi-las: o mesmo queixo fino, as maçãs do rosto proeminentes e a covinha na bochecha esquerda, os mesmos ombros estreitos. Apenas a cor do cabelo era diferente, o de Ly dia é de um preto profundo, enquanto o da mãe é cor de mel. Ele e Hannah haviam puxado ao pai — certa vez uma mulher parou os dois no mercado e perguntou:

— Chineses?

Eles responderam que sim, sem querer entrar em maiores detalhes, e a mulher balançou a cabeça, convencida.

— Eu sabia. Pelos olhos.

Então puxou o canto dos olhos com a ponta do dedo. Mas Ly dia, desafiando a genética, de alguma forma tinha os olhos azuis da mãe, e eles sabiam que essa era mais uma razão para que fosse a sua preferida. E a do pai também.

Então Ly dia leva a mão à testa e volta a ser sua mãe.

— O carro ainda está aqui — diz ela, mas Nath sabia que estaria.

Ly dia não sabe dirigir; ainda não tem nem a carteira provisória. Na semana anterior, ela deixou todos surpresos ao ser reprovada no teste de direção, e o pai não a deixaria sequer se sentar ao volante sem a carteira de motorista. Nath revira o cereal, que se tornou um lodo no fundo da tigela. No hall de entrada soa o tique-taque do relógio, que se aproxima das sete e meia. Ninguém se mexe.

— Ainda vamos para a escola hoje? — pergunta Hannah.

Marilyn hesita. Então vai até sua bolsa e pega o chaveiro, num esforço para mostrar eficiência.

— Vocês dois já perderam o ônibus. Nath, vá com meu carro e deixe Hannah na escola no caminho. Não se preocupem. Vamos descobrir o que está acontecendo.

Ela não olha para nenhum dos dois. Eles não olham para ela.

Depois que os filhos saem, ela pega uma caneca no armário, tentando fazer as mãos pararem de tremer. Certa vez, quando Ly dia ainda era bebê, Marilyn a deixou sozinha na sala, brincando sobre uma colcha, e foi até a cozinha para preparar uma xícara de chá. A menina tinha apenas onze meses. Marilyn tirou a chaleira do fogo e, quando se virou, encontrou Ly dia de pé, à porta. Ela se assustou e colocou a mão na boca ardente do fogão. A palma de sua mão ficou com uma queimadura vermelha em espiral. Ela levou a mão aos lábios e olhou para Ly dia com olhos lacrimejantes. De pé, ali, a filha estava estranhamente alerta, como se observasse a cozinha pela primeira vez. Marilyn não pensou em como perdera aqueles primeiros passos nem em como sua filha havia crescido. O que passou por sua cabeça não foi *Como pude perder isso?*, mas *O que mais*

você vem escondendo? Nath havia se levantado, cambaleado, caído e andado bem diante dela, mas Marilyn não conseguia se lembrar nem de ter visto Lydia começando a ficar de pé. No entanto, ela parecia bem firme sobre os pés descalços, os dedinhos da mão escapando por pouco das mangas amassadas do macacão. Marilyn ficara de costas para a filha muitas vezes, ao abrir a porta da geladeira ou tirar a roupa da máquina. Lydia podia ter começado a andar semanas antes, enquanto Marilyn estava de olho em uma panela, e ela jamais saberia.

Ela pegou Lydia no colo, afagou seu cabelo e disse que a filha era muito esperta, que o pai ficaria orgulhoso quando voltasse para casa. Mas estava com a sensação de ter encontrado uma porta trancada em um cômodo conhecido: Lydia, tão pequena, ainda no berço, tinha segredos. Marilyn podia alimentá-la, dar banho, passar suas perninhas pelas calças do pijama, mas partes da vida da filha já eram inacessíveis. Ela beijou a bochecha de Lydia e a abraçou, tentando se aquecer junto ao corpinho da criança.

Agora, bebendo chá, Marilyn recorda aquela surpresa.

O número de telefone da escola está preso no painel de cortiça ao lado da geladeira; Marilyn puxa o cartão e disca, enrolando o fio no dedo enquanto o telefone chama.

— Middlewood High — diz a secretária depois do quarto toque. — Dottie falando.

Ela se lembra de Dottie: uma mulher cujo corpo se parecia com uma almofada de sofá, que usava seu cabelo ruivo desbotado preso em um coque alto.

— Bom dia — começa Marilyn, e então vacila. — Minha filha foi para o colégio hoje?

Dottie estala discretamente a língua, demonstrando impaciência.

— Quem está falando, por favor?

Após levar um instante para recordar o próprio nome, ela diz:

— Marilyn. Marilyn Lee. Minha filha é Lydia Lee. Segundo ano.

— Deixe-me dar uma olhada no horário dela. Primeiro tempo... — A mulher hesita. — Física do terceiro ano?

— É, isso mesmo. Com o Sr. Kelly.

— Vou pedir que alguém vá até a sala verificar.

Ouve-se um baque quando a secretária coloca o telefone na escrivaninha.

Marilyn observa sua caneca, a poça de água formada ao redor, na bancada. Alguns anos antes, uma menininha entrou engatinhando em um galpão e acabou ficando sufocada. Depois disso, o departamento de polícia enviou um folheto para todas as casas da vizinhança: *Se seu filho estiver desaparecido, procure por ele no mesmo instante. Verifique dentro de máquinas de lavar e de secar roupas, porta-malas, depósitos de ferramentas, em qualquer lugar para onde ele possa ter engatinhado e se escondido. Telefone para a polícia imediatamente se não conseguir encontrá-lo.*

— Sra. Lee? — chama a secretária. — Sua filha não veio para o primeiro tempo. A senhora está ligando para justificar a ausência?

Marilyn desliga sem responder. Coloca de volta o número de telefone no quadro de cortiça, e seus dedos úmidos borram a tinta, de forma que os dígitos ficam turvos, como se soprados por um vento forte ou estivessem submersos.

Ela olha em cada cômodo, abre cada armário. Espia a garagem vazia: nada, a não ser uma mancha de óleo no concreto e o cheiro sutil e inebriante de gasolina. Ela não sabe bem o que procura: pegadas incriminadoras? Um rastro de migalhas de pão? Quando tinha doze anos, uma menina mais velha de sua escola desaparecera e fora encontrada morta. Ginny Barron. Ela costumava usar sapatos boneca que Marilyn cobijava desesperadamente. A menina tinha ido comprar cigarros para o pai, e dois dias depois encontraram seu corpo ao lado da estrada, perto de Charlottesville, estrangulado e nu.

Então a mente de Marilyn começa a ficar agitada. O verão do Filho de Sam, o *serial killer*, acaba de começar — embora os jornais só tenham passado a chamá-lo por esse nome recentemente —, e, mesmo em Ohio, as manchetes mencionam o último tiroteio. Dali a alguns meses, a polícia pegará David Berkowitz e o país passará a se concentrar em outras coisas: a morte de Elvis, o novo Atari, Fonzie pulando um tubarão. Naquele instante, porém, em que novaiorquinos de cabelo escuro compram perucas loiras, Marilyn tem a sensação de que o mundo é um lugar aterrorizante e sem sentido. Coisas como essa não acontecem aqui, ela lembra a si mesma. Não em Middlewood, que se autodenomina cidade, mas não passa de um povoado universitário com três mil habitantes, onde dirigir durante uma hora só leva você a Toledo, onde sair sábado à noite significa ir ao ringue de patinação ou ao boliche, ou a um cinema ao ar livre; onde até o lago Middlewood, no centro da cidadezinha, não passa de uma lagoa superestimada. (Ela está enganada quanto à última observação: o lago tem trezentos metros de largura e é fundo.) Ainda assim, sente um formigamento na lombar, como se besouros caminhassem por sua coluna.

Dentro de casa, Marilyn abre a cortina do chuveiro, os anéis guinchando contra a haste, e observa a curva branca da banheira. Ela procura em todos os armários da cozinha. Olha dentro da despensa, do armário de casacos, do forno. Então, abre a geladeira e espia ali. Azeitonas. Leite. Um frango embalado num pacote cor-de-rosa de espuma, um pé de alface, um cacho de uvas cor de jade. Ela toca o vidro frio do pote de manteiga de amendoim e fecha a porta, balançando a cabeça. Como se Lydia pudesse de alguma forma estar ali dentro.

O sol da manhã banha a casa, cremoso feito mousse de limão, iluminando o interior das cômodas, dos armários vazios, e o chão imaculado. Marilyn olha para as mãos, também vazias e quase incandescentes na luz do sol. Pega o telefone e liga para o marido.

Para James, em sua sala, ainda é só mais uma terça-feira, e ele batuca a caneta nos dentes. Depara-se com um trecho um tanto complicado: *A Sérvia era uma das nações bálticas mais poderosas*. Ele risca *bálticas*, escreve *balcânicas*, vira a página. *O arquiduque France Ferdinand foi assassinado por membros da organização Mão Preta*. Franz, pensa ele. Mão Negra. Será que os alunos tinham pelo menos aberto os livros? Ele se imagina à frente do auditório, o ponteiro nas mãos, o mapa da Europa desenrolado atrás dele. É uma aula introdutória: “Os Estados Unidos e as Guerras Mundiais”. Ele não espera conhecimento profundo ou visão crítica. Apenas um conhecimento básico dos fatos, e algum aluno que saiba escrever *Tchecoslováquia* corretamente.

Ele fecha o trabalho, escreve a nota na primeira página — sessenta e cinco de cem — e faz um círculo em volta. Todo ano, à medida que o verão se aproxima, os alunos vão ficando agitados; faíscas de ressentimento chamam feito pequenas chamas, que então se apagam aos poucos contra as paredes sem janelas do auditório. Seus trabalhos se tornam desinteressados, os parágrafos terminam do nada, às vezes no meio de uma frase, como se os alunos não conseguissem sustentar um pensamento por muito tempo. Ele se pergunta se aquilo tudo é um desperdício. Todas as anotações de aula que aperfeiçoou, os slides coloridos sobre MacArthur e Truman, os mapas da Batalha de Guadalcanal. Nada além de nomes engraçados que provocam risadinhas, o curso todo apenas mais um requisito para completar a lista antes de se formarem. O que mais ele podia esperar daquele lugar? Ele coloca o trabalho na pilha, junto com os outros, e larga a caneta em cima. Pela janela, observa o pequeno pátio verde e três crianças de jeans azuis jogando *frisbee*.

Quando era mais jovem, ainda um membro novo do corpo docente, James costumava ser confundido com um aluno. Fazia anos que aquilo não acontecia. Ele vai completar quarenta e seis anos na próxima primavera; seu cargo hoje é vitalício, alguns fios grisalhos se misturam aos pretos. No entanto, ele às vezes ainda é confundido com outras coisas. Certa vez, uma secretária do gabinete do reitor achou que ele era um diplomata japonês de visita e perguntou como fora o voo de Tóquio até lá. Ele aprecia a surpresa no rosto das pessoas quando conta que é professor universitário de história americana. “Bem, eu *sou* americano”, diz, ao notar a surpresa das pessoas, uma pontada de atitude defensiva na voz.

Alguém bate na porta: sua professora assistente, Louisa, com uma pilha de trabalhos.

— Professor Lee, não quis atrapalhar, mas sua porta está aberta. — Ela põe as dissertações na mesa e para. — Esses aqui não estavam muito bons.

— Não. A minha metade também não. Torci para que você estivesse com todos os As na sua pilha.

Louisa ri. Da primeira vez que a viu, em seu seminário de pós-graduação no semestre anterior, ela o surpreendeu. De costas, poderia ser sua filha: as duas tinham cabelo quase igual, escuro e brilhoso, até as escápulas, e a mesma maneira de sentar com os cotovelos juntos do corpo. Quando ela se virou, porém, o rosto era totalmente seu, estreito onde o de Lydia era largo, os olhos castanhos e firmes.

— Professor Lee? — disse ela, estendendo a mão. — Sou Louisa Chen.

Dezoito anos em Middlewood College, pensou ele, e ali estava sua primeira aluna oriental. Sem se dar conta, pegou-se sorrindo.

Então, uma semana depois, ela foi até a sua sala.

— É sua família? — perguntou, virando a foto da escrivania para si.

Houve um momento de silêncio enquanto ela analisava a fotografia. Todos faziam o mesmo, e era por isso que ele deixava a foto à mostra. Ele observou os olhos da aluna se movendo pela foto: de seu rosto para o de sua mulher, então para o dos filhos, até voltar.

— Ah — disse ela, após um instante, e ele percebeu que Louisa tentava esconder a própria confusão. — Sua mulher... não é chinesa?

Todos faziam a mesma pergunta. Mas dela ele tinha esperado uma reação diferente.

— Não — respondeu, e ajeitou a moldura para que a foto ficasse bem de frente para Louisa, formando um ângulo perfeito de quarenta e cinco graus com a borda da mesa. — Não é.

Ainda assim, no fim do segundo semestre, ele pediu que ela desse as notas dos trabalhos sobre sua palestra de graduação. E, em abril, pediu que fosse sua monitora no curso de verão.

— Espero que os alunos do curso de verão sejam melhores — diz Louisa. — Alguns insistiram que a ferrovia Cabo-Cairo ficava na Europa. Para universitários, eles têm uma dificuldade surpreendente com geografia.

— Bem, uma coisa é certa, não estamos em Harvard — afirma James. Ele junta as duas pilhas de trabalhos e as alinha, como um baralho, na escrivania. — Às vezes me pergunto se isso tudo não seria um desperdício.

— Você não pode se culpar se os alunos não se esforçam. E nem todos são tão ruins. Alguns tiraram A. — Louisa pisca para ele, o olhar subitamente sério. — Sua vida não é um desperdício.

James se referia apenas ao curso de introdução, a ensinar àqueles estudantes, que, ano após ano, não se davam o trabalho de aprender nem mesmo a cronologia básica. Ela tem vinte e três anos, pensa; não sabe nada sobre a vida, desperdiçada ou não. Mas é bom ouvir isso.

— Fique parada — diz. — Tem algo no seu cabelo.

O cabelo dela está frio e úmido, ainda não secou do banho matinal. Louisa fica bem quieta, os olhos abertos encarando o rosto dele. Não é uma pétala,

como ele pensou a princípio. É uma joaninha. Quando ele a puxa com os dedos, o inseto anda na ponta dos pés, em suas patas amarelas filiformes, e se pendura de cabeça para baixo na unha dele.

— Essas porcarias estão por toda parte nessa época do ano — declara uma voz na soleira da porta.

James ergue os olhos e vê Stanley Hewitt se debruçando para dentro.

Ele não gosta de Stan, um sujeito que mais parece um pernil de porco rosado e que fala alto e devagar com ele, como se James fosse surdo, e faz piadas idiotas que começam com *George Washington, Buffalo Bill e Spiro Agnew entraram em um bar...*

— Você quer alguma coisa, Stan? — pergunta James.

Está profundamente consciente de sua mão, o dedo indicador e o dedão esticados como se apontasse uma arma de brinquedo para o ombro de Louisa, e a recolhe.

— Só queria tirar uma dúvida sobre o último memorando do reitor — responde Stanley, mostrando uma folha mimeografada. — Não quis interromper nada.

— Preciso ir, de qualquer maneira — diz Louisa. — Tenha um bom dia, professor Lee. Nos vemos amanhã. Você também, professor Hewitt.

Quando ela passa por Stanley em direção ao corredor, James percebe que o rosto dela está corado, e seu próprio rosto fica quente. Quando ela some de vista, Stanley se senta na ponta da escrivaninha de James.

— Moça bonita. Ela vai ser sua monitora esse verão também, não é?

— Vai.

James abre a mão conforme a joaninha segue para a ponta de seu dedo, caminhando pelas linhas de sua impressão digital, dando voltas e mais voltas. Ele quer dar um soco bem naquela boca sorridente de Stanley, sentir o dente um pouco torto do sujeito rasgar os nós de seus dedos. Em vez disso, esmaga a joaninha com o dedão. A casca estala feito uma pipoca, e o inseto se desfaz em um pó cor de enxofre. Stanley passa os dedos pelas lombadas dos livros de James. Mais tarde, James vai ansiar pela calma ignorante desse momento, por esse último segundo em que o olhar malicioso de Stan era o pior problema que tinha em sua mente. Mas, por ora, quando o telefone toca, James fica tão aliviado com a interrupção que de início não percebe a ansiedade que toma conta da voz de Marilyn.

— James? Você pode vir para casa?

* * *

A polícia informa que muitos adolescentes saem de casa sem avisar. Muitas vezes, dizem, as meninas estão com raiva dos pais e eles nem se dão conta. Nath

os observa circular pelo quarto da irmã. Espera ver talco e espanadores de pena, cães farejadores, lupas. Mas os policiais apenas *olham*: os pôsteres presos com tachinhas acima da escrivaninha, os sapatos no chão, a mochila semiaberta. Então, o policial mais novo põe a palma da mão sobre a tampa arredondada e cor-de-rosa do perfume de Ly dia, como se segurasse a cabeça de uma criança.

De acordo com o policial mais velho, a maioria dos casos de meninas desaparecidas se resolve em até vinte e quatro horas. Elas voltam para casa por conta própria.

— O que isso quer dizer? — pergunta Nath. — *A maioria?* O que isso quer dizer?

O policial espia por cima dos óculos bifocais.

— Na grande maioria dos casos.

— Oitenta por cento? — insiste Nath. — Noventa? Noventa e cinco?

— Nathan — repreende James. — Já chega. Deixe o policial Fiske fazer o trabalho dele.

O mais novo anota os detalhes em seu caderno: Ly dia Elizabeth Lee, dezesseis anos, vista pela última vez na segunda-feira, 2 de maio, vestido frente única florido, pais James e Marilyn Lee. Com isso, o policial Fiske olha atentamente para James, e uma lembrança aflora em sua mente.

— Espere, sua mulher também desapareceu uma vez? Eu me lembro desse caso. Em 1966, não foi?

O calor se espalha pela nuca de James, como se houvesse suor escorrendo por trás das orelhas. Ele fica satisfeito, então, por Marilyn estar esperando perto do telefone ali embaixo.

— Isso foi um mal-entendido — diz, com firmeza. — Uma falha de comunicação entre mim e minha mulher. Um assunto de família.

— Entendo.

O policial mais velho pega o próprio caderninho e faz uma anotação, James bate com os nós dos dedos na quina da escrivaninha de Ly dia.

— Mais alguma coisa?

Na cozinha, os policiais folheiam os álbuns de família em busca de uma fotografia clara do rosto da menina.

— Essa aqui — diz Hannah, apontando.

É uma foto do Natal anterior. Ly dia estava mal-humorada. Nath tentou animá-la e arrancar um sorriso dela com a câmera. Não funcionou. Na foto ela está sentada perto da árvore de Natal, encostada na parede, sozinha. Sua expressão é um desafio. A retidão de seu olhar, saindo da página, sem qualquer resquício de perfil, diz: *O que você está olhando?* Na imagem, Nath não consegue distinguir o azul de suas íris do preto de suas pupilas, seus olhos são como buracos escuros no papel brilhante. Quando foi buscar as fotos que estavam para revelar, ele se arrependeu de ter registrado aquele momento, o olhar severo no rosto da irmã.

Mas agora admite, ao olhar a fotografia na mão de Hannah, que ela se parecia mesmo com aquela imagem — pelo menos na última vez que a viu.

— Essa não — diz James. — Não com Lydia fazendo essa cara. Vão achar que ela é assim o tempo todo. Escolha uma boa. — Ele folheia algumas páginas e pega a última fotografia. — Essa é melhor.

No seu aniversário de dezesseis anos, na semana anterior, Lydia está sentada à mesa sorrindo com os lábios cobertos de batom. Embora o rosto esteja virado para a câmera, seus olhos observam algo fora da moldura branca da foto. O que é tão engraçado?, Nath se pergunta. Não consegue lembrar se foi ele, ou algo que o pai disse, ou ainda se Lydia estava rindo consigo mesma sobre algo que só ela sabia. Parece uma modelo em um anúncio de revista, os lábios escuros e delineados, com um prato de bolo confeitado de glacê à perfeição na mão delicada, divertindo-se como nunca.

James empurra a foto do aniversário pela mesa na direção dos policiais; o mais novo a coloca em uma pasta de papel pardo e se levanta.

— Isso é o suficiente — afirma. — Vamos fazer um panfleto caso ela não apareça até amanhã. Não se preocupem. Tenho certeza de que vai aparecer.

Ele deixa cair um respingo de saliva na página do álbum, que Hannah enxuga com o dedo.

— Ela não sairia assim, do nada — afirma Marilyn. — E se for algum maluco? Algum psicopata sequestrando meninas?

Leva a mão até o jornal daquela manhã, ainda no centro da mesa.

— Tente não se preocupar, senhora — pede o policial Fiske. — Coisas assim raramente acontecem. Na grande maioria dos casos... — Ele olha para Nath, depois solta um pigarro. — As meninas quase sempre voltam para casa.

Depois que os policiais vão embora, Marilyn e James se sentam com um pedaço de papel para rascunho. A polícia sugeriu que ligassem para todos os amigos de Lydia, qualquer um que pudesse saber seu paradeiro. Fizeram uma lista juntos: Pam Saunders. Jenn Pittman. Shelley Brierley. Nath não fala nada, mas essas meninas nunca foram amigas de Lydia. Elas estudam juntas desde o jardim de infância, e de vez em quando as garotas telefonam, risonhas e esgançadas, e Lydia grita: “Já atendi.” Certas noites, ela fica sentada por horas perto da janela no patamar da escada, com a base do telefone no colo, o fone preso entre a orelha e o ombro. Quando os pais passam, ela baixa a voz até virar um murmúrio confidencial, enrolando o fio do telefone no dedo mindinho até que se afastem. Nath sabe que é por isso que os pais escrevem com tanta segurança o nome daquelas meninas na lista.

Mas Nath já viu Lydia na escola, como fica sentada em silêncio no refeitório enquanto as outras conversam; como, depois que terminam de copiar seu dever de casa, ela enfia o caderno de volta na mochila sem dizer nada. Após a aula, caminha até o ônibus sozinha e se acomoda no assento ao lado dele, sem dar um

pio. Certa vez, ele ficou na linha depois de Lydia atender ao telefone e não ouviu fofocas, e sim a voz da irmã recitando monotonamente os deveres — *ler Ato I de Otelo, resolver os problemas de número ímpar da Seção 5* — e se calando depois de desligar. No dia seguinte, quando Lydia estava encolhida no assento perto da janela, o telefone encostado no ouvido, ele pegou a extensão da cozinha e só escutou o zumbido baixo do tom de discagem. Lydia nunca teve amigos de verdade, mas seus pais jamais souberam disso. Se seu pai diz “Lydia, como vai Pam?”, ela responde “Ah, está ótima, acabou de entrar para o conselho estudantil da escola”, e Nath não a contradiz. Ele fica impressionado com a imobilidade de seu rosto, com a maneira como ela consegue mentir sem fazer qualquer gesto que a denuncie.

Só que ele não pode contar isso aos pais agora. Observa a mãe anotar nomes no verso de um velho recibo, e quando ela pergunta a ele e Hannah “Vocês conseguem pensar em mais alguém?”, ele pensa em Jack, mas diz que não.

Desde o início da primavera, Lydia tem andado com Jack — ou o contrário. Praticamente todas as tardes, ela fica rodando naquele fusca dele, voltando para casa bem na hora do jantar, fingindo que estava na escola o tempo todo. Essa amizade surgiu de repente — Nath se recusa a usar qualquer outro termo. Jack mora com a mãe na esquina desde o primeiro ano do ensino fundamental, e certa vez Nath achou que poderiam ser amigos. Isso acabou não acontecendo. Jack o humilhou na frente dos outros garotos, riu do sumiço da mãe de Nath, riu quando Nath achou que ela talvez nunca mais voltasse. Olha só quem fala, pensa Nath agora, logo Jack, que não mora com o pai. Todos os vizinhos fofocaram sobre isso quando os Wolff se mudaram para lá, sobre Janet Wolff ser *divorciada*, sobre Jack ficar solto por aí enquanto ela trabalhava até tarde no hospital. Naquele verão, eles também fofocaram sobre os pais de Nath — mas a mãe de Nath voltou. A de Jack ainda era divorciada. E Jack ainda ficava solto por aí.

E agora? Ainda na semana passada, ao voltar de carro para casa, ele viu Jack passeando com aquele cachorro. Deu a volta no lago e estava prestes a virar na ruazinha sem saída deles quando notou o rapaz no caminho perto do banco, alto e magrelo, o cachorro saltitando logo à frente dele em direção a uma árvore. Jack usava uma camiseta velha e desbotada, e seus cachos louro-escuros estavam armados, despenteados. Quando Nath passou por ele, Jack olhou para cima e assentiu discretamente, um cigarro no canto da boca. O gesto, pensara Nath, era mais de reconhecimento do que de cumprimento. Ao lado dele, o cachorro o olhara nos olhos e levantara a perna casualmente. E Lydia havia passado toda a primavera com o sujeito.

Se eu disser algo agora, pensa Nath, eles perguntarão: *Por que não ficamos sabendo disso antes?* Ele terá que explicar que em todas aquelas tardes em que afirmou “Lydia está estudando com uma amiga” ou “Lydia vai ficar na escola para estudar matemática”, na verdade quis dizer: *Ela está com Jack* ou *Está*

passeando de carro com Jack, ou ainda Saiu com ele deus sabe para onde. Mais do que isso: dizer o nome de Jack significaria admitir algo que não quer. Que Jack de alguma forma faz parte da vida de Lydia, que faz parte da vida dela há meses.

Do outro lado da mesa, Marilyn procura os números na lista telefônica e os lê em voz alta; James disca, com cuidado e devagar, girando o disco com um dedo. A cada ligação, seu tom de voz demonstra mais confusão. *Não? Ela não comentou nada com você, nenhum plano? Ah. Entendi. Bem. Obrigado mesmo assim.* Nath analisa a textura da mesa da cozinha, o álbum aberto diante dele. A foto ausente deixou um buraco na página, uma janela de plástico transparente mostrando o forro branco da capa. A mãe percorre a coluna da lista telefônica com a mão, manchando a ponta do dedo de cinza. Oculta pela toalha de mesa, Hannah estica as pernas e cutuca o pé de Nath com o seu. Um dedo de conforto. Mas ele não ergue os olhos. Só fecha o álbum, e, do outro lado da mesa, a mãe risca mais um nome da lista.

Depois de telefonarem para o último número, James deixa o aparelho de lado. Pega o pedaço de papel da mão de Marilyn e risca *Karen Adler*, dividindo o K em dois Vs perfeitos. Sob a linha, ainda consegue ver o nome. Karen Adler. Marilyn nunca deixava Lydia sair nos fins de semana até que tivesse terminado todo o dever de casa — e quando isso acontecia, em geral, o domingo já estava no fim. Às vezes, nessas tardes, Lydia ia se encontrar com as amigas no shopping e pedia uma carona: “Algumas de nós vamos ao cinema. *Noivo neurótico, noiva nervosa.* Karen está *louca* para ver.” Ele tirava uma nota de dez do bolso e a empurrava pela mesa até ela, querendo dizer: *Está bem, vá e se divirta.* Agora se dá conta de que nunca viu um ingresso, que, até onde se lembra, Lydia sempre estava sozinha no meio-fio quando ele ia buscá-la. Em diversas ocasiões ele parou ao pé da escada no fim da tarde e sorriu, ouvindo a meia conversa de Lydia no patamar acima: “Ai, meu Deus, é *mesmo*? E o que ela disse depois?” Mas agora, ele sabe, já faz anos que ela não telefona para Karen, Pam ou Jenn. Ele pensa naquelas longas tardes, quando achavam que a filha tinha ficado na escola depois da aula para estudar. Longos períodos em que podia ter estado em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa. De repente, James percebe que escondeu o nome de Karen Adler sob um rabisco de tinta preta.

Ele pega o telefone outra vez e disca.

— Policial Fiske, por favor. Sim, aqui é James Lee. Telefonamos para todas as... — Ele hesita. — Todas as pessoas que ela conhece da escola. Não, nada. Está bem, obrigado. Vamos, sim.

— Um policial virá para procurá-la — afirma, colocando o telefone no gancho. — Disseram para deixar a linha desocupada para o caso de ela ligar.

Passa da hora do jantar, mas ninguém nem pensa em comer. Parece algo que as pessoas só fazem nos filmes, algo adorável e decorativo, todo aquele ato de levar um garfo à boca. Uma espécie de cerimônia sem propósito. O telefone não

toca. À meia-noite, James manda as crianças para a cama e, embora elas não discutam, fica ao pé da escada até que tenham subido.

— Aposto vinte pratas que Lydia vai ligar até amanhã de manhã — diz, um pouco empolgado demais.

Ninguém ri. O telefone continua sem tocar.

Lá em cima, Nath fecha a porta do quarto e hesita. Quer encontrar Jack — que, ele tem certeza, sabe onde Lydia está. Mas não pode fugir enquanto os pais estiverem acordados. A mãe já está com os nervos à flor da pele, assustando-se toda vez que o motor da geladeira ronca. De qualquer forma, dá para ver pela janela que a casa dos Wolff está às escuras. A entrada de carros, onde costuma ficar o fusca cinza-metálico de Jack, está vazia. Como sempre, a mãe de Jack se esqueceu de deixar a luz da porta da frente acesa.

Ele tenta pensar: Lydia pareceu estranha na noite anterior? Ele tinha estado fora de casa por quatro dias, sozinho pela primeira vez na vida, visitando Harvard — Harvard! —, onde iria estudar no outono. Naqueles últimos dias de aula antes do período de leitura — “Duas semanas para meter a cara nos livros e curtir as festas antes das provas”, explicou Andy, seu aluno-anfitrião —, o campus esteve agitado, com um clima quase festivo. Ele perambulou, boquiaberto, durante todo o fim de semana, tentando assimilar aquilo: as colunas caneladas da enorme biblioteca, o tijolo vermelho dos prédios em contraste com o verde vivo dos gramados, o cheiro doce de giz entranhado nas salas de aula. Os passos resolutos que via no andar de todos, como se tivessem a consciência de estarem destinados à excelência. Passou a noite de sexta-feira em um saco de dormir no chão da casa de Andy e acordou à uma da manhã quando Wes, que morava com Andy, chegou com a namorada. A luz foi acesa e Nath ficou paralisado, piscando em direção à porta, onde um cara alto e barbudo e a menina de mão dada com ele surgiram aos poucos no clarão ofuscante. O cabelo dela era comprido e ruivo, solto e ondulado ao redor do rosto.

— Desculpe — disse Wes, e apagou a luz.

Nath os ouviu atravessando a sala com cuidado até o quarto de Wes. Manteve os olhos abertos, deixando que se ajustassem ao escuro e pensando: *Então é assim que é a faculdade.*

Ele pensa agora na noite anterior, quando chegou em casa pouco antes do jantar. Lydia estava trancafiada no quarto, e, quando se sentaram à mesa, ele lhe perguntou como haviam sido os últimos dias. Ela deu de ombros e mal tirou os olhos do prato, então Nath presumiu que aquilo queria dizer *nenhuma novidade*. Agora não consegue lembrar se ela chegou ao menos a cumprimentá-lo.

Em seu quarto no sótão, Hannah se debruça na beirada da cama e tira o livro de baixo do colchão. Na verdade, o livro é de Lydia: *O som e a fúria*. Inglês Avançado. Não era recomendado para alunos do quinto ano. Ela o furtou algumas semanas antes do quarto da irmã, que nem percebera. Nos últimos dias,

vinha avançando na leitura, um pouco a cada noite, saboreando as palavras como uma bala de cereja escondida no canto da bochecha. Nesta noite, de alguma forma o livro parece diferente. Só quando volta as páginas até onde parou de ler na véspera, entende por quê. Ly dia sublinhou algumas palavras ao longo do livro, às vezes fazendo anotações das aulas. *Ordem versus caos. Corrupção dos valores aristocráticos sulistas*. Depois dessa página, o livro está intacto. Hannah folheia o resto: nenhuma anotação, nenhum rabisco, nenhum azul em meio ao preto. Hannah percebe que alcançou o ponto em que Ly dia parou de ler e não tem mais vontade de continuar.

Na noite anterior, acordada na cama, ela assistiu à lua cruzar o céu feito um balão lento. Não percebia o movimento, mas, se olhasse para outro lugar e depois voltasse para a janela, dava para ver que tinha se movido. Daqui a pouco, pensou, a lua chegará ao topo da sombra do grande abeto do jardim. Levou muito tempo. Ela estava quase adormecendo quando ouviu um leve baque e por um instante achou que a lua tinha de fato batido na árvore. Mas, ao olhar lá fora, a lua não estava mais ali, quase totalmente escondida por uma nuvem. O relógio que brilhava no escuro marcava duas da manhã.

Ficou deitada em silêncio, sem mexer sequer os dedos dos pés, escutando. O barulho pareceu o da porta da frente se fechando. Estava emperrada: era preciso empurrar com o quadril para fechá-la. *Ladrões!*, pensou. Pela janela, viu um único vulto atravessar o gramado. Não um ladrão, apenas uma silhueta magra na noite escura, afastando-se. Ly dia? Teve um vislumbre de como seria a vida sem a irmã. Teria o melhor lugar na mesa, com vista para os arbustos de lilás além da janela no jardim, o quarto grande lá embaixo, perto de todos. No jantar, passariam a travessa de batatas para ela primeiro. Ela entenderia as piadas do pai, saberia os segredos do irmão, inspiraria os melhores sorrisos da mãe. Então o vulto alcançou a rua e desapareceu, e Hannah se perguntou se de fato o tinha visto.

Agora, em seu quarto, olha para o emaranhado de texto. Era Ly dia, tem certeza disso a esta altura. Deveria contar? A mãe ficaria irritada por Hannah ter deixado Ly dia, sua preferida, sair de casa daquele jeito. E Nath? Ela pensa em como Nath ficou com a testa franzida a noite toda, em como, sem perceber, mordeu os lábios com tanta força que começaram a rachar e sangrar. Ele também ficaria com raiva. Diria: *Por que você não correu atrás dela?* Mas eu não sabia aonde ela estava indo, murmura Hannah no escuro. Não sabia que estava indo a algum lugar.

* * *

Na quarta-feira de manhã, James telefona para a polícia novamente. Tinham alguma pista? Estavam checando todas as possibilidades. O policial podia dizer

alguma coisa, qualquer coisa? Ainda acreditavam que Lydia voltaria para casa por conta própria. Ainda estavam fazendo buscas e, é claro, manteriam a família informada.

James ouve tudo isso e assente, embora saiba que o policial Fiske não pode vê-lo. Desliga o telefone e se senta novamente à mesa sem olhar para Marilyn, Nath ou Hannah. Não precisa explicar nada: eles percebem pela sua expressão que não há novidades.

Não parece certo fazer qualquer coisa senão esperar. As crianças não vão à escola. Televisão, revistas, rádio: tudo parece leviano diante do medo deles. Lá fora está sol, com o ar fresco e frio, mas ninguém sugere que saiam para a varanda ou o jardim. Até cuidar da casa parece errado: alguma pista pode ser sugada para o aspirador de pó, algum sinal ocultado ao tirarem o livro do chão e o colocarem de volta na estante. Portanto, a família espera. Reúnem-se à mesa, com medo de se entreolharem, encaram os veios da madeira do tampo como se fossem uma imensa impressão digital, ou um mapa sinalizando o que procuram.

Só na quarta-feira de tarde um passante nota o barco a remo no lago, à deriva no dia sem vento. Anos antes, o lago era o reservatório de Middlewood, até a torre de água ser construída. Agora, cercado de grama, serve como local para nadar no verão; os jovens pulam do deque de madeira, e, durante festas e piqueniques, um funcionário do parque desamarra o barco deixado ali. Ninguém suspeita de nada: uma amarração que se soltou, uma brincadeira inofensiva. Não é prioridade. Colocam um lembrete para que um policial dê uma olhada; colocam um lembrete para o encarregado dos parques. Só no fim da quarta-feira, quase meia-noite, um tenente, revendo as pendências do dia, faz a conexão e telefona para os Lee perguntando se Lydia já brincou com o barco no lago.

— É claro que não — responde James.

Lydia se recusou, se *recusou*, a ter aulas de natação no clube. Ele próprio foi nadador na adolescência; ensinou Nath a nadar aos três anos. Com Lydia, começou tarde demais, ela já tinha cinco anos quando foi levada à piscina pela primeira vez e avançou pela extremidade rasa, a água mal chegando à cintura, e esperou. Lydia não queria nem chegar perto da água. Deitou-se com seu traje de banho na borda da piscina e chorou, até que James enfim saiu da água, com o calção de banho pingando, mas o torso seco, e prometeu que não a obrigaria a entrar. Até hoje, embora o lago fique tão perto de casa, Lydia só entra com a água na altura dos tornozelos durante o verão, para lavar os pés.

— É claro que não — repete James. — Lydia não sabe nadar.

Só quando profere essas palavras ao telefone, entende o motivo da pergunta. Quando fala, a família toda se arrepia, como se todos soubessem exatamente o que a polícia vai encontrar.

Só na quinta-feira de manhã cedo, logo após o raiar do sol, é que a polícia draga o lago e a encontra.

Como aquilo começou? Como tudo sempre começa: com mães e pais. Por causa da mãe e do pai de Lydia, por causa das mães e dos pais de sua mãe e de seu pai. Porque muito tempo atrás, sua mãe desapareceu, e seu pai a trouxe de volta. Porque sua mãe queria, acima de tudo, se destacar; porque seu pai queria, acima de tudo, se integrar. Porque as duas coisas eram impossíveis.

No primeiro ano no instituto Radcliffe, em 1955, Marilyn se matriculou em introdução à física e, quando seu orientador olhou sua grade horária, hesitou. Era um homem rechonchudo com um terno de tweed e uma gravata-borboleta vermelha, um chapéu cinza-escuro na mesa ao lado.

— Por que quer ter aula de física? — perguntou, e Marilyn explicou timidamente que queria ser médica. — Não enfermeira? — insistiu ele, com uma risadinha.

Ele tirou da pasta o histórico escolar dela e o analisou.

— Bem, vejo que teve notas muito boas na matéria de física do ensino médio.

Teve a melhor nota da turma, foi o parâmetro de todas as provas; ela amava física. Mas o orientador não tinha como saber disso. No histórico só estava escrito “A”. Ela prendeu a respiração, esperando, temendo, que ele dissesse que ciência era difícil demais, que era melhor ela tentar algo como inglês ou história. Ela havia preparado uma argumentação mentalmente. Mas ele só disse:

— Está bem, então por que não tenta química, se acha que vai dar conta?

Assinou a grade horária e lhe entregou, sem cerimônias.

No entanto, percebeu ao chegar ao laboratório que era a única mulher em um grupo de quinze homens. O professor estalou a língua e disse:

— Srta. Walker, é melhor prender esses cachos dourados.

— Posso acender o bico para você? — diria outro.

— Deixe-me abrir esse pote.

Quando ela quebrou um béquero, no segundo dia de aula, três homens correram para ajudar.

— Cuidado. Melhor deixar que a gente cuide disso.

Ela logo percebeu que tudo começava com *melhor*:

— Melhor eu entornar esse ácido para você.

— Melhor ficar longe... Isso vai estourar.

No terceiro dia de aula, ela decidiu mostrar a eles. Disse não, obrigada, quando se ofereceram para fazer sua pipeta, depois escondeu um sorriso enquanto a observavam derreter tubos de vidro no bico de Bunsen e esticá-los,

feito caramelo, formando conta-gotas perfeitamente cônicos. Enquanto os colegas de turma às vezes queimavam os jalecos, fazendo buracos que chegavam aos ternos, ela media ácidos com mãos firmes. Suas soluções nunca borbulhavam na bancada como vulcões de bicarbonato de sódio. Seus resultados eram os mais precisos; seus relatórios, os mais completos. No meio do semestre ela já tinha estabelecido o parâmetro para cada prova, e o professor parou de dar sorrisinhos afetados.

Ela sempre gostou de surpreender as pessoas daquela forma. No ensino médio, abordou o diretor do colégio com um pedido: queria ter aula de mecânica em vez de economia doméstica. Era o ano de 1952, e, em Boston, pesquisadores estavam apenas começando a desenvolver uma pílula que mudaria a vida das mulheres para sempre — mas as meninas ainda tinham que usar saias na escola, e, na Virgínia, seu pedido foi considerado radical. As aulas de economia doméstica eram obrigatórias para todas as alunas do segundo ano, e a mãe de Marilyn, Doris Walker, era a única professora da matéria no Patrick Henry Senior High. Marilyn pediu para ter aula de mecânica junto com os meninos do segundo ano. Era no mesmo horário, ela destacou. Sua grade horária não seria prejudicada. O diretor, Sr. Tolliver, a conhecia bem; ela era a primeira da turma — entre meninas e meninos — desde o sexto ano, e sua mãe dava aula no colégio havia anos. Portanto, ele assentiu e sorriu enquanto ela justificava seu pedido. Depois, fez que não com a cabeça.

— Sinto muito. Não podemos abrir exceção para ninguém, senão todos vão querer.

Ao ver a expressão de Marilyn, ele esticou o braço por cima da mesa e deu alguns tapinhas em sua mão.

— Seria difícil para você manusear alguns equipamentos da oficina. E, para ser sincero, Srta. Walker, ter uma garota feito você na sala de aula seria uma grande distração para os meninos.

Ela sabia que a intenção dele era fazer um elogio. Mas também sabia que não tinha conseguido. Sorriu e agradeceu. Não era um sorriso verdadeiro, e suas covinhas não apareceram.

Então ela ficou curvada na fileira do fundo da aula de economia doméstica, esperando que o discurso de boas-vindas que a mãe fazia havia uns dez anos terminasse, tamborilando enquanto a mãe prometia lhes ensinar tudo que uma *moça* precisava saber para cuidar do lar. Como se o lar pudesse fugir quando não se estivesse olhando, pensou Marilyn. Observou as outras meninas da turma, reparou quem roía as unhas, quais casacos estavam desfiando, quem tinha um leve cheiro de cigarro tragado secretamente durante o almoço. Dava para ver o Sr. Landis, professor de mecânica, do outro lado do corredor demonstrando a maneira correta de segurar um martelo.

Cuidar do lar, pensou. Dia após dia observava as colegas de turma,

atrapalhadas com os dedais, lambendo a ponta de fios, estreitando os olhos à procura do buraco da agulha. Pensou na insistência da mãe em trocar de roupa antes do jantar, apesar de já não haver um marido para impressionar com o rosto impecável e o vestido de usar em casa. Foi depois da partida do pai que a mãe começou a dar aulas. Marilyn tinha três anos. Sua lembrança mais clara do pai era uma sensação e um cheiro: os pelos da barba encostando em sua bochecha quando ele a pegava no colo e o cheiro de desodorante masculino em suas narinas. Não se lembrava da partida dele, mas sabia que acontecera. Todos sabiam. E àquela altura todos praticamente haviam esquecido. Recém-chegados ao distrito escolar presumiam que a Sra. Walker era viúva. A própria mãe nunca tocava no assunto. Continuava empoando o nariz depois de cozinhar e antes de comer; continuava passando batom antes de descer para fazer o café da manhã. Então, eles chamavam aquilo de *cuidar do lar* por uma razão, pensou Marilyn. Às vezes ele de fato fugia. E, na aula de inglês, em uma prova, ela escreveu: *Ironia: uma evolução contraditória de eventos como que zombando da promessa e adequação das coisas*, e tirou um A.

Passou a embolar o fio na máquina de costura. Cortava moldes sem desdobrá-los, fazendo rendas com as camadas inferiores. Seus zíperes se soltavam dos vestidos. Deixou cair pedaços de casca de ovo na massa de panqueca; trocou o açúcar por sal no pão de ló. Certa vez, deixou o ferro de passar ligado na tábua, provocando não apenas uma queimadura preta na capa como também fumaça o suficiente para acionar os irrigadores. Naquela noite, durante o jantar, a mãe terminou a última garfada de batata e pousou os talheres impecavelmente cruzados no prato.

— Sei o que está tentando provar. Mas, pode acreditar, vou reprovar você se continuar com isso. — Então juntou os pratos e os levou para a pia.

Marilyn não se moveu para ajudar como costumava fazer. Assistiu à mãe amarrar um avental com babado em torno da cintura, os dedos dando o nó em um gesto rápido. Depois que o último prato foi lavado, ela enxaguou as mãos e passou um pouco do creme do pote na bancada. Então foi até a mesa, afastou o cabelo de Marilyn do rosto e beijou sua testa. Suas mãos cheiravam a limão. Seus lábios estavam secos e mornos.

Pelo resto da vida, aquilo foi a primeira coisa que vinha à cabeça de Marilyn sempre que pensava na mãe. Sua mãe, que nunca deixou sua cidadezinha natal a cento e trinta quilômetros de Charlottesville, que sempre usava luvas fora de casa e que nunca, em todos os anos desde que Marilyn recordava, a mandou para a escola sem um café da manhã quentinho. Que nunca mencionou o pai de Marilyn depois que ele foi embora, mas a criou sozinha. Que, quando Marilyn conseguiu uma bolsa de estudos para o instituto Radcliffe, lhe deu um abraço demorado e sussurrou:

— Estou muito orgulhosa. Você não imagina.

E, depois que soltou a filha, olhou em seu rosto, colocou o cabelo dela para trás das orelhas e disse:

— Sabe, você vai conhecer muitos homens fantásticos em Harvard.

Pelo resto da vida Marilyn ficaria incomodada por sua mãe ter razão. Ela se esforçou em química, se formou em física, cumpriu os requisitos para a escola de medicina. Tarde da noite, debruçada nos livros didáticos enquanto a colega de quarto enrolava bobes no cabelo e aplicava creme nas bochechas antes de dormir, Marilyn bebia chá extraforte e se mantinha acordada imaginando-se com um jaleco branco de médica, encostando a mão fria em uma testa febril, encostando o estetoscópio no peito de um paciente. Era a coisa mais distante que podia imaginar da vida da mãe, em que finalizar direito uma bainha era um feito louvável e remover manchas de beterraba de uma blusa era motivo para comemoração. Em vez disso, Marilyn atenuaria dores, estancaria sangue e consertaria ossos. Salvaria vidas. Ainda assim, no fim aconteceu exatamente o que sua mãe previu: ela conheceu um homem.

Era setembro de 1957, seu terceiro ano, no fundo de uma sala de aula lotada. Cambridge ainda estava abafada e calorosa, e todos esperavam que o frio e o frescor do outono chegassem para lavar a cidade. O curso era novo aquele ano — “O caubói na cultura americana” —, e todos queriam frequentá-lo: o boato era de que o dever de casa seria ver *O cavaleiro solitário* e *Gunsmoke* na televisão. Marilyn pegou um pedaço de papel no fichário e, enquanto estava de cabeça baixa, o silêncio caiu sobre a sala feito neve. Ela ergueu os olhos para ver o professor que se aproximava do púlpito e entendeu por que todos haviam parado de falar.

No catálogo de aulas constava que o professor seria *James P. Lee*. Ele cursava o quarto ano da pós-graduação e ninguém sabia nada a seu respeito. Para Marilyn, que passara a vida toda na Virgínia, o sobrenome *Lee* evocava um tipo específico de homem: figuras sérias da história americana como Richard Henry Lee ou Robert E. Lee. Ela percebeu que esperava — que todos esperavam — alguém vestindo um blazer bege, falando com um leve sotaque arrastado e de pedigree sulista. O homem que colocava seus papéis no atril era jovem e magro, mas só tinham acertado esses pontos na aparência do professor. *Um oriental*, pensou ela. Nunca tinha visto um ao vivo. Estava vestido feito um agente funerário: terno preto, gravata preta com o nó apertado, a camisa tão branca que chegava a reluzir. O cabelo estava penteado para trás e dividido com uma perfeita linha, mas uns fios estavam arrepiados na parte de trás, como a pena de um cacique. Quando começou a falar, levantou a mão para alisar o cabelo arrepiado, e alguém deu uma risada contida.

Se o professor Lee ouviu, não demonstrou.

— Boa tarde.

Marilyn se surpreendeu prendendo a respiração enquanto ele escrevia seu

nome no quadro. Podia vê-lo sob o olhar dos colegas e sabia o que estavam pensando. Aquele era o professor? Aquele homenzinho de no máximo um metro e sessenta que nem era *americano* ia ensiná-los sobre caubóis? Mas, quando o observou novamente, ela percebeu como seu pescoço era esguio, como as bochechas eram lisas. Ele parecia um menino brincando de se fantasiar de adulto; ela fechou os olhos e rezou para que a aula corresse bem. O silêncio se arrastou, tenso feito a superfície de uma bolha prestes a ser estourada. Alguém atrás dela lhe passou um maço de cópias mimeografadas do programa, e ela teve um sobressalto.

Quando pegou uma folha e passou o resto adiante, o professor Lee já havia recomçado a falar.

— A imagem do caubói existe há mais tempo do que podemos imaginar.

Não havia nenhum indício de sotaque em sua voz, e ela soltou a respiração devagar. De onde ele era?, Marilyn se perguntou. A pronúncia dele nada tinha a ver com o que haviam lhe contado sobre chineses: *discupe, não lavamos loupas*. Será que ele tinha crescido nos Estados Unidos? Dez minutos depois, a sala foi tomada por sussurros e murmúrios. Marilyn olhou as anotações que fizera: frases como “passou por diversas evoluções em cada era da história americana” e “aparente dicotomia entre rebelde social e personificação de valores americanos fundamentais”. Ela deu uma olhada no programa do curso. Dez livros obrigatórios, uma prova no meio do semestre, três trabalhos. Não era o que seus colegas haviam esperado. Uma menina sentada na lateral da sala enfiou o livro debaixo do braço e foi embora. Duas outras na fileira seguinte fizeram o mesmo. Depois disso, foi um fluxo lento, porém contínuo. A cada minuto ou dois, mais alguns alunos iam embora. Um rapaz da primeira fileira se levantou e passou bem em frente ao púlpito a caminho da saída. Os últimos a se levantarem foram três garotos no fundo da sala. Eles sussurraram e deram risinhos abafados ao passarem por carteiras recém-abandonadas, enquanto batiam com as coxas em cada braço de cadeira com um leve *tum, tum, tum*. Quando a porta se fechou atrás deles, Marilyn ouviu alguém gritar “Yippi-ki-iei-ei!” tão alto que se sobrepôs à fala do professor. Só restavam nove alunos além dela, todos concentrados, debruçados em seus cadernos, mas suas bochechas e as extremidades das orelhas estavam coradas. O próprio rosto de Marilyn estava quente e ela não ousava olhar para o professor Lee. Em vez disso, virou o rosto para as anotações e pôs a mão na testa, como se protegesse os olhos do sol.

Quando enfim encarou o púlpito outra vez, o professor Lee observava a sala como se não houvesse nada errado. Parecia não ter percebido que sua voz tinha passado a ecoar no lugar quase vazio. Terminou a aula com cinco minutos de antecedência e declarou:

— Estarei à disposição em minha sala até as três horas.

Por apenas alguns segundos, ele olhou reto à frente, para um horizonte

distante, e Marilyn se agitou na cadeira como se ele olhasse diretamente para ela.

Foi esse último momento, o arrepio que sentiu na nuca enquanto ele empilhava as folhas com anotações e deixava a sala, que a levou até a sala dele após a aula. O departamento de história tinha o silêncio tranquilo de uma biblioteca, o ar parado, fresco e ligeiramente empoeirado. Encontrou-o à sua escrivaninha, a cabeça apoiada na parede, lendo o jornal *Crimson* daquela manhã. O repartido do cabelo se desfizera, e a mecha rebelde se arrepiara outra vez.

— Professor Lee? Sou Marilyn Walker. Estava na sua aula ainda agora?

Embora essa não tivesse sido a intenção, o fim da frase soou como uma pergunta, e ela pensou: *Devo parecer uma adolescente, uma adolescente idiota, boba e superficial.*

— Sim?

Ele não ergueu o olhar, e Marilyn brincou com o primeiro botão do casaco.

— Só queria saber se acha que vou dar conta das tarefas — disse ela.

Ele continuou olhando para o jornal.

— Sua matéria principal é história?

— Não. Física.

— Quarto ano?

— Não. Terceiro. Vou cursar medicina. Portanto história... não é minha área.

— Bem, para ser sincero, acho que você não terá problemas. Se decidir continuar no curso, quer dizer.

Ele dobrou parcialmente o jornal, revelando uma xícara de café, deu um gole e abriu o jornal outra vez.

Marilyn crispou os lábios. Compreendeu que a conversa havia chegado ao fim, que era esperado que ela desse meia-volta e saísse, deixando-o sozinho. Contudo, ela fora até ali por uma razão, embora não soubesse qual, então trincou o maxilar e puxou uma cadeira até a escrivaninha dele.

— História era sua matéria preferida na escola?

— Srta. Walker — disse ele, enfim erguendo os olhos —, por que está aqui?

Quando viu seu rosto de perto, com apenas uma mesa separando-o dela, percebeu quão jovem ele era. Devia ser alguns anos mais velho que ela, talvez não chegasse a trinta, pensou. As mãos dele eram grandes, os dedos, longos. Sem aliança.

— Só queria pedir desculpas em nome daqueles meninos — soltou, percebendo que tinha ido até ali para isso.

Ele hesitou, as sobranceiras erguidas de leve, e Marilyn ouviu o que ele acabara de ouvir: “meninos”, um termo banalizante. *Meninos se comportarão sempre como meninos.*

— Amigos seus?

— Não — respondeu Marilyn, ofendida. — Não. São só uns idiotas.

Com isso, ele riu, e ela também. Ela observou pequenas rugas se formarem nos cantos dos olhos dele, e, quando se desfizeram, seu rosto estava diferente, mais suave, agora era o rosto de uma pessoa de verdade. Dali, viu que seus olhos eram castanhos, e não pretos como pareceram na sala de aula. Como era magro, pensou ela, como seus ombros eram largos, iguais aos de um nadador, sua pele era cor de chá, de folhas de outono queimadas pelo sol. Ela nunca vira ninguém como ele.

— Imagino que esse tipo de coisa aconteça o tempo todo — murmurou ela.

— Não tenho como saber. Foi a primeira aula que dei. O departamento me deixou dar essa aula como teste.

— Sinto muito.

— Tudo bem — retrucou. — Você ficou até o fim.

Ambos olharam para baixo; ele para sua xícara que estava um pouco mais vazia, ela para a máquina de escrever e o maço organizado de papel-carbono na ponta da escrivaninha.

— Paleontologia — disse ele, após um instante.

— O quê?

— Paleontologia — repetiu. — Minha matéria preferida. Era paleontologia. Eu queria desenterrar fósseis.

— Isso é um tipo de história — afirmou ela.

— É, suponho que sim.

Ele sorriu enquanto bebia o café; Marilyn se inclinou e o beijou.

Na quinta-feira, na aula seguinte, Marilyn se sentou mais afastada, na lateral da sala. Quando o professor Lee entrou, ela não ergueu os olhos. Só escreveu a data cuidadosamente no canto da página, desenhando um *S* modesto para setembro, cruzando o *t* com uma perfeita linha horizontal. Quando ele começou a falar, ela sentiu as bochechas quentes, como se estivesse sob o sol de verão. Tinha certeza de que estava totalmente vermelha, ardendo feito um farol, mas quando enfim olhou ao redor, de canto de olho, todos estavam prestando atenção na aula. Havia um grupo de alunos ali além dela, mas estavam escrevendo em seus cadernos ou olhando diretamente para o púlpito. Ninguém reparou nela.

Quando o beijara, surpreendera a si mesma. Fora um impulso — como quando pegava uma folha derrubada pelo vento ou pulava uma poça d'água em um dia chuvoso —, algo impensado e sem resistência, sem sentido e inofensivo. Ela nunca fizera nada parecido antes e nunca faria novamente, e, ao pensar no episódio, ficaria para sempre surpresa consigo mesma, além de um pouco chocada. Mas, naquele momento, ela soube, com uma certeza que nunca mais teria a respeito de nada na vida, que era a coisa certa, que queria aquele homem em sua vida. Algo dentro dela disse: *Ele entende. Como é ser diferente.*

O contato dos lábios dele a assustara. O gosto fora de café, morno e

ligeiramente amargo, e ele correspondera. Isso também a assustara. Como se estivesse preparado, como se tivesse sido ideia tanto dele quanto dela. Quando enfim se afastaram, ela ficara envergonhada demais para encará-lo. Limitou-se a olhar para as próprias pernas, analisando a flanela xadrez macia da saia. O suor colava sua anágua nas coxas. Em um instante, ela tomou coragem e o observou pela cortina que seus cabelos formavam. Ele a olhou timidamente então, através dos cílios, e Marilyn percebeu que ele não estava bravo, que suas bochechas estavam cor-de-rosa.

— Talvez seja melhor irmos para outro lugar — disse ele, e ela assentiu, pegando a bolsa.

Os dois caminharam ao longo do rio, passando em silêncio pelos dormitórios de tijolo vermelho. A equipe de remo vinha treinando, seus integrantes se inclinando para a frente e para trás com os remos em perfeita sintonia, o barco deslizando pela água sem qualquer ruído. Marilyn conhecia aqueles homens: eles a convidavam para festas, para assistir a filmes, partidas de futebol; eram todos parecidos, a mesma mistura de cabelos louro-escuros e pele corada que vira ao longo de todo o ensino médio, de toda a vida — tão familiares quanto batatas cozidas. Quando ela recusava seus convites, preferindo terminar um trabalho ou avançar nas leituras, eles seguiam em frente para cortejar outras garotas no mesmo corredor. De onde estava, à margem do rio, a distância os tornava anônimos, tão inexpressivos quanto bonecos. Então ela e James — nome pelo qual ainda nem sonhava em chamá-lo — chegaram à passarela, e ela se virou para encará-lo. Ele não parecia um professor, mas um adolescente, tímido e ávido, esticando o braço para segurar sua mão.

E James? O que pensara dela? Nunca lhe diria isso, nunca admitiria para si mesmo: simplesmente não reparara nela naquela primeira aula. Olhara para ela diversas vezes enquanto discorria sobre Roy Rogers, Gene Autry e John Wayne, mas quando Marilyn foi até sua sala ele nem sequer a reconheceu. Seu rosto havia sido apenas mais um dos rostos bonitos, pálidos e indistinguíveis; e, embora nunca fosse se dar conta disso totalmente, essa foi a primeira razão pela qual se apaixonara por ela: porque se integrara com tamanha perfeição, porque parecera tão completa e absolutamente à vontade.

Durante toda a segunda aula, Marilyn lembrou o cheiro da pele dele — limpo e fresco, como o ar depois de um temporal — e a sensação das mãos dele em sua cintura, e até suas palmas ficaram quentes. Ela o observava através dos dedos: a ponta da caneta esferográfica batendo no topo do púlpito, o movimento súbito e deliberado quando virava a página de suas anotações. Marilyn percebeu que ele olhava para todos os lados, menos para ela. No fim da aula, ela se demorou no seu lugar, deslizando os papéis devagar para dentro da pasta, colocando o lápis no bolso. Os colegas de turma, seguindo apressados para outras aulas, passaram por ela para chegar ao corredor, esbarrando nela com as

mochilas. No púlpito, James organizou seus papéis, limpou as mãos, colocou um giz novo no rebordo do quadro-negro. Não ergueu os olhos enquanto ela empilhava os livros, ou quando os colocou debaixo do braço e seguiu em direção à porta. Então, assim que ela tocou a maçaneta, ele chamou:

— Um instante, Srta. Walker.

E algo dentro dela sobressaltou-se.

A sala de aula estava vazia agora, e Marilyn se apoiou na parede, tremendo, enquanto ele fechava a pasta e descia os degraus do tablado. Ela envolveu a maçaneta com os dedos atrás de si para se manter firme. Mas, quando a alcançou, ele não estava sorrindo.

— Srta. Walker — repetiu ele, respirando fundo, e ela percebeu que também não sorria.

Ele era seu professor, lembrou. Ela era sua aluna. Como seu professor, sentiria que estava tirando proveito de sua posição se os dois — ele olhou para baixo, mexendo na alça da pasta — desenvolvessem qualquer tipo de relacionamento. Ele não estava olhando para Marilyn, mas ela não sabia disso, porque estava olhando para os próprios pés, para as pontas gastas de seus sapatos.

Marilyn tentou em vão engolir a saliva. Concentrou-se nos arranhões cinzentos no couro preto e reuniu forças pensando na própria mãe, todas aquelas insinuações sobre encontrar *um homem de Harvard. Você não está aqui para encontrar um homem*, disse a si mesma. *Você está aqui para algo melhor*. No entanto, em vez da raiva que esperava sentir, uma dor morna se formou no fundo da garganta.

— Entendo — disse ela, erguendo os olhos finalmente.

No dia seguinte, Marilyn foi até a sala dele para contar que havia abandonado o curso. Em uma semana, tornaram-se amantes.

Passaram o outono inteiro juntos. James tinha uma seriedade, uma discrição, diferente de todas as pessoas que ela conhecia. Parecia olhar as coisas com mais atenção, pensar com mais cuidado, manter-se a meio passo de distância. Só quando ficavam juntos, em seu minúsculo apartamento em Cambridge, é que ele deixava a discrição de lado com uma ferocidade que a fazia perder o fôlego. Depois, encolhida na cama dele, Marilyn bagunçava seu cabelo, que ficava arrepiado por causa do suor. Durante aquelas horas da tarde, ele parecia à vontade consigo mesmo, e ela adorava ser a única coisa capaz de fazê-lo sentir-se daquele jeito. Ficavam deitados juntos, cochilando e sonhando, até as seis horas. Então Marilyn colocava o vestido novamente, e James abotoava a camisa e penteava o cabelo de novo. A mecha se eriçava na parte de trás, mas Marilyn nunca comentava, pois gostava daquele pequeno lembrete do lado que só ela tinha a oportunidade de ver. Ela só o beijava e saía apressada para a contagem noturna no dormitório. O próprio James passou a se esquecer da mecha rebelde; depois que Marilyn ia embora, ele raramente pensava em se olhar no espelho.

Todas as vezes que ela o beijava, todas as vezes que ele abria os braços e ela se aninhava ali, pareciam um milagre. Juntar-se a ela o fazia se sentir perfeitamente bem-vindo, perfeitamente em casa, como nunca antes.

Nunca sentiu que pertencia àquele lugar, embora tivesse nascido em território americano, embora nunca tivesse colocado os pés em outro país. Seu pai tinha ido para a Califórnia com um nome falso, fingindo ser o filho de um vizinho que emigrara para lá alguns anos antes. Os Estados Unidos eram um caldeirão cultural, mas o Congresso, temendo que a mistura estivesse adquirindo uma tonalidade amarela demais, banira todos os imigrantes chineses. Apenas os filhos daqueles que já estavam no país podiam entrar. Portanto o pai de James assumiu o nome do filho do vizinho, que tinha se afogado no rio no ano anterior, e foi se juntar ao “pai” em São Francisco. Era a história de quase todos os imigrantes chineses da época de Chester A. Arthur até o fim da Segunda Guerra Mundial. Enquanto irlandeses, alemães e suecos se amontoavam nos conveses de navios a vapor, acenando à medida que a tocha verde-clara da Estátua da Liberdade se tornava visível, os *collies*, como eram chamados os chineses pejorativamente, tinham que encontrar outros meios de chegar à terra onde todos os homens eram criados de forma igualitária. Aqueles que conseguiam entrar nos Estados Unidos visitavam as esposas na China e toda vez voltavam celebrando o nascimento de um filho. Os que ficavam nas aldeias chinesas e ansiavam por fazer fortuna adotavam os nomes dos filhos míticos e faziam a longa jornada pelo oceano. Enquanto os judeus noruegueses, italianos e russos iam, de balsa, da ilha Ellis para Manhattan, seguindo pelas estradas e ferrovias até Kansas, Nebraska e Minnesota, os chineses que chegavam à Califórnia por meio de fraudes costumavam permanecer no mesmo lugar. Nos bairros chineses, a vida de todos aqueles *filhos no papel* era frágil e facilmente destruída. O nome de todos era falso. Todos torciam para não serem descobertos e deportados. Todos se aglomeravam para não se destacar.

Os pais de James, porém, não ficaram no mesmo lugar. Em 1938, quando James tinha seis anos, o pai recebeu uma carta de um irmão falso que tinha ido para o leste atrás de trabalho no início da Depressão. O “irmão” escrevera dizendo que arranjava emprego em um pequeno colégio interno em Iowa, cuidando do terreno e fazendo manutenção. Sua mãe (de verdade, não no papel) estava doente e ele estava voltando para a China, e os empregadores queriam saber se ele tinha algum amigo confiável que pudesse fazer um trabalho igualmente bom. Eles gostam dos chineses, dizia a carta; acham que são discretos, esforçados e limpos. Era uma vaga boa, uma escola muito elitizada. Talvez houvesse trabalho para sua mulher na cozinha. Perguntou se ele tinha interesse.

James não sabia ler chinês, mas guardou para sempre a lembrança do último parágrafo da carta, um rabisco de caligrafia em caneta-tinteiro que chamara a

atenção dos pais. Havia uma cláusula específica, dizia o irmão, para os filhos dos empregados. Se passassem no exame de admissão, podiam frequentar a escola de graça.

Havia pouca oferta de emprego e todo mundo passava fome, mas foi por causa desse parágrafo que os Lee venderam seus móveis e se mudaram para o outro lado do país com duas malas para os três. Foram necessários cinco ônibus e quatro dias. Quando chegaram a Iowa, o “tio” de James os levou até seu apartamento. James só se lembrava dos dentes do sujeito, ainda mais tortos que os do seu pai, um deles totalmente virado para o lado, feito um pedaço de arroz à espera de um palito de dentes. No dia seguinte, seu pai vestiu sua melhor camisa, abotoou-a até em cima e foi com o amigo à Lloyd Academy. Naquela tarde, tudo já ficou resolvido: ele começaria na próxima semana. Na manhã seguinte, sua mãe escolheu seu melhor vestido e foi com o pai até a escola. Naquela noite, cada um levou para casa um uniforme azul-marinho com um novo nome inglês bordado: *Henry. Wendy.*

Algumas semanas depois, os pais de James o levaram à Lloyd para fazer o exame de admissão. Um homem com um grande bigode branco feito algodão o levou a uma sala de aula vazia e lhe deu um livreto e um lápis amarelo. Analisando em retrospecto, James via como a ideia era brilhante: que criança de seis anos conseguiria ler e, pior ainda, passar em um exame daqueles? O filho de um professor, talvez, se tivesse estudado com o pai. Com certeza não o filho de um faxineiro, ou de uma funcionária da lanchonete, ou de um jardineiro. *Se um campo quadrado tem dez metros em um dos lados, quão longa é a cerca em torno dele? Quando a América foi descoberta? Qual dessas palavras é um substantivo? Eis uma sequência de figuras; qual delas completa o padrão?* Sentimos muito, o diretor poderia dizer. Seu filho não passou no teste. Ele não está à altura dos padrões acadêmicos da Lloyd. E não seria necessário dar a bolsa.

Entretanto, James sabia todas as respostas. Tinha lido todos os jornais em que conseguira pôr as mãos, todos os livros que o pai comprara, um níquel por sacola, em liquidações de bibliotecas. *Quarenta metros*, escreveu. *1492. Automóvel. O círculo.* Terminou a prova e devolveu o lápis ao vão no topo da mesa. O homem de bigode só levantou os olhos vinte minutos depois.

— Já terminou? Você ficou tão quieto, rapaz.

Ele pegou o livreto e o lápis e levou James de volta à cozinha, onde sua mãe trabalhava.

— Vou corrigir a prova e informo o resultado na semana que vem — disse a eles, mas James já sabia que havia passado.

Quando o período escolar começou, em setembro, James foi para a escola com o pai na caminhonete Ford que lhe haviam cedido para que fizesse o trabalho de manutenção.

— Você é o primeiro menino oriental a frequentar a Lloyd — lembrou-lhe o

pai. — Passe uma boa impressão.

Naquele primeiro dia de aula, James se sentou em seu lugar e a menina ao lado perguntou:

— O que houve com seus olhos?

Só quando ouviu o terror na voz da professora — “Shirley Byron!” —, entendeu que deveria ter ficado constrangido; quando aquilo se repetiu, já tinha aprendido a lição e seu rosto corou na mesma hora. Em todas as aulas, todos os dias daquela primeira semana, os outros alunos o analisaram: de onde vinha aquele menino? Tinha uma mochila com livros, um uniforme da Lloyd. Mas não morava na escola como os outros; nunca tinham visto ninguém como ele. De vez em quando, seu pai era chamado para ajeitar uma janela emperrada, trocar uma lâmpada, limpar o chão. James, encolhido na última fileira, via os colegas olharem do pai para ele e sabia que suspeitavam. Debruçava a cabeça sobre o livro, tão perto que o nariz quase tocava a página, até que o pai deixasse a sala. No segundo mês, ele pediu permissão aos pais para ir e voltar a pé da escola, sozinho. Assim, poderia fingir ser apenas mais um aluno. Poderia fingir que, de uniforme, era igual a todos os outros.

Ele passou doze anos na Lloyd sem nunca se sentir em casa. Na escola, todos pareciam descendentes de um dos primeiros colonos, de um senador ou de um Rockefeller, e quando fizeram trabalhos com árvores genealógicas na aula, ele fingiu esquecer o dever em vez de desenhar o próprio diagrama complexo. *Não faça perguntas*, pediu em silêncio quando a professora pôs um pequeno zero vermelho ao lado de seu nome. Estabeleceu para si um programa de estudos sobre a cultura americana — ouvir rádio, ler revistas em quadrinhos, guardar a mesada para ir ao cinema, aprender as regras dos novos jogos de tabuleiro — para o caso de alguém dizer *Ei, você ouviu o Red Skelton ontem?* ou *Quer jogar Banco imobiliário?*, embora ninguém o fizesse. Depois de mais velho, não frequentou os bailes, os eventos esportivos ou as festas de formatura do fundamental e do ensino médio. Na melhor das hipóteses, as meninas sorriam discretamente para ele nos corredores; na pior, elas o encaravam, e ele ouvia seus risinhos sempre que passava. Quando se formou, o anuário escolar continha apenas uma foto dele além do retrato obrigatório dos formandos: estava em uma assembleia para receber o presidente Truman, sua cabeça visível atrás do ombro do tesoureiro da turma e de uma menina que mais tarde se casaria com um príncipe belga. Suas orelhas, coradas na vida real, estavam de um cinza forte e estranho na foto, sua boca entreaberta, como se tivesse sido pego em plena transgressão. Esperara que as coisas fossem diferentes na faculdade. Entretanto, após sete anos em Harvard — quatro na graduação e três, até o momento, na pós-graduação — nada havia mudado. Sem se dar conta, ele estudara o tema mais intrinsecamente americano que pôde encontrar — caubóis —, mas nunca falava sobre os pais ou a família. Ainda tinha poucos conhecidos e nenhum

amigo. Ainda ficava irrequieto no assento, como se a qualquer momento alguém fosse perceber sua presença e pedir que se retirasse.

Portanto, naquele outono de 1957, quando Marilyn se inclinou sobre sua escrivaninha e o beijou, aquela linda moça de cabelos cor de mel, quando se envolveu em seu abraço e depois em sua cama, James mal pôde acreditar. Naquela primeira tarde que haviam passado juntos, em sua minúscula quitinete caiada, ele ficou maravilhado com a maneira como o corpo dela se encaixava tão perfeitamente no seu: o nariz dela se aninhava na cavidade entre suas clavículas; a bochecha se curvava para ficar ao lado de seu pescoço. Era como se fossem metades de uma mesma forma. Ele a havia estudado com ares de escultor, seguindo os contornos de seus quadris e panturrilhas, os dedos roçando sua pele. Quando faziam amor, o cabelo dela ganhava vida. Escurecia, e a cor de trigo dourado se tornava âmbar. Enroscava-se e encaracolava-se feito um broto de samambaia. Era espantoso para ele conseguir causar tal efeito em alguém. Enquanto ela adormecia em seus braços, seu cabelo aos poucos relaxava e, quando acordava, recuperara suas ondulações habituais. Então a risada fácil dela se espalhava pelo cômodo branco e vazio; enquanto falava, sem fôlego, ficava gesticulando até que ele pegava as mãos dela nas suas e os dois se deitavam, aconchegados e imóveis, como pássaros em repouso, e então ela o puxava para si de novo. Era como se a própria América o recebesse dentro de si. Era muita sorte. Ele temia que um dia o universo percebesse que ela não lhe pertencia e a levasse embora. Ou então que ela de repente se desse conta do erro e desaparecesse de sua vida tão abruptamente quanto chegara. Depois de um tempo, o medo também se tornou um hábito.

Ele começou a fazer pequenas mudanças para agradá-la: cortou o cabelo; comprou uma camisa Oxford azul listrada depois que ela elogiou o modelo em alguém que passava por eles. (A mecha rebelde, persistente, ainda ficava arrepiada; anos depois, Nath e Hannah a herdariam.) Certo sábado, por sugestão de Marilyn, ele comprou dois galões de tinta amarelo-clara, empurrou os móveis para o centro do apartamento e cobriu o piso com panos. À medida que pintavam as várias seções, o cômodo se iluminava como se painéis de luz solar cobrissem as paredes. Quando terminaram de pintar, abriram todas as janelas e se encolheram na cama no meio do cômodo. O apartamento era tão pequeno que nada ficava a mais do que um metro da parede; no entanto, cercado por sua escrivaninha e suas cadeiras, a poltrona e a cômoda ali perto, James tinha a sensação de que estavam em uma ilha, ou flutuando no mar. Com Marilyn aninhada no seu ombro, ele a beijou, então os braços dela envolveram seu pescoço, seu corpo se ergueu para encontrar o dele. Mais um pequeno milagre, toda vez.

Depois, naquela mesma tarde, ao acordar na luz tênue, ele notou uma pequena mancha amarela na ponta do dedo do pé de Marilyn. Após uma busca

rápida, encontrou um borrão na parede perto da ponta da cama, onde o pé dela havia encostado enquanto faziam amor: um ponto do tamanho de uma moeda de onde a tinta tinha sido tirada. Não disse nada a Marilyn, e, quando empurraram os móveis de volta para o lugar naquela noite, a cômoda escondeu o borrão. Sentia-se feliz toda vez que olhava o móvel, como se pudesse ver através das gavetas de madeira de pinho e das roupas dobradas a marca que o corpo dela deixara em seu espaço.

No feriado de Ação de Graças, Marilyn decidiu não ir para casa, na Virgínia. Disse a si mesma, e a James, que era longe demais para um feriado tão curto, mas na verdade sabia que a mãe perguntaria, de novo, se a filha tinha algum *pretendente*, e dessa vez não saberia como responder. Em vez disso, na minúscula cozinha de James, ela assou um frango, batatas picadas e inhames descascados em uma travessa do tamanho de um bloco de notas: jantar de Ação de Graças em miniatura. James, que nunca tinha cozinhado, que subsistia à base de hambúrgueres do Charlie's Kitchen e de pães do Hayes-Bickford, assistiu, maravilhado. Depois de cobrir o frango com molho, Marilyn ergueu os olhos desafiadoramente, fechou o forno e tirou as luvas de cozinha.

— Minha mãe é professora de economia doméstica. Betty Crocker é sua deusa.

Foi a primeira coisa que contou sobre a mãe. Pela maneira como falou, aquilo soou como um segredo, algo que ela mantivera escondido e que agora, de forma deliberada, em sinal de confiança, revelava.

James sentiu que devia retribuir o privilégio, o presente íntimo. Certa vez ele mencionara, rapidamente, que os pais haviam trabalhado em uma escola, e só, esperando que ela pensasse: *professores*? Mas nunca contou a ela como a cozinha da escola fora como uma terra de gigantes, tudo em tamanho econômico: rolos de papel-alumínio de quase um quilômetro, com potes de maionese tão grandes que ele poderia enfiar a cabeça dentro. Sua mãe era encarregada de converter aquele mundo para a escala correta, cortando melões em cubinhos do tamanho de dados, separando pedaços de manteiga em pires para acompanhar cada pãozinho. Ele nunca havia contado a ninguém que as outras empregadas da cozinha riam de sua mãe por ela guardar os restos de comida em vez de jogar fora; que eles requentavam aquilo no forno, em casa, enquanto os pais o interrogavam: o que você aprendeu em geografia? O que aprendeu em matemática? E ele recitava: *Montgomery é a capital do Alabama. Números primos só têm dois divisores*. Eles não entendiam suas respostas, mas assentiam, satisfeitos por James estar aprendendo coisas que eles mesmos não sabiam. Enquanto conversavam, ele esmigalhava biscoitos em uma tigela de sopa de aipo ou tirava uma fatia de sanduíche de queijo do papel-manteiga e parava, confuso, certo de já ter feito aquilo antes, incerto de estar revisando seus estudos ou todo o seu dia na escola. No quinto ano, ele havia parado de falar chinês com os pais,

com medo de contaminar seu inglês com o sotaque; muito antes disso, simplesmente havia parado de falar com os pais na escola. Tinha medo de contar essas coisas a Marilyn, de que depois que as admitisse ela passasse a vê-lo como ele sempre se vira: um pária magricelo, alimentando-se de restos, recitando suas falas e tentando passar despercebido. Um impostor. Tinha medo de que ela nunca mais esquecesse essa imagem dele.

— Meus pais estão mortos. Morreram logo depois que comecei a faculdade.

Sua mãe morrera quando ele cursava o segundo ano, devido a um tumor no cérebro. Seu pai se fora seis meses depois. Complicações de uma pneumonia, disseram os médicos, mas James sabia a verdade: o pai simplesmente não queria viver sozinho.

Marilyn ficou em silêncio, mas estendeu os braços e segurou o rosto dele com as mãos, e James sentiu o que restava do calor do forno nas palmas macias dela. Elas só ficaram ali um instante até que o *timer* apitou e Marilyn se virou para o fogão outra vez, mas aqueceram todo o seu ser. Lembrou-se das mãos da mãe — com cicatrizes de queimaduras de vapor, calos de esfregar panelas — e quis tocar com os lábios a cavidade suave onde a linha da vida e a linha do amor de Marilyn se cruzavam. Prometeu a si mesmo que nunca permitiria que aquelas mãos se calejassem. Quando Marilyn tirou o frango do forno, brilhante e bronzeado, ele ficou abismado com sua destreza. Era linda a maneira como o molho engrossava sob sua orientação, como as batatas se afofavam feito algodão sob seu garfo. Foi a coisa mais próxima de mágica que ele já vira. Alguns meses depois, quando se casaram, fizeram um pacto: deixar o passado se esvanecer, não fazer mais perguntas, olhar adiante, para o que estava por vir, nunca para trás.

Naquela primavera, Marilyn estava fazendo planos para seu último ano na faculdade; James terminava o doutorado e ainda esperava para ver se seria aceito no departamento de história. Havia uma vaga à qual tinha se candidatado, e o professor Carlson, chefe do departamento, destacou que ele era de longe o mais qualificado da turma. De vez em quando, fazia entrevistas para vagas em outros lugares — New Haven, Providence —, só para garantir. Contudo, no fundo estava certo de que seria contratado por Harvard.

— Carlson praticamente me disse que estou dentro — dizia a Marilyn sempre que o assunto vinha à tona.

Marilyn assentia, beijava-o e se recusava a pensar no que aconteceria quando ela se formasse, no ano seguinte, quando fosse cursar medicina. Harvard, pensou, contando nos dedos. Columbia. Johns Hopkins. Stanford. A cada dedo, afastava-se ainda mais.

Então, em abril, aconteceram duas coisas que nenhum dos dois esperava: o professor Carlson informou James de que sentia muito, muito mesmo, por desapontá-lo, mas tinham decidido contratar seu colega de turma William

McPherson, e, é claro, sabiam que James encontraria muitas oportunidades em outros lugares.

— Explicaram por quê? — perguntou Marilyn.

— Disseram que eu não era a *peça* certa para o departamento — respondeu.

E ela não voltou a tocar no assunto. Quatro dias depois, uma surpresa ainda maior: Marilyn estava grávida.

Então, em vez de Harvard, uma proposta, enfim, da humilde Middlewood College, que foi aceita com alívio. Em vez de Boston, uma cidadezinha em Ohio. Em vez da faculdade de medicina, um casamento. Nada como fora planejado.

— Um bebê — disse Marilyn a James repetidas vezes. — Nosso bebê. É tão melhor.

Quando se casassem, Marilyn ainda estaria no terceiro mês de gravidez, e a barriga não apareceria. Disse a si mesma: *Você pode voltar e terminar esse último ano quando o bebê estiver maior*. Levaria quase oito anos até que os estudos parecessem reais, possíveis e tangíveis outra vez, mas Marilyn não sabia disso. Ao deixar a sala do diretor, com uma licença de tempo indeterminado garantida, estava certa de que tudo com que sonhara para si — a faculdade de medicina, a carreira, a nova e importante vida — estaria aguardando seu retorno, como um cão bem treinado aguarda o mestre. Ainda assim, quando Marilyn se sentou à mesa do telefone no hall do dormitório e deu o número da mãe ao operador de longa distância, sua voz falhou a cada dígito pronunciado. Quando a voz da mãe enfim se fez ouvir na linha, ela se esqueceu de cumprimentá-la. Em vez disso, disparou:

— Vou me casar. Em junho.

A mãe perguntou, após hesitar:

— Com quem?

— O nome dele é James Lee.

— Um aluno?

O rosto de Marilyn ficou corado.

— Ele está terminando o doutorado. Em história americana. — Ela hesitou e então preferiu contar uma meia verdade. — Harvard estava pensando em contratá-lo no outono.

— Então ele é professor. — Uma espécie de vivacidade surgiu na voz da mãe. — Querida, estou tão feliz por você. Mal posso esperar para conhecê-lo.

Marilyn ficou aliviada. Sua mãe não estava chateada por ela deixar a faculdade mais cedo; por que se importaria? A filha fizera exatamente o que ela esperava: conheceu um fantástico homem de Harvard. Ela leu as informações em um pedaço de papel: sexta-feira, 13 de junho, onze e meia, com o juiz de paz; depois almoço na Parker House.

— Não será uma festa grande. Só nós, você e alguns amigos. Os pais de James já morreram.

— Lee — considerou a mãe. — Ele é parente de alguém que conheço?

Marilyn percebeu de repente o que a mãe estava pensando. Estavam em 1958; na Virgínia e em metade do país, o casamento dos dois feria a lei. Até em Boston ela às vezes percebia a desaprovação no olhar dos passantes. Seu cabelo já não era platinado como na infância, mas ainda era claro o suficiente para que o contraste com o cabelo negro feito nanquim de James chamasse a atenção no cinema, em um banco de parque, no balcão da Waldorf Cafeteria. Um bando de garotas da Radcliffe desceu as escadas, uma delas ficando ali perto para usar o telefone, as outras se agrupando em torno do espelho do hall para empoar o nariz. Uma delas, na semana anterior, ficara sabendo do noivado de Marilyn e fora até o quarto dela “para ver se era mesmo verdade”.

Marilyn apertou o aparelho e pôs a mão na barriga, mantendo a voz doce.

— Não sei, mãe. Por que você não pergunta a ele quando o conhecer?

Então sua mãe foi da Virgínia até lá — foi a primeira vez que saiu do estado. De pé na estação com James, horas após a formatura dele, Marilyn disse a si mesma: ela teria vindo de qualquer forma, mesmo que eu tivesse contado. Sua mãe desceu na plataforma e viu Marilyn, um sorriso se formando no rosto — espontâneo, orgulhoso —, e naquele instante, Marilyn acreditou de verdade. É claro que ela teria. Então o sorriso vacilou por um segundo, como em um lampejo de interferência. Seu olhar passou diversas vezes da loira corpulenta à sua esquerda para o oriental magrelo à sua direita, procurando o James que fora anunciado, sem encontrá-lo. Enfim entendeu. Alguns segundos se passaram até que ela apertasse a mão de James, dissesse que estava muito, muito feliz em conhecê-lo e deixasse que ele levasse sua bolsa.

Marilyn e a mãe jantaram sozinhas naquela noite, e a mãe só falou sobre James durante a sobremesa. Ela sabia o que a mãe ia perguntar — *Por que você o ama?* — e se preparou. Mas a mãe não perguntou nada disso, não mencionou a palavra *amor*. Só engoliu um pedaço de bolo e observou a filha do outro lado da mesa.

— Você tem certeza de que ele não está apenas atrás de um *green card*? — questionou.

Marilyn não conseguiu olhar para ela. Encarou as mãos da mãe, manchadas apesar das luvas e do creme com aroma de limão, o garfo preso entre os dedos, a migalha grudada nos dentes do talher. Uma pequena ruga vincou as sobrelhas da mãe, como se alguém tivesse entalhado sua testa com uma faca. Anos mais tarde, Hannah identificaria a mesma marca de preocupação profunda no rosto da mãe, embora desconhecesse a causa, e Marilyn nunca admitiria a semelhança.

— Ele nasceu na Califórnia, mãe — respondeu.

A mãe desviou o olhar e limpou a boca delicadamente com o guardanapo, deixando duas manchas vermelhas no tecido.

Na manhã do casamento, enquanto esperavam no cartório, a mãe de Marilyn remexia incessantemente a alça de sua bolsa. Haviam chegado com quase uma hora de antecedência, com medo de se atrasarem por causa do trânsito, do estacionamento, de perderem o horário com o juiz de paz. James estava com um terno novo e ficava dando tapinhas no bolso do peito, checando, através da lã azul-marinho, se as alianças ainda estavam lá. Aquele gesto acanhado e nervoso fez com que Marilyn quisesse beijá-lo ali mesmo, na frente de todos. Dali a vinte e cinco minutos, ela seria sua esposa. Então sua mãe se aproximou e a segurou pelo cotovelo com um toque que mais parecia uma pinça.

— Vamos retocar o batom — disse, empurrando a filha em direção ao banheiro feminino.

Ela deveria ter previsto que aquilo aconteceria. Sua mãe passara a manhã inteira insatisfeita com tudo. O vestido de Marilyn não era branco, mas creme. Não parecia um vestido de noiva; era simples demais, como algo que uma *enfermeira* usaria. Ela não entendia por que Marilyn não queria se casar na igreja. Havia várias na região. Não gostava do clima de Boston; por que estava tão cinzento em junho? Margaridas não eram flores apropriadas para um casamento; por que não rosas? E por que ela estava com tanta *pressa*, por que se casar agora, e não esperar um pouco?

Teria sido mais fácil se sua mãe tivesse feito algum comentário ácido. Teria sido mais fácil se tivesse insultado James diretamente, se tivesse dito que era baixo demais, pobre demais ou não era bem-sucedido o bastante. Mas tudo que a mãe disse repetidas vezes foi:

— Isso não está certo, Marilyn. Não está certo.

Sem nomear o *isso*, deixando a questão no ar.

Marilyn fingiu não ouvir e pegou o batom na bolsa.

— Você vai mudar de ideia — sentenciou a mãe. — Vai se arrepender mais tarde.

Marilyn girou o tubo e se debruçou no espelho, então a mãe a segurou pelos ombros de repente, desesperada. A expressão em seu rosto era de medo, como se Marilyn estivesse correndo à beira de um penhasco.

— Pense nos seus filhos — pediu a mãe. — Onde vocês vão morar? Não vão pertencer a nenhum lugar. Você vai se arrepender pelo resto da vida.

— Pare com isso — gritou Marilyn, batendo com o punho na borda da pia. — A vida é minha, mãe. Minha.

Ela se desvencilhou com um movimento brusco e o batom saiu voando, indo parar no chão. De alguma forma, ela tinha feito um longo risco vermelho na manga da mãe. Sem mais nenhuma palavra, abriu a porta do banheiro com um empurrão, deixando a mãe sozinha.

Lá fora, James olhou ansiosamente para a futura esposa.

— O que houve? — murmurou, aproximando-se dela.

Marilyn balançou a cabeça e sussurrou depressa, rindo:

— Ah, minha mãe acha que devo me casar com alguém que tenha mais a ver comigo, só isso.

Então segurou a lapela dele, puxou-o na sua direção e o beijou. Ridículo, pensou ela. Era tão óbvio que nem precisava dizê-lo.

Apenas alguns dias antes, a centenas de quilômetros dali, outro casal também tinha se casado — um branco e uma negra, que partilhariam um sobrenome mais do que apropriado: Loving. Dali a quatro meses, seriam presos na Virgínia; a lei os lembraria de que Deus Todo-Poderoso nunca quisera que brancos, negros, amarelos e vermelhos se misturassem, que não deveria haver *cidadãos mestiços* ou *obliteração do orgulho racial*. Levaria quatro anos até que protestassem, mais quatro anos para que os tribunais tomassem uma decisão a seu favor e muitos anos mais até que as pessoas em torno deles também aceitassem. Algumas, como a mãe de Marilyn, nunca aceitariam.

Quando Marilyn e James se afastaram, a mãe voltou do banheiro e ficou de pé, parada, observando-os a distância. Ela havia esfregado a manga diversas vezes na toalha, mas a marca vermelha continuava visível sob a área molhada, feito uma antiga mancha de sangue. Marilyn limpou a marca de batom do lábio superior de James e sorriu, então ele deu alguns tapinhas no bolso do peito outra vez, verificando as alianças. Aos olhos da mãe, parecia que James estava se felicitando.

Depois disso, o casamento se limitou a uma série de slides na memória de Marilyn: a fina linha branca, feito um fio de cabelo, nos óculos bifocais do juiz de paz; os ramos da flor mosquitinho em seu buquê; a mancha de umidade na taça de vinho de sua antiga colega de quarto, Sandra, erguida para o brinde. Debaixo da mesa, a mão de James na dela, a estranha sensação fria da aliança de ouro contra sua pele. E, do outro lado da mesa, o cabelo cuidadosamente cacheado da mãe, o rosto maquiado, os lábios unidos para esconder o canino torto.

Aquela foi a última vez que Marilyn viu a mãe.

Até o dia do enterro, Marilyn nunca tinha pensado na última vez que veria a filha. Teria imaginado uma cena emocionante à cabeceira de uma cama, como nos filmes: ela própria de cabelos brancos, idosa e satisfeita, vestindo um pijama de cetim, pronta para se despedir; Lydia adulta, confiante e equilibrada, segurando suas mãos; àquela altura ela já seria médica, imperturbada pelo grande ciclo da vida e da morte. É o rosto de Lydia, embora não admita, que Marilyn gostaria de ver por último — não o de Nath, o de Hannah, nem mesmo o de James; é no da filha que pensa primeiro e sempre. Agora ela já tinha tido seu último vislumbre de Lydia: para sua perplexidade, James fez questão de que o caixão fosse fechado. Ela não poderá sequer ver o rosto da filha uma última vez, e vem repetindo isso a James nos últimos três dias, às vezes furiosa, às vezes aos prantos. Já James não consegue encontrar uma forma de lhe dizer o que descobriu ao identificar o corpo de Lydia: só resta metade do rosto, mal preservada pela água fria do lago; metade foi corroída. Ele ignora a mulher e não tira os olhos do retrovisor para dar ré.

O cemitério fica a apenas quinze minutos a pé de sua casa, mas eles vão de carro mesmo assim. Ao virarem na rua principal que contorna o lago, Marilyn vira bruscamente para o lado, como se tivesse visto algo no ombro do paletó do marido. Ela não quer ver o píer, o barco a remo agora novamente atracado, o próprio lago se estendendo ao longe. James mantém as janelas do carro bem fechadas, mas uma brisa faz farfalhar as folhas das árvores na margem e cria ondas na superfície da água. O lago estará ali para sempre: vão vê-lo toda vez que saírem de casa. No banco de trás, Nath e Hannah se perguntam ao mesmo tempo se a mãe vai virar o rosto pelo resto da vida sempre que passar pelo lugar. O lago cintila sob a luz do sol feito um telhado de zinco brilhante, e os olhos de Nath se enchem de lágrimas. Parece inadequado que a luz esteja tão intensa, o céu, tão azul, e ele fica aliviado quando uma nuvem cobre o sol e a água prateada se torna cinzenta.

Ao chegarem ao cemitério, eles entram no estacionamento. Middlewood se orgulha de seu cemitério-jardim, uma espécie de mistura de sepulcrário e jardim botânico, com caminhos sinuosos e plaquinhas de bronze para identificar as plantas. Nath se lembra das excursões da escola para a aula de biologia com blocos de desenho e guias de campo; certa vez, o professor prometeu dar dez pontos extras àquele que conseguisse juntar mais tipos de folhas diferentes. Também tinha havido um enterro naquele dia, e Tommy Reed andou na ponta

dos pés entre as fileiras de cadeiras dobráveis até o sassafrás, bem no meio do discurso fúnebre, e arrancou uma folha de um galho baixo. O Sr. Rexford não percebeu a situação e elogiou Tommy por ter sido o único a encontrar uma *Sassafras albidum*, e a turma inteira prendeu o riso e o parabenizou no ônibus escolar durante a viagem de volta para casa. Agora, ao andarem em fila indiana até as cadeiras dispostas ao longe, Nath quer voltar no tempo e dar um soco em Tommy Reed.

Em tributo a Lydia, a escola não abriu naquele dia, e os colegas dela aparecem, muitos deles. Olhando para eles, James e Marilyn percebem há quanto tempo não viam aquelas meninas: anos. Por um instante, não reconhecem Karen Adler com os cabelos longos, ou Pam Saunders sem o aparelho fixo. Pensando na lista de nomes riscados, James nota que está encarando as meninas e vira o rosto. Aos poucos, as cadeiras são ocupadas por alguns colegas de Nath, por alunos do primeiro e do segundo anos que ele acha vagamente familiares, mas não conhece de fato. Até os vizinhos, ao chegarem, parecem desconhecidos. Seus pais nunca saem ou recebem visitas; não fazem jantares, não têm um grupo de bridge, parceiros de caça ou companheiros de almoço. Assim como Lydia, não têm amigos de verdade. Hannah e Nath reconhecem alguns professores da universidade, a professora assistente do pai, mas a maioria dos rostos é de estranhos. Por que estão aqui?, pergunta-se Nath, e, quando a cerimônia começa e todos erguem a cabeça em direção ao caixão ali na frente, sob os sassafrás, ele compreende. Foram atraídos pelo espetáculo da morte súbita. Durante toda aquela semana, desde que a polícia dragou o lago, as manchetes do *Monitor* de Middlewood foram sobre Lydia. *Menina oriental encontrada afogada em lago*.

O padre lembra o presidente Ford, de sobranceiras retas, dentes brancos, cabelo curto e robusto. Os Lee não frequentam a igreja, mas a casa funerária o recomendara, e James aceitou sem questionar. Agora James se senta empertigado, encostando as escápulas no dorso da cadeira, e tenta ouvir a missa. O padre lê o Salmo Vinte e Três, mas no texto revisado: *tenho tudo de que necessito em vez de nada me faltará; mesmo que eu ande por um vale muito escuro em vez de ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte*. Parece desrespeitoso, uma espécie de economia. Assim como enterrar a filha em uma caixa de madeira compensada. *O que mais você poderia esperar desta cidade?*, pensa ele. À sua direita, o aroma dos lírios sobre o caixão atinge Marilyn feito uma névoa quente e úmida, e ela quase tem ânsia de vômito. Pela primeira vez, deseja ser o tipo de mulher, como sua mãe, que sempre tem um lenço à mão. Ela o teria colocado no rosto e deixado que filtrasse o ar, e, quando o baixasse, o pano estaria sujo e rosado, da cor de tijolos velhos. Ao seu lado, Hannah cerra os punhos. Gostaria de deslizar a mão até o colo da mãe, mas não ousa. Também não ousa olhar para o caixão. Lydia não está ali dentro, lembra a si mesma, inspirando profundamente, só o corpo dela — mas então onde está a irmã? Todos

estão tão imóveis que para os pássaros acima, pensa ela, devem parecer um bando de estátuas.

Com o canto do olho, Nath avista Jack sentado ao lado da mãe, um pouco afastado das pessoas. Imagina-se puxando o cara pela gola para descobrir o que ele sabe. Seu pai ligou para a polícia todas as manhãs naquela semana atrás de novas informações, mas o policial Fiske sempre se limitava a dizer que ainda estavam investigando. *Se pelo menos a polícia estivesse aqui agora*, pensa Nath. Deveria contar ao pai? Jack olha fixamente para o chão, como se estivesse envergonhado demais para erguer o rosto. Então, quando o próprio Nath olha para a frente, o caixão já foi colocado na cova. A madeira polida, os lírios brancos na superfície — desaparecidos, sem mais: nada além do espaço vazio onde estavam. Ele perdeu tudo. Sua irmã se foi.

Algo úmido toca seu pescoço. Ele ergue o braço para limpar e descobre que o rosto inteiro está molhado, que esteve chorando em silêncio. Do outro lado do grupo de pessoas, os olhos azuis de Jack estão subitamente vidrados nele, e Nath enxuga o rosto na dobra do braço.

Os presentes começam a ir embora, uma fileira estreita de costas que se dirigem para o estacionamento e a rua. Alguns dos colegas de turma de Nath, Miles Fuller, por exemplo, lhe lançam um olhar complacente, mas a maioria — constrangida por suas lágrimas — decide não falar com ele e vira o rosto. Não terão outra chance: devido às notas altas de Nath e à situação trágica, o diretor o dispensará das últimas três semanas de aula, e o próprio Nath decidirá não comparecer à formatura. Alguns vizinhos ficam em volta dos Lee, apertando seus braços e murmurando condolências; outros dão tapinhas na cabeça de Hannah, como se ela fosse uma criança pequena ou um cachorro. Fora Janet Wolff, que trocou o habitual jaleco branco por um terninho preto bem cortado, James e Marilyn não reconhecem a maioria deles. Quando Janet chega até ela, as palmas das mãos de Marilyn dão a impressão de estarem encardidas, seu corpo todo sujo, como um pano passado de mão em mão, todas imundas, e ela mal pode suportar o toque de Janet em seu cotovelo.

Do outro lado do túmulo, Jack fica de pé, afastado, esperando a mãe, meio escondido à sombra de um grande olmo. Nath vai até lá, encurralando-o contra o tronco da árvore, e Hannah, presa junto aos pais por um grupo de adultos, observa o irmão, nervosa.

— O que você está fazendo aqui? — questiona Nath.

De perto, percebe que a camisa de Jack é azul-escura, não preta, e que, embora esteja usando calça social, está com o velho tênis preto e branco com um furo no dedão.

— Oi — cumprimenta Jack, o olhar ainda voltado para o chão. — Nath. Como você está?

— Como acha que estou? — A voz de Nath falha, e ele sente raiva de si

mesmo por isso.

— Preciso ir. Minha mãe está esperando. — Jack hesita. — Sinto muito pela sua irmã.

Ele vira as costas, e Nath o segura pelo braço.

— É mesmo? — Ele nunca segurou alguém daquele jeito antes e sente-se durão fazendo isso, feito um detetive de filme. — Sabia que a polícia quer falar com você?

As pessoas começam a olhar para os dois; James e Marilyn ouvem o filho levantando a voz e olham ao redor, mas ele não se importa. Aproxima-se de Jack, quase até encostar o rosto em seu nariz.

— Olha, eu sei que ela estava com você naquela segunda-feira.

Pela primeira vez, Jack encara Nath de verdade: um lampejo de olhos azuis estarrecidos.

— Ela contou para você?

Nath se aproxima mais, enfrentando Jack. O sangue lateja em sua têmpora direita.

— Ela não precisou me contar. Você acha que sou idiota?

— Olhe, Nath — balbucia Jack — Se Lydia disse a você que eu...

Ele para de falar de repente, quando os pais de Nath e a Dra. Wolff se aproximam. Nath cambaleia para trás, olhando irritado para Jack, para o pai por ter interrompido, para o próprio olmo por não estar mais longe.

— Jack — diz a Dra. Wolff rispidamente. — Tudo certo por aqui?

— Tudo ótimo. — Jack olha para Nath, depois para os adultos. — Sr. Lee, Sra. Lee, sinto muito pela sua perda.

— Obrigado por ter vindo — diz James.

Ele espera os Wolff começarem a percorrer o caminho sinuoso até a saída do cemitério antes de segurar Nath pelo ombro.

— O que há com você? — repreende. — Procurando briga no enterro da sua irmã...

Seguindo a mãe, Jack dá uma rápida espiada para trás, e, quando seu olhar cruza com o de Nath, não há dúvida: ele está assustado. Então faz a curva e desaparece.

Nath solta a respiração.

— Aquele canalha sabe algo sobre Lydia.

— Não saia por aí criando confusão. Deixe que a polícia faça seu trabalho.

— James, não grite — pede Marilyn.

Ela toca a própria testa, como se estivesse com dor de cabeça, e fecha os olhos. Para o terror de Nath, uma gota escura de sangue escorre pela lateral do rosto da mãe... não, é apenas uma lágrima, manchada de preto pelo rímel, deixando um rastro sujo e cinzento em sua bochecha. Com o coraçãozinho cheio de pena, Hannah estica o braço para segurar a mão da mãe, mas ela não

percebe. Logo Hannah se contenta em segurar os próprios dedos atrás das costas.

James revira o bolso do paletó à procura das chaves.

— Vou levar sua mãe e sua irmã para casa. Quando tiver se acalmado, você pode ir a pé.

Quando as palavras deixam seus lábios, ele estremece. No fundo, tudo o que quer é acalmar Nath, tocar seu ombro com força para tranquilizá-lo, envolvê-lo em seus braços, neste dia mais do que nunca. Mas ele já está usando toda a sua força para impedir que a própria expressão desabe, que os próprios joelhos cedam e o deixem cair no chão. Ele se vira de costas e segura o braço de Hannah. Ela, ao menos, sempre faz o que mandam.

Nath se afunda nas raízes do olmo e observa os pais se dirigirem para o carro, com Hannah atrás de si lançando um único olhar melancólico para trás. O pai não sabe como Jack é. Jack mora na mesma rua que eles há onze anos, desde que os dois estavam no primeiro ano, e, para os pais de Nath, ele é apenas o vizinho, o garoto desleixado com o cachorro e o carro velho usado. Mas na escola todos sabem. Uma menina diferente a cada semana, aproximadamente. Com todas elas, a mesma história. Jack não namora; não há jantares, flores, caixas de chocolate em papel-celofane. Ele simplesmente leva a garota de carro até o point, o cinema ao ar livre, ou a um estacionamento qualquer e estende uma coberta no banco de trás do carro. Uma ou duas semanas depois, para de telefonar e segue em frente. Ele é conhecido por deflorar virgens. Na escola, as meninas se orgulham, como se tivessem entrado para um clube exclusivo; amontoadas diante dos armários, sussurram com risadinhas os detalhes lascivos. Já Jack não fala com ninguém. Todos sabem que ele fica sozinho a maior parte do tempo: sua mãe trabalha à noite no hospital, seis dias por semana. Ele não come no refeitório da escola; não vai aos bailes. Em sala, senta-se na última fileira, avaliando quem será a próxima garota que convidará para passear de carro. Naquela primavera, Lydia foi a escolhida.

Nath fica no cemitério uma, duas, três horas, assistindo aos funcionários que recolhem as cadeiras, as flores, catam papéis e lenços amassados da grama. Em sua mente, ele desenterra cada detalhe que já ouviu a respeito de Jack, cada fato, cada boato. As duas coisas começam a se confundir, e, quando acha que já pode voltar para casa, está transbordando de fúria. Tenta imaginar Lydia com Jack, tenta desesperadamente não imaginá-los juntos. Será que Jack a machucou de alguma forma? Ele não sabe. Sua única certeza é que Jack está no âmago daquilo tudo, e promete a si mesmo que vai descobrir como. Só quando os coveiros erguem as pás e se aproximam do túmulo aberto é que Nath se levanta e dá as costas.

Ao percorrer a margem do lago e entrar em sua rua, vê um carro de polícia estacionado em frente à casa de Jack. *Caramba, até que enfim*, pensa. Aproxima-se da casa, curvando-se abaixo da fileira de janelas. Atrás da tela, a porta da

frente está aberta, e ele sobe os degraus da varanda na ponta dos pés, pisando as pontas das tábuas gastas para não fazer barulho. É sobre a sua irmã que estão falando, diz a si mesmo, a cada passo; ele tem todo o direito. No alto dos degraus, cola o corpo na porta de tela. Não consegue ver nada além da entrada, mas ouve Jack na sala, explicando devagar, em voz alta, como se fosse a segunda ou terceira vez.

— Ela estava adiantada em física. A mãe a queria junto com os alunos do segundo ano.

— *Você* estava nessa aula. Não está no terceiro ano?

— Já falei — diz Jack, impaciente. — Tive que fazer a matéria de novo. Repeti.

Agora a voz da Dra. Wolff:

— Ele tirou B+ na matéria este semestre. Eu lhe disse que se sairia bem se estudasse, Jack.

Lá fora, Nath pisca. Jack? Tirando B+?

Há um farfalhar, como se o policial tivesse virado a página de um caderno, e então ele diz:

— Qual era a natureza da relação que tinha com Lydia?

Ouvir o nome da irmã na voz do policial, tão claro e oficial, como se não passasse de um rótulo, deixa Nath surpreso. Parece surpreender Jack também: o tom de sua voz ganha uma rispidez que não havia antes.

— Éramos amigos. Só isso.

— Várias pessoas disseram que viram vocês dois juntos depois da escola, no seu carro.

— Eu estava ensinando Lydia a dirigir.

Nath gostaria de ver o rosto de Jack. Eles não sabiam que Jack estava mentindo? O policial parece aceitar a resposta.

— Quando foi a última vez que viu Lydia?

— Segunda-feira de tarde. Antes do desaparecimento.

— O que estavam fazendo?

— Estávamos no meu carro, fumando.

Uma pausa enquanto o policial faz uma anotação.

— E você estava no hospital, Sra. Wolff?

— Doutora.

O policial dá uma tossidinha.

— Perdão. Dra. Wolff. Você estava no trabalho?

— Eu costumo pegar o turno da noite. Exceto aos domingos.

— Lydia parecia chateada na segunda-feira?

Outra pausa antes da resposta de Jack.

— Lydia sempre estava chateada.

Por sua causa, pensa Nath. A garganta dele está tão fechada que as palavras

não conseguem passar. As extremidades da porta oscilam e ficam distorcidas, como uma miragem no calor. Ele finca a unha na palma da mão, com força, até que a entrada fica nítida outra vez.

— Chateada com o quê?

— Com tudo. — A voz de Jack está mais baixa agora, é quase um suspiro. — Com as notas. Com os pais. Pelo irmão estar indo embora para a faculdade. Um monte de coisas.

Ele suspira de verdade, e, quando volta a falar, sua voz está falhada, prestes a se desfazer.

— Como posso saber?

Nath se afasta da porta e desce os degraus discretamente. Não precisa ouvir mais nada. Em casa, não querendo ver ninguém, sobe correndo até seu quarto para refletir sobre o que ouviu.

De qualquer forma, não há ninguém ali. Enquanto Nath ficava aflito sob o olmo, sua família se dispersou. Durante o trajeto de carro, Marilyn não olha para James nem uma vez sequer, concentrando-se nos nós de seus dedos, cutucando as cutículas, mexendo na alça da bolsa. Assim que entram em casa, Marilyn diz que quer se deitar, e Hannah também desaparece em seu quarto, sem dizer uma palavra. Por um instante, James cogita se juntar a Marilyn no quarto. Tem o desejo profundo de aconchegar-se com ela, de sentir seu peso e seu calor cercando-o, protegendo-o de todo o resto. Colar-se nela e senti-la colada nele, deixando seus corpos consolarem um ao outro. Mas lá no fundo algo parece corroer sem parar o pensamento de James, e ele acaba pegando as chaves na mesa outra vez. Há algo que precisa fazer em sua sala urgentemente. Não pode esperar nem mais um minuto.

Quando a polícia perguntou se ele queria uma cópia da autópsia, James deu o endereço da sala na faculdade. Então, na véspera do enterro, um envelope pardo grosso apareceu em seu escaninho, e ele percebeu que tinha cometido um erro: não queria ver aquilo, nunca. Ao mesmo tempo, não conseguia jogá-lo fora. Então, colocou o envelope na gaveta inferior da escrivaninha e a trancou. Estaria ali, pensou, caso ele mudasse de ideia algum dia. Nunca esperou que isso fosse acontecer.

Estão no horário de almoço, e a sala está quase vazia; apenas Myrna, a secretária do departamento, ainda está sentada à sua escrivaninha, trocando a fita da máquina de escrever. Todas as outras portas estão fechadas, as janelas de vidro fosco escuras. Então James abre a gaveta, respira fundo e rasga o envelope com um dedo.

Ele nunca viu um relatório de autópsia antes e espera encontrar gráficos e diagramas, porém aquilo mais parece um boletim: *O indivíduo é uma mulher oriental bem desenvolvida e bem-nutrida*. O relatório diz coisas que ele já sabe: que ela tinha dezesseis anos, um metro e sessenta e cinco de altura; que seu

cabelo era preto, seus olhos, azuis. Diz coisas que ele não sabia: a circunferência da cabeça, o comprimento de cada membro, que havia uma cicatriz em forma de lua crescente no joelho esquerdo. Diz que não havia entorpecentes em seu sangue ou sinais de agressão nem de violência sexual, mas que ainda não era possível determinar se havia sido um caso de suicídio, homicídio ou acidente. A causa da morte era *asfixia por afogamento*.

Então a coisa começa de verdade: *O peito é aberto com uma incisão em forma de Y*.

Ele descobre a cor e o tamanho de cada um dos órgãos de Lydia, o peso do cérebro. Que uma espuma branca borbulhou na traqueia e cobriu as narinas e a boca feito um lenço de renda. Que os alvéolos estavam cobertos por uma fina camada de lodo granulado feito açúcar. Que os pulmões ficaram marmorizados com tons de vermelho-escuro e amarelo-cinzentos ao não terem mais ar; que, como uma massa, adquiriram a marca de uma impressão digital; que, ao serem seccionados por um bisturi, jorrou água deles. Que no estômago havia fragmentos de algas do fundo do lago, areia e duzentos mililitros de água que ela engoliu ao afundar. Que o lado direito do coração inchou, como se tivesse ficado sobrecarregado. Que, por ela ter flutuado de barriga para baixo, a pele da cabeça e do pescoço ficou avermelhada até os ombros. Que, devido à baixa temperatura da água, o corpo ainda não tinha se decomposto, mas que a pele dos dedos estava começando a se destacar, feito uma luva.

O ar-condicionado da sala arma, fazendo um barulho; e do chão sobe uma brisa fria. O corpo todo de James estremece, como que em um longo e repentino calafrio. Ele fecha a passagem de ar com o dedo do pé, mas as mãos não param de tremer. Ele as aperta em punhos e tensiona a mandíbula para que os dentes parem de bater. Em seu colo, o relatório da autópsia palpita feito algo vivo.

Não consegue se imaginar contando a Marilyn que aquelas coisas podiam acontecer a um corpo que eles amavam. Não quer que ela descubra nunca. É melhor deixar tudo como a polícia resumiu: afogamento. Sem detalhes que possam impregnar os recantos de sua mente. O ar-condicionado desarma, o silêncio aumenta e preenche primeiro o cômodo, em seguida o departamento inteiro. O peso de tudo que leu se acomoda sobre ele, prendendo-o à cadeira. É pesado demais. Não consegue sequer levantar a cabeça.

— Professor Lee?

É Louisa, na porta, ainda com o vestido preto que usou no enterro de manhã.

— Ah. Sinto muito. Não achei que você viria depois do... — Ela para de falar.

— Tudo bem. — A voz dele range.

Louisa entra na sala, deixando a porta aberta.

— Você está bem?

Ela observa seus olhos vermelhos, os ombros curvados, o envelope pardo em seu colo. Então se aproxima e tira os papéis de suas mãos delicadamente.

— Você não deveria estar aqui — diz ela, colocando-os na mesa.

James balança a cabeça. Estende o relatório para ela.

Louisa olha para baixo, para o maço de papéis, e hesita.

Leia, diz James... ou tenta dizer. Nenhum som é emitido, mas ele tem a impressão de que Louisa ouve mesmo assim. Ela assente, se debruça na beirada da escrivaninha, sobre as páginas. Sua expressão não muda ao longo da leitura, mas ela fica cada vez mais imóvel, até que, no fim do relatório, se apruma e segura a mão de James.

— Você não deveria estar aqui — diz novamente.

Não é uma pergunta. Com a outra mão, ela toca a base das costas dele, e James sente o calor de seu corpo através da camisa. Então ela diz:

— Por que não vem até minha casa? Vou preparar algo para você comer.

E ele assente.

O apartamento fica no terceiro andar sem elevador, a apenas seis quarteirões do campus. Em frente ao 3A, Louisa hesita apenas por um instante. Então abre a porta e o leva diretamente até o quarto.

Tudo nela está diferente: a flexibilidade dos membros, a textura da pele. Até o gosto está diferente, um pouco ácido, cítrico, quando sua língua toca a dela. Quando Louisa senta em seu colo para abrir os botões da camisa, seus cabelos cobrem o rosto feito uma cortina. James fecha os olhos e então dá um suspiro longo e entrecortado. Depois, adormece ainda embaixo de Louisa. Desde que Lydia foi *encontrada* — a única palavra que consegue usar para o que aconteceu —, nas poucas vezes em que conseguiu dormir teve um sono agitado. Em seus sonhos, ninguém além dele se lembra do que aconteceu com a menina; só ele está ciente e tem de convencer Marilyn, Nath e desconhecidos repetidas vezes de que sua filha está morta. *Eu vi o cadáver. Está faltando um dos olhos azuis.* Agora, ainda grudado em Louisa pelo suor, ele dorme pesado pela primeira vez em dias, um sono sem sonhos: sua mente, por enquanto, está magnificamente vazia.

Em casa, no quarto deles, Marilyn também tenta em vão esvaziar a mente. Tentando dormir há horas, ela conta as flores em sua fronha: não as grandes papoulas vermelhas espalhadas no algodão, mas os miosótis azuis ao fundo, as dançarinas enfileiradas atrás das divas. Ela sempre perde a conta, indo de oitenta e nove de volta para oitenta, chegando a uma dobra do pano e esquecendo quais já contou, quais ainda precisa contar. Quando enfim chega a duzentas, sabe que é impossível dormir. Não consegue manter os olhos fechados; só de piscar fica nervosa. Sempre que tenta ficar deitada, imóvel, a mente desperta feito um brinquedo ao qual deram corda demais. Lá em cima, Hannah não faz barulho algum; lá embaixo, não há sinal de Nath. Enfim, no mesmo instante em que James adormece do outro lado da cidade, ela se levanta e vai aonde seus pensamentos estiveram durante todo aquele tempo: o quarto de Lydia.

Ainda tem o cheiro dela. Não só as flores pulverulentas de seu perfume, o

aroma limpo de xampu em sua fronha ou o rastro de fumaça de cigarro — *Karen fuma*, explicou Lydia quando sua mãe deu uma fungada, desconfiada, certo dia. *O cheiro fica nas minhas roupas, nos meus livros, em tudo*. Não, quando Marilyn respira fundo, consegue sentir o cheiro de Lydia por baixo de todas aquelas camadas superficiais, o cheiro agridoce de sua pele. Poderia passar horas ali, sugando o ar e segurando-o no céu da boca feito o buquê de um bom vinho. Sorvendo-a.

Nesse quarto, ela é tomada por uma dor profunda, como se seus ossos estivessem feridos. Ao mesmo tempo, é uma sensação boa. Tudo ali a faz se lembrar do que Lydia poderia ter sido. Gravuras do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, de Marie Curie segurando um frasco — todos os pôsteres que lhe deu desde que a filha era pequena — ainda expostas ali, orgulhosamente, nas paredes. Desde a infância, Lydia queria ser médica, da mesma forma que a mãe. No verão passado ela chegou a fazer uma matéria de biologia na faculdade para avançar em física. No quadro de avisos havia fitas azuis de prêmios em feiras de ciências, uma tabela periódica ilustrada, um estetoscópio de verdade que Marilyn comprou especialmente para o seu aniversário de treze anos. A estante está tão abarrotada de livros que alguns estão enfiados deitados por cima dos outros: *Uma breve história da medicina*, ela lê na lombada de cabeça para baixo. *Rosalind Franklin e o DNA*. Todos os livros que Marilyn lhe deu ao longo dos anos para inspirá-la, para mostrar o que ela poderia conquistar. Por toda parte, indícios do talento e da ambição da filha. Uma fina camada de poeira já começa a cobrir tudo. Durante muito tempo, Lydia a expulsou do quarto quando ela vinha espanar e arrumar. “Estou *ocupada*, mãe”, dizia, batendo com a ponta da caneta no livro, e Marilyn assentia, beijava-a no topo da cabeça e fechava a porta depois de sair. Agora não há ninguém para mandá-la embora, mas ela olha na direção da bota de Lydia, caída no tapete, pensa na filha tirando-a do pé, e a deixa ali.

Ela tem certeza de que em algum lugar daquele quarto está a resposta para o que aconteceu. E ali, na prateleira inferior da estante, ela vê a perfeita fileira de diários organizados por ano. Marilyn deu a Lydia seu primeiro diário quando a menina tinha cinco anos, um de capa florida com bordas douradas e uma chave mais leve que um clipe de papel. A filha abriu o embrulho e revirou o caderno nas mãos, tocando a pequena fechadura, como se não soubesse para que servia.

— É para escrever seus segredos — explicou Marilyn com um sorriso, e Lydia sorriu e respondeu:

— Mas, mãe, eu não tenho segredos.

Na ocasião, Marilyn riu. Afinal, que segredos uma filha poderia esconder da mãe? Mesmo assim, a cada ano, dava um novo diário a Lydia. Agora ela pensa em todos aqueles números de telefone riscados, na longa lista de garotas que alegaram mal conhecer Lydia. De meninos da escola. De homens desconhecidos

que podiam surgir das sombras. Com o dedo, ela puxa o último diário: 1977. Ele vai lhe contar, pensa. Tudo o que Lydia já não pode mais. Com quem andava saindo. Por que mentiu para eles. Por que foi até o lago.

A chave não está ali, mas Marilyn enfia a ponta de uma caneta esferográfica no fecho frágil e o abre à força. A primeira página que vê, 10 de abril, está em branco. Verifica a página de 2 de maio, a noite em que Lydia desapareceu. Nada. Nada em 10 de maio, nem em abril; nada em março. Todas as páginas estão em branco. Pega o diário de 1976. 1975. 1974. Páginas e mais páginas de silêncio visível e obstinado. Ela folheia tudo até o primeiro diário, 1966: nem sequer uma palavra. Todos aqueles anos da vida da filha sem registro. Nada que explicasse coisa alguma.

Do outro lado da cidade, James acorda confuso e com a vista embaçada. Já é quase noite, e o apartamento de Louisa ficou escuro.

— Tenho que ir — diz, tonto ao pensar no que fez, e Louisa se cobre com o lençol, observando-o se vestir.

Sob seu olhar, os dedos dele se atrapalham: ele abotoa a camisa errado não uma, mas duas vezes, e mesmo quando acerta ainda tem uma sensação esquisita. O calção está estranho, prendendo debaixo dos braços, estufando-se na barriga. Como se diz adeus após algo como aquilo?

— Boa noite — diz ele, enfim, pegando a bolsa.

E Louisa responde simplesmente:

— Boa noite.

Como se eles estivessem saindo da sala na faculdade, como se nada tivesse acontecido. Só quando entra no carro, quando o estômago começa a revirar, ele percebe que não houve nada para comer no apartamento de Louisa, que no fundo ele nunca achou que haveria.

E, enquanto James acende os faróis e liga o carro, chocado com tudo o que aconteceu em um só dia, seu filho espia pela janela do quarto na escuridão crescente, sem tirar os olhos da casa de Jack, onde a luz da varanda acabou de ser acesa, de onde o carro da polícia já se afastou há tempos. No sótão, Hannah se encolhe na cama, revendo cada detalhe do dia: o ponto branco em cada um dos nós dos dedos do pai enquanto segurava o volante; as gotículas de suor no lábio superior do padre, feito orvalho; o baque suave do caixão ao tocar o fundo da cova. O pequeno vulto do irmão — visto através da janela de seu quarto — erguendo-se devagar nos degraus da entrada da casa de Jack e se arrastando para casa, de cabeça baixa. E o leve rangido questionador da porta do quarto da mãe se abrindo, respondido pelo discreto clique da porta de Lydia se fechando. Ela está lá dentro há horas. Hannah abraça o próprio corpo bem apertado; imagina-se consolando a mãe, os braços da mãe retribuindo o gesto.

Marilyn, sem saber que a filha mais nova está ouvindo com tanta atenção, tanto anseio, enxuga as lágrimas e devolve os diários à estante, fazendo uma

promessa a si mesma. Vai descobrir o que aconteceu com Lydia. Vai descobrir quem é o responsável. Vai descobrir o que deu errado.

quatro

Logo antes de Marilyn presentear Lydia com seu primeiro diário, a universidade organizou sua festa de Natal, como em todos os anos. Marilyn não quis comparecer. Ela vinha lutando contra um vago descontentamento durante todo o outono. Nath tinha acabado de começar o primeiro ano do fundamental, Lydia tinha entrado no maternal, Hannah nem sonhava em nascer. Pela primeira vez desde que havia se casado, Marilyn viu-se desocupada. Tinha vinte e nove anos, ainda era jovem, esbelta. Ainda era inteligente, pensou. Podia enfim voltar a estudar e terminar seu curso. Fazer tudo o que planejava antes da maternidade. Só que àquela altura ela não lembrava mais como se escrevia um trabalho, como se faziam anotações na aula; aquilo parecia tão vago e nebuloso quanto um sonho. Como poderia estudar quando o jantar precisava ser feito, quando Nath precisava ser ninado, quando Lydia queria brincar? Folheou os anúncios de emprego no jornal, mas eram todos para garçonetes, contadores, redatores. Nada que ela soubesse fazer. Pensou na mãe, na vida que a mãe desejara para ela, na vida que a mãe desejara para si mesma: marido, filhos, casa, o único trabalho de manter isso tudo em ordem. Marilyn havia arrumado aquele trabalho a contragosto. Sua mãe não poderia lhe desejar nada além disso. Tal pensamento não melhorou muito seu humor.

Mas James insistira que eles *fizessem uma aparição* na festa de Natal; havia a possibilidade de ele se tornar professor titular na primavera, e as *aparências* pesavam. Portanto pediram a Vivian Allen, a vizinha da frente, que cuidasse de Nath e Lydia, Marilyn pôs um vestido de festa cor de pêssego combinando com seu colar de pérolas, e eles foram ao ginásio todo decorado, onde uma árvore de Natal fora erguida na linha do meio da quadra. Então, após a rodada obrigatória de cumprimentos superficiais, ela foi para um canto com um copo de ponche de rum. Foi então que esbarrou em Tom Lawson.

Tom lhe trouxe uma fatia de bolo de frutas e se apresentou — era professor do departamento de química; ele e James haviam trabalhado juntos na banca de mestrado de um estudante com especialização dupla que escrevera sobre o uso de armas químicas durante a Primeira Guerra Mundial. Marilyn ficou tensa ao pensar nas inevitáveis perguntas — *E o que você faz, Marilyn?* —, mas, na verdade, trocaram apenas as costumeiras civilidades inofensivas: qual era a idade das crianças, como a árvore de Natal daquele ano estava bonita. E, quando ele começou a falar sobre a pesquisa que estava desenvolvendo — algo a ver com o pâncreas e insulina artificial —, ela o interrompeu para perguntar se ele

estava precisando de uma pesquisadora assistente, então Tom a encarou diante de seu prato de salgadinhos. Com medo de parecer pouco qualificada, Marilyn deu uma avalanche de explicações: ela estudara química em Radcliffe e planejava cursar medicina, mas não chegara a concluir a graduação — ainda —, mas agora que as crianças estavam um pouco mais velhas...

Na verdade, Tom Lawson ficara surpreso com o tom do pedido: ele tinha o caráter murmurado e sem fôlego de uma cantada. Marilyn olhou para ele e sorriu, e suas covinhas profundas lhe deram o fervor de uma menina.

— Por favor — disse, tocando o cotovelo dele. — Eu gostaria muito de voltar a fazer um pouco mais de trabalho acadêmico.

Tom Lawson sorriu.

— Acho que seria bom ter um pouco de ajuda. Quer dizer, se seu marido não se importar. Por que não nos encontramos para conversar sobre isso depois do Ano-Novo, quando o semestre começar?

E Marilyn disse sim, sim, seria fantástico.

James não pareceu tão empolgado. Ele sabia o que as pessoas diriam: *Ele não ganha o suficiente... a mulher tem que trabalhar*. Já fazia muitos anos, mas ele ainda se lembrava da mãe acordando cedo a cada manhã e vestindo o uniforme, de um inverno em que ela não pudera trabalhar por duas semanas por causa de uma gripe, e eles haviam tido que desligar o aquecedor e se amontoar debaixo das cobertas duplas. Lembrava-se de como, à noite, a mãe massageava as mãos calosas com óleo, tentando amaciá-las, e o pai deixava o cômodo, envergonhado.

— Não — disse a Marilyn. — Quando me tornar professor titular, teremos o dinheiro de que precisamos.

Ele pegou sua mão, abriu-a e deu um beijo na palma macia.

— Me diga que não vai mais se preocupar em trabalhar — pediu, e ela enfim concordou.

Mas guardou o telefone de Tom Lawson.

Então, na primavera, enquanto James — recém-promovido a professor titular — estava no trabalho, as crianças na escola e Marilyn em casa, dobrando a segunda leva de roupas lavadas, o telefone tocou. Uma enfermeira do hospital St. Catherine, na Virgínia, dizendo que sua mãe tinha morrido. Um derrame. Era 1º de abril de 1966, e o que lhe veio à cabeça de imediato foi que era uma terrível piada de mau gosto.

Aquela altura já fazia quase oito anos que não falava com a mãe, desde o dia do casamento. Durante todo aquele tempo, a mãe não lhe escrevera sequer uma vez. Quando Nath nasceu, e depois Lydia, Marilyn não contou a ela, não enviou nem uma fotografia. Não havia nada a dizer. Ela e James nunca conversaram sobre o que a mãe disse sobre o casamento naquele dia: *Não está certo*. Ela nunca quis pensar naquilo outra vez. Então, quando James chegou em casa à noite, ela disse apenas:

— Minha mãe morreu. — Então se virou novamente para o fogão e acrescentou: — E a grama precisa ser aparada.

E ele entendeu: não falaria sobre aquilo. Durante o jantar, quando Marilyn contou aos filhos que a avó deles havia falecido, Lydia inclinou a cabeça e perguntou:

— Você está triste?

Marilyn olhou para o marido.

— Estou. Estou, sim.

Precisava resolver algumas coisas: assinar papéis, cuidar dos preparativos para o enterro. Então deixou as crianças com James e foi para a Virgínia de carro — havia muito deixara de pensar no lugar como seu *lar* — para resolver os assuntos da mãe. À medida que os vários quilômetros de Ohio e depois de Virgínia Ocidental passavam correndo, a pergunta da filha ecoava em sua mente. Não sabia respondê-la com segurança.

Estava triste? Ficara mais surpresa do que qualquer outra coisa: surpresa com a familiaridade que ainda sentia em relação à casa da mãe. Mesmo após oito anos, lembrava-se perfeitamente do jeitinho certo de girar a chave — para baixo e para a esquerda — para abrir a fechadura; ainda se lembrava da porta de tela que se fechava devagar assobiando. A luz do vestibulo estava queimada e as cortinas grossas da sala de estar, fechadas, mas seus pés se moviam por instinto apesar da escuridão: anos de treino lhe haviam ensinado a valsa em torno da poltrona e do divã para chegar à mesa ao lado do sofá. Seus dedos seguraram a placa canelada do interruptor do abajur na primeira tentativa. Aquela poderia ter sido a sua casa.

Quando a luz se acendeu, ela viu a mesma mobília pobre com que crescera, o mesmo papel de parede lilás granulado, feito seda. A mesma cristaleira repleta das bonecas da mãe, cujos olhos que não piscavam lhe causaram o familiar arrepio na nuca. Na cornija, as mesmas fotografias dela quando criança. Todas as coisas que precisava tirar dali. Estava triste? Não, após dirigir um dia inteiro, estava apenas cansada.

— Muitas pessoas acham essa tarefa desgastante — disse-lhe o agente funerário na manhã seguinte.

Ele lhe deu o telefone de uma companhia de limpeza especializada em deixar as casas prontas para a venda. *Vampiros*, pensou Marilyn. Que trabalho, esvaziar as casas dos mortos, fazendo pilhas de lixo da vida dos outros e arrastando-as até o meio-fio.

— Obrigada — disse ela, erguendo o queixo. — Prefiro cuidar disso sozinha.

Mas, ao tentar separar as coisas da mãe, não encontrou nada que quisesse guardar. O anel de ouro, os doze conjuntos de louça, a pulseira de pérolas que ganhara do pai de Marilyn: recordações de um dia de casamento malfadado. Os conjuntos de casacos recatados e de saias-lápis, as luvas e os chapéus

encaixotados: relíquias de uma existência contida de que Marilyn sempre sentira pena. A mãe amava aquela coleção de bonecas, mas seus rostos eram brancos feito giz, máscaras de porcelana sob perucas de crina de cavalo. Pequenas desconhecidas com olhares frios. Marilyn folheou os álbuns de retrato à procura de uma foto sua com a mãe, mas não encontrou nenhuma. Só Marilyn de trancinhas no maternal; Marilyn banguela no terceiro ano; Marilyn em uma festa na escola, com uma coroa de papel na cabeça. Marilyn no ensino médio em frente à árvore de Natal em um precioso filme Kodachrome. Três álbuns de fotografias de Marilyn e nenhuma foto sequer da mãe. Como se esta nunca tivesse estado ali.

Estava triste? Como poderia sentir falta da mãe quando esta não estava em lugar algum?

Então, na cozinha, encontrou o livro de receitas Betty Crocker, com a lombada tão danificada que havia sido colada duas vezes com fita adesiva. Na primeira página do capítulo sobre biscoitos, uma linha deliberada à margem da introdução, como a própria Marilyn fazia na faculdade para destacar um trecho muito importante. Não era uma receita. *Sempre deve haver biscoitos no pote!*, dizia o parágrafo. *Existe símbolo mais feliz de uma casa acolhedora?* Só isso. Sua mãe sentira necessidade de destacar aquilo. Marilyn olhou o pote de biscoitos em forma de vaca no balcão e tentou imaginar se alguma vez o tinha visto vazio. Quanto mais pensava, mais certa ficava de que não.

Ela folheou até os próximos capítulos, procurando mais rabiscos. Em “Tortas”, encontrou outro: *Se quer agradar um homem, prepare uma torta. Mas certifique-se de que seja uma torta perfeita. Pobre do homem que nunca encontrou uma torta de abóbora ou de creme ao chegar em casa.* Em “Ovos básicos”: *Cada homem gosta que a esposa prepare os ovos de um jeito específico. E é bem provável que seja exigente em relação a isso. Portanto convém que uma boa esposa saiba preparar ovos de seis maneiras básicas.* Imaginou a mãe tocando o lápis na ponta da língua e fazendo cuidadosamente um risco escuro na margem para não esquecer.

Você descobrirá que sua habilidade com saladas ajuda na qualidade de vida em sua casa à sua própria maneira.

Existe algo que a faz se sentir mais orgulhosa do que fazer pão?

Os pickles de Betty! A conserva de pêssego da tia Alice! O tempero de hortelã de Mary! Existe algo que lhe dê mais satisfação do que uma fileira de potes e copos brilhando na prateleira?

Marilyn olhou o retrato de Betty Crocker na contracapa do livro de receitas, os discretos fios grisalhos nas têmporas, a franja armada num topete, como se empurrada pelo arco de suas sobrancelhas. Por um segundo, pareceu sua mãe. *Existe algo que lhe dê mais satisfação?* Sua mãe sem dúvida diria que não, não, não. Pensou nela com uma pontada dolorosa de piedade; ela que havia planejado uma vida dourada, sabor baunilha, mas tinha terminado sozinha, presa feito uma

mosca naquela casa pequena, triste e vazia; naquela vida pequena, triste e vazia, longe da filha, sem qualquer rastro de si mesma que não aqueles sonhos marcados a lápis. Estava triste? Estava com raiva. Furiosa com a pequenez da vida de sua mãe. *Isso*, pensou ferozmente, tocando a capa do livro de receitas. *Isso basta para me lembrar dela. É tudo que quero guardar.*

Na manhã seguinte, telefonou para a companhia de limpeza recomendada pelo agente funerário. Os dois homens que apareceram na porta usavam uniformes azuis, feito faxineiros. Estavam barbeados e foram corteses; olharam para ela com compaixão, mas não disseram nada sobre “sua perda”. Com a eficiência de carregadores de mudança, encaixotaram bonecas, pratos e roupas. Embalaram os móveis com panos acolchoados e os empurraram até o caminhão. Para onde iriam, perguntou-se Marilyn com o livro de receitas no colo, os colchões, as fotografias, as prateleiras vazias? Para o mesmo lugar que as pessoas quando morriam: para lá, para longe, para fora de nossas vidas.

Na hora do jantar, os homens já haviam esvaziado a casa inteira. Um deles inclinou o chapéu para Marilyn; o outro assentiu discreta e educadamente. Então desceram os degraus da varanda e ligaram o caminhão. Ela percorreu os cômodos com o livro de receitas debaixo do braço, verificando se algo havia sido deixado para trás, mas os homens tinham sido minuciosos. Seu antigo quarto estava quase irreconhecível sem os pôsteres que haviam sido arrancados. Os únicos indícios de seu tempo ali eram os buracos de tachinha no papel de parede, invisíveis a menos que alguém soubesse onde procurar. Poderia ser a casa de um estranho. Ela não conseguia ver nada pelas cortinas abertas, apenas o anoitecer e seu rosto vagamente refletido pelo brilho da luminária do teto. Ao sair, parou na sala de estar, onde o tapete estava marcado pelos fantasmas dos pés das cadeiras, e observou a cornija, que virara uma linha clara sob uma extensão de parede vazia.

Ao pegar a estrada em direção a Ohio e à sua casa, aqueles cômodos vazios ficaram voltando em sua mente. Um nó se formou em sua garganta, e ela afastou aquele pensamento e pisou mais fundo no acelerador.

Na saída de Charlottesville, gotículas de chuva pingaram nas janelas. No meio de Virgínia Ocidental a chuva ficou pesada, cobrindo o para-brisa. Marilyn foi para a beira da estrada e desligou o motor, e os limpadores de para-brisa pararam no meio do movimento, dois riscos no vidro. Já passava da uma da manhã e não havia mais ninguém na estrada: nenhuma lanterna traseira no horizonte, nenhum farol no retrovisor, apenas terras agrícolas se estendendo nos lados da pista. Ela desligou os faróis e se recostou no banco. Como seria bom sentir a chuva, feito lágrimas, cobrindo todo o seu corpo.

Pensou mais uma vez na casa vazia, pertences de uma vida inteira agora em um brechó, ou no lixo. As roupas da mãe no corpo de alguma desconhecida, o anel em torno de um dedo estranho. Apenas o livro de receitas, no banco ao lado,

sobrevivera. Era a única coisa que valia a pena guardar, Marilyn lembrou a si mesma, o único lugar da casa onde havia um vestígio da mãe.

Ela então se surpreendeu, como se alguém o tivesse dito em voz alta: sua mãe estava morta, e a única coisa sobre ela que valia a pena lembrar, no fim, era que havia cozinhado. Marilyn pensou na própria vida, incomodada, nas horas passadas preparando o café da manhã, servindo o jantar, arrumando o almoço cuidadosamente em sacolas de papel. Como era possível gastar tantas horas passando manteiga de amendoim no pão? Como era possível gastar tantas horas cozinhando ovos? Fritos para James. Cozidos para Nath. Mexidos para Lydia. *Convém que uma boa esposa saiba preparar ovos de seis maneiras básicas.* Estava triste? Sim. Estava. Por causa dos ovos. Por causa de tudo.

Abriu a porta do carro e pisou no asfalto.

O barulho ali fora era ensurdecedor: um milhão de bolinhas de gude se chocando contra um milhão de telhados de zinco, um milhão de rádios chiando entre estações. Quando fechou a porta, já estava encharcada. Levantou o cabelo e baixou a cabeça, deixando que a chuva molhasse os cachos ali embaixo. Sua pele doía a cada gota. Ela se deitou no capô frio do carro e abriu os braços, deixando que a chuva espetasse todo o seu corpo.

Nunca, prometeu a si mesma. *Nunca vou acabar desse jeito.*

Dava para ouvir a água tamborilando no ferro embaixo da cabeça. O som era parecido com o de aplausos, um milhão de mãos batendo palmas. Ela abriu a boca e deixou que a chuva pingasse ali dentro, abriu os olhos e tentou olhar diretamente para a água que caía.

De volta ao carro, tirou a blusa e a saia, as meias e os sapatos. No banco do passageiro as roupas formavam um montinho triste ao lado do livro de receitas, feito uma bola de sorvete derretendo. A chuva abrandou, e o acelerador estava duro sob seu pé descalço quando ela fez o carro andar novamente. Teve um vislumbre de si mesma no retrovisor e, em vez de ficar constrangida ao se ver desnuda e vulnerável, admirou o brilho pálido da própria pele em contraste com o branco do sutiã.

Nunca, pensou novamente. *Nunca vou acabar desse jeito.*

Dirigiu noite adentro, para sua casa, com o cabelo pingando lentamente pequenos filetes em suas costas.

* * *

Em casa, James não sabia preparar ovos de maneira nenhuma. Todo dia, servia cereal no café da manhã e mandava cada uma das crianças para a escola com trinta centavos para a fila do almoço.

— Quando a mamãe volta para casa? — perguntava Nath, toda noite, amassando a bandeja de alumínio do jantar semipronto.

Sua mãe estava fora havia quase uma semana, e ele ansiava por voltar a comer ovos cozidos.

— Logo — respondeu James.

Marilyn não tinha lhe passado o número de telefone da casa da mãe, mas de qualquer forma a linha seria desativada em breve.

— Qualquer dia desses. O que vamos fazer neste fim de semana, hein?

Acabaram indo ao clube para aprender a nadar peito. Lydia ainda não sabia nadar, então James a deixou na casa da Sra. Allen, do outro lado da rua, durante a tarde. A semana toda ele vinha ansiando por um tempo a sós com o filho. Chegara a planejar como começaria: *Mantenha os braços dentro da água. Abra as pernas. Assim.* Embora James tivesse sido nadador no ensino médio, nunca ganhara um troféu; ele voltava para casa sozinho enquanto os outros se amontoavam no carro de alguém para celebrar comendo hambúrgueres e tomando milk-shakes. Ele suspeitava que Nath também tinha potencial para ser nadador: era baixo, porém esguio e forte. Na aula de natação do último verão, o menino tinha aprendido a nadar crawl e a boiar de barriga para baixo; já conseguia nadar por baixo d'água de um lado a outro da piscina. James imaginava que, no ensino médio, Nath seria a estrela da equipe, o colecionador de troféus, o pivô no revezamento. Seria ele quem levaria todos para jantar — ou para qualquer que fosse o programa dos jovens nos longínquos anos 1970 — depois dos encontros dos nadadores.

Quando chegaram à piscina naquele sábado, a parte rasa estava cheia de crianças brincando de Marco Polo; na parte funda, dois idosos davam voltas lentas. Ainda não havia espaço para ensiná-lo a nadar peito. James cutucou o filho.

— Vá brincar com os outros até que a piscina fique mais vazia.

— Tenho mesmo que fazer isso? — perguntou Nath, dobrando a ponta da toalha.

O único garoto que reconhecia ali era Jack, que na época morava na rua deles havia um mês. Embora ainda não tivesse começado a odiá-lo, Nath já sentia que não seriam amigos. Aos sete anos, Jack era alto e magro, sardento e ousado, não tinha medo de nada. Inconsciente das sensibilidades das brincadeiras infantis, James ficou irritado com a timidez do filho, com sua relutância. O jovem confiante de sua imaginação foi reduzido a um menininho nervoso: magricelo, pequeno, tão curvado que o peito chegava a ser côncavo. E, embora não admitisse, Nath, com suas pernas tortas, colocando os dedos de um pé em cima do outro, fazia-o se lembrar de si mesmo naquela idade.

— Viemos aqui para nadar — disse James. — A Sra. Allen está cuidando da sua irmã só para que *você* possa aprender a nadar peito, Nathan. Não desperdice o tempo de todo mundo.

Ele puxou a toalha das mãos do filho e o guiou com firmeza até a água,

ficando ali perto até que o menino entrasse. Então se sentou em um banco vazio perto da piscina, empurrando para o lado os pés de pato e óculos que haviam sido deixados ali. É para o bem dele, pensou James. Ele precisa aprender a fazer amigos.

Nath deu a volta na menina que estava encarregada de procurar as outras crianças naquela rodada da brincadeira. Ele foi quicando na ponta dos pés para manter a cabeça fora da água. James levou alguns minutos para reconhecer Jack e, quando o fez, sentiu uma pontada de admiração. Jack era um bom nadador, pretensioso e confiante na água, nadando em torno dos outros, reluzente e ofegante. Devia ter ido para o clube andando e sozinho, concluiu James; Vivian Allen ficara fofocando sobre Janet Wolff durante toda a primavera, sobre como deixava Jack sozinho enquanto trabalhava no hospital. *Talvez a gente possa dar uma carona para ele*, pensou James. *Ele pode ficar para brincar lá em casa até que a mãe termine o turno.* Ele seria um bom amigo para Nath, um bom exemplo. Imaginou Nath e Jack inseparáveis, fazendo um balanço de pneu no jardim, andando de bicicleta pela vizinhança. Em seu tempo de escola, James tinha vergonha de convidar os amigos para sua casa, temendo que reconhecessem sua mãe da fila do almoço ou o pai limpando o corredor. De qualquer forma, eles não tinham um jardim. Talvez brincassem de piratas, Jack sendo o capitão, e Nath, o imediato. Xerife e assistente. Batman e Robin.

Quando James voltou sua atenção para a piscina outra vez, estava na vez de Nath. Mas havia algo errado. As outras crianças se afastaram. Em silêncio, contendo risinhos, saíram da água e subiram na borda de azulejo. De olhos fechados, Nath vagava sozinho pelo meio da piscina, fazendo pequenos círculos, tateando a água. James o ouvia: *Marco. Marco.*

Polo, os outros respondiam. Eles davam voltas perto do raso, jogando água, e Nath ia de um lado para outro, seguindo os barulhos. *Marco. Marco.* Sua voz adquiria um tom melancólico.

Não era nada pessoal, James disse a si mesmo. Estavam brincando havia sabe-se lá quanto tempo; só tinham se cansado da brincadeira. Estavam só se distraindo. Não tinha nada a ver com Nath.

Então uma menina mais velha — de uns dez ou onze anos — gritou: “O chinêsinho não consegue achar a China!” e as outras crianças riram. Uma pedra se formou e afundou na barriga de James. Na piscina, Nath parou, os braços esticados sobre a superfície da água, sem saber o que fazer. Uma das mãos se abriu e fechou em silêncio.

Fora da piscina, James também ficou sem saber como agir. Podia obrigar as crianças a voltar para dentro da água? Qualquer coisa que dissesse chamaria atenção para a pegadinha. Poderia chamar o filho. *Está na hora de ir para casa*, diria. Então Nath abriria os olhos e não veria nada além de água ao seu redor. As narinas de James começaram a arder com o cheiro de cloro. Então, na outra

extremidade da piscina, viu o borrão de um corpo mergulhando silenciosamente. Um vulto deslizou em direção a Nath, uma cabeça loura veio à tona: Jack

— Polo — gritou ele.

O som ecoou nas paredes de azulejo: *Polo. Polo. Polo.* Zonzo de alívio, Nath avançou, e Jack ficou no lugar, batendo os pés, esperando, até que Nath segurou seu ombro. Por um instante, James viu alegria pura no rosto do filho, desfazendo o cenho franzido de frustração.

Então Nath abriu os olhos, e a alegria desapareceu. Viu as outras crianças agachadas à beira da piscina, rindo, a piscina vazia a não ser por Jack diante dele. O próprio Jack se virou para Nath e sorriu. Para Nath, era uma provocação: *Pegamos você.* Ele empurrou Jack para o lado e mergulhou; quando veio à tona do outro lado, saiu diretamente da água sem se enxugar. Nem limpou a água dos olhos, apenas deixou que escorresse pelo rosto ao ir em direção à porta, e por isso James não conseguiu ver se estava chorando.

No vestiário, Nath se recusou a falar. Recusou-se a vestir as roupas e até os sapatos, e, quando James estendeu as calças para o filho pela terceira vez, Nath deu um chute tão forte no armário que amassou a porta. James olhou para trás por cima do ombro e viu Jack espiando pela porta da área da piscina. Ele se perguntou se Jack estava prestes a dizer algo, a se desculpar, talvez, mas o garoto só ficou ali em silêncio, olhando. Nath, que não tinha visto Jack, se encaminhou para a recepção, e James juntou suas coisas em uma trouxa, saiu e deixou que a porta se fechasse.

Parte dele queria pegar o filho nos braços, dizer a ele que entendia. Mesmo após quase trinta anos, ainda se lembrava da aula de educação física na Lloyd, de como certa vez se embolara na camisa e quando sua cabeça emergiu suas calças haviam sumido do banco. Todos já estavam vestidos e enfiavam os uniformes de ginástica nos armários e amarravam os sapatos. Ele voltou para a sala de ginástica na ponta dos pés, escondendo as coxas e panturrilhas nuas com a mochila, procurando o Sr. Childs, o professor de educação física. Àquela altura o sinal já havia tocado e o vestiário estava vazio. Depois de dez minutos procurando, envergonhado por ser visto de samba-canção pelo Sr. Childs, encontrou as calças debaixo de uma pia, as pernas amarradas no sifão, bolas de poeira presas nas bainhas.

— Deve ter se misturado às roupas de outra pessoa — dissera o Sr. Childs. — Vá logo para a aula, agora, Lee. Você está atrasado.

James sabia que não fora um acidente. Depois do acontecido, bolara um sistema: calças primeiro, camisa depois. Nunca contara aquilo a ninguém, mas a lembrança perdurava.

Portanto, parte dele queria dizer a Nath que sabia como era ser alvo de gozação, como era não se encaixar nunca. A outra parte queria sacudir o filho, dar-lhe um tapa. Fazê-lo assumir uma forma diferente. Mais tarde, quando Nath

mostrou-se magro demais para o time de futebol americano, baixo demais para o de basquete, desajeitado demais para o de beisebol, quando pareceu preferir ler, estudar seu atlas e observar pelo telescópio em vez de fazer amigos, James pensaria naquele dia na piscina, naquela primeira decepção com o filho, naquela primeira e mais dolorosa ferida em seus sonhos paternais.

Contudo, naquela tarde ele deixou que Nath corresse até o quarto e batesse a porta. Na hora do jantar, quando bateu em sua porta para oferecer um bife com molho, Nath não respondeu, e, ali embaixo, James deixou que Lydia se aninhasse junto dele no sofá e assistisse a *The Jackie Gleason Show*. O que poderia dizer para consolar o filho? *Vai melhorar?* Ele não conseguiria mentir. Melhor esquecer a coisa toda. Quando Marilyn chegou em casa no domingo de manhã cedo, Nath ficou sentado, emburrado e calado, à mesa do café da manhã, e James dissera simplesmente:

— Algumas crianças caçoaram dele na piscina ontem. Ele precisa aprender a levar na esportiva.

Nath olhou com ódio para o pai, mas James, chateado ao pensar em tudo que não mencionara — *O chinês não consegue achar a China* —, não percebeu, nem Marilyn, que, inquieta, colocou tigelas e a caixa de cereais diante deles. Diante desse último ultraje, finalmente Nath rompeu o silêncio.

— Quero ovo cozido — insistiu.

Para a surpresa de todos, Marilyn caiu em prantos, e, no fim, dóceis e sem reclamar, comeram cereal mesmo.

No entanto, ficou claro para a família inteira que algo havia mudado na mãe. Ela passou o dia todo mal-humorada e sensível. No jantar, embora tivessem esperado um frango assado, uma carne moida ou um ensopado — enfim comida de verdade após todos aqueles jantares esquentados no forno —, Marilyn abriu uma lata de sopa de galinha com macarrão e outra de espaguete com molho de tomate.

Na manhã seguinte, depois que as crianças tinham ido para a escola, Marilyn pegou um pedaço de papel na gaveta da cômoda. O número de telefone de Tom Lawson ainda se destacava, bem preto no fundo azul-claro da folha pautada.

— Tom? — disse Marilyn quando ele atendeu. — Dr. Lawson. Aqui é Marilyn Lee. — Como ele não disse nada, acrescentou: — Mulher de James Lee. Nos conhecemos na festa de Natal. Falamos sobre a possibilidade de eu trabalhar no seu laboratório.

Uma pausa. Então, para a surpresa de Marilyn, uma risada.

— Contratei uma graduanda meses atrás — retrucou Tom Lawson. — Não imaginei que você estivesse falando sério. Com seus filhos, seu marido e tudo o mais.

Marilyn desligou sem se dar ao trabalho de responder. Ficou de pé na cozinha por um longo tempo, perto do telefone, olhando fixamente pela janela. Lá fora,

já não parecia primavera. O vento se tornara cortante e seco; os narcisos, enganados pelo clima quente, tinham as faces viradas para o chão. Estavam prostrados em toda a extensão do jardim, os caules quebrados, as trombetas amarelas murchas. Marilyn limpou a mesa e puxou as palavras cruzadas, tentando esquecer o tom de divertimento na voz de Tom Lawson. O papel de jornal grudava na madeira úmida, e, quando ela escreveu sua primeira resposta, a caneta rasgou o papel, deixando um “A” azul no tampo.

Ela pegou a chave do carro no gancho e a bolsa na mesa da entrada. Disse a si mesma que sairia apenas para desanuviar a cabeça. Apesar do frio, abriu a janela, e, ao dar a volta no lago uma, duas vezes, a brisa penetrou por baixo de seu cabelo até alcançar a nuca. *Com seus filhos, seu marido e tudo o mais.* Ela dirigiu sem pensar por toda Middlewood, passando pelo campus, pelo mercado e pela pista de patinação, e só quando se viu entrando no estacionamento do hospital entendeu que era para ali que estivera indo desde o começo.

Ali dentro, Marilyn se acomodou em um canto da sala de espera. Alguém tinha pintado o cômodo — paredes, teto, portas — de um azul-claro tranquilizante. Enfermeiras de chapéus e saias brancas entravam e saíam, deslizando feito nuvens, carregando seringas de insulina, potes de comprimidos, rolos de gaze. Voluntários passavam zunindo com carrinhos de almoço. E os médicos: avançavam sem pressa pelo alvoroço, feito jatinhos no céu. Sempre que apareciam, cabeças se viravam em sua direção; maridos nervosos, mães histéricas e filhas hesitantes ficavam de pé quando se aproximavam. Eram todos homens, Marilyn notou: Dr. Kenger, Dr. Gordon, Dr. McLenahan, Dr. Stone. O que a fizera achar que podia ser um deles? Parecia tão impossível quanto se transformar em um tigre.

Então, pelas portas duplas da sala de emergência: um vulto esguio de cabelo escuro puxado para trás em um coque perfeito. Por um instante, Marilyn não conseguiu classificá-la.

— Dra. Wolff — chamou uma das enfermeiras, erguendo uma prancheta do balcão, e a Dra. Wolff atravessou o cômodo para pegá-la, o salto alto estalando no piso de linóleo.

Marilyn só havia visto Janet Wolff uma ou duas vezes desde que a mulher se mudara para lá um mês antes, mas de qualquer forma não a teria reconhecido. Tinha ouvido dizer que Janet Wolff trabalhava no hospital — debruçada na cerca do jardim, Vivian Allen cochichara sobre os plantões noturnos, do filho largado solto por aí —, mas Marilyn imaginara uma secretária, uma enfermeira. Não aquela mulher graciosa, da sua idade, alta e de calça preta, com um jaleco branco solto em torno do corpo delgado. Aquela *Dra. Wolff*, com um estetoscópio pendurado no pescoço feito um colar de prata brilhante, que, com mãos experientes, tocava e revirava o pulso machucado de um trabalhador, que chamava com clareza e segurança do outro lado do cômodo:

— Dr. Gordon, posso falar com você sobre seu paciente, por favor?

E o Dr. Gordon largava a prancheta e ia até ela.

Não era imaginação sua. Todos repetiam seu nome, feito um mantra. Dra. Wolff. Dra. Wolff. Dra. Wolff. As enfermeiras, com frascos de penicilina nas mãos:

— Dra. Wolff, uma perguntinha rápida.

Os voluntários, ao passarem:

— Bom dia, Dra. Wolff.

E o mais miraculoso de tudo, os outros médicos:

— Dra. Wolff, posso pedir sua opinião, por favor?

— Dra. Wolff, estão precisando de você no quarto número dois.

Só então Marilyn enfim acreditou.

Como era possível? Como ela tinha conseguido? Marilyn pensou no livro de receitas da mãe: *Deixe alguém feliz hoje — faça um bolo! Faça um bolo — dê uma festa. Faça um bolo para levar a uma festa. Faça um bolo só porque está se sentindo bem hoje.* Imaginou a mãe batendo manteiga e açúcar, peneirando farinha, untando uma forma. *Existe algo que lhe dê mais satisfação?* Ali estava Janet Wolff, atravessando a sala de espera do hospital, o jaleco tão branco que chegava a brilhar.

É claro que era possível para ela: Janet não tinha marido. Deixava o filho solto por aí. Sem marido, sem filhos, talvez tivesse sido possível. *Eu poderia ter feito isso*, pensou Marilyn, e as palavras se encaixaram feito peças de um quebra-cabeça, chocando-a com sua precisão. O pretérito mais-que-perfeito, o tempo verbal das oportunidades perdidas. Lágrimas escorriam pelo seu queixo. Não, pensou de repente. *Posso fazer isso.*

Então, para seu constrangimento e horror, ali estava Janet Wolff diante dela, inclinando-se solicitamente em sua direção.

— Marilyn? É Marilyn, não é? Sra. Lee?

Ao que Marilyn respondeu com as únicas palavras que havia em sua mente:

— Dra. Wolff.

— O que houve? — perguntou a Dra. Wolff. — Você está doente?

De perto, seu rosto era surpreendentemente jovem. Sob a maquiagem, uma sutil constelação de sardas ainda cobria seu nariz. Sua mão, delicada no ombro de Marilyn, era firme e segura, assim como seu sorriso. *Vai ficar tudo bem*, parecia dizer.

Marilyn balançou a cabeça.

— Não, não. Está tudo bem. — Ergueu os olhos na direção de Janet Wolff. — Obrigada — falou, com sinceridade.

Na noite seguinte, após um jantar de raviólis enlatados e sopa de legumes enlatada, ela planejou tudo. Tinha todas as economias da mãe, o suficiente para alguns meses; quando a casa fosse vendida, teria mais, o suficiente para pelo

menos alguns anos. Em um ano, terminaria a graduação. Isso seria a prova de que ainda era possível. De que não era tarde demais. Depois, finalmente ela se matricularia na faculdade de medicina. Apenas oito anos após o planejado.

Enquanto as crianças estavam na escola, ela dirigiu por uma hora até a faculdade comunitária perto de Toledo e se matriculou em química orgânica, estatística avançada, anatomia: tudo que deixara para os últimos semestres. No dia seguinte, fez o percurso outra vez e encontrou uma quitinete mobiliada perto do campus, assinando um contrato para 1º de maio. Dali a duas semanas. Toda noite, quando estava sozinha, ela lia o livro de receitas novamente, tirando forças da vidinha solitária da mãe. *Você não quer isso*, lembrou a si mesma. *Sua vida será mais do que isso*. Lydia e Nath ficariam bem, repetia para si mesma. Não se permitiria pensar de outra forma. Ficariam com James. Bastava ver como haviam se saído bem enquanto ela estava na Virgínia. Ainda era possível.

No silêncio escuro, ela arrumou seus velhos livros didáticos em caixas de papelão e as guardou no sótão, prontas para a viagem. À medida que o mês de maio se aproximava, ela preparava uma refeição farta atrás da outra: almôndegas, estrogonofe, frango no creme com cogumelos — os pratos preferidos de James e das crianças, tudo preparado do zero, exatamente como sua mãe lhe ensinara. Ela fez um bolo cor-de-rosa para o aniversário de Lydia e a deixou comer à vontade. No dia 1º de maio, após o jantar de domingo, ela guardou as sobras de comida em tupperwares e os colocou no congelador; também preparou várias fornadas de biscoitos.

— Parece que você está se preparando para uma penúria — comentou James, rindo.

Marilyn sorriu também, um sorriso falso, o mesmo que dirigira à mãe durante todos aqueles anos. Bastava erguer os cantos da boca. Manter os lábios fechados. Era incrível como ninguém percebia a diferença.

Aquela noite, na cama, ela abraçou James, beijou seu pescoço, despiu-o devagar, como fazia quando eram mais jovens. Tentou memorizar a curva de suas costas e a concavidade na sua lombar, como se fossem uma paisagem que ela nunca mais veria, começando a chorar — a princípio em silêncio e depois, enquanto seus corpos colidiam de novo e de novo, mais intensamente.

— O que houve? — sussurrou James, acariciando sua bochecha. — O que aconteceu?

Marilyn balançou a cabeça e ele a puxou para perto, seus corpos grudentos e úmidos.

— Está tudo bem — disse ele, beijando-a na testa. — Tudo estará melhor amanhã.

De manhã, Marilyn se encolheu debaixo das cobertas, ouvindo enquanto James se vestia. O barulho do zíper quando ele fechou as calças. O tinido do cinto. Mesmo de olhos fechados, ela conseguia vê-lo endireitando a gola, alisando

a mecha rebelde que, mesmo após todos aqueles anos, ainda o fazia parecer um menino. Ela os manteve fechados quando James veio se despedir com um beijo, porque sabia que, se o visse, voltaria a chorar.

No ponto de ônibus, mais tarde naquela mesma manhã, ela se ajoelhou na calçada e deu um beijo na bochecha de Nath e em Lydia, sem ousar encará-los nos olhos.

— Sejam bonzinhos — disse a eles. — Comportem-se. Amo vocês.

Depois que o ônibus desapareceu na curva do lago, ela foi olhar o quarto da filha, depois o do filho. Pegou uma única presilha na cômoda de Lydia, de baquelita cor de cereja com uma florzinha branca, de um par que a menina raramente usava. Da caixa de charutos debaixo da cama de Nath, pegou uma bolinha de gude, não a preferida dele — a de cobalto com pontinhos feito estrelas —, mas uma das escuras, as que ele chamava de oleosas. Do sobretudo de James, o que usara na época em que ela estava na faculdade, ela arrancou o botão de reserva no avesso da lapela. Uma pequena lembrança de cada um, enfiada no bolso do vestido — um gesto que ressurgiria anos mais tarde em sua filha mais nova, embora Marilyn nunca fosse mencionar o pequeno roubo a Hannah nem a ninguém. Nada muito precioso ou adorado; algo de que talvez dessem falta, mas que não faria diferença para eles. Não havia necessidade de abrir mais um buraco, nem mesmo o de um alfinete, em suas vidas. Então Marilyn tirou as caixas de seu esconderijo no sótão e se sentou para escrever um bilhete para James. Mas como se escrevia algo como aquilo? Parecia errado usar seu papel de cartas, como se o marido fosse um desconhecido; mais errado ainda usar o bloquinho da cozinha, como se aquilo não fosse mais importante do que uma lista de compras. Finalmente ela pegou uma folha branca da máquina de escrever e se sentou em sua penteadeira com uma caneta.

Descobri que não estou feliz com a minha vida. Sempre tive em mente um tipo de vida, e as coisas acabaram acontecendo de um jeito muito diferente. Marilyn respirou fundo, ofegante. *Mantive esses sentimentos guardados por muito tempo, mas agora, tendo visitado a casa da minha mãe outra vez, penso nela e percebo que não posso mais ignorá-los. Sei que vocês vão ficar bem sem mim.* Ela hesitou, tentando convencer a si mesma de que aquilo era verdade.

Espero que você entenda por que tenho que ir embora. Espero que me perdoe.

Marilyn ficou sentada por um bom tempo, segurando a caneta esferográfica, sem saber como terminar. Acabou rasgando o bilhete e jogando os pedaços no lixo. Decidiu que era melhor simplesmente partir. Desaparecer da vida deles como se nunca tivesse estado ali.

Para Nath e Lydia, que naquela tarde não foram recebidos no ponto de ônibus, que entraram sozinhos em uma casa destrancada e vazia, foi exatamente assim que pareceu. Quando chegou em casa duas horas mais tarde, James encontrou os filhos aconchegados nos degraus da entrada, como se tivessem medo de ficar

sozinhos em casa, e fez diversas perguntas.

— Como assim *sumiu*? — perguntou a Nath, que só conseguia repetir *sumiu*, a única palavra que lhe vinha à mente.

Lydia, por sua vez, não disse nada durante o resto daquela noite confusa, em que o pai telefonou para a polícia e depois para todos os vizinhos, mas se esqueceu do jantar e da hora de dormir, enquanto os policiais faziam uma anotação atrás da outra, até que ela e Nath adormeceram no chão da sala de estar. Ela despertou no meio da noite na própria cama — onde o pai a colocara sem tirar seus sapatos — e bateu em busca do diário que a mãe tinha lhe dado no Natal. Enfim algo importante acontecera, algo que ela devia registrar. Mas não sabia explicar o que havia ocorrido, como tudo mudara em apenas um dia, como alguém que ela tanto amava podia estar ali num minuto e no seguinte *não estar*.

cinco

Hannah não sabe nada sobre aquele verão, do desaparecimento da mãe, tanto tempo atrás. Desde que se entende por gente, a família nunca tocou no assunto, e, mesmo que o tivessem feito, não teria mudado nada. Está furiosa com a irmã por ter sumido, perplexa por tê-los deixado para trás; saber só a deixaria ainda mais furiosa, mais perplexa. *Como você pôde*, teria pensado, *quando você sabia como era?* Na situação atual, ao imaginar a irmã afundando no lago, tudo que consegue pensar é: *Como?* E: *Qual foi a sensação?*

Esta noite ela vai descobrir. Seu relógio que brilha no escuro marca duas horas da manhã outra vez; ficou deitada a noite inteira, pacientemente, assistindo à troca dos números. Hoje, 1^o de junho, deveria ter sido seu último dia de aula; amanhã Nath deveria atravessar o palco usando a túnica azul e o capelo para pegar seu diploma. Mas eles não irão à formatura de Nath; nenhum dos dois foi para a escola desde que... Sua mente silencia o pensamento.

Na ponta dos pés, ela pisa no sexto degrau, que solta um rangido; pula a roseta do meio no tapete do hall de entrada e a tábua barulhenta embaixo dele, aterrissando com a delicadeza de um gato diante da porta. Embora lá em cima Marilyn, James e Nath estejam acordados em suas camas, tentando dormir, ninguém ouve: o corpo de Hannah conhece todos os segredos do silêncio. No escuro, seus dedos puxam a trava, então pegam a corrente de segurança e a tiram sem fazer barulho. Esse truque é novo. Antes do enterro, não havia corrente.

Ela vem praticando há três semanas, brincando com a tranca sempre que a mãe não está prestando atenção. Agora Hannah esgueira o corpo pela porta e pisa descalça no gramado, onde Lydia provavelmente esteve na última noite de sua vida. Acima, a lua paira atrás dos galhos, e o jardim, o caminho da casa até a calçada e as outras casas surgem aos poucos na escuridão granulosa. Era isso que a irmã devia ter visto naquela noite: reflexos de luar nas vidraças da Sra. Allen, todas as caixas de correio inclinadas de leve. O brilho fraco do poste na esquina, onde a rua principal dá a volta no lago.

Hannah para na beira do gramado, os dedos dos pés na calçada, os calcanhares ainda na grama, e imagina aquele vulto magro adentrando a escuridão. Ela não pareceu assustada. Então Hannah também segue reto até o meio da rua, onde ficaria a linha amarela se a rua fosse devidamente movimentada. Pelas janelas sombrias brilham os forros pálidos de cortinas. Não

há nenhuma luz na rua fora a da entrada da casa da Sra. Allen, que ela deixa acesa o tempo todo, até durante o dia. Quando era mais nova, Hannah achava que os adultos ficavam acordados até tarde todas as noites, até duas ou três da manhã, talvez. Ela acrescenta isso à lista de coisas que acabou descobrindo que eram falsas.

Ela para na esquina, mas vê apenas escuridão de ambos os lados, nenhum carro. Seus olhos se acostumaram ao escuro, e ela corre pela rua principal até a margem gramada do lago, mas ainda não consegue vê-lo. Só percebe que está se aproximando pela inclinação do chão. Passa por um aglomerado de bétulas, todas erguendo os braços rijos acima das cabeças como se estivessem se rendendo. Então, de repente, seus dedos do pé encontram a água. Sob o ruído baixo de um avião lá em cima, ela ouve: leves ondas contra seus tornozelos, o som discreto como o que sua língua faz na boca. Se olhar com muita atenção, consegue ver um leve brilho, como tule prateado. Não fosse por isso, não saberia que aquilo era água.

— Um belo local — disse o corretor a James e Marilyn logo que se mudaram para Middlewood.

Hannah ouviu aquela história muitas vezes.

— A cinco minutos do supermercado e do banco. E pense só nisso: o lago praticamente na porta de casa.

Ele olhou a barriga arredondada de Marilyn.

— Vocês e as crianças vão poder nadar durante todo o verão. É como ter uma praia particular.

James, encantado, concordou. Hannah sempre amou aquele lago. Agora era um lugar novo.

O píer, aplanado por anos de uso, tinha a mesma cor cinzenta e prateada ao luar e durante o dia. Na extremidade, uma pequena lâmpada no topo de um poste projeta sua luz sobre um fino círculo de água. Ela vai sair de barco, como Lydia deve ter feito. Vai remar até o meio do lago, onde a irmã acabou indo parar de alguma forma, e espiar dentro da água. Talvez então ela entenda.

Mas o barco não está ali. O município, com prudência tardia, o tinha tirado de lá.

Hannah se abaixa novamente e imagina a irmã desfazendo o nó da corda, então empurrando o barco para longe da margem, tão longe que ficava impossível distinguir a água da escuridão que a cercava. Enfim ela se deita no píer, balançando-se sutilmente, olhando para o céu noturno. É o mais perto que pode chegar da última noite da irmã.

Se aquele fosse outro verão, o lago ainda seria um lugar encantador. Nath e Lydia vestiriam trajes de banho e estenderiam toalhas na grama. Lydia, com a pele reluzindo de óleo, se deitaria ao sol. Se desse muita sorte, Hannah teria permissão de passar um pouco de óleo nos próprios braços, de refazer o laço do

biquíni de Lydia depois que ela tivesse bronzeadado as costas. Nath pularia no lago, espirrando uma névoa fina que enfeitaria a pele deles feito pérolas. Nos melhores dias — que eram muito, muito raros —, os pais vinham também. O pai nadava peito e *crawl* australiano e, quando estava de bom humor, levava Hannah para dentro do lago, em uma parte cujo fundo ela não conseguia alcançar com o pé, segurando-a enquanto ela chutava. A mãe, à sombra de um imenso chapéu, tirava os olhos da *New Yorker* quando Hannah voltava para a toalha e a deixava encolher-se silenciosamente perto do ombro para espiar os quadrinhos. Essas coisas só aconteciam no lago.

Eles não irão ao lago nesse verão; nem nunca mais. Ela sabe disso sem precisar perguntar. O pai passou as últimas três semanas em sua sala no departamento, embora a universidade tenha oferecido alguém para substituí-lo durante o restante do semestre. A mãe ficou várias horas no quarto de Lydia, olhando tudo, sem tocar em nada. Nath vagueia pela casa feito uma fera enjaulada, abrindo e fechando os armários na cozinha, pegando um livro atrás do outro, depois os largando outra vez. Hannah não diz uma palavra sequer. Essas são as novas regras, que ninguém descreve, mas que ela já conhece: não fale sobre Lydia. Não fale sobre o lago. Não faça perguntas.

Ela fica deitada, imóvel, por um longo tempo, imaginando a irmã no fundo do lago. Seu rosto estaria assim, virado para cima, estudando a água por dentro. Seus braços estariam assim, esticados, como se ela estivesse abraçando o mundo inteiro. Ela estaria com os ouvidos apurados, esperando que viessem encontrá-la. *A gente não sabia, pensa Hannah. A gente teria vindo.*

Isso não ajuda. Ela ainda não entende.

Em casa, Hannah vai ao quarto de Lydia na ponta dos pés e fecha a porta. Então levanta a saia da cama e puxa a estreita caixa de veludo escondida ali embaixo. Sob a tenda do cobertor de Lydia, ela abre a caixa e tira um medalhão de prata. O pai deu a joia a Lydia de aniversário, mas ela o enfiou debaixo da cama, deixando que o veludo ficasse coberto de poeira.

O colar está quebrado, mas de qualquer forma Hannah prometeu a Lydia que nunca o usaria, e ela não quebra promessas feitas a quem ama. Mesmo que a pessoa não esteja mais viva. Em vez disso, esfrega a corrente fina entre os dedos feito um terço. A cama tem o cheiro da irmã dormindo: um cheiro quente, almiscarado e forte — como o de um animal selvagem — que só surgia quando ela dormia profundamente. Hannah consegue quase sentir a marca deixada pela irmã no colchão, envolvendo-a como um abraço. De manhã, quando o sol entra pela janela, ela faz a cama outra vez, devolve o medalhão ao seu lugar e volta para o seu quarto. Por instinto, sabe que vai fazer isso de novo na noite seguinte, e na seguinte, e na seguinte, alisando o cobertor ao acordar, pisando com cuidado entre os sapatos e as roupas espalhadas ao caminhar até a porta.

Na hora do café da manhã, Nath desce a escada e encontra os pais brigando, então para no corredor perto da cozinha.

— Destrancada a noite inteira — dizia a mãe — e você nem liga.

— Não estava destrancada. O ferrolho estava fechado.

Pela irritação na voz do pai, Nath percebe que a conversa se desenrola há algum tempo.

— Alguém poderia ter entrado. Eu coloquei a corrente por um motivo.

Nath vai até a porta na ponta dos pés, mas os pais — Marilyn debruçada na pia, James curvado em sua cadeira — não erguem o olhar. Na extremidade da mesa, Hannah se contorce diante de sua torrada com leite. *Me desculpem*, pensa com toda a força. *Esqueci a corrente. Me desculpem. Me desculpem, me desculpem*. Os pais não percebem. Na verdade, agem como se ela não estivesse ali.

Um longo silêncio. Então James diz:

— Você acha mesmo que uma corrente na porta teria mudado alguma coisa? Marilyn bate sua xícara de chá com força na bancada.

— Ela nunca teria saído sozinha. Sei que não. Fugir assim, no meio da noite? Minha Lydia? Nunca. — Ela aperta a porcelana com ambas as mãos. — Alguém a levou até lá. Alguém maluco.

James solta um suspiro profundo e ofegante, como se tentasse levantar algo muito pesado. Marilyn vem dizendo coisas desse tipo há três semanas. Na manhã seguinte ao enterro, ele acordou logo após o raiar do sol e tudo lhe voltou à mente feito uma avalanche — o caixão lustroso, a pele escorregadia de Louisa tocando a dele, o leve gemido que soltara ao ficar sobre ela — e sentiu-se sujo de repente, como se estivesse coberto de lama. Ligou o chuveiro numa temperatura tão quente que não conseguiu ficar parado ali embaixo e teve que ficar girando, como em um espeto, expondo ao esguicho fumegante um pedaço novo de seu corpo a cada vez. Não ajudou em nada. Quando saiu do banheiro, um ruído baixo o levou à base da escada, onde Marilyn instalava a corrente na porta de entrada.

Teve vontade de dizer o que crescia em sua mente há dias: o que aconteceu com Lydia não era nada que eles pudessem trancar do lado de fora ou afugentar. Então a expressão no rosto de Marilyn o deteve: triste e assustada, mas também furiosa, como se ele tivesse alguma culpa naquilo. Por um instante, ela pareceu outra mulher, uma desconhecida. Ele engoliu em seco e tocou a gola da camisa, abotoando-a no pescoço.

— Bem, estou indo para a universidade. Minha aula de verão.

Quando se inclinou para beijá-la, ela recuou como se o toque dele queimasse. Na varanda da frente, o entregador tinha deixado o jornal. *Família local se despede de filha*.

O jornal ainda está trancafiado na última gaveta de sua escrivaninha. *Uma de*

apenas dois orientais no colégio Middlewood High — o outro sendo seu irmão, Nathan —, Lee se destacava nos corredores. Contudo, poucos parecem tê-la conhecido bem. Desde então, todos os dias mais matérias eram publicadas: qualquer morte é uma comoção em uma cidade pequena, mas a de uma jovem é uma mina de ouro jornalística. *Polícia ainda procura pistas sobre morte de garota. Suicídio é uma possibilidade, dizem os investigadores.* Toda vez que encontra uma matéria do tipo, ele dobra o jornal como se embrulhasse algo podre, antes que Marilyn ou as crianças o vejam. Só na segurança de sua sala é que ele o desdobra para ler com atenção. Então o acrescenta à pilha cada vez maior da gaveta trancada.

Agora ele baixa a cabeça.

— Não acho que foi isso que aconteceu.

Marilyn se retesou.

— O que você está insinuando?

Antes que James consiga responder, a campainha toca. É a polícia, e, quando os dois investigadores entram na cozinha, Nath e Hannah soltam um suspiro ao mesmo tempo. Enfim os pais vão parar de brigar.

— Só queríamos lhes passar as novidades — diz o mais velho, o policial Fiske, lembra-se Nath. Ele pega o caderninho no bolso e empurra os óculos para cima com o dedo gorducho. — Todos na delegacia sentem muitíssimo pela perda de vocês. Só queremos descobrir o que aconteceu.

— É claro, policial Fiske — murmura James.

— Falamos com as pessoas que vocês listaram. — O policial Fiske consulta o caderno. — Karen Adler, Pam Saunders, Shelley Brierley... todas elas dizem que mal a conheciam.

Hannah observa o rosto do pai ficar todo vermelho, como em uma reação alérgica.

— Falamos com vários colegas de turma de Lydia e também com os professores. Pelo que vimos, ela não tinha muitos amigos. — O policial Fiske ergue o olhar. — Vocês diriam que Lydia era uma menina solitária?

— Solitária? — James olha para a mulher e, pela primeira vez naquela manhã, para o filho.

Uma de apenas dois orientais no colégio Middlewood High — o outro sendo seu irmão, Nathan —, Lee se destacava nos corredores. James conhece a sensação: todos aqueles rostos pálidos, silenciosos e olhando fixamente. Ele tentou se convencer de que Lydia era diferente, que todas aquelas amigas a tornavam mais uma na multidão.

— Solitária — repete, devagar. — Ela passava mesmo muito tempo sozinha.

— Ela era muito ocupada — interrompe Marilyn. — Se dedicava muito aos estudos. Tinha muito dever de casa para fazer. Muitas horas de estudo. — Olha intensamente de um policial para o outro, como que temendo que não acreditem

nela. — Ela era muito inteligente.

— Ela parecia triste nas últimas semanas? — pergunta o policial mais jovem.
— Deu qualquer sinal de querer se machucar? Ou...

Marilyn nem espera que ele termine.

— Lydia era muito feliz. Ela amava a escola. Poderia ter feito qualquer coisa. Jamais sairia naquele barco sozinha.

Suas mãos começam a tremer e ela aperta a xícara de chá novamente, tentando mantê-las firmes — ela faz isso com tanta força que Hannah começa a achar que a mãe pode quebrá-la.

— Por que não estão procurando quem a levou até lá?

— Não há qualquer indício de que havia outra pessoa no barco — diz o policial Fiske. — Ou no píer.

— Como sabem disso? — insiste Marilyn. — Minha Lydia jamais pegaria um barco sozinha. — Ela entorna chá na bancada. — Nunca se sabe, hoje em dia, quem está à sua espreita.

— Marilyn — diz James.

— Leia o jornal. Há psicopatas em toda parte hoje em dia, sequestrando pessoas, atirando nelas. Estuprando-as. O que falta para a polícia começar a procurar *essas* pessoas?

— Marilyn — repete James, mais alto desta vez.

— Estamos trabalhando com todas as possibilidades — afirma o policial Fiske gentilmente.

— Sabemos disso — diz James. — Estão fazendo todo o possível. Obrigado. — Ele olha para Marilyn. — Não podemos pedir nada mais que isso.

Marilyn abre a boca novamente, mas a fecha sem dizer nada.

Os policiais trocam olhares. Então o mais jovem diz:

— Gostaríamos de fazer algumas perguntas a Nathan se não se incomodarem. A sós.

Cinco rostos se viram para o garoto, cujas bochechas ficam quentes.

— Eu?

— Só alguns detalhes — explica o policial Fiske. Põe a mão no ombro de Nath.
— Que tal irmos para a varanda?

Quando eles saem e o policial Fiske fecha a porta da frente, Nath se apoia no parapeito. Sob a palma de suas mãos, alguns pedaços de tinta se soltam e vão caindo no chão da varanda. Ele vem lutando contra a ideia de ligar para a polícia, de lhes contar sobre Jack e da suspeita. Em outra cidade, em outra época, talvez eles tivessem as mesmas suspeitas de Nath. Ou talvez se Lydia fosse diferente: uma Shelley Brierley, uma Pam Saunders, uma Karen Adler, uma adolescente normal, uma menina que eles compreendessem. A polícia talvez olhasse para Jack com mais atenção, reunisse um histórico de pequenas reclamações: professores injuriados com rabiscos nas mesas e comentários insolentes, outros

irmãos se ofendendo com as liberdades que ele tomava com suas irmãs. Talvez ouvissem as reclamações de Nath — *depois da escola, a primavera inteira, todo dia* — e chegassem a conclusões semelhantes. Uma menina e um menino, tanto tempo juntos, sozinhos — não seria tão difícil de entender, afinal, por que Nath observava Jack com tanta atenção e amargura. Eles identificariam sinais suspeitos em tudo que Jack já fez ou disse, assim como Nath havia feito.

Mas isso não vai acontecer. Isso complica a história, e a história — da forma como é contada pelos professores e alunos do colégio — é óbvia. O silêncio de Lydia, a falta de amigos. As notas que vinham caindo ultimamente. E, na verdade, a *estranheza* de sua família. Uma família sem amigos, de gente que não se encaixava. Tudo isso brilha com tanta força que, aos olhos da polícia, Jack fica à sombra. Uma menina como ela e um menino como ele, que pode ter — e tem — qualquer uma? É impossível para eles imaginar o que Nath sabe ser verdade, muito menos o que ele imagina. O policial Fiske costuma dizer aos subalternos: “Quando ouvirem o som de cascos, pensem em cavalos, não em zebras.” Nath, diriam, está apenas histérico. Ouvindo zebras em toda parte. Agora, cara a cara com a polícia, Nath percebe que é inútil sequer mencionar o nome de Jack eles já decidiram quem culpar.

O policial Fiske também se apoia no parapeito.

— Só queremos conversar um pouco, Nathan, a sós. Quem sabe você lembra algo que esqueceu? Às vezes irmãos e irmãs sabem coisas que os pais desconhecem, entende?

Nath tenta concordar, mas não consegue esboçar nenhuma resposta. Assente. Hoje, ele lembra de repente, seria o dia de sua formatura.

— Lydia tinha o hábito de sair sozinha, escondida? — pergunta o policial Fiske. — Não precisa se preocupar. Você não está encrencado. Só nos conte o que sabe.

Ele fica dizendo *só*, como se quisesse um favor minúsculo, uma coisinha de nada. Fale conosco. Conte para nós os segredos dela. Conte tudo. Nath começa a tremer. E tem certeza de que os policiais percebem.

— Ela alguma vez já escapuliu sozinha à noite? — pergunta o policial mais jovem.

Nath engole em seco, tenta se controlar.

— Não — resmunga. — Não, nunca.

Os policiais trocam olhares. Então o mais novo se apoia no parapeito ao lado de Nath, feito um adolescente se apoiando nos armários antes da aula, como se os dois fossem amigos. Esse é o papel dele, percebe Nath. Agir feito um colega, convencê-lo a falar. Seus sapatos estão tão polidos e brilhantes que refletem o sol, uma mancha indistinta de luz em cada dedão.

— Lydia se dava bem com os pais?

O policial se mexe, inquieto, e o parapeito range.

Talvez você também devesse participar de alguns clubes, querida, conhecer

gente nova. *Quer fazer um curso de verão? Pode ser divertido.*

— Nossos pais? — pergunta Nath. Ele mal reconhece sua voz. — Claro que sim.

— Você já viu um deles bater nela?

— Bater nela?

Lydia, tão mimada, tão bem-cuidada, como uma flor preciosa. A que estava constantemente nos pensamentos da mãe, mesmo enquanto ela lia, dobrando as páginas de matérias de que Lydia talvez fosse gostar. A que o pai beijava primeiro sempre que chegava em casa.

— Meus pais nunca machucariam Lydia. Eles a *amavam*.

— Ela alguma vez falou em se machucar?

O parapeito da varanda começa a ficar embaçado. Tudo que ele consegue fazer é balançar a cabeça. Não. Não. Não.

— Ela parecia chateada na noite em que desapareceu?

Nath tenta pensar. Ele quis contar a Lydia sobre a faculdade, as folhas verdes exuberantes contra o fundo de tijolos vermelho-escuros, como seria divertido. Como, pela primeira vez na vida, ele se mantivera ereto, como, daquele ângulo, o mundo parecera maior, mais vasto, mais iluminado. Só que ela tinha ficado calada durante todo o jantar, e depois tinha subido direto para o quarto. Ele achou que ela estava cansada. Pensou: *Conto para ela amanhã*.

E de repente, para seu terror, ele começa a chorar: lágrimas abundantes, descontroladas, que correm pelo seu nariz e para dentro da camisa.

Os dois policiais desviam o olhar, e o policial Fiske fecha o caderno e pega um lenço no bolso.

— Fique com ele — diz, estendendo-o para Nath e apertando seu ombro com força; e de uma hora para outra não estão mais ali.

* * *

Na casa, Marilyn diz a James:

— Então agora eu tenho que pedir sua permissão para falar com as pessoas?

— Não foi o que eu quis dizer. — James coloca os cotovelos na mesa e apoia a testa nas mãos. — Você não pode sair fazendo acusações absurdas. Não pode repreender a polícia.

— Quem está repreendendo? Só estou fazendo perguntas.

Marilyn larga a xícara de chá dentro da pia e liga a torneira. Uma espuma de detergente violenta brota no ralo.

— Explorando todas as possibilidades? Ele nem ouviu quando falei que poderia ser um estranho.

— Porque você está sendo histérica. Ouve uma notícia e fica cheia de caraminholas na cabeça. Deixe isso para lá. — James continua de cabeça baixa.

— Marilyn, apenas deixe isso para lá.

No breve silêncio que se segue, Hannah desliza para baixo da mesa e se encolhe ali, abraçando os joelhos. A toalha de mesa projeta uma sombra em forma de meia-lua no linóleo. Ela acha que, contanto que fique na sombra, recolhendo os dedos dos pés, os pais esquecerão que está ali. Nunca tinha ouvido os pais brigando. Às vezes discutem sobre quem se esqueceu de tampar a pasta de dentes ou quem deixou a luz da cozinha acesa a noite toda, mas depois a mãe aperta a mão do pai, ou seu pai beija a bochecha da mãe, e tudo fica bem novamente. Desta vez, tudo está diferente.

— Então eu não passo de uma dona de casa histérica? — A voz de Marilyn assume um tom frio e seco, feito o fio de uma lâmina de aço, e, debaixo da mesa, Hannah prende a respiração. — Bem, alguém é responsável. Vou descobrir o que aconteceu com ela, nem que tenha que fazer isso sozinha. — Ela limpa a bancada com o pano de prato e o solta. — Eu acho que você também devia querer saber. Mas olha só sua postura. *Claro, senhor policial. Obrigado, senhor policial. Não podemos pedir mais que isso, senhor policial.* — A espuma desce lentamente pelo ralo. — Eu sei pensar por conta própria, está bem? Ao contrário de certas pessoas, eu não fico bajulando a polícia.

No calor da fúria, Marilyn não pensa duas vezes no que diz. Já para James, a expressão sai da boca da mulher feito um tiro que se aloja no fundo de seu peito. Daquela palavra — *bajulando* — explodem *collies* recurvados, chineses de marias-chiquinhas, chapéu cônico e as palmas das mãos unidas. De olhos estreitos e servis. Reverentes e menosprezados. Há muito tempo ele suspeita de que todos o veem dessa forma: Stanley Hewitt, os policiais, a caixa no supermercado. Mas não achava que *todos* incluía Marilyn.

Ele larga o guardanapo amassado no lugar vazio e empurra a cadeira para longe da mesa, produzindo um guincho.

— Tenho aula às dez — diz.

Por baixo da borda da toalha de mesa, Hannah observa os pés com meias do pai, com um furinho se formando em um dos calcanhares, se afastarem em direção à escada que dá na garagem. Há uma pausa enquanto ele calça os sapatos, e logo depois a porta da garagem se abre com um ruído. Então, quando ele liga o carro, Marilyn pega a xícara de chá na pia e a joga no chão. Cacos de porcelana se espalham pelo linóleo. Hannah fica imóvel enquanto a mãe corre para o andar de cima e bate a porta do quarto, e o carro do pai sai de ré na garagem com um pequeno gemido mecânico e se afasta rugindo. Só quando tudo fica no mais completo silêncio ela ousa engatinhar para fora da mesa, para catar os fragmentos de porcelana na poça de água com detergente.

A porta da frente se abre rangendo, e Nath reaparece na cozinha, com os olhos e o nariz vermelhos. Ela então percebe que ele chorou, mas finge não notar, mantendo a cabeça baixa, empilhando os cacos um por um na mão em

concha.

— O que houve?

— A mamãe e o papai brigaram.

Ela joga a xicara quebrada na lata de lixo e enxuga as mãos nas coxas da calça boca de sino. Conclui que a água vai secar sozinha.

— Brigaram? Por quê?

— Não sei — sussurra Hannah. Embora não haja barulho no quarto dos pais lá em cima, ela está apreensiva. — Vamos lá para fora.

Uma vez ao ar livre, sem tocar no assunto, ela e Nath se dirigem para o mesmo lugar: o lago. Até o fim do quarteirão, ela esquadrinha a rua com atenção, como se o pai pudesse ainda estar por ali, já calmo, pronto para voltar para casa. Ela vê apenas alguns carros estacionados.

No entanto, o instinto de Hannah está certo. Ao sair da garagem, James também tinha sido atraído para o lago. Ele deu uma, duas voltas ali, as palavras de Marilyn ecoando em sua mente. *Bajulando a polícia*. Ele ouve isso repetidamente, o nojo palpável na voz da mulher, o quanto ela o menospreza. E James não pode culpá-la. Como Lydia poderia ter sido feliz? *Lee se destacava nos corredores. Poucos parecem tê-la conhecido bem. Suicídio é uma possibilidade*. Ele passa pela doca onde Lydia teria entrado no barco. Então pela ruazinha sem saída onde moravam. Então de novo pela doca. Em alguma parte no centro daquele círculo, sua filha, sem amigos e sozinha, deve ter pulado na água, desesperada. *Lydia era muito feliz*, disse Marilyn. *Alguém é responsável*. Alguém, pensa James, e um espinho comprido rasga sua garganta. Ele não suporta ver o lago outra vez. E então sabe onde quer estar.

Ele ensaiou o que diria a Louisa tantas vezes que acordou naquela manhã com as palavras nos lábios. *Foi um erro. Eu amo a minha mulher. Isso não pode voltar a acontecer*. Agora, quando ela abre a porta, o que sai de sua boca é:

— Por favor.

E Louisa, gentil, generosa e milagrosamente abre os braços.

Na cama dela, James consegue parar de pensar — em Lydia, nas manchetes, no lago. No que Marilyn deve estar fazendo em casa. Em quem é o *responsável*. Ele se concentra na curva das costas de Louisa e na seda pálida de suas coxas, no balanço escuro de seu cabelo que roça o rosto dele tantas vezes, sem parar. Depois, Louisa passa os braços em torno dele, por trás, como se fosse uma criança, e diz:

— Fica.

E ele fica.

* * *

O que Marilyn está fazendo é andar de um lado para outro no quarto de Lydia,

fervendo de fúria. É evidente o que a polícia acha, com todas as suas indiretas: *Não há qualquer indício de que havia outra pessoa no barco. Vocês diriam que Lydia era uma menina solitária?* Também é evidente que James concorda. Mas sua filha não pode ter sido tão infeliz. Sua Lydia, que estava sempre sorrindo, sempre querendo agradar? *Claro, mãe. Eu adoraria, mãe.* Dizer que ela poderia ter feito tal coisa consigo mesma... não, ela os amava demais para isso. Toda noite, antes de ir para o quarto, ela ia atrás de Marilyn onde quer que a mãe estivesse — na cozinha, no escritório, na área de serviço — e dizia, encarando-a: *Eu te amo, mãe. Até amanhã.* Até naquela última noite ela tinha dito isso — *amanhã* —, e Marilyn lhe deu um abraço rápido e um beijo no ombro e falou: “Ande logo, está tarde.” Ao pensar nisso, Marilyn desaba no tapete. Se soubesse, teria abraçado Lydia por mais tempo. Teria beijado a filha. Teria abraçado Lydia e nunca mais soltado.

A mochila de Lydia está murcha em cima da escrivaninha, onde a polícia a deixou após revistá-la, e Marilyn a puxa para o colo. Tem cheiro de borracha, de lápis apontado, de chiclete de hortelã — aromas preciosos de estudantes. Em seu abraço, os livros e fichários se movem sob o pano feito ossos sob a pele. Ela segura a mochila nos braços, pendurando as alças nos ombros, deixando que seu peso a abrace com força.

Então, ela repara em algo no bolso da frente semiaberto: um vislumbre de branco e vermelho. Escondida embaixo do estojo e de um maço de fichas, há uma fenda aberta no forro da mochila. Um pequeno rasgo, pequeno o bastante para não ser visto pelos policiais apressados, cuja intenção era escapar de um olhar ainda mais aguçado: o de uma mãe. Marilyn enfia a mão lá dentro e puxa um maço aberto de Marlboro. E, embaixo dele, encontra mais uma coisa: uma caixa aberta de camisinhas.

Ela larga ambos, como se tivesse encontrado uma cobra, e empurra a mochila para longe com um baque. Devem pertencer a outra pessoa, ela pensa; não podiam ser de Lydia. Sua Lydia não fumava. Quanto às camisinhas...

No fundo, Marilyn não chega a se convencer. Naquela primeira tarde, quando os policiais perguntaram se Lydia tinha namorado, ela respondeu, sem hesitar: “Ela mal fez dezesseis anos.” Agora, olha para as duas caixinhas, presas na prega da sua saia, e os contornos da vida de Lydia — antes tão claros e definidos — começam a ondular. Zonza, Marilyn apoia a cabeça na lateral da escrivaninha de Lydia. Vai descobrir tudo o que não sabe. Vai continuar procurando até entender como isso pode ter acontecido, até entender a filha por completo.

* * *

No lago, Nath e Hannah se acomodam na grama e olham para a água, em silêncio, esperando o mesmo tipo de iluminação. Em um dia de verão normal,

pelo menos umas cinco crianças estariam ali brincando na água ou pulando do pier, mas hoje o lago está deserto. Talvez estejam com medo de nadar, pensa Nath. O que acontece com cadáveres na água? Será que se dissolviam, feito comprimidos? Ele não sabe e, ao ponderar sobre as possibilidades, fica feliz por o pai não ter deixado ninguém, fora ele próprio, ver o corpo de Ly dia.

Ele não tira os olhos da água, deixando o tempo passar. Só quando Hannah se apruma e acena para alguém é que ele sai do transe, a atenção se voltando lentamente para a rua: Jack, com uma camiseta azul desbotada e calça jeans, indo para casa, voltando da formatura com uma túnica dobrada no braço — como se fosse apenas um dia qualquer. Nath não o vê desde o enterro, embora espie a casa de Jack duas ou três vezes por dia. Quando Jack vê Nath, sua expressão muda. Ele desvia depressa o olhar, como que fingindo não ter visto nenhum dos dois ali, e acelera o passo. Nath se levanta de um salto.

— Aonde você vai?

— Falar com Jack

Na verdade, ele não sabe bem o que vai fazer. Nunca entrou em uma briga antes — ele é mais magro e mais baixo do que a maioria dos meninos de sua turma —, mas tem vislumbres de si mesmo agarrando Jack pela camiseta e pressionando-o contra uma parede, de Jack subitamente admitindo sua responsabilidade. *Foi minha culpa: eu a enganei, a convenci, a provoqueei, a decepcionei.* Hannah se precipita e o segura pelo pulso.

— Não.

— É por causa dele — afirma Nath. — Ela nunca saiu por aí no meio da noite antes de *ele* aparecer.

Hannah puxa seu braço, fazendo-o ficar de joelhos outra vez, e Jack, quase correndo agora, com a túnica azul da formatura flutuando atrás de si, alcança sua rua. Olha para eles lá atrás, e não há dúvida: medo nos ombros curvados, medo na maneira como olha para Nath e depois desvia o olhar depressa. Então ele vira a esquina e desaparece. Nath sabe que em alguns segundos Jack subirá as escadas da sua varanda, abrirá a porta e estará fora de alcance. Nath tenta se desvencilhar à força, mas Hannah finca as unhas em sua pele. Ele não sabia que uma criança podia ser tão forte.

— Me solta...

Os dois caem na grama, e enfim Hannah solta o braço do irmão. Nath se senta lentamente, sem fôlego. A esta altura, ele pensa, Jack está a salvo dentro de casa. Mesmo que ele tocasse a campainha e batesse na porta, Jack nunca sairia.

— Por que você fez isso? — Hannah tira uma folha seca do cabelo. — Não brigue com ele. Por favor.

— Você está maluca. — Nath esfrega o pulso, onde as unhas dela deixaram cinco arranhões vermelhos. Um deles começou a sangrar. — Caramba. Eu só queria falar com ele.

— Por que você está tão bravo com Jack?

Nath solta um suspiro.

— Você viu como ele estava estranho no enterro. E ainda agora. Como se estivesse com medo de que eu descubra algo. — Ele abaixa o tom de voz. — Eu sei que ele tem algo a ver com isso. Posso sentir. — Bate com o punho no peito, logo abaixo do pescoço, e pensamentos que nunca verbalizou lutam para vir à tona. — Sabe, Lydia caiu no lago uma vez, quando éramos pequenos — diz, e as pontas dos seus dedos começam a tremer, como se tivesse dito algo proibido.

— Não me lembro disso — retruca Hannah.

— Você ainda não havia nascido. Eu tinha apenas sete anos.

Para surpresa do irmão, Hannah se aproxima, sentando-se ao seu lado. Delicadamente ela toca seu braço onde o arranhou, e apoia a cabeça nele. Hannah nunca tinha ousado se sentar tão perto de Nath; ele, Lydia e os pais sempre a afastavam ou dispensavam na mesma hora. *Hannah, estou ocupada. Estou no meio de uma tarefa. Me deixe em paz.* Desta vez — ela prende a respiração — Nath a deixa ficar. Embora ele não diga mais nada, o silêncio dela deixa claro que está ouvindo.

O verão em que Lydia caiu no lago, o verão em que Marilyn desapareceu: todos eles haviam tentado esquecê-lo. Não falavam sobre isso; nunca o mencionavam. Mas ele pairava, feito um cheiro ruim. Ele se impregnou de tal maneira que nunca poderia ser eliminado.

James telefonava para a polícia todas as manhãs. Precisavam de mais fotos de Marilyn? Havia mais alguma informação que ele poderia lhes passar? Ele poderia ligar para mais alguém? Em meados de maio, quando já fazia duas semanas do sumiço de Marilyn, o policial encarregado do caso lhe disse, delicadamente:

— Sr. Lee, agradecemos toda a ajuda que o senhor deu. E estamos procurando o carro. Mas não posso prometer nada. Sua mulher levou roupas, as chaves. Fez malas. — Mesmo naquela época, o policial Fiske detestava dar falsas esperanças. — Esse tipo de coisa acontece às vezes. Às vezes, as pessoas simplesmente são muito diferentes.

Ele não disse *mestiças*, ou *inter-raciais*, ou *incompatíveis*, mas não precisou. James ouviu mesmo assim, e se lembraria do policial Fiske com muita clareza, mesmo uma década mais tarde.

Às crianças, ele disse:

— A polícia está procurando. Vão encontrá-la. Ela vai voltar para casa logo, logo.

Lydia e Nath se lembravam do episódio da seguinte maneira: semanas se passaram e a mãe continuava *sumida*. No recreio, as outras crianças cochichavam e os professores lhes lançavam olhares cheios de pena, e era um alívio quando a aula enfim terminava. Depois disso, o pai deles ficava no escritório e os deixava assistir à televisão o dia todo, de *Super Mouse* e *O vira-lata* de manhã até *I've Got a Secret* tarde da noite. Quando Lydia perguntou, certa vez, o que ele fazia no escritório, o pai suspirou: “Ah, eu me ocupo.” Ela imaginou o pai com sapatos de borracha macios, dando pequenos passos no chão liso: se ocupando, ocupando, ocupando. “Quer dizer que ele lê livros e tal, sua besta”, explicou Nath, e os sapatos de borracha macios se transformaram nos sapatos normais marrons do pai com os cadarços esgarçados.

O que James fazia de fato, a cada manhã, era pegar um pequeno envelope no bolso da camisa. Depois que a polícia foi embora naquela primeira noite com uma foto de Marilyn e garantias de que fariam todo o possível, depois que ele pegara as crianças e as colocara na cama ainda de roupa, ele notou os pedaços

de papel rasgado na cesta de lixo do quarto. Então os separou, um por um, das bolas de algodão, dos jornais velhos, dos guardanapos manchados com o batom da mulher. Ele os montou feito um quebra-cabeça na mesa da cozinha, encaixando cada lateral rasgada numa outra. *Sempre tive em mente um tipo de vida, e as coisas acabaram acontecendo de um jeito muito diferente.* A metade inferior da folha estava em branco, mas ele não parou até que cada fragmento fosse encaixado. Ela sequer tinha assinado o bilhete.

Ele lia e relia o bilhete, sem tirar os olhos das pequenas ranhuras de madeira que se infiltravam pelos pedaços brancos, até que o céu azul-marinho lá fora se tornava cinza. Então ele enfiava os pedaços de papel em um envelope. Todos os dias — embora promettesse a si mesmo que *aquela* seria a última vez — ele acomodava Nath e Lydia na frente da televisão, trancava a porta do escritório e pegava os pedaços de papel novamente. Ele lia o bilhete enquanto as crianças assistiam a desenhos animados, novelas e programas de auditório, enquanto se acomodavam, sem sorrir, vendo *A feiticeira*, *Let's Make a Deal* e *To Tell the Truth*, enquanto — apesar das melhores piadas de Johnny Carson — elas pegavam no sono.

Quando se casaram, ele e Marilyn haviam concordado em esquecer o passado. Começariam uma nova vida juntos, os dois, sem olhar para trás. Com o sumiço de Marilyn, James quebrou o pacto repetidamente. Toda vez que lia o bilhete, pensava na mãe dela, que nunca se referira a ele pelo nome, só de maneira indireta — para Marilyn — como *seu noivo*. A mãe cuja voz ele ouvira no dia do seu casamento, ecoando pela recepção de mármore do cartório feito um anúncio em um sistema de alto-falantes, tão alto que várias cabeças haviam se virado para olhar: *Isso não está certo, Marilyn. Você sabe que não está certo.* Ela, que quisera que Marilyn se casasse com alguém que tivesse *mais a ver com ela*. Que nunca mais telefonara para eles depois do casamento. Tudo aquilo devia ter voltado à mente de Marilyn enquanto comia à mesa da mãe e dormia na cama da mãe: que erro cometera ao se casar com ele. Sua mãe estava certa desde o início. *Mantive esses sentimentos guardados por muito tempo, mas agora, tendo visitado a casa da minha mãe outra vez, penso nela e percebo que não posso mais ignorá-los.* No jardim de infância, ele aprendeu a fazer com que um hematoma parasse de doer: bastava apertá-lo várias vezes com o dedão. Na primeira vez, doía tanto que seus olhos lacrimejavam. Na segunda, doía um pouco menos. Na décima vez, mal podia ser considerado dor. Portanto, ele lia e relia o bilhete. Lembrou tudo o que pôde: Marilyn ajoelhada para amarrar os tênis de Nath; Marilyn levantando sua gola para pôr o colarinho. Marilyn naquele primeiro dia em sua sala na faculdade: esguia e séria, tão concentrada que ele mal ousara encará-la.

Não parou de doer. Seus olhos não pararam de lacrimejar.

Quando ouvia o fim da programação da estação de rádio, tarde da noite, e o

hino nacional começava a tocar, ele colocava os pedaços do bilhete de Marilyn no envelope e o devolvia ao bolso da camisa. Então ia na ponta dos pés até a sala, onde as crianças estavam encolhidas, juntas, no chão perto do sofá, iluminadas pelo teste de imagem da televisão. O índio no topo da tela espiava James carregar primeiro Lydia, depois Nath, para a cama. Então — porque, sem Marilyn, a cama parecia vazia demais, feito um platô deserto —, ele voltava para a sala, cobria-se com um velho xale de crochê no sofá e examinava os círculos na tela até que o sinal fosse cortado. De manhã, tudo recomeçava.

A cada manhã, Lydia e Nath, vendo-se de volta às suas camas, se perguntavam só por um instante se o universo tinha se endireitado: quem sabe entrariam na cozinha e encontrariam a mãe ao fogão, esperando por eles com amor, beijos e ovos cozidos. Nenhum dos dois mencionava aquela doce esperança, mas a cada manhã, quando se encontravam na cozinha e só viam o pai ali, de pijama amarrotado, colocando duas tigelas vazias na mesa, eles se entreolhavam e sabiam. Ainda *sumida*.

Tentavam se manter ocupados, trocando os marshmallows do cereal para fazer com que o café da manhã durasse o máximo possível: um cor-de-rosa por um laranja, dois amarelos por um verde. Na hora do almoço, o pai deles fazia sanduíches, mas nunca acertava — pouca manteiga de amendoim ou pouca geleia, cortava em cruz em vez de em triângulos como a mãe deles teria feito. Lydia e Nath, subitamente diplomáticos, não diziam nada, nem mesmo no jantar, quando comiam sanduíche de manteiga de amendoim e geleia outra vez.

Eles só saíam de casa para ir ao mercado.

— Por favor — implorou Nath certo dia, a caminho de casa, enquanto o lago passava brilhando pela janela do carro. — Por favor, podemos nadar? Só uma horinha. Só cinco minutos. Só dez segundos.

Com os olhos no retrovisor, James não desacelerou e disse:

— Você sabe que Lydia não sabe nadar. Não estou a fim de bancar o salva-vidas hoje.

Entraram na rua deles, e Nath deslizou no banco de trás e beliscou o braço de Lydia.

— Bebezona — sibilo. — Não podemos nadar por causa de *você*.

Do outro lado da rua, a Sra. Allen estava podando o jardim e, quando as portas do carro se abriram, os chamou com um aceno.

— James. James, faz tempo que não vejo você.

Ela segurava um ancinho pequeno e afiado e usava luvas cor-de-rosa e roxas, mas, quando se apoiou na parte interna do portão do jardim e as tirou, Lydia viu que suas unhas estavam cheias de terra.

— Como vai Marilyn? — perguntou. — Faz tempo que ela está fora, não é? Espero que esteja tudo bem.

Seus olhos estavam animados e brilhantes, como se — pensou Nath — ela

fosse ganhar um presente.

— Estamos nos virando — retrucou James.

— Por quanto tempo ela vai ficar fora?

James olhou para as crianças e hesitou.

— Indefinidamente. — Ao seu lado, Nath chutou o portão da Sra. Allen. — Não faça isso, Nath. Vai amassar.

A Sra. Allen olhou para eles, mas as crianças desviaram os olhos ao mesmo tempo. Seus lábios eram finos demais, seus dentes, brancos demais. Debaixo do calcanhar do sapato de Lydia, uma bola de chiclete a grudava ao concreto feito cola. Mesmo que tivesse permissão para isso, pensou, não poderia sair correndo.

— Vocês dois se comportem, e sua mãe vai voltar logo, não é mesmo? — comentou a Sra. Allen.

Ela virou seu sorriso de lábios finos para James, que não a encarou.

— Nossas compras devem estar derretendo — disse James, embora ele, Lydia e Nath soubessem que não havia nada na sacola fora uma garrafa de leite, dois potes de manteiga de amendoim e um pão. — Bom ver você, Vivian.

Ele colocou o saco de papel debaixo do braço, pegou os filhos pela mão e virou-se, enquanto o chiclete na sola do sapato de Lydia se esticava e se partia, deixando uma minhoca comprida e seca na calçada.

Durante o jantar, Nath perguntou:

— O que quer dizer *indefinidamente*?

O pai olhou de repente para o teto, como se Nath tivesse apontado para um inseto que o pai não queria perder de vista. Os olhos de Lydia ficaram quentes, como se ela estivesse olhando para dentro do forno. Nath, arrependido, cutucou o sanduíche com o nó do dedo, espremendo manteiga de amendoim na toalha de mesa, mas o pai não percebeu.

— Quero que vocês esqueçam tudo o que a Sra. Allen disse — ordenou James finalmente. — Ela é uma mulher tola e não conhece a mãe de vocês nem um pouco. Quero que vocês finjam que nunca falamos com ela. — Ele deu tapinhas nas mãos dos filhos e tentou sorrir. — Isso não é culpa de ninguém. Muito menos de vocês.

Lydia e Nath sabiam que ele estava mentindo e entenderam que as coisas seriam assim por muito tempo.

O clima ficou quente e pegajoso. Toda manhã, Nath contava os dias desde o sumiço da mãe: vinte e sete. Vinte e oito. Vinte e nove. Ele estava cansado de ficar dentro de casa no ar parado, cansado da televisão, cansado da irmã, que olhava para a TV em silêncio e com o olhar cada vez mais vidrado. O que poderia dizer? A ausência da mãe os corroía silenciosamente, uma dor surda que se expandia. Certa manhã no início de junho, quando Lydia adormeceu durante um intervalo comercial, ele foi até a porta da frente na ponta dos pés. O pai tinha dito para não saírem de casa, mas os degraus da varanda, Nath concluiu, ainda

faziam parte da casa.

No fim da rua, Jack subiu no parapeito da própria varanda e apoiou o queixo nos joelhos. Desde o dia na piscina, ele não tinha falado com Jack, nem mesmo dado um oi. Quando saíam juntos do ônibus da escola, Nath puxava as alças da mochila e ia para casa o mais depressa possível. No recreio, se via Jack vindo em sua direção, corria para o outro lado do pátio. Não gostar de Jack estava se tornando um hábito. Mas quando Jack virou a cabeça, o viu e começou a vir pela rua, Nath ficou parado. Falar com alguém, mesmo que fosse Jack, seria melhor do que mais silêncio.

— Quer uma? — perguntou Jack quando alcançou os degraus.

Aninhadas na palma da mão estendida, havia seis balas vermelhas, em forma de peixe, do tamanho do seu polegar. Da cabeça até a cauda, da cauda até a cabeça, os peixes brilhavam feito joias. Jack sorriu, e até as pontas de suas orelhas se ergueram.

— Comprei na lojinha. Dez centavos a concha.

Na mesma hora, Nath foi tomado por um anseio intenso: pelas prateleiras de tesouras, cola e lápis de cera, as latas de bolinhas de quicar, de lábios de cera e ratos de borracha, as barras de chocolate embrulhadas em papel-alumínio alinhadas no balcão da entrada e, junto à caixa registradora, o grande jarro de vidro com balas cor de rubi, o aroma de cereja que subia dali assim que se levantava a tampa.

Jack mordeu a cabeça de um dos peixes e estendeu a mão outra vez.

— São gostosas.

De perto, os cílios de Jack tinham o mesmo tom louro-escuro dos cabelos, as pontas douradas onde batia a luz do sol. Nath enfiou uma bala na boca e deixou que a doçura se infiltrasse nele, contando as sardas na bochecha de Jack nove.

— Você vai ficar bem — disse Jack de repente. Ele se inclinou na direção de Nath, como se estivesse contando um segredo. — Minha mãe diz que as crianças só *precisam* do pai ou da mãe. Ela diz que se meu pai não se importa o suficiente para me ver, o azar é dele, não meu.

A língua de Nath ficou rígida e grossa, feito um pedaço de carne. De repente, não conseguia mais engolir. Um fio de baba adocicada quase o fez se engasgar, e ele cuspiu a bala mastigada na grama.

— Cala a boca — sibilou. — Você... cala a boca.

Ele cuspiu outra vez, só para garantir, tentando tirar o gosto de cereja da boca. Então ficou de pé e voltou para dentro de casa, batendo a porta com tanta força que fez a tela tremer. Atrás dele, Jack se demorou abaixo dos degraus, olhando para os peixes presos em sua mão. Mais tarde, Nath se esqueceria do que exatamente Jack dissera para deixá-lo com tanta raiva. Só se lembraria da ira em si, que se remoera como se sempre tivesse existido.

Então, alguns dias depois, uma distração maravilhosa surgiu — para Nath,

pelo menos. Certa manhã, ele ligou a televisão, mas não estava passando nenhum desenho animado. Havia Walter Cronkíte, sereno à sua mesa como se estivesse apresentando o noticiário da noite — mas eram apenas oito da manhã, e sua mesa estava fora da emissora, com o vento de Cabo Kennedy balançando seus papéis e seu cabelo. Havia um foguete parado numa plataforma de lançamento atrás dele; na parte de baixo da tela, um cronômetro contava os segundos. Era o lançamento do *Gemini 9*. Se Nath conhecesse a palavra, teria pensado: *surreal*. Quando o foguete disparou no ar em uma massa de fumaça cor de enxofre, ele chegou tão perto da televisão que seu nariz sujou a tela. Os números na base do monitor mostravam dados impossíveis: onze mil quilômetros por hora, quinze, dezesseis mil. Ele não sabia que algo podia voar tão alto.

Nath passou a manhã toda absorvendo as notícias, saboreando cada novo termo como um bombom caro: *Rendez-vous*. *Mapa orbital*. Lydia se encolheu no sofá e adormeceu, enquanto, durante toda a tarde, Nath repetia: *Gemini*. *GE-mi-ni*. Como um feitiço. A câmera permaneceu focada no céu até muito depois de o foguete ter desaparecido no azul, focada na coluna de fumaça branca evanescente que ele havia deixado. Pela primeira vez em um mês, ele se esqueceu da mãe, por um instante. Lá em cima — a cento e trinta quilômetros de altura, cento e quarenta e cinco, cento e cinquenta, diziam os números — tudo na Terra ficaria invisível. Mães que desapareciam, pais que não amavam os filhos, crianças que zombavam das outras — tudo se reduzia a pontinhos e sumia. Lá em cima: nada além de estrelas.

No dia e meio que se seguiu, apesar das reclamações de Lydia, Nath se recusou a trocar o canal para reprises de *I Love Lucy* ou *Papai sabe tudo*. Passou a se referir aos astronautas — Tom Stafford e Gene Cernan — pelo primeiro nome, como se fossem seus amigos. Quando transmitiram a primeira fala dos astronautas, Lydia só ouviu ruídos confusos e indistintos, como se as vozes tivessem passado por um moedor. Mas Nath não teve dificuldade em entender as palavras: Gene, sem fôlego, sussurrando “Nossa, como é lindo aqui”. A Nasa não tinha imagens dos homens em órbita, portanto o canal transmitiu uma simulação: um ator preso por cabos, um cenário criado em um estúdio em Missouri. Mas, quando a figura com roupa de astronauta saiu da cápsula e flutuou graciosamente, sem esforço, para cima — os pés virados para o céu, presos por *nada* —, Nath se esqueceu de que não era real. Esqueceu-se de tudo. Esqueceu-se de respirar.

No almoço, enquanto comiam seus sanduíches de manteiga de amendoim, Nath disse:

— Os astronautas comem *creme de camarão, ensopado de carne e bolo de abacaxi*.

Já no jantar, disse:

— Gene é o homem mais novo que já foi para o espaço, e eles vão fazer a

caminhada mais longa até então lá.

De manhã, enquanto o pai servia cereal, que ele estava animado demais para comer, Nath disse:

— Os astronautas usam *calças de ferro* para proteger as pernas dos propulsores.

James, que deveria amar astronautas — o que eles eram, afinal, senão caubóis modernos, aventurando-se na mais nova fronteira? —, não sabia nada daquilo. Preso em seus pensamentos, com o bilhete rasgado de Marilyn junto ao peito, ele via a nova obsessão do filho pela outra extremidade do telescópio. Os astronautas, muito longe no céu, eram meros pontinhos. Dois homenzinhos em uma lata de sardinha, brincando com porcas e parafusos, enquanto na Terra as pessoas desapareciam, até morriam, e outros estavam na luta para sobreviver por mais um dia. Tão frívolo, tão ridículo: atores brincando de se fantasiar, presos por cabos, fingindo serem corajosos. Dançando com os pés acima da cabeça. Nath, hipnotizado, não tirava os olhos da tela o dia todo com um sorriso sereno no rosto, e James sentia um arroubo quente de ressentimento em sua garganta.

Certo domingo, no fim da tarde, Nath disse:

— Papai, você acredita que as pessoas possam ir quase até a Lua e *ainda assim voltar*?

E James lhe deu um tapa tão forte que Nath bateu os dentes.

— Pare de falar essas bobagens. Como você consegue pensar nessas coisas quando...

Ele nunca tinha batido em Nath, e nunca mais voltaria a fazê-lo. Mas algo entre eles já tinha sido rompido. Nath saiu rapidamente dali com a mão na bochecha, seguido por Lydia, e James, sozinho na sala de estar com a imagem da expressão chocada e dos olhos vermelhos do filho, chutou a televisão, que caiu no chão, em uma explosão de cacos e faíscas. E, embora tenha levado as crianças à loja de departamentos Decker's na segunda-feira para comprar uma nova, ele nunca mais pensaria em astronautas, no espaço, sem se retrair, como que protegendo os olhos de cacos de vidro.

Já Nath pegou a *Encyclopaedia Britannica* e começou a ler: *Gravidade. Foguete. Propulsão*. Passou a procurar nos jornais matérias sobre os astronautas, sobre suas próximas missões. Sorrateiramente, o garoto os recortava e guardava em uma pasta, debruçando-se sobre eles quando acordava no meio da noite depois de sonhar com a mãe. Escondido sob o cobertor, pegava uma lanterna embaixo do travesseiro e lia as matérias na ordem, memorizando cada detalhe. Aprendeu o nome de cada lançamento: *Freedom. Aurora. Sigma*. Recitava os nomes dos astronautas: Carpenter. Cooper. Grissom. Glenn. Ao chegar ao fim da lista, já poderia voltar a dormir.

Lydia não tinha nada que a ajudasse a esquecer o buraco em forma de mãe que se abrira em seu mundo, e, com Nath distraído por *adaptadores de*

atracação, amerissagens e apogeus, ela percebeu algo: a casa tinha um cheiro diferente sem a mãe ali. Uma vez que percebeu isso, não conseguia pensar em outra coisa. À noite, tinha pesadelos horríveis: era atacada por aranhas, cercada por cobras, afogava-se em uma xícara de chá. Às vezes, quando acordava no escuro, ela ouvia as molas do sofá lá de baixo, enquanto o pai se revirava. Naquelas noites, ela nunca voltava a dormir, e os dias se tornavam pegajosos e espessos feito xarope.

Só uma coisa na casa a fazia lembrar-se da mãe: o grande livro de receitas vermelho. Enquanto o pai se trancava no escritório e Nath se debruçava sobre a enciclopédia, ela entrava na cozinha e pegava o livro na bancada. Aos cinco anos, já sabia ler um pouco — embora não tão bem quanto Nath — e dizia os nomes das receitas em voz alta: Bolo de Chocolate Alegria. Pão de Azeitonas. Molho de Cebola. A cada vez que abria o livro de receitas, a mulher na capa se parecia mais com sua mãe — o sorriso, o colarinho dobrado, a maneira como ela não olhava diretamente para o leitor, mas sim para algo atrás dele. Depois que voltara da Virgínia, a mãe leu aquele livro todos os dias: de tarde, quando Lydia voltava da escola; à noite, antes de Lydia se deitar. Às vezes ele ainda estava na mesa de manhã, como se a mãe tivesse passado a noite toda lendo. Lydia sabia que aquele era o livro preferido da mãe, e o folheava com a adoração de uma devota tocando a Bíblia.

No dia 3 de julho, quando o sumiço da mãe completou dois meses, ela se acomodou no lugar preferido debaixo da mesa de jantar com o livro de receitas mais uma vez. Naquela manhã, quando ela e Nath perguntaram ao pai se podiam comer cachorro-quente e marshmallows e acender rojões, ele respondeu apenas: “Vamos ver.” E todos souberam que aquilo queria dizer não. Sem a mãe ali, não haveria churrasco, limonada, idas ao lago para ver os fogos de artifício. Não haveria nada a não ser manteiga de amendoim com geleia e a casa com as cortinas fechadas. Ela virou as páginas, olhando as fotos de tortas cremosas, casas de biscoito e costelas assadas. E, ali, em uma das páginas: uma linha riscada na lateral. Ela leu o trecho em voz alta.

Que mãe não adora cozinhar com a filha?

E embaixo:

E que filha não adora aprender com a mãe?

A página estava com marcas, como se o livro tivesse pegado chuva, e Lydia as alisou feito braile com as pontas dos dedos. Ela só entendeu o que eram quando uma lágrima caiu no papel. Quando secou a gota, restou um montinho na folha.

Outra lágrima se formou, depois mais outra. Sua mãe também devia ter chorado lendo aquela página.

Não é culpa sua, o pai tinha dito, mas Lydia sabia que era. Eles haviam feito algo errado, ela e Nath; haviam deixado a mãe zangada de alguma forma. Não

havam sido o que ela queria.

Se um dia a mãe voltasse para casa e a mandasse terminar seu leite, ela pensou enquanto a página ficava embaçada, ela terminaria seu leite. Escovaria os dentes sem que precisassem lhe pedir e não choraria quando o médico lhe desse injeções. Iria dormir no instante em que a mãe apagasse a luz. Nunca mais ficaria doente. Faria tudo o que a mãe pedisse. Tudo o que a mãe quisesse.

* * *

Longe dali, em Toledo, Marilyn não ouviu a promessa silenciosa feita por sua filha. No dia 3 de julho, enquanto Lydia se aninhava debaixo da mesa de jantar, Marilyn se debruçava sobre um novo livro: *Química orgânica avançada*. A prova seria dali a dois dias, e ela passara a manhã toda estudando. Com o caderno na mão, Marilyn se sentia uma aluna de graduação outra vez; até sua assinatura se tornara redonda e delicada, como fora antes do casamento, antes que sua letra se tornasse rígida e estreita. Todos os outros alunos do seu curso eram jovens universitários, alguns tentando diligentemente se destacar, outros tentando com relutância se recuperar de reprovações e semestres ruins. Para sua surpresa, todos a tratavam da mesma forma que tratavam uns aos outros: eram silenciosos, educados, concentrados. Na fria sala de aula, todos desenhavam moléculas, rotulando-as *etilo*, *metilo*, *propilo*, *butilo*; no fim da aula, comparavam as anotações, e as dela eram idênticas: lindos e pequenos hieróglifos de hexágonos e linhas. É uma prova, dizia a si mesma, de que sou tão inteligente quanto os outros. De que este é meu lugar.

No entanto, com frequência, quando ela abria os livros, sua mente entrava em um turbilhão. As equações se misturavam e se embaralhavam, e mensagens escondidas saltavam das páginas. NaOH se tornava *Nath*, seu rostinho de olhos arregalados e reprovadores. Certa manhã, ao consultar a tabela periódica, em vez de *hélio* ela leu *ele* e o rosto de James surgiu em sua mente. Nos outros dias, as mensagens eram mais sutis: um erro de digitação no livro — “os metais alcalinos, *i.e.* lítio, sódio...” — a fez chorar, pensando na filha triste e sozinha. Nessas horas, ela enfiava a mão no bolso em busca da presilha, da bola de gude, do botão. Revirava-os várias vezes, até ficar tranquila outra vez.

Mas, em certos dias, até esses talismãs perdiam seu poder. Duas semanas depois de ter saído de casa, ela acordou em sua cama alugada sentindo uma dor aguda no corpo todo. De repente se sentiu tomada pelo caráter incrivelmente errado daquele momento, de estar ali, tão longe deles. Enrolada no cobertor, ela enfim foi na ponta dos pés até o telefone da cozinha. Eram 6h41 da manhã, mas só foram necessários dois toques.

— Alô? — disse James.

Uma longa pausa.

— Alô?

Ela ficou calada, não ousou falar, apenas deixou que a voz penetrasse seu coração. A voz dele soara rouca — era só a estática, ela disse a si mesma, embora não acreditasse de verdade nisso. Ela finalmente apertou o gancho com o dedo e o manteve ali por muito tempo até colocar o receptor de volta no lugar. Ouviu aquela voz em sua mente o dia todo, feito uma canção de ninar conhecida e adorada.

Dali em diante, ela telefonava algumas vezes por semana, quando a saudade ficava forte demais. James sempre atendia, não importava qual fosse a hora, e Marilyn ficava preocupada, imaginando-o dormindo na mesa da cozinha ou no escritório, junto da extensão. Contudo, na única vez em que ninguém atendeu — James e as crianças enfim tinham sido obrigados a ir ao mercado devido à falta de comida — ela entrou em pânico, imaginando incêndios, terremotos ou meteoros, e ligou sem parar, de cinco em cinco minutos, depois a cada dois minutos, até enfim ouvir a voz de James. Em outra ocasião, quando ela telefonou no meio da manhã, James, exausto, havia adormecido à sua escrivaninha, e Nath atendeu.

— Residência dos Lee — disse obedientemente, como ela tinha ensinado.

Marilyn quis perguntar: *Vocês estão bem? Estão se comportando?* Mas sentiu a garganta se apertar de saudade. Nath, para sua surpresa, não desligou com o silêncio. Ele se ajoelhou na cadeira da cozinha em que havia subido para alcançar o telefone, esperando. Após um instante, Lydia entrou na ponta dos pés e se agachou ao seu lado, o aparelho encaixado entre as orelhas dos dois, durante dois, três, quatro minutos, como se pudessem ouvir tudo o que a mãe sentia e desejava no leve chiado da linha. Foram os primeiros a desligar, e, depois do clique, Marilyn ficou segurando o telefone por um bom tempo, tremendo.

Nath e Lydia nunca contaram isso para o pai, e James nunca informou a polícia sobre os telefonemas. Ele já suspeitava que não estavam muito interessados em ajudá-lo e, no fundo, onde escondia seus velhos medos, achava que entendia o raciocínio deles: era só uma questão de tempo até que uma esposa como Marilyn largasse um marido como ele. O policial Fiske continuou sendo muito gentil, mas James se ressentia ainda mais por isso; a polidez tornava a coisa toda ainda mais difícil de suportar. Já Marilyn dizia a si mesma todas as vezes que desligava o telefone que aquela seria a última ligação, que não voltaria a ligar, que aquilo provava que sua família estava bem, que ela tinha começado uma nova vida. Dizia isso a si mesma com tanta firmeza que acreditava plenamente, até que se via outra vez discando o número de casa.

Dizia a si mesma que naquele momento, naquela nova vida, tudo era possível. Sobrevivia à base de cereal, sanduíches e espaguete da pizzeria da esquina; não sabia que dava para viver sem ter uma única panela. Mais oito créditos, ela calculou, e terminaria a graduação. Tentou esquecer todo o resto. Ela brincava

com a bola de gude de Nath entre os dedos enquanto escrevia cartas pedindo folhetos de escolas de medicina. Estalava a presilha de Lydia — um-dois, um-dois — enquanto fazia anotações nas margens de seu livro. Concentrava-se tanto que chegava a ficar com dor de cabeça.

No dia 3 de julho, Marilyn virou uma página do livro e sua visão foi encoberta por uma nuvem de algodão negro. A cabeça ficou pesada feito um melão, desequilibrando-a, fazendo seus joelhos cederem, puxando-a para o chão. Em um instante, sua visão ficou límpida outra vez, então sua mente. Viu um copo d'água derramado pingando fora da toalha de mesa, suas anotações espalhadas pelo piso, sua blusa grudenta e úmida. Ela só se levantou quando a própria letra voltou a ficar em foco.

Ela nunca tinha desmaiado antes, nem perto disso, nem mesmo nos dias mais quentes de verão. Naquele momento estava cansada, quase cansada demais para se levantar. Deitando-se nas almofadas do sofá, Marilyn pensou: *Talvez eu esteja doente, talvez tenha pegado uma virose*. Então outra ideia lhe veio à mente deixando seu corpo todo gelado. Estavam no dia 3; não havia dúvida; estava contando os dias até a prova. Isso significava que estava quase — contou nos dedos, alerta, como se tivesse tomado um banho de água fria — três semanas atrasada. Não. Ela tentou se lembrar. Desde que saíra de casa, havia quase nove semanas. Não havia se dado conta de que fazia tanto tempo.

Limpou as mãos na calça e tentou ficar calma. Afinal, *já atrasara* antes. Quando estava estressada ou doente, como se seu corpo não tivesse atenção o suficiente para cuidar de tudo, como se algo tivesse que ser deixado de lado. Com ela estudando tanto, talvez seu corpo não estivesse conseguindo acompanhar. *Você só está com fome*, Marilyn disse a si mesma. Não tinha comido nada o dia todo e já eram quase duas da tarde. Não havia nada no armário da cozinha, mas ela iria ao mercado. Compraria algo, comeria e depois se sentiria muito melhor. Então voltaria a estudar.

Acabou que Marilyn não chegou a fazer a prova. No mercado, colocou queijo, mortadela, mostarda e refrigerante no carrinho. Pegou pão na prateleira. *Não é nada*, disse a si mesma. *Você está bem*. Com o saco de compras debaixo do braço e levando o engradado de seis garrafas de refrigerante na mão, foi até o carro, mas, de repente, o estacionamento começou a girar. Seus joelhos e depois seus cotovelos se chocaram contra o asfalto. O saco de papel caiu no chão. As garrafas se quebraram na calçada, explodindo com um espirro de espuma e vidro.

Marilyn se sentou devagar. Suas compras estavam espalhadas ao redor, o pão em uma poça, o pote de mostarda rolando lentamente em direção a uma van Volkswagen. O refrigerante escorria por suas canelas. Ela tinha se cortado no vidro: um corte profundo bem no meio da palma da mão, reto feito a lateral de uma régua. Não doía. Ela virou a mão de um lado para outro, deixando que a luz

brincasse nas camadas de pele como em camadas de arenito: rosa-claro, feito melancia, com pontinhos brancos feito neve. Na parte de baixo, um rio vermelho vivo se avolumava.

Procurou um lenço na bolsa e encostou a ponta na palma da mão, então, de repente, o corte estava seco e o lenço, manchado de escarlate. A beleza de sua mão a impressionou: a pureza das cores, a clareza dos pontinhos brancos e as linhas finas do músculo. Ela queria tocá-la, lambê-la. Provar o próprio gosto. Então o corte começou a arder, o sangue a se acumular na mão em concha, e ela percebeu que teria de ir ao hospital.

A sala de emergência estava quase vazia. No dia seguinte, estaria cheia devido aos acidentes do feriado do 4 de Julho: intoxicação alimentar devido à salada de ovo estragada, mãos queimadas em churrascos, sobranceiras chamuscadas por fogos de artifício rebeldes. Contudo, naquela tarde, Marilyn foi até a recepção e esticou a mão, e em poucos minutos estava em uma maca, enquanto uma loura miúda e jovem vestida de branco media sua pulsação e examinava sua mão.

— Vamos dar uns pontos nisso — disse a jovem.

Quando ela pegou um potinho de anestésico no armário, Marilyn não conseguiu se segurar e disse:

— Não é melhor o médico fazer isso?

A mulher loura riu.

— Eu sou a Dra. Greene. — Mas Marilyn continuou encarando-a, então ela acrescentou: — Quer ver meu crachá do hospital?

Enquanto a jovem suturava o corte com perfeitos pontos pretos, a mão de Marilyn começou a doer. Ela cerrou os dentes, mas a dor se espalhou pelos pulsos, ombros e espinha. Não eram os pontos. Era decepção: porque, como todo mundo, ao ouvir a palavra *médico*, ela pensava — sempre pensaria — em um *homem*. Começou a sentir uma ardência ao redor dos olhos, e então a Dra. Greene deu o último ponto, sorriu e perguntou:

— Como está se sentindo?

Marilyn respondeu, num impulso:

— Acho que estou grávida.

E começou a chorar.

Depois, tudo aconteceu muito depressa. Havia pela frente exames a fazer, tubos de sangue a serem coletados. Marilyn não lembrava exatamente como funcionava aquilo tudo, mas sabia que tinha a ver com coelhos.

— Ah, os exames não são mais feitos com coelhos — disse a médica jovem e bonita, que riu, enfiando a agulha na dobra macia do braço de Marilyn. — Usamos sapos agora. Muito mais rápido e fácil. A ciência moderna não é maravilhosa?

Alguém pegou uma cadeira forrada para Marilyn e um cobertor para cobrir seus ombros; alguém pediu o número do telefone do seu marido, que Marilyn,

confusa, recitou. Alguém lhe trouxe um copo d'água. O corte em sua mão havia sido fechado e já não doía mais, as suturas pretas fechando a pele em carne viva. Horas se passaram, mas pareceram apenas alguns minutos, até que James chegou, radiante e maravilhado, segurando sua mão boa enquanto a jovem médica dizia:

— Vamos ligar para vocês com os resultados na terça-feira, Sr. e Sra. Lee, mas parece que o parto será em janeiro.

Então, antes que Marilyn pudesse dizer algo, ela entrou no longo corredor branco e desapareceu.

— Marilyn — sussurrou James, quando a médica foi embora. Seu tom de voz fez do nome dela uma pergunta que ainda não era capaz de responder. — Sentimos tanto a sua falta.

Marilyn deixou a mão ilesa na barriga por um longo tempo. Ela não podia assistir às aulas grávida. Não podia começar a estudar medicina. Tudo que podia fazer era ir para casa. E, uma vez em casa, veria os rostos dos filhos, e haveria um novo bebê, e — ela admitiu para si mesma devagar, com uma dor mais intensa que a do corte — nunca mais teria forças para deixá-los novamente. Havia James, ajoelhado no chão ao seu lado como se estivesse rezando. Havia sua antiga vida, suave, morna e sufocante puxando-a para seu colo. Nove semanas. Seu grande plano durara nove semanas. Tudo com que sonhara para si desapareceu, como uma névoa fina na brisa. Ela já não lembrava por que achara que aquilo tudo seria possível.

É isso, Marilyn disse a si mesma. *Supere. É isso que você tem. Aceite.*

— Eu fui tão tola. Cometi um erro terrível.

Ela se inclinou na direção de James, inalando o cheiro intenso e doce do seu pescoço. Tinha cheiro de lar.

— Me perdoe — sussurrou ela.

Com o braço em torno de sua cintura, James levou Marilyn até o carro — o carro dele — e a ajudou a se sentar no banco do carona como se ela fosse uma criança. No dia seguinte, ele pegaria um táxi de Middlewood até Toledo e faria o percurso de volta em uma hora no carro de Marilyn, fervoroso e radiante por saber que a mulher estaria esperando por ele quando chegasse em casa. Contudo, por enquanto ele dirigia com cuidado, obedecendo escrupulosamente aos limites de velocidade, dando vários tapinhas no joelho de Marilyn, como que para se certificar de que ela ainda estava ali.

— Está com muito frio? Está com calor? Está com sede? — perguntava sem parar.

Não sou uma inválida, Marilyn teve vontade de responder, mas sua mente e sua língua pareciam se mover em câmera lenta: eles já estavam em casa, James já tinha ido buscar uma bebida refrescante e um travesseiro para as suas costas. Ele estava tão feliz, pensou ela; olhe só para o pulinho que dá a cada passo, olhe

como prendeu o cobertor com tanto cuidado embaixo dos pés dela. Quando ele voltou, ela só disse:

— Onde estão as crianças?

James respondeu que estavam do outro lado da rua com Vivian Allen, que Marilyn não se preocupasse porque ele cuidaria de tudo.

Ela se recostou nas almofadas do sofá e acordou com o barulho da campainha. Já estava quase na hora do jantar; James havia buscado as crianças na casa da Sra. Allen, e um entregador de pizza estava na porta com uma pilha de caixas. Quando Marilyn terminou de esfregar os olhos, James já contara a gorjeta, pegara as caixas e fechara a porta. Sonolenta, ela o seguiu até a cozinha, onde James colocou as pizzas bem no centro da mesa, entre Lydia e Nath.

— A mãe de vocês está em casa — disse ele, como se as crianças não pudessem vê-la de pé ali na porta, atrás dele. Marilyn pôs a mão no cabelo e sentiu que estava bagunçado. Sua trança tinha se desfeito; seus pés estavam descalços; a cozinha estava quente demais, iluminada demais. Sentia-se como uma criança que dormira muito, vagando pelo térreo, atrasada para tudo. Lydia e Nath a encararam do outro lado da mesa, como se ela pudesse fazer algo inesperado, como gritar ou explodir bem na frente deles. A boca de Nath se contraiu, como se ele estivesse chupando algo azedo, e Marilyn teve vontade de acariciar seu cabelo e dizer que não tinha planejado nada daquilo, que não quisera que aquilo acontecesse. Dava para ver a dúvida nos olhos dos filhos.

— Estou em casa — repetiu ela, assentindo.

Os dois correram para abraçá-la, um abraço caloroso e apertado, batendo nas pernas dela, enfiando os rostos em sua saia. Uma lágrima escorreu pela bochecha de Nath, outra pelo nariz de Lydia, ficando presa em seus lábios. A mão de Marilyn ardia e latejava, como se ela estivesse segurando um coraçõzinho quente.

— Vocês foram bonzinhos enquanto estive fora? — perguntou, agachando-se no linóleo ao lado deles. — Se comportaram?

Para Lydia, o retorno da mãe não foi nada menos que um milagre. Ela fizera uma promessa, a mãe ouvira e voltara para casa. Iria cumprir a promessa. Naquela tarde, quando o pai desligara o telefone e dissera aquelas palavras surpreendentes — *A mãe de vocês vai voltar para casa* —, ela tomou uma decisão: a mãe nunca mais teria de ver aquele triste livro de receitas. Na casa da Sra. Allen, ela bolou um plano e depois que o pai os buscara — *Shhh, quietos, a mãe de vocês está dormindo* — o escondera.

— Mama — disse ela então, agarrada ao quadril da mãe. — Enquanto você estava longe. Seu livro de receitas. — Lydia engoliu em seco. — Eu... perdi.

— Perdeu?

Para espanto da menina, Marilyn não ficou com raiva. Não: sentiu orgulho. Imaginou a filha jogando o livro de receitas na grama e pisando nele, enfiando-o

na lama com seus sapatos boneca brilhantes e indo embora. Jogando-o no lago. Tacando fogo nele. Para sua própria surpresa, ela sorriu.

— Fez isso mesmo? — perguntou, passando o braço em torno da filha pequena.

Lydia hesitou, então fez que sim com a cabeça.

Era um sinal, decidiu Marilyn. Era tarde demais para ela. Mas não era tarde demais para Lydia. Marilyn não seria como a própria mãe, empurrando a filha para um marido e uma casa, uma vida passada atrás de um ferrolho. Ela ajudaria Lydia a fazer tudo de que era capaz. Passaria o resto de seus anos orientando a filha, protegendo-a, assim como se cuidava de uma rosa premiada: ajudando-a a crescer, apoiando-a em estacas, direcionando cada haste para a perfeição. No ventre de Marilyn, Hannah começou a se mexer e chutar, mas sua mãe ainda não a sentia. Ela enfiou o nariz no cabelo de Lydia e fez promessas tácitas. Nunca mandar que se sentasse ereta, que encontrasse um marido ou cuidasse da casa. Nunca dar a entender que havia profissões ou vidas inadequadas para ela; nunca deixar que ela, ao ouvir a palavra *médico*, pensasse que pudesse se referir apenas a um *homem*. Encorajá-la, pelo resto da vida, a fazer mais do que a mãe fizera.

— Muito bem — disse Marilyn, enfim soltando a filha. — Quem está com fome?

James já estava pegando pratos no armário, distribuindo guardanapos, levantando a tampa da caixa com uma lufada de cheiro de carne. Marilyn pôs uma fatia de pizza de pepperoni em cada um dos pratos, e Nath, com um suspiro profundo e satisfeito, começou a comer. Sua mãe estava em casa, e no dia seguinte haveria ovos cozidos no café da manhã, hambúrguer e cachorro-quente no jantar e torta de morango como sobremesa. Do outro lado da mesa, Lydia olhava fixamente para seu pedaço de pizza, em silêncio, para os círculos vermelhos que cobriam a superfície, para os longos fios de queijo que o ligavam à caixa.

Nath estava certo em parte: no dia seguinte houve cachorro-quente e hambúrguer, mas nada de ovos, nada de torta. James preparou a carne, queimando-a de leve, mas a família, decidida a comemorar, comeu mesmo assim. Na verdade, Marilyn se recusaria a cozinhar depois de seu retorno, colocando waffles congelados na torradeira a cada manhã, esquentando um empadão congelado ou abrindo uma lata de espaguete a cada noite. Havia outras coisas ocupando sua mente. Matemática, pensou ela naquele feriado do 4 de Julho; ela vai precisar de matemática, essa minha filha.

— Quantos pães há na sacola? — perguntou ela.

Lydia tocou cada um deles, contando.

— Quantas salsichas tem na grelha? Quantas vão ficar sem pão?

A cada resposta correta, a mãe aflagava o cabelo da filha e a abraçava.

Lydia fez cálculos o dia todo. Se cada um comesse um cachorro-quente, quantos sobriariam para o dia seguinte? Se ela e Nath ganhassem cinco rojões cada um, quantos haveria ao todo? Quando a noite caiu e fogos de artifício estouraram no céu, ela já contabilizava dez beijos da mãe, cinco afagos, três elogios de que era *minha menina inteligente*. Todas as vezes que ela respondia uma pergunta, surgia uma covinha na bochecha da mãe, feito uma impressão digital.

— Mais uma — implorava ela sempre que a mãe parava. — Mamãe, faz mais uma pergunta.

— Se é isso mesmo que você quer — dizia a mãe, e Lydia assentia. — Amanhã vou comprar um livro para você e vamos ler juntas.

Em vez de apenas um livro, Marilyn comprou uma pilha: *A ciência do ar. Por que o clima existe. Diversão com química*. À noite, depois de cobrir Nath, ela se sentou na beira da cama de Lydia e pegou um dos livros. Lydia se aninhou junto dela, ouvindo os batimentos profundos e ocultos do coração da mãe. Quando a mãe inspirava, ela inspirava. Quando a mãe expirava, ela expirava. A voz da mãe parecia vir de dentro de sua cabeça.

— O ar está em toda parte — leu Marilyn. — O ar paira ao seu redor. Embora você não possa vê-lo, ele está presente. Aonde quer que você vá, o ar está presente.

Lydia se aconchegou ainda mais nos braços da mãe e, quando chegaram à última página, estava quase dormindo.

— Lê outro — murmurou ela.

— Amanhã, está bem? — sussurrou Marilyn, emocionada.

Lydia assentiu com tanta veemência que escutou um zumbido nos ouvidos.

A palavra mais importante era: *amanhã*. Todos os dias, Lydia a apreciava. *Amanhã vou levar você ao museu para ver ossos de dinossauros. Amanhã vamos aprender sobre árvores. Amanhã vamos estudar a Lua*. Todas as noites, uma promessa era arrancada da mãe: de que ela estaria ali na manhã seguinte.

E, em troca, Lydia cumpriu a própria promessa: fazia tudo o que a mãe pedia. Aprendeu a escrever o sinal de mais, feito um *+* atrofiado. Contava nos dedos toda manhã, somando por cima da tigela de cereal. Quatro mais dois. Três mais três. Sete mais dez. Sempre que a mãe parava, ela pedia mais, o que fazia a mãe brilhar, como se Lydia tivesse acendido uma luz. Ela ficava de pé na escadinha ao lado da pia, com um avental que ia do pescoço até os pés, e jogava bicarbonato de sódio em uma garrafa de vinagre.

— Isso é uma reação química — dizia a mãe, e Lydia assentia enquanto a espuma descia pelo ralo.

Ela brincava de lojinha com a mãe, trocando moedas de um e cinco centavos: dois centavos por um abraço, quatro centavos por um beijo. Quando Nath jogou uma moeda de vinte e cinco centavos na frente dela e disse: “Aposto que você

não sabe trocar essa”, a mãe o mandou sair dali.

No fundo, Lydia previa tudo o que estava por vir. Um dia os livros não teriam imagens. Os problemas se tornariam mais longos e difíceis. Haveria frações, decimais, expoentes. Os jogos seriam mais complexos. Enquanto comiam bolo de carne, a mãe diria:

— Lydia, estou pensando em um número. Se você multiplicá-lo por dois e acrescentar um, o resultado é sete.

Ela contaria e refaria as contas até achar a resposta certa, e a mãe iria sorrir e trazer a sobremesa. Um dia a mãe lhe daria um estetoscópio. Ela abriria os dois primeiros botões da blusa e colaria o auscultador à sua pele, então Lydia ouviria diretamente o coração da mãe.

— Médicos usam isso — diria Marilyn.

Ainda estava longe, um pontinho a distância, mas Lydia sabia que iria acontecer. A consciência daquilo pairava à sua volta, agarrando-se a ela, tornando-se mais espessa a cada dia. Aonde quer que fosse, lá estava. Mas, sempre que a mãe pedia, ela dizia *sim, sim, sim*.

* * *

Duas semanas depois, Marilyn e James foram de carro até Toledo, buscar as roupas e os livros dela.

— Posso ir sozinha — insistiu Marilyn.

Àquela altura, a bola de gude, a presilha e o botão estavam amontoados silenciosamente, esquecidos no bolso do vestido, no armário. O vestido já estava ficando apertado, e logo Marilyn o doaria, com seus minúsculos talismãs esquecidos no bolso. Ainda assim, seus olhos ardiam quando pensava em esvaziar aquele apartamento, guardar os livros de volta em caixas de papelão, jogar os cadernos ainda novos no lixo. Ela queria privacidade para aquele pequeno funeral.

— É sério. Você não precisa vir.

James, porém, insistiu:

— Não quero que você carregue peso no seu estado. Vou pedir a Vivian Allen para cuidar das crianças aqui em casa durante a tarde.

Assim que James e Marilyn saíram, a Sra. Allen ligou a televisão na novela e sentou-se no sofá. Lydia abraçou os joelhos debaixo da mesa de jantar, sem o livro de receitas; Nath ficou catando fiapos no tapete com uma expressão zangada. Sua mãe o acordava e o colocava na cama à noite, mas Lydia preenchia todos os espaços entre uma coisa e outra. Ele sabia a resposta de todas as perguntas que a mãe fazia, mas sempre que tentava participar ela o mandava ficar quieto enquanto Lydia contava nos dedos. No museu, ele queria ver o espetáculo das estrelas no planetário, mas passaram o dia todo olhando

esqueletos, o modelo do sistema digestivo, o que Lydia quisesse. Naquela manhã mesmo, ele tinha descido cedo para a cozinha, segurando sua pasta de recortes de jornal, e a mãe, ainda de roupão, lhe dera um sorriso sonolento segurando a xícara de chá. Foi a primeira vez que ela *olhou* de verdade para ele desde que voltara para casa, e algo se agitou em sua garganta, feito um passarinho.

— Posso comer ovo cozido? — perguntou ele.

— Está bem — respondeu ela, milagrosamente.

Por um instante, ele perdeu tudo. Decidiu lhe mostrar as fotos que colecionava dos astronautas, sua lista de lançamentos, tudo. Ela entenderia. Ficaria impressionada.

Então, antes que ele pudesse dizer uma palavra, Lydia desceu os degraus e a atenção da mãe se desviou e centrou-se na menina. Nath ficou amuado num canto, mexendo nas bordas da pasta, mas ninguém lhe deu atenção até que o pai entrou na cozinha.

— Ainda na Lua com esses astronautas? — comentou, pegando uma maçã na fruteira da bancada.

Ele riu da própria piada e mordeu a maçã, e, mesmo do outro lado da cozinha, Nath ouviu o som dos dentes rasgando a casca. Sua mãe, que escutava Lydia contar o sonho que tivera naquela noite, não ouvira. Ela se esquecera do ovo. O passarinho em sua garganta havia morrido e inchado, fazendo com que ele mal pudesse respirar.

No sofá, a Sra. Allen soltou um ronco breve e hesitante. Um fiapo de saliva escorria pelo seu queixo. Nath saiu da casa, deixando a porta da frente entreaberta, e pulou da varanda. Seus calcanhares tocaram o chão como que em um choque elétrico. Acima dele, o céu se estendia, cinzento e metálico.

— Aonde você vai? — perguntou Lydia, espiando pela porta.

— Não interessa.

Ele se perguntou se a Sra. Allen ouviria, se acordaria e os chamaria de volta para dentro de casa, mas nada aconteceu. Sem precisar olhar, ele sabia que Lydia o estava observando e andou pelo meio da rua, desafiando-a a segui-lo. Em um instante, ela o fez.

Seguiu-o até o lago e o final do pequeno píer. As casas do outro lado da água pareciam de boneca, pequenas, semelhantes e perfeitas. Lá dentro, mães estavam cozinhando ovos ou bolos, ou fazendo ensopados, ou talvez pais estivessem mexendo o carvão na churrasqueira, virando as salsichas com um garfo para que a grelha formasse linhas negras e perfeitas nelas. Aquelas mães nunca tinham ido embora e abandonado os filhos. Aqueles pais nunca tinham estapeado os filhos, chutado a televisão ou caçoado deles.

— Você vai nadar?

Lydia tirou as meias e enfiou uma em cada sapato, então se sentou no fim do píer ao lado dele, balançando os pés na beirada. Alguém tinha deixado uma

Barbie na areia, nua e enlameada, sem um dos braços. Nath arrancou o outro e o jogou na água. Então arrancou a perna, o que foi mais difícil. Lydia começou a ficar inquieta.

— É melhor irmos para casa.

— Daqui a pouco.

Em suas mãos, a cabeça da Barbie estava virada para as costas.

— Vamos levar uma bronca.

Lydia pegou uma meia.

A outra perna não queria sair, e Nath se virou para a irmã. Sentiu-se instável, lutando para se equilibrar, como se o mundo tivesse sido inclinado para um lado. Não sabia exatamente como aquilo tinha acontecido, mas tudo saíra do lugar, feito uma gangorra com pesos desiguais. Tudo na vida deles — a mãe, o pai, até ele próprio — deslizava, agora, na direção de Lydia. Assim como em relação à gravidade, era impossível resistir. Tudo orbitava ao redor dela.

Mais tarde, Nath não conseguiria separar o que dissera, o que pensara e o que só sentira. Nunca saberia ao certo se chegara a dizer algo. Tudo que Nath saberia com toda a certeza era isto: ele empurrara Lydia para a água.

Sempre que se lembrava daquele momento, ele durava uma eternidade: um vislumbre de completa separação enquanto Lydia desaparecia embaixo da água. Agachado no pier, o garoto tivera uma visão do futuro: sem ela, ele ficaria completamente sozinho. No instante seguinte, soube que aquilo não mudaria nada. Ainda sentia o chão instável sob seus pés. Até na ausência de Lydia, o mundo não se equilibraria. Ele, os pais e suas vidas girariam em torno da lacuna deixada por ela. Seriam sugados para o vácuo que ficaria em seu lugar.

Mais do que isso: no segundo em que a tocou, percebeu que tinha entendido tudo errado. Quando as palmas dele bateram nos ombros dela, quando a água encobriu sua cabeça, Lydia sentira um alívio tamanho que suspirara profundamente, engasgando-se. Cambaleara tão prontamente, caíra com tanto anseio, que ambos souberam: Lydia também sentia a atração que exercia agora e não a queria; o peso de tudo se inclinando em sua direção era demais para ela.

Na verdade, só alguns segundos se passaram até Nath pular na água. Ele mergulhou, segurou o braço da irmã e a puxou até a superfície, nadando furiosamente.

Bata as pernas, disse, respirando com dificuldade. Bata as pernas. *Bata as pernas.*

Eles se debateram até a beira do lago, movendo-se lentamente em direção ao raso até que os pés tocaram o fundo arenoso e eles caíram no chão. Nath tirou a lama dos olhos. Lydia vomitou um pouco de água do lago na grama. Ficaram deitados de rosto no chão durante um, dois, três minutos, recuperando o fôlego. Então Nath ficou de pé, e, para sua surpresa, Lydia ergueu o braço para segurar sua mão. *Não solte*, ela quis dizer, e, zozno de gratidão, Nath obedeceu.

Eles cambalearam até a casa em silêncio, deixando rastros de água na calçada. Fora os rancos da Sra. Allen, não havia barulho a não ser pela água que escorria de suas roupas até o piso de linóleo. Eles só haviam ficado lá fora por vinte minutos, mas tinham a impressão de que havia se passado uma era. Subiram as escadas na ponta dos pés e esconderam as roupas molhadas no cesto, vestiram roupas secas e, quando os pais voltaram com malas e caixas de livros, não disseram nada. Quando a mãe reclamou das manchas de água no chão, Nath disse que tinha derramado uma bebida. Na hora de dormir, Nath e Lydia escovaram os dentes cordialmente diante da pia, se revezando para cuspir, dizendo boa-noite como se fosse uma noite qualquer. O que acontecera era imenso demais para ser comentado. Era como uma paisagem que não conseguiam ver inteira de uma vez; era como o céu à noite, que não parava de girar, e, por isso, não se podiam ver as extremidades. Sempre seria imenso demais. Ele a tinha empurrado. E depois a tinha tirado da água. A vida toda, Lydia se lembraria de uma coisa. A vida toda, Nath se lembraria de outra.

* * *

A escola primária de Middlewood fez seu piquenique anual de volta às aulas no último fim de semana de agosto. A mãe deles tocou a própria barriga, onde Hannah ficava a cada dia mais pesada; o pai carregou Lydia nos ombros enquanto atravessavam o estacionamento. Depois do almoço, havia competições: quem conseguia bater a bolinha mais longe, quem conseguia colocar mais saquinhos de feijão em uma latinha de grãos de café, quem conseguia adivinhar o número de jujubas na jarra de vidro. Nath e James participaram da corrida do ovo de pai e filho, cada um equilibrando um ovo cru em uma colher de chá feito uma oferenda. Quase chegaram ao final, até que Nath tropeçou e derrubou seu ovo. Miles Fuller e o pai dele cruzaram a linha de chegada primeiro, e a Sra. Hugard, a diretora, lhes deu a fita azul.

— Tudo bem — disse James e, por um instante, Nath se sentiu melhor. — Então o pai acrescentou: — Agora, se tivessem uma competição para quem lê o dia todo...

Ele vinha dizendo coisas assim o mês inteiro: coisas que soavam como brincadeiras, mas não eram. Cada vez, ao ouvir a própria voz, mordida a língua, tarde demais. Ele não entendia por que dizia aquelas coisas para Nath, pois isso significaria entender algo muito mais doloroso: que o filho cada vez mais o fazia lembrar-se de si mesmo, de tudo que queria esquecer sobre a própria infância. Sabia apenas que aquilo estava se tornando um reflexo, que o deixava envergonhado e o fazia sofrer, então desviava o olhar. Nath olhou para o ovo quebrado no chão, a gema escorrendo entre duas folhas de grama, a clara se infiltrando na terra. Lydia deu um leve sorriso para ele, que esmagou a casca na

terra com o tênis. Quando o pai virou de costas, Nath cuspiu no gramado aos seus pés.

Então chegou a hora da corrida de três pernas. Um professor amarrou um lenço em volta dos tornozelos de Lydia e Nath, e eles mancaram até a linha de partida, onde outras crianças estavam amarradas aos pais, aos irmãos ou umas às outras. Eles mal haviam começado a correr quando Lydia pisou na borda do sapato de Nath e tropeçou. Nath abriu um dos braços para se equilibrar e vacilou. Tentou igualar o seu passo ao de Lydia, mas quando ela empurrava a perna para a frente ele a puxava para trás. O lenço nos tornozelos estava tão apertado que seus pés latejavam. Não afrouxava, unindo-os feito dois bois incompatíveis, e não se desfez nem quando eles se jogaram para lados opostos e caíram de cara na grama macia e úmida.

Dez anos mais tarde, o nó ainda não tinha se desfeito. Os anos se passaram. Meninos foram para a guerra; homens foram para a Lua; presidentes foram eleitos e renunciaram e deixaram o poder. Por todo o país, em Detroit, Washington e Nova York, multidões se agitavam nas ruas, iradas por tudo. Pelo mundo todo, nações se estilhaçavam e se dividiam: Vietnã do Norte, Berlim Oriental, Bangladesh. Por toda parte, coisas se desfaziam. Mas, para os Lee, aquele nó não só persistiu como ficou cada vez mais apertado, como se Lydia unisse todos eles.

Todos os dias, James voltava de carro da faculdade — onde dava seu curso sobre caubóis um semestre após o outro, até saber o texto das aulas de cor —, meditando sobre os desrespeitos do dia: duas menininhas que pulavam amarelinha em um canto o tinham visto parar no sinal e jogaram pedras no carro; Stan Hewitt lhe perguntara qual era a diferença entre um rolinho primavera e um rolinho de ovo; a Sra. Allen sorrira maliciosamente quando ele passara dirigindo, perpetuando o clichê de que asiáticos não sabem dirigir. Só quando chegava em casa e via Lydia, a névoa amarga se dissipava. Achava que para ela tudo seria diferente. Ela teria amigos para dizer: *Não seja idiota, Stan, como ela pode saber?* Seria equilibrada e segura; diria *Boa tarde, Vivian* e olharia bem no rosto dos vizinhos com aqueles grandes olhos azuis. A cada dia, o pensamento se tornava mais precioso.

Todos os dias, enquanto tirava uma torta congelada da caixa ou descongelava um bife com molho — pois ela ainda se recusava a cozinhar, e a família aceitava isso sem reclamar como o preço pago pela sua presença —, Marilyn fazia planos: livros que compraria para Lydia; projetos para a feira de ciências; aulas de verão. “Só se você estiver interessada”, dizia a Lydia todas as vezes. “Só se você quiser.” Em todas as vezes ela disse aquilo com sinceridade, mas não percebia que prendia a respiração ao fazê-lo. Lydia percebia. *Sim*, respondia a menina todas as vezes. *Sim. Sim.* E a mãe voltava a respirar. No jornal — que, entre uma lavagem de roupa e outra, lia de cabo a rabo, ao longo do dia, caderno por caderno —, Marilyn tinha vislumbres de esperança. Yale aceitou mulheres, depois Harvard. A nação aprendeu palavras novas: *ação afirmativa*; *Emenda dos Direitos Iguais*. Marilyn desenrolava o futuro de Lydia em sua mente feito um longo fio dourado, o futuro que sabia também ser desejado pela filha: Lydia de salto alto e jaleco, um estetoscópio no pescoço; Lydia debruçada em uma mesa de cirurgia, um círculo de homens abismados com sua habilidade manual. A

cada dia, isso parecia mais possível.

Todos os dias, na mesa de jantar, Nath se sentava em silêncio enquanto o pai interrogava Lydia sobre as amigas, enquanto a mãe perguntava a respeito das aulas. Quando se viravam para ele, por obrigação, Nath ficava mudo, porque o pai — ainda ferido pela lembrança de uma televisão quebrada e do rosto estapeado do filho — nunca mais queria ouvir falar no espaço. E Nath só lia e pensava sobre isso. Nas horas livres, ele examinava todos os livros no catálogo da escola. *Voo espacial. Astrodinâmica. Ver também: combustão; propulsão; satélites.* Após algumas respostas gaguejantes, o holofote se voltava novamente para Lydia, e Nath se retirava para seu quarto e suas revistas de aeronáutica, que escondia debaixo da cama feito pornografia. Não se importava com aquele estado permanente de eclipse: toda noite, Lydia batia de leve na porta do seu quarto, calada e infeliz. Ele entendia tudo o que a irmã não dizia, que, no fundo, era: *Não solte.* Quando Lydia ia embora — para encerrar seu dever de casa ou um projeto para a feira de ciências —, ele virava seu telescópio para fora, procurando estrelas distantes, lugares longínquos onde talvez um dia se aventurasse sozinho.

E a própria Lydia — o centro relutante daquele universo — todos os dias mantinha o mundo estável. Absorvia os sonhos dos pais, silenciando a relutância que fervilhava por dentro. Anos se passaram. Johnson, Nixon e Ford chegaram e se foram. Ela ficou esbelta; Nath ficou alto. Rugas se formaram em torno dos olhos da mãe; o cabelo do pai ficou grisalho nas têmporas. Lydia sabia o que eles queriam tão desesperadamente, mesmo quando não pediam. Todas as vezes, parecia algo tão pequeno em troca da felicidade dos dois. Por isso, ela estudou álgebra no verão. Colocou um vestido e foi ao baile do primeiro ano. Matriculou-se em biologia na faculdade, tendo aulas às segundas, quartas e sextas, durante todo o verão. *Sim. Sim. Sim.*

(E quanto a Hannah? Eles armaram seu berço no quarto do sótão, onde guardavam as coisas indesejadas, e, até quando ela ficou mais velha, de vez em quando algum deles se esquecia, de maneira fugaz, que ela existia — como quando Marilyn, ao colocar quatro pratos na mesa de jantar certa noite, só percebeu o esquecimento quando Hannah chegou à mesa. Como se compreendesse seu lugar no cosmos, Hannah foi um bebê quieto e se tornou uma criança observadora: gostava de cantinhos, encolhia-se em armários, atrás de sofás, debaixo de toalhas de mesa, ficava fora de vista e fora de cena, para garantir que o terreno da família não mudasse.)

Dez anos depois daquele ano terrível, tudo tinha virado de cabeça para baixo. Para o restante do mundo, 1976 também foi uma época confusa, culminando em um inverno particularmente frio e em manchetes estranhas: *Neva em Miami.* Lydia tinha quinze anos e meio, as férias de inverno tinham acabado de começar. Dali a cinco meses, ela estaria morta. Naquele mês de dezembro, sozinha em seu

quarto, ela abriu a mochila e tirou uma prova de física com o número cinquenta e cinco escrito em vermelho no alto.

O curso de biologia fora muito difícil, mas ela conseguira passar nas primeiras provas decorando *reino, filo e classe*. Então, quando a matéria se tornou mais difícil, ela deu sorte: o menino que sentava à sua direita estudava muito, sua letra era grande e ele nunca cobria suas respostas. “Minha filha”, dissera Marilyn naquele outono à Sra. Wolff — *Doutora Wolff* — “é uma gênica. Tirou a nota máxima em uma matéria de *faculdade*, e, além disso, é a única garota da turma.” Por isso Lydia nunca contou à mãe que não entendia o ciclo de Krebs, que não sabia explicar o que era mitose. Quando a mãe emoldurou o boletim da faculdade, ela o pendurou na parede do quarto e fingiu sorrir.

Depois de biologia, Marilyn pensou em outras sugestões.

— Vamos fazer você pular um ano em ciências neste outono — disse. — Depois de ter feito biologia na faculdade, tenho certeza de que física de ensino médio será fácil.

Sabendo que aquela era a matéria preferida da mãe, Lydia concordou.

— Você vai conhecer alguns alunos mais velhos — disse o pai — e fazer novos amigos.

Ele deu uma piscadela, lembrando-se de como, na Lloyd, mais velho significava *melhor*. Mas os alunos do segundo ano conversavam entre si, comparando traduções do francês para a aula seguinte ou decorando Shakespeare para o teste daquela tarde; com Lydia, eram meramente educados, com a gentileza distante de nativos em um lugar onde ela era estrangeira. E os problemas sobre acidentes de carro, canhões, caminhões que deslizavam em gelo sem atrito... ela não conseguia desvendar as respostas. Carros de corrida em pistas inclinadas, montanhas-russas com *loops*, pêndulos e pesos: ela dava voltas e mais voltas, ia para a frente e para trás. Quanto mais pensava naquilo tudo, menos sentido fazia. Por que os carros de corrida *não* capotavam? Por que a montanha-russa *não* caía do trilho? Quando ela tentava entender o motivo, a gravidade erguia a mão e puxava os carros feito uma fita presa. Todas as noites, quando ela se sentava com seu livro, as equações — salpicadas de *k*, *M* e *teta* — pareciam pontiagudas e densas feito espinheiros. Acima de sua mesa, no cartão-postal que sua mãe lhe dera, Einstein mostrava a língua.

Cada nota era mais baixa do que a anterior, feito uma estranha previsão do tempo: noventa em setembro, oitenta e pouco em outubro, setenta e pouquinho em novembro, sessenta e alguma coisa antes do Natal. Na prova anterior, ela tinha conseguido tirar sessenta e dois — tecnicamente havia passado, mas por muito pouco. Depois da aula, rasgou a prova em pedacinhos do tamanho de moedas e os jogou na privada do terceiro andar antes de voltar para casa. Agora ali estava o cinquenta e cinco, que, feito uma luz forte, a fazia estreitar os olhos, mesmo o Sr. Kelly não tendo escrito *F* no topo da página. Ela o escondeu em seu

armário durante duas semanas debaixo de uma pilha de livros, como se o peso combinado da álgebra, da história e da geografia pudesse fazê-lo desaparecer. O Sr. Kelly perguntou várias vezes sobre a prova, insinuando que ele mesmo poderia ligar para os pais dela se necessário, até que Lydia enfim prometeu trazê-la de volta após o Natal com a assinatura da mãe.

Durante toda a vida, ela ouvira o coração da mãe bater a um só ritmo: *médica, médica, médica*. Ela queria tanto aquilo, Lydia sabia, que já não precisava dizê-lo. Estava sempre ali. Lydia não conseguia imaginar outro futuro, outra vida. Era como tentar imaginar um mundo em que o Sol girasse em torno da Lua, ou no qual não existisse ar. Por um instante, ela cogitou falsificar a assinatura da mãe, mas sua letra era muito redonda, perfeita demais, como a de uma menininha. Não enganaria ninguém.

E, na semana anterior, algo ainda mais apavorante aconteceu. Lydia pegou um envelopinho branco embaixo do seu colchão. Parte dela torcia para que de alguma forma o conteúdo tivesse mudado; que as palavras tivessem erodido ao longo dos últimos oito dias de forma que ela pudesse soprá-las feito fuligem, deixando apenas uma página branca e inofensiva. Mas, quando ela soprou, apenas um sopro rápido, o papel balançou. As letras continuaram firmes. *Caro Sr. Lee, agradecemos a sua participação em nosso processo de admissão antecipada e ficamos muito satisfeitos em lhe dar as boas-vindas à turma de Harvard de 1981.*

Nas últimas semanas, Nath tinha checado as cartas todas as tardes, antes mesmo de cumprimentar a mãe, às vezes antes de tirar os sapatos. Lydia sentia que ele ansiava tão dolorosamente por escapar que todo o resto desaparecia. Na semana anterior, durante o café da manhã, Marilyn havia apoiado o dever de casa de matemática de Lydia, com anotações, na caixa de cereal.

— Dei uma olhada nele ontem depois que você foi dormir. Tem um erro no número vinte e três, querida — disse ela.

Cinco anos, um ano, até seis meses antes, Lydia teria encontrado empatia nos olhos do irmão. *Eu sei. Eu sei.* Confirmação e consolo em uma única piscadela. Daquela vez, Nath, absorto em um livro da biblioteca, não percebeu o punho cerrado da irmã, o tom vermelho que de repente cercou seus olhos. Sonhando com o futuro, ele já não ouvia todas as coisas que ela não dizia.

Ele era o único que a ouvia desde sempre. Desde o sumiço e reaparecimento da mãe, Lydia não tinha amigos. A cada recreio naquele primeiro outono, ela ficava afastada, olhando fixamente para o relógio First Federal a distância. A cada minuto que passava, ela fechava os olhos com força e imaginava o que a mãe poderia estar fazendo — esfregando a bancada, enchendo a chaleira, descascando uma laranja — como se o peso de todos esses detalhes pudesse manter a mãe ali. Mais tarde, ela se questionaria se aquilo a fizera perder sua chance ou se ela sequer chegara a ter uma. Certo dia, ela abriu os olhos e viu Stacey Sherwin de pé diante dela: a Stacey Sherwin do cabelo louro até a cintura,

cercada por um grupo de meninas. Na turma de maternal de Middlewood, Stacey Sherwin era a rainha, já apta a exercer seu poder. Alguns dias antes, ela tinha anunciado: “Jeannine Collins fede que nem chorume”, e Jeannine Collins fora expulsa do grupo, tirando os óculos do rosto coberto de lágrimas, enquanto as outras meninas da panelinha de Stacey davam risinhos contidos. A uma distância segura, Lydia observara a cena com assombro. Stacey só havia falado com ela diretamente uma vez, no primeiro dia do maternal: “Os chineses comemoram o feriado de Ação de Graças?” E: “Os chineses têm umbigo?”

— Nós todas vamos para a minha casa depois da escola — dizia Stacey agora. Seus olhos encontraram brevemente os de Lydia, depois desviaram. — Você também pode vir.

Lydia ficou desconfiada. Poderia mesmo ter sido escolhida por Stacey Sherwin? Stacey olhava o chão e enrolava uma mecha de cabelo no dedo enquanto Lydia a encarava como se pudesse ver o que havia em sua mente. Tímida ou dissimulada? Não dava para saber. E, então, pensou na mãe, o rosto dela surgindo pela janela da cozinha, esperando que Lydia chegasse.

— Não posso — respondeu, finalmente. — Minha mãe disse para eu voltar direto para casa.

Stacey deu de ombros e se afastou, com as outras meninas em seu encalço. Uma explosão de riso repentina se fez ouvir, e Lydia ficou na dúvida se tinha sido deixada de fora da piada ou se ela era a piada.

As meninas teriam sido gentis com ela ou zombado dela? Lydia jamais saberia. Recusaria convites de festas de aniversário, para patinar, nadar no clube, para tudo. Todas as tardes, voltava correndo para casa, desesperada para ver o rosto da mãe, para fazê-la sorrir. No segundo ano do fundamental, as meninas pararam de convidá-la. Ela disse a si mesma que não ligava: sua mãe continuava ali. Era só isso que importava. Nos anos seguintes, Lydia assistiria a Stacey Sherwin — seu cabelo dourado em uma trança, depois alisado, então ondulado — acenando para as amigas, atraindo-as para si da mesma forma que um brilhante captava e continha a luz. Ela veria Jenn Pittman passar um bilhete para Pam Saunders e veria Pam Saunders desdobrá-lo debaixo da mesa e dar um risinho; observaria Shelley Brierley distribuir um pacote de chicletes Doublemint e inalaria o aroma de açúcar e hortelã enquanto as tiras envoltas em papel-alumínio passavam por ela.

Durante todo aquele tempo, apenas Nath tornava tudo suportável. Todos os dias, desde o maternal, ele guardava lugar para ela — no refeitório, uma cadeira do outro lado da mesa; no ônibus, seus livros colocados ao seu lado no assento de vinil verde. Quando ela chegava primeiro, guardava um lugar para ele. Graças a Nath, ela nunca tinha de voltar para casa sozinha no ônibus enquanto os outros conversavam amigavelmente em pares; não tinha de perguntar “Posso sentar aqui?” e correr o risco de ser rejeitada. Eles nunca tocaram no assunto, mas

passaram a ver aquilo como uma promessa: ele sempre se certificaria de que haveria um lugar para ela. Lydia sempre poderia dizer: *Alguém está vindo. Não estou sozinha.*

Agora, Nath iria embora. Mais cartas chegariam. *Dentro de alguns dias, enviaremos um pacote com formulários e informações caso queira se matricular.* Ainda assim, por um instante, Lydia se permitia fantasiar: tiraria a próxima carta da pilha do correio, e a seguinte, e a seguinte, enfiando-as entre o colchão e o boxe da cama, onde Nath não poderia encontrá-las, não lhe dando escolha a não ser ficar.

No térreo, Nath vasculhava a pilha de envelopes: um encarte de supermercado, uma conta de luz. Nenhuma carta. Naquele outono, quando a orientadora lhe perguntara sobre seus planos de carreira, Nath sussurrara, como se contasse um segredo obscuro.

— O espaço — respondera. — O espaço sideral.

A Sra. Hendrich clicara sua caneta duas vezes, para dentro e para fora, e Nath achou que ela riria. Já fazia quase cinco anos desde a última viagem à Lua, e, tendo superado os soviéticos, a nação havia voltado sua atenção para outras questões. Em vez de rir, a Sra. Hendrich disse que existiam dois caminhos: tornar-se piloto ou tornar-se cientista. Ela abriu uma pasta com o boletim dele impresso. B- em educação física; A+ em trigonometria, cálculo, biologia, física. Embora sonhasse em ir para o MIT, o Carnegie Mellon ou a Caltech — até escrevera pedindo folhetos —, Nath sabia que o pai só aprovaria um lugar: Harvard. Para James, qualquer instituição que não Harvard seria um fracasso. Nath dizia a si mesmo que quando fosse para a faculdade se matricularia em física avançada, ciência dos materiais, aerodinâmica. A faculdade seria um ponto de partida para milhões de lugares onde ele nunca estivera, uma escala na Lua antes de se lançar no espaço. Ele deixaria tudo e todos para trás — e, embora não admitisse para si mesmo, *todos* significava Lydia também.

Ela estava com quinze anos, era alta e, na escola, quando prendia o cabelo e passava batom, parecia adulta. Em casa, ainda parecia a mesma menininha assustada de cinco anos que agarrara a mão dele enquanto se arrastavam de volta para a margem. Quando ela se aproximava, sua pele exalava o aroma infantil de seu perfume — até o nome era infantil: Baby Soft. Desde aquele verão, ele sentia que algo atava seus calcanhares e o desequilibrava, ligando o peso da irmã ao dele. Durante dez anos, aquilo não afrouxara, mas naquele momento estava começando a se desgastar. Por ser a única outra pessoa que entendia os pais, ele absorvia os sofrimentos da irmã durante todos aqueles anos, oferecendo empatia silenciosa, um aperto no ombro, ou um sorriso no canto da boca. Ele dizia: *A mamãe sempre se gaba de você para a Dra. Wolff. Quando tirei A+ em química, ela nem notou. Ou: Lembra quando não fui ao baile do nono ano? O papai disse: "Bem, se você não conseguiu arranjar uma garota para ir com*

você...” Ele a encorajava ao mostrar que amor demais era melhor do que de menos. Durante todo aquele tempo, Nath só se permitia pensar: *Quando eu for para a faculdade* — nunca completava a frase, mas em seu futuro imaginário ele flutuava para longe, livre de amarras.

Já era quase Natal, e nem sinal de uma carta de Harvard. Nath entrou na sala de estar sem acender as luzes, deixando que os pisca-piscas coloridos da árvore o guiassem. Cada vidro escuro da janela refletia uma minúscula árvore de Natal. Ele teria de elaborar novas cartas e esperar a segunda, a terceira ou a quarta seleção, ou talvez tivesse que ficar em casa para sempre. A voz do pai veio da cozinha:

— Acho que ela vai adorar. Assim que vi, pensei nela.

Não havia necessidade de qualquer esclarecimento: na família, *ela* era sempre Lydia. À medida que os pisca-piscas se acendiam e apagavam, a sala de estar aparecia, indistinta, e desaparecia outra vez. Nath fechava os olhos quando se acendiam e os abria quando se apagavam, de forma que só via a escuridão ininterrupta. Então a campainha tocou.

Era Jack — que ainda não era alguém suspeito aos olhos de Nath, apenas muito desgostado e nada confiável. Embora fizesse um frio congelante, ele usava apenas um casaco de moletom com capuz, parcialmente fechado por cima de uma camiseta com uma inscrição que Nath não conseguiu ler. As bainhas de sua calça jeans estavam desfiadas e úmidas de neve. Ele tirou a mão do bolso do casaco e a estendeu. Por um instante, Nath se perguntou se devia apertá-la. Então viu o envelope entre os dedos de Jack.

— Isto chegou lá em casa. Acabei de ver. — Ele bateu com o polegar no brasão vermelho no canto do envelope. — Pelo visto você vai para Harvard.

O envelope era grosso e pesado, como que repleto de boas notícias.

— Veremos — retrucou Nath. — Pode ser uma carta de recusa, não é?

Jack não sorriu.

— É — disse, dando de ombros. — Que seja.

Sem se despedir, ele se virou em direção à sua casa, deixando um rastro de pegadas no jardim coberto de neve dos Lee.

Nath fechou a porta e acendeu a luz da sala de estar, avaliando o peso do envelope nas mãos. De repente, o cômodo pareceu insuportavelmente quente. A aba foi levantada com um rasgo irregular, e ele arrancou a carta, amassando a beirada. *Caro Sr. Lee, permita que o parabenizemos mais uma vez por sua admissão antecipada na turma de 1981.* Suas juntas relaxaram, aliviadas.

— Quem era?

Hannah, que estivera ouvindo no corredor, espiou pela soleira da porta.

— Uma carta — Nath engoliu em seco — de Harvard.

Até o nome do lugar fazia sua língua formigar. Ele tentou ler o resto, mas o texto ficou desfocado. *Parabenizar. Mais uma vez.* O carteiro devia ter perdido a

primeira, pensou, mas não tinha importância. *Sua admissão*. Ele desistiu e sorriu para Hannah, que entrou no cômodo na ponta dos pés e se apoiou no sofá.

— Fui aceito.

— Em Harvard? — perguntou James, vindo da cozinha.

Nath fez que sim.

— A carta foi entregue na casa dos Wolff — disse o menino, estendendo-a.

Mas James mal a olhou. Ele olhava para Nath, e, daquela vez, não tinha o cenho franzido; então Nath percebeu que ficara tão alto quanto o pai, que podiam conversar olhando nos olhos um do outro.

— Nada mau — disse James.

Ele sorriu, meio constrangido, e tocou o ombro de Nath, e o filho sentiu sua mão, pesada e morna, através da camisa.

— Marilyn. Adivinha só?

Os saltos da mãe estalaram quando ela veio da cozinha.

— Nath — disse ela, beijando-o com força na bochecha. — Nath, é verdade?

— Ela tirou a carta da mão dele. — Meu Deus, turma de 1981! — exclamou. — Isso não faz você se sentir velho, James?

Nath não estava ouvindo. Ele pensava: *Está acontecendo. Eu consegui, cheguei lá, eu vou.*

No topo da escada, Lydia observou o pai apertar o ombro de Nath. Ela não se lembrava de ver o pai sorrindo para Nath daquele jeito. A mãe segurava a carta na luz, como se fosse um documento precioso. Hannah, com os cotovelos apoiados no braço do sofá, balançava os pés alegremente. O irmão estava de pé, em silêncio, assombrado e agradecido, o número 1981 brilhando em seus olhos feito uma linda estrela distante, e algo oscilou dentro de Lydia e caiu em seu peito com um baque. Como se tivessem escutado, todos se viraram em sua direção, e, logo que Nath abriu a boca para gritar a boa notícia, Lydia disse:

— Mãe, vou ser reprovada em física. Me mandaram informar você.

* * *

Naquela noite, enquanto Nath escovava os dentes, a porta do banheiro se abriu rangendo, e Lydia apareceu, apoiada no batente. Seu rosto estava pálido, quase cinzento, e, por um instante, Nath sentiu pena dela. Durante o jantar, a mãe fora de perguntas desvairadas — como ela podia ter deixado aquilo acontecer, ela não percebera — a afirmações categóricas: “Imagine você mais velha sem conseguir arrumar emprego. Apenas imagine.” Lydia não tinha discutido, e, diante do silêncio da filha, Marilyn acabou repetindo aquele aviso calamitoso várias vezes. “Você acha que vai simplesmente encontrar um homem e se casar? É só isso que planeja para a sua vida?” Ela fizera todo o possível para não chorar à mesa. Depois de meia hora, James dissera: “Marilyn...” Mas ela o tinha

encarado com tamanha ferocidade que ele se calara, cutucando pedaços de carne assada no molho de cebola. Todos haviam se esquecido de Harvard, da carta de Nath, do próprio Nath.

Após o jantar, Lydia encontrara Nath na sala de estar. A carta de Harvard estava na mesinha de centro, e ela tocara o lacre onde estava escrito *VERITAS*.

— Parabéns — dissera, baixinho. — Eu sabia que você ia ser aceito.

Nath estava zangado demais para falar com ela e não tirava os olhos da televisão, onde Donny e Marie cantavam em perfeita harmonia, e, antes que a música terminasse, Lydia correria para o seu quarto no andar de cima e batera a porta. Então, ali estava ela na soleira, pálida e descalça nos azulejos do banheiro.

Nath sabia o que Lydia queria: que ele oferecesse algum consolo, uma humilhação, um momento que ele preferia esquecer. Algo que a fizesse se sentir melhor. *A mamãe vai superar isso. Vai ficar tudo bem. Lembra quando...?* Mas ele não queria se lembrar de todas as vezes em que o pai admirara Lydia e o encarara com os olhos ardendo de decepção, todas as vezes em que a mãe elogiara Lydia e olhara para Nath como se ele fosse invisível. Queria saborear a tão esperada carta, a promessa de finalmente fugir dali, de um novo mundo que o aguardava, tão branco e limpo quanto giz.

Ele cuspiu com violência na pia sem olhar para a irmã, empurrando o resto da espuma pelo ralo com os dedos.

— Nath — sussurrou Lydia quando ele se virou para sair, e ele soube pelo tremor em sua voz que ela estivera chorando, que estava prestes a chorar outra vez.

— Boa noite — disse ele, e fechou a porta atrás de si.

* * *

Na manhã seguinte, Marilyn prendeu a prova de física com uma tachinha na parede da cozinha em frente à cadeira de Lydia. Nos três dias que se seguiram, do café da manhã até o jantar, ela ficou sentada ao lado da filha com o livro de física aberto na mesa. Tudo de que Lydia precisava, pensou, era um pouco de motivação. Impulso e inércia, cinética e potencial — essas coisas ainda pairavam em sua própria mente. Ela lia em voz alta por cima do ombro de Lydia: *Para cada ação, há uma reação equivalente e oposta*. Ela reviu a prova com Lydia diversas vezes, até que a filha conseguisse resolver cada questão corretamente.

O que Lydia não contou para a mãe foi que, na terceira vez, ela simplesmente tinha decorado as respostas certas. Durante o dia todo, debruçada no livro de física na mesa, ela esperava que o pai interviesse: *Já chega, Marilyn. É Natal, pelo amor de Deus*. Mas ele não disse nada. Lydia se recusava a falar com Nath desde *aquela noite* — como ela a chamava — e suspeitava, com razão, que ele também estava zangado com ela; Nath evitou a cozinha, a não ser na hora das

refeições. Até Hannah teria sido um consolo — um pequeno e silencioso alívio —, mas, como sempre, ninguém sabia onde ela estava. Na verdade, Hannah havia se instalado debaixo da mesa de canto do hall de entrada, fora do campo de visão da cozinha, ouvindo o ruído do lápis de Lydia. Ela abraçou os joelhos e enviou pensamentos delicados e pacientes, mas a irmã não os ouviu. Na manhã de Natal, Lydia estava furiosa com todos eles, e nem a descoberta de que Marilyn enfim tinha tirado a prova da parede conseguiu animá-la.

Sentar-se em torno da árvore de Natal também parecia ter se tornado uma experiência maculada. James tirou um embrulho após o outro da pilha, distribuindo-os, mas Lydia teve medo do presente que ganharia da mãe. Em geral, ela lhe dava livros — livros que, embora ninguém se desse conta plenamente, a mãe no fundo queria para si mesma e que, após o Natal, às vezes pegava emprestados na prateleira de Lydia. Para a filha, eles eram sempre difíceis demais, independentemente de sua idade; eram mais indiretas nada sutis do que presentes. No ano anterior fora *O atlas colorido da anatomia humana*, tão grande que não coubera em pé na prateleira; no ano anterior a esse, ela ganhara um volume grosso intitulado *Mulheres famosas da ciência*. As mulheres famosas a entediaram. Suas histórias eram todas iguais: ouviram que não eram capazes; decidiram fazer mesmo assim. Ela se perguntava se porque realmente queriam ou se porque lhes disseram que não podiam fazê-lo. E anatomia embrulhara seu estômago — homens e mulheres sem pele, depois sem músculos, até não passarem de esqueletos. Ela folheara algumas das páginas coloridas, fechara o livro e se remexera no assento, como se pudesse se livrar da sensação com um sacolejo, feito um cachorro que se sacode para tirar a água da chuva dos pelos.

Ao observar os olhos da irmã piscarem e ficarem vermelhos, Nath sentiu uma pontada de pena atravessar sua raiva. Ele tinha lido a carta de Harvard onze vezes até então e enfim se convencera de que era real: havia sido aceito de verdade. Iria embora dali a nove meses, e a consciência disso eliminou a dor de tudo que acontecera. E daí se os pais ligavam mais para o fracasso de Lydia do que para o seu sucesso? Ele iria embora. E quando fosse para a faculdade... Lydia teria de ficar para trás. O pensamento, finalmente posto em palavras, era agridoce. Enquanto o pai lhe entregava um presente embrulhado em papel vermelho, Nath deu um sorriso hesitante para Lydia, que fingiu não ver. Após três dias sem qualquer consolo, ela ainda não estava pronta para perdoá-lo, mas o gesto a aqueceu, feito um gole de chá em um dia frio de inverno.

Se não tivesse olhado para o teto naquele instante, Lydia talvez tivesse perdoado o irmão. Mas algo chamou sua atenção — uma mancha branca lá em cima —, e uma lembrança minúscula cresceu em sua mente. Eles eram bem pequenos. A mãe tinha levado Hannah para uma consulta médica, e Lydia e Nath, sozinhos em casa, tinham visto uma aranha imensa andando logo acima da janela. Nath subira no sofá e a esmagara com o sapato do pai, deixando uma

mancha preta e meia pegada no teto.

— Diga que foi você — implorara ele, mas Lydia tivera uma ideia melhor.

Ela pegou o pote de Liquid Paper ao lado da máquina de escrever do pai e pintou cada marca, uma por uma. Os pais nunca perceberam os pontos brancos no teto creme, e por meses, depois daquilo, ela e Nath olhavam para cima e compartilhavam um sorriso.

Agora, olhando com atenção, Lydia ainda distinguia a marca discreta do sapato do pai, com uma mancha maior onde estivera a aranha. Eles tinham sido parceiros. Havia permanecido juntos, mesmo naquela situação pequena e boba. Ela nunca esperara que em algum momento aquilo não fosse mais verdade. A luz da manhã banhava a parede, criando sombras e reflexos. Ela estreitou os olhos, tentando diferenciar o branco do creme.

— Lydia?

Todos estavam ocupados, desembulhando presentes: do outro lado da sala, Nath colocou um rolo de filme em uma câmera nova; um pingente de rubi em um colar de ouro brilhava sobre o roupão da mãe. Diante dela, o pai estendeu um embrulho, pequeno, compacto e de cantos pontiagudos, feito uma caixa de joias.

— Este é o meu para você. Eu mesmo escolhi.

Ele deu um sorriso largo. Em geral, James deixava as compras de Natal com Marilyn, permitindo que ela assinasse cada cartão escrevendo *Com amor, mamãe e papai*. Mas ele mesmo escolhera aquele presente e mal podia esperar para entregá-lo.

Um presente escolhido por ele mesmo tem que ser algo especial, pensou Lydia. Na mesma hora ela perdoou o pai por não intervir. Sob aquele embrulho havia algo delicado e precioso. Imaginou um colar de ouro como os que algumas meninas da escola tinham e nunca tiravam, pequenas cruzeiras de ouro que haviam ganhado como presente de crisma ou pequenos amuletos que se aninhavam entre suas clavículas. Um colar vindo do pai seria algo assim. Redimiria os livros que ganhara da mãe, redimiria tudo dos últimos três dias. Seria um pequeno lembrete que diria *Eu amo você. Você é perfeita do seu jeitinho*.

Ela deslizou os dedos por baixo do papel de presente e um livrinho preto e dourado caiu em seu colo. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. Uma linha amarelo-vivo dividia a capa. *Técnicas fundamentais para lidar com pessoas. Seis maneiras de fazer com que gostem de você*. No topo, em letras vermelho-escuros: *Quanto mais você aproveitar este livro, mais aproveitará a vida!* James sorriu.

— Achei que poderia ser útil. O livro ajuda as pessoas a... bem, a fazer amigos. A ser popular.

Ele passou os dedos no título na capa.

Lydia sentiu seu coração feito um cubo de gelo no peito, escorregando para longe de seu alcance.

— Eu tenho amigos, papai — disse ela, embora soubesse que era mentira.

O sorriso do pai vacilou.

— É claro que tem. Só pensei que... sabe como é, você está ficando mais velha, e no ensino médio... saber lidar com as pessoas é muito importante. O livro vai ensinar você a se dar bem com todo mundo. — Ele olhou do rosto da filha para o livro. — É publicado desde os anos 1930. Dizem que é o melhor sobre o tema.

Lydia engoliu em seco.

— É ótimo. Obrigada, papai.

Não havia esperança para os outros presentes em seu colo, mas Lydia os abriu mesmo assim. Uma echarpe macia de Nath. Um álbum de Simon e Garfunkel de Hannah. Livros da mãe, como sempre: *Pioneiras na ciência. Fisiologia básica.*

— Algumas coisas que achei que podiam interessar você, já que se saiu tão bem em biologia — disse Marilyn.

Ela tomou um gole do chá com um ruído que deu a sensação de arranhar a espinha de Lydia. Quando não sobrou mais nada sob a árvore a não ser papel de presente e pedaços de fita, Lydia empilhou tudo o que ganhou com cuidado, o livro do pai no topo. Uma sombra se projetou nele: o pai, de pé atrás dela.

— Não gostou do livro?

— Claro que gostei.

— Só achei que poderia ajudar. Mesmo que você provavelmente já saiba tudo sobre o assunto. — Ele apertou sua bochecha. — Como fazer amigos. Quem dera...

Ele parou a frase no meio, engolindo as palavras: *Quem dera eu soubesse quando tinha a sua idade. Talvez, ele pensou, tudo tivesse sido diferente*; se ele soubesse como *lidar com as pessoas*, como fazer com que gostassem dele, quem sabe ele teria se integrado melhor na Lloyd, teria encantado a mãe de Marilyn, teria sido contratado por Harvard. Ele teria *aproveitado mais a vida*.

— Achei que você ia gostar — concluiu, sem convicção.

Embora o pai nunca tivesse mencionado sua época de escola, embora ela nunca tivesse ouvido a história do casamento dos pais ou de sua mudança para Middlewood, Lydia sentia a dor daquilo, profunda e intensa feito uma sirene. Mais do que tudo, o pai queria que ela fosse querida. Que ela se integrasse. Lydia abriu o livro no colo, no primeiro capítulo. *Princípio 1. Não critique, condene ou reclame.*

— Adorei. Obrigada, papai.

James não pôde deixar de notar a irritação na voz da filha, mas tratou de esquecer aquilo. É claro que estava irritada, pensou, com um presente do qual não precisava. Lydia já tinha vários amigos; quase todas as noites ficava pendurada ao telefone com alguém, depois de terminar todo o dever de casa. Que estupidez comprar aquele livro. Colocou na cabeça que deveria ter uma ideia melhor para o próximo presente.

A verdade era: aos treze anos, por insistência do pai, Lydia telefonara para Pam Saunders. Ela sequer sabia o número de Pam, tivera de procurar na lista telefônica, que ficou em seu colo enquanto discava. Além do telefone na cozinha e do que ficava no escritório do pai, o único outro aparelho da casa ficava no patamar da escada, em um pequeno assento que aproveitava o espaço colado à janela no meio da escada, onde a mãe deixava algumas almofadas e uma violeta africana murcha. Quem quer que passasse no andar de baixo podia ouvir. Lydia esperou que o pai fosse até a sala de estar para discar o último número.

— Pam? É Lydia.

Silêncio. Ela quase podia ouvir o cenho de Pam se franzindo.

— Ly dia?

— Ly dia Lee. Da escola.

— Ah. — Mais silêncio. — Oi.

Lydia enrolou o fio do telefone no dedo e tentou pensar em algo para dizer.

— Então... o que você achou do teste de geografia de hoje?

— Normal, eu acho. — Pam estalou a bola de chiclete que tinha feito. — Eu odeio a escola.

— Eu também. — Pela primeira vez, ela percebeu que era verdade, e dizer aquilo lhe deu coragem. — Ei, você quer andar de patins no sábado? Aposto que meu pai levaria a gente de carro.

Uma visão repentina dela com Pam, circulando pela pista de patinação, animadas e rindo, atravessou sua mente. Atrás delas, na arquibancada, como seu pai estaria encantado.

— Sábado? — Um silêncio agudo de surpresa. — Ah, sinto muito, não posso. Quem sabe outro dia? — Um murmúrio ao fundo. — Ei, preciso desligar. Minha irmã quer usar o telefone. Tchau, Ly dia.

E o ruído do aparelho sendo colocado no gancho.

Chocada com a despedida abrupta, Lydia ainda estava segurando o aparelho na orelha quando o pai apareceu embaixo da escada. Vendo-a ao telefone, uma leveza cobriu seu rosto, como nuvens que se dissipam com um vento forte. Aquela imagem devia ser muito parecida com a aparência dele quando jovem, muito antes de ela nascer: infantilmente esperançoso, as possibilidades transformando seus olhos em estrelas. Ele sorriu para a filha, e, andando na ponta dos pés de maneira exagerada, foi para a sala de estar.

Lydia, com o telefone ainda colado na bochecha, mal pôde acreditar na facilidade que foi causar aquela onda luminosa de alegria no pai. Naquele momento, pareceu uma coisa pequena. Ela se lembrou daquilo quando, tempos depois, tirou novamente o telefone do gancho e o levou à orelha, murmurando “a-haaaam, a-haam... ela fez isso?” até que o pai passasse pelo corredor da entrada, parasse ali embaixo, sorrisse e seguisse em frente. Com o passar do tempo, ela começou a imaginar as garotas que observava de longe e o que diria

se fossem de fato amigas. “Shelley, você viu *Starsky e Hutch* ontem à noite? Ai, meu Deus, Pam, dá para acreditar naquele trabalho de inglês...? Dez páginas? A Sra. Gregson acha que a gente não tem nada melhor para fazer? Stacey, seu novo penteado deixa você *igualzinha* à Farrah Fawcett. Quem dera que o meu cabelo ficasse assim.” Por um tempo, aquilo permaneceu uma coisa pequena, o tom de discagem chiando em seu ouvido feito um amigo. Mas naquele momento, com o livro nas mãos, já não parecia tão insignificante.

Depois do café da manhã, Lydia se sentou de pernas cruzadas no canto, perto da árvore, e abriu de novo o livro. *Seja um bom ouvinte. Encoraje os outros a falar sobre si mesmos.* Virou algumas páginas. *Lembre-se de que as pessoas com quem está falando estão cem vezes mais interessadas em si mesmas, em seus desejos e problemas, do que em você e nos seus problemas.*

Do outro lado da sala, Nath olhava pelo visor de sua câmera nova, dando zoom em Lydia, colocando-a e tirando-a de foco. Ele estava se desculpendo por ter lhe ignorado, por ter fechado a porta na cara dela quando tudo que ela queria era não ficar sozinha. Lydia sabia disso, mas não estava a fim de fazer as pazes. Dali a alguns meses ele iria embora, e ela estaria sozinha para fazer amigos, influenciar pessoas e ser pioneira na ciência. Antes que Nath pudesse bater a foto, ela voltou a olhar para o livro, o cabelo cobrindo seu rosto. *Um sorriso diz: “Eu gosto de você. Você me deixa feliz. Fico contente em ver você.” É por isso que cachorros fazem tanto sucesso. Eles ficam tão contentes em nos ver que quase explodem.* Cachorros, pensou Lydia. Tentou se imaginar na pele de um cachorro, algo dócil e amigável, um golden retriever com um sorriso preto e um rabo peludo, mas não se sentia amigável, de raça e loura. Sentia-se antissocial e suspeita, feito o cachorro dos Wolff no fim da rua, um vira-lata, preparado para a hostilidade.

— Lyds — chamou Nath. Ele não desistia. — Lydia. Ly-dia.

Através da cortina de seu cabelo, Lydia viu a lente dar zoom, feito um microscópio gigante focado nela.

— Sorria.

Você não está com vontade de sorrir? E daí? Obrigue-se a sorrir. Aja como se já estivesse feliz, e isso provavelmente deixará você feliz.

Lydia enrolou o cabelo e o puxou para trás. Então encarou o olho negro da câmera, recusando-se a sorrir, sem a mínima curva nos lábios, mesmo depois de ouvir o clique do obturador.

* * *

Quando as aulas começaram, Lydia ficou aliviada por poder sair de casa, mesmo com a aula de física sendo a primeira coisa que tinha de encarar. Colocou a prova — àquela altura assinada pela mãe — virada na mesa do Sr.

Kelly. Ele já estava no quadro-negro, desenhando um diagrama. Escreveu no alto: *Unidade II: eletricidade e magnetismo*. Lydia deslizou em sua cadeira e apoiou a bochecha na mesa. Alguém tinha riscado *FODA-SE* do tamanho de uma moeda de dez centavos na mesa com uma tachinha. Ela pressionou o polegar na inscrição e, ao levantar a mão, apareceu um *FODA* espelhado na ponta do dedo feito uma queimadura.

— Boas férias?

Era Jack. Ele se sentou desleixadamente na carteira ao lado, passando o braço pelas costas da cadeira, como se fossem os ombros de uma menina. Àquela altura, ela mal conhecia Jack, embora ele morasse na sua esquina, e não falava com ele havia anos. Seu cabelo escurecera até se tornar cor de areia de praia; as sardas da infância de que ela se lembrava haviam ficado mais discretas. Ela sabia que Nath não gostava nem um pouco dele, nunca gostara, e por essa simples razão ficou feliz em vê-lo.

— O que você está fazendo aqui?

Jack olhou para o quadro-negro.

— Eletricidade e magnetismo.

Lydia corou.

— Eu quis dizer... essa matéria é do segundo ano — retrucou ela.

Jack pegou uma caneta sem tampa na mochila e apoiou o pé no joelho.

— Você sabia, Srta. Lee, que é preciso passar em física para se formar? Como não passei em Física II no ano passado, aqui estou eu de novo. Minha última chance.

Ele começou a cobrir o contorno da sola do tênis com a tinta da caneta. Lydia se empertigou.

— Você repetiu?

— *Repeti*. Cinquenta e dois por cento. Abaixo de abaixo da média. Sei que é um conceito difícil de entender para você, Srta. Lee. Já que nunca fracassou em nada.

Lydia ficou tensa.

— Na verdade, eu estou prestes a repetir em física.

Jack não virou a cabeça, mas ela viu uma sobancelha arqueando. Então, para sua surpresa, ele se debruçou entre as carteiras e desenhou um pequeno zero no joelho da calça jeans dela.

— O símbolo da nossa sociedade secreta — disse ele enquanto o sinal tocava. Seus olhos, de um azul-cinza bem escuro, encontraram os dela. — Bem-vinda ao clube, Srta. Lee.

Durante toda a aula naquela manhã, Lydia correu a ponta do dedo pelo pequeno zero, observando Jack de canto de olho. Ele estava concentrado em algo que ela não conseguia identificar, ignorando a ladainha do Sr. Kelly, os lápis escrevendo ao seu redor, a luz fluorescente zumbindo acima. Um polegar

batucava a mesa. *Será que Jack Wolff quer ser meu amigo?*, ela se perguntou. *Nath o mataria. Ou a mim.* No entanto, após aquele primeiro dia, Jack não lhe dirigiu mais a palavra. Certos dias, ele chegava atrasado, então deitava a cabeça na mesa durante a aula; outros dias, simplesmente faltava. O zero sumiu da calça com a lavagem. Lydia ficava debruçada sobre suas anotações. Copiava tudo que o Sr. Kelly escrevia no quadro, folheando as páginas do livro tantas vezes que os cantos ficaram moles e quebradiços.

Então, no fim de janeiro, durante o jantar, sua mãe lhe passou a salada e o prato de macarrão instantâneo e olhou para ela com expectativa, inclinando a cabeça de um lado para o outro, feito um par de antenas tentando captar o sinal.

— Lydia, como você está em física? — finalmente perguntou.

— Estou bem. — Espetou um pedaço redondo de cenoura com o garfo. — Melhor. Estou melhorando.

— Melhorando quanto? — perguntou a mãe, com um tom de rigidez.

Lydia mastigou a cenoura até virar polpa.

— Ainda não tivemos nenhuma prova. Mas estou me saindo bem no dever de casa.

Aquilo era mentira apenas em parte. O primeiro teste do semestre seria na semana seguinte. Enquanto isso, ela fazia os trabalhos como podia, copiando os problemas de número ímpar das respostas no fim do livro e desenrolando os de número par da melhor forma possível.

A mãe franziu o cenho, mas se serviu de macarrão.

— Pergunte ao professor se você pode ganhar crédito extra. Não deixe essa nota prejudicar você. Com todo o seu potencial...

Lydia fincou o garfo em um pedaço de tomate. Apenas a ansiedade na voz da mãe a impedia de gritar.

— Eu sei, mãe.

Olhou para o irmão, do outro lado da mesa, esperando que ele mudasse de assunto, mas Nath, que tinha outras coisas em mente, não percebeu.

— Lydia, como vai a Shelley? — indagou James.

Lydia hesitou. No verão anterior, a pedido do pai, ela convidara Shelley para ir à sua casa uma vez. Shelley, porém, parecera mais interessada em flertar com Nath, tentando convencê-lo a jogar bola no jardim, perguntando quem ele achava mais bonita entre Lynda Carter e Lindsay Wagner. Elas não se falavam desde então.

— Ela está bem. Ocupada. É secretária do conselho estudantil.

— Talvez você também possa participar do conselho — sugeriu James. — Ele sacudi o garfo na sua direção, com o ar de um sábio proferindo um aforismo. — Tenho certeza de que adorariam ter sua ajuda. E quanto a Pam e Karen?

Lydia olhou para seu prato, a salada cutucada e o triste amontoado de carne e queijo ao lado. Fazia mais de um ano desde que falara com Karen pela última

vez, quando o pai as levava para casa de carro após ver *Um estranho no ninho* no cinema. No começo, ela ficou orgulhosa por, pelo menos uma vez, seus planos não serem mentira. Karen tinha acabado de se mudar para a cidade, e Lydia, encorajada pelo seu frescor, sugerira uma ida ao cinema; Karen respondera:

— Está bem, claro, por que não?

Então, durante todo o percurso, seu pai tentara mostrar como era *descolado*:

— Cinco irmãos e irmãs, Karen? Igualzinho à Família Sol-Lá-Si-Dó! Você vê esse programa?

— Pai — dissera Lydia. — *Pai*.

Mas ele continuou, perguntando a Karen sobre os álbuns do momento, cantando um verso ou dois de “Waterloo”, que já tinha sido lançada havia dois anos. A menina respondera “sim” e “não” e “não sei”, brincando com o próprio brinco. Lydia teve vontade de derreter e se afundar no banco, bem no fundo, onde a espuma bloquearia qualquer som. Cogitou dizer algo sobre o filme, mas não conseguiu pensar em nada. Só o que vinha à sua cabeça era o olhar vazio de Jack Nicholson enquanto o travesseiro descia para sufocá-lo. O silêncio inflou, preenchendo o carro, até que eles pararam diante da casa de Karen.

Na segunda-feira seguinte, durante o almoço, ela parou ao lado da mesa de Karen e tentou sorrir.

— Peço desculpas pelo meu pai. Nossa, ele é tão constrangedor.

Karen tirou a tampa do seu iogurte, lambeu o alumínio e deu de ombros.

— Tudo bem. Na verdade, foi meio fofo. Quer dizer, está na cara que ele só quer ajudar você a se enturmar.

Agora Lydia encarava o pai, que sorria para ela alegremente, como que orgulhoso por saber tanto sobre suas *amigas*, de lembrar seus nomes. Um cachorro, pensou ela, esperando um biscoito.

— Estão ótimas. As duas estão ótimas.

Na outra extremidade da mesa, Marilyn disse, baixinho:

— Pare de atormentá-la, James. Ela está jantando.

E James retrucou, um pouco mais alto:

— Não sou eu que estou pegando no pé dela com o dever de casa.

Hannah cutucou uma bolinha de hambúrguer no prato. Lydia encontrou o olhar de Nath. *Por favor*, pensou. *Diga alguma coisa*.

Nath respirou fundo. Ele estava guardando algo que queria dizer desde o começo da noite.

— Pai, preciso que você assine alguns formulários.

— Formulários? Para quê?

— Para Harvard. — Nath largou o garfo. — Minha inscrição para o alojamento e um para a visita ao campus. Posso ir em abril, por um fim de semana. Um aluno irá me receber. — Agora que tinha começado, as palavras saíram em um emaranhado sem fôlego. — Tenho dinheiro suficiente guardado

para a passagem de ônibus, e não vou perder mais do que alguns dias de aula. Só preciso da sua autorização.

Perder alguns dias de aula, pensou Lydia. Eles nunca permitiriam.

Para sua surpresa, os pais assentiram.

— Boa ideia — disse Marilyn. — Assim você experimenta a vida do campus, para o ano que vem, quando estiver lá para valer.

— É uma viagem de ônibus muito longa. Acho que podemos bancar uma passagem de avião para uma ocasião tão especial — disse James.

Nath sorriu para a irmã, duplamente triunfante: *Eles largaram do seu pé. E disseram que sim*. Lydia, que fazia riscos no molho de queijo com a ponta da faca, só conseguia pensar em uma coisa: *Ele está doido para ir embora*.

— Sabe quem está na minha turma de física agora? — comentou ela, de repente. — Jack Wolff, nosso vizinho.

Ela mordiscou um pedaço de alface americana e avaliou a reação da família. Para seus pais, o nome passou despercebido, como se ela não tivesse falado nada. Sua mãe disse:

— Aliás, falando nisso, Lyddie, posso ajudar você a rever suas anotações no sábado, se quiser.

— Faz tempo que não vejo a Karen. Por que vocês não vão ao cinema um dia desses? Eu levo vocês de carro — propôs o pai.

Mas a cabeça de Nath, do outro lado da mesa, se ergueu como se um tiro tivesse sido disparado. Lydia sorriu, olhando para o prato. E, naquele momento, decidiu que ela e Jack se tornariam amigos.

* * *

No início, pareceu impossível. Jack não ia à aula havia quase uma semana, e ela rondou seu carro depois da escola por dias até conseguir pegá-lo sozinho. No primeiro dia, ele saiu do prédio com uma loura do segundo ano que ela não conhecia, e Lydia se escondeu atrás de um arbusto e observou por entre os galhos. Jack enfiou as mãos no bolso da menina, depois dentro do casaco e, quando ela fingiu estar ofendida e o empurrou, ele a colocou em cima do ombro, ameaçando jogá-la no monte de neve enquanto ela dava gritinhos e ria, socando suas costas. Então, Jack a colocou no chão e abriu a porta do fusca, a loura entrou e eles foram embora de carro, o vapor se erguendo do cano de descarga, e Lydia soube que não voltariam. No segundo dia, Jack simplesmente não apareceu, e Lydia acabou voltando a pé para casa. A neve estava na altura das panturrilhas; as temperaturas baixas batiam recordes naquele inverno. A cento e sessenta quilômetros para o norte, o lago Erie congelara; em Buffalo, a neve cobria os telhados das casas, engolindo cabos elétricos. Em casa, Nath, que tinha ficado sozinho no banco do ônibus pela primeira vez desde que podia se lembrar, exigiu

saber:

— O que aconteceu com você?

E Lydia subiu as escadas batendo os pés, sem responder.

No terceiro dia, Jack saiu do prédio sozinho, então Lydia respirou fundo e correu até a calçada. Como sempre, ele estava sem casaco e sem luvas. Dois dedos nus e vermelhos seguravam um cigarro.

— Pode me dar uma carona para casa?

— Srta. Lee. — Jack tirou um bolo de neve do pneu da frente com um chute.

— Você não devia estar no ônibus da escola?

Ela deu de ombros, puxando o cachecol para cima do pescoço.

— Perdi o ônibus.

— Eu não vou direto para casa.

— Não me importo. Está frio demais para ir a pé.

Jack procurou a chave no bolso da frente.

— Tem certeza de que seu irmão quer ver você andando com um cara como eu? — perguntou, a sobrancelha erguida.

— Ele não manda em mim.

A frase saiu mais enfática do que o planejado, e Jack riu, soltando uma baforada de fumaça, e se sentou no banco do motorista. Lydia, com as bochechas vermelhas, quase deu meia-volta quando ele se debruçou para levantar o pino da porta do carona.

Uma vez dentro do carro, ela não soube o que dizer. Jack ligou o motor e passou a marcha, acionando o velocímetro e o indicador de combustível no painel. Não havia outros mostradores. Lydia pensou nos carros dos seus pais: todos os indicadores e as luzes que avisavam se o óleo estava baixo demais, se o motor estava quente demais, se o carro estava sendo dirigido com o freio de mão puxado ou com a porta, a mala ou o capô abertos. Eles não confiavam em você. Precisavam avaliá-lo constantemente, para lembrar-lhe do que tinha que fazer e o que não podia fazer. Ela nunca havia ficado sozinha com um menino antes — Marilyn a proibira, não que ela já tivesse tentado sair com algum — e lhe ocorreu que jamais tinha conversado de verdade com Jack. Só tinha uma vaga ideia do que acontecia no banco de trás. De canto de olho, ela analisou o perfil dele, a discreta barba por fazer — mais escura do que seu cabelo louro — que ia de suas costeletas até a parte macia de sua garganta, feito uma mancha de carvão pedindo para ser limpa.

— Então — disse ela. — Seus dedos tremeram, e ela os enfiou no bolso do casaco. — Posso pegar um cigarro?

Jack riu.

— Está de sacanagem? Você não fuma.

Ele ofereceu o maço mesmo assim, e Lydia pegou um cigarro. Ela tinha achado que seria sólido e pesado, feito um lápis, mas era leve, não pesava nada.

Sem tirar os olhos da rua, Jack jogou o isqueiro para ela.

— Então você viu que não precisava do seu irmão para acompanhá-la até em casa hoje.

Lydia não pôde deixar de notar o desprezo em sua voz, mas não soube ao certo se ele estava zombando dela ou de Nath, ou dos dois ao mesmo tempo.

— Não sou criança — disse ela, acendendo e levando o cigarro aos lábios.

A fumaça ardeu em seus pulmões e fez sua cabeça girar, e, de repente, ela se sentiu alerta e atenta. Era como cortar o dedo, pensou: a dor e o sangue a faziam se sentir viva. Ela soltou o ar, um minúsculo ciclone escapando por entre os dentes, e estendeu o isqueiro. Jack acenou com a mão.

— Põe no porta-luvas.

Quando Lydia abriu o fecho, uma caixinha azul caiu, indo parar aos seus pés. Ela congelou, e Jack riu.

— O que houve? Nunca viu uma camisinha, Srta. Lee?

Com o rosto ardendo, Lydia catou as camisinhas e as devolveu à caixa aberta.

— É claro que já.

Ela as colocou de volta no porta-luvas, junto com o isqueiro, e tentou mudar de assunto.

— Então, o que você achou da prova de física?

Jack soltou um grunhido.

— Achei que você não ligasse para física.

— Você ainda está indo mal?

— Você está?

Lydia hesitou. Deu um longo trago, imitando Jack, e inclinou a cabeça para trás ao soltar o ar.

— Não ligo para física. Pouco me importa.

— Conversa fiada. Então por que, sempre que o Sr. Kelly devolve um trabalho, parece que você vai chorar?

Ela não sabia que ficava tão óbvio, e suas bochechas e seu pescoço ficaram corados. Embaixo dela, o banco rangia e uma mola incomodava sua coxa.

— A pequena Srta. Lee fumando... — disse Jack, estalando a língua. — O seu irmão não vai ficar bravo quando descobrir?

— Não tão bravo quanto se souber que estive no seu carro.

Lydia sorriu. Jack pareceu não notar. Ele baixou a janela e um vento frio entrou no carro enquanto ele jogava sua guimba de cigarro na rua.

— Ele me odeia tanto assim, é?

— Fala sério — retrucou Lydia. — Todo mundo sabe o que acontece neste carro.

Do nada, Jack parou na beira da estrada. Eles haviam acabado de chegar ao lago, e seus olhos estavam frios e límpidos, como a água congelada logo atrás.

— Talvez seja melhor você sair do carro, então. Não vai querer alguém feito

eu corrompendo você. Arruinando suas chances de entrar em Harvard que nem seu irmão.

Ele deve odiar Nath de verdade, pensou Lydia. *Tanto quanto Nath o odeia*. Ela imaginou os dois juntos em sala de aula, todos aqueles anos: Nath sentado na frente, o caderno na mesa, esfregando a pequena ruga entre as sobrancelhas, como fazia quando estava pensando com afinco. Totalmente concentrado, alheio a todo o resto, a resposta bem ali, guardada em sua boca. E Jack? Jack estaria esparramado no canto, no fundo da sala, a camisa para fora da calça, uma perna estendida no corredor entre as fileiras. Muito à vontade. Muito seguro de si. Nada preocupado com o que os outros pensavam dele. Não era de espantar que eles não se suportassem.

— Eu não sou como ele, sabe — observou ela.

Jack a analisou por um bom tempo, como que tentando decifrar se aquilo era verdade. Sob o banco traseiro, o motor morreu com um grunhido. As cinzas na ponta de seu cigarro se acumulavam feito um verme, mas ela não disse nada, apenas soltou uma fina nuvem no ar gelado e se obrigou a manter o contato com os olhos estreitados de Jack.

— Como você saiu com olhos azuis? — perguntou ele, finalmente. — Sendo chinesa, e tal?

Lydia piscou os olhos.

— Minha mãe é americana.

— Achei que olhos castanhos fossem dominantes.

Jack apoiou a mão no encosto de cabeça do banco dela e se debruçou para examiná-la com atenção, feito um joalheiro com uma pedra preciosa. Com aquela avaliação, o pescoço de Lydia começou a formigar, então ela desviou o olhar e bateu o cigarro no cinzeiro.

— Nem sempre, pelo visto.

— Nunca vi um chinês de olhos azuis.

De perto, dava para ver uma constelação de sardas na bochecha de Jack — discretas, mas ainda presentes. Assim como fizera o irmão muito tempo antes, ela contou quantas eram: nove.

— Você sabia que é a única menina da escola que não é branca?

— Ah, é? Não tinha percebido.

Aquilo era mentira. Mesmo com olhos azuis, ela não podia fingir que se integrava ao restante dos alunos.

— Aposto que você e Nath são praticamente os únicos chineses de toda Middlewood.

— Provavelmente.

Jack se recostou em seu banco outra vez e esfregou uma pequena reentrância no plástico do volante. Então, após um instante, perguntou:

— Como é isso?

“Como é isso?” Lydia hesitou. Às vezes, dava para quase esquecer que não tinha a aparência do restante das pessoas. Na sala de aula, na farmácia ou no supermercado, ouvia os anúncios matinais, deixava um rolo de filme ou pegava uma caixa de ovos e se sentia feito apenas mais uma na multidão. Às vezes simplesmente não pensava naquilo. Então, às vezes, percebia a menina na carteira ao lado observando, o farmacêutico observando, o garoto do caixa observando, e se via refletida em seus olhares: incongruente. Atraindo atenção feito um ímã. Sempre que se via de fora, da maneira como os outros a viam, lembrava de novo. Dava para ver no cartaz do Peking Express — um homem desenhado com um chapéu típico dos *colliers*, os olhos puxados, dentes de coelho e hashis. Via-se nos menininhos no parque, puxando os olhos com os dedos até ficarem pequeninhos — *Chinês* — *Japonês* — *aqui eis* — e nos meninos mais velhos que murmuravam *ching chong ching chong ching* ao passar por ela na rua, apenas alto o bastante para serem ouvidos. Via-se quando garçonetes, policiais e motoristas de ônibus falavam devagar, com palavras simples, com medo de que não entendesse. Via-se nas fotos, sendo a única de cabelo escuro na cena, como se fosse uma montagem. Era de se pensar: *Ei, o que essa menina está fazendo aí?* Então se lembrava de que *essa menina* era *ela*. Mantinha a cabeça baixa e pensava na escola, no espaço ou no futuro, e tentava esquecer. E esquecia, até que acontecia outra vez.

— Eu não sei. As pessoas formam uma opinião antes de conhecerem você. — Olhou para ele, subitamente ousada. — Mais ou menos como você fez comigo. Elas acham que sabem tudo a seu respeito. Só que você nunca é quem elas pensam.

Jack se manteve em silêncio por um longo tempo, sem tirar os olhos do castelo no centro do volante. Eles nunca seriam amigos depois disso. Ele odiava Nath e, por causa do que ela tinha acabado de dizer, a odiaria também. Ele a expulsaria do carro e iria embora. Então, para surpresa de Lydia, Jack pegou o maço de cigarros no bolso e o estendeu na direção dela. Uma oferta de paz.

Lydia não se perguntou aonde iriam. Não pensou naquele momento em que desculpa daria para a mãe, a desculpa que — com um sorriso inspirado — usaria para esconder todas as tardes que passaria com Jack a de que tinha ficado na escola para fazer créditos extras de física. Não pensou nem mesmo na expressão chocada e ansiosa de Nath quando descobrisse onde ela estivera. Ao olhar para o lago ali fora, ela não tinha como saber que dali a três meses estaria em seu fundo. Naquele instante, ela simplesmente aceitou o cigarro e, quando Jack acendeu o isqueiro, levou sua ponta à chama.

James está muito familiarizado com esse tipo de esquecimento. Desde a Lloyd Academy até Harvard e Middlewood, ele sente aquilo todo dia — aquela breve dormência, então a forte pontada nas costelas que lhe lembrava que você não se encaixava. Parecia um falso conforto para ele, feito um animal de zoológico agachado em sua jaula, ignorando os olhares embasbacados, fingindo que ainda é livre. Passado um mês do enterro de Lydia, ele valoriza esses momentos de esquecimento.

Outros talvez tivessem encontrado refúgio em uma garrafa de uísque, ou de vodca, ou até em um engradado de cerveja. James, porém, nunca gostou do sabor do álcool e descobriu que a bebida não apaziguava em nada a sua mente; apenas o deixava vermelho-escuro, como se tivesse apanhado muito, enquanto sua mente se agitava ainda mais. Ele dirige por longos percursos, atravessando Middlewood, seguindo a autoestrada quase até Cleveland antes de voltar. Toma remédios para dormir que pega na farmácia, e mesmo em seus sonhos Lydia está morta. De novo e de novo, ele encontra apenas um lugar onde pode parar de pensar: a cama de Louisa.

Diz a Marilyn que está indo dar aula ou se encontrar com alunos; nos fins de semana, diz que precisa corrigir trabalhos. Mentiras. O reitor cancelou seu curso de verão na semana seguinte à morte de Lydia. “Tire um tempo para você, James”, disse, tocando de leve no ombro dele. Fazia aquilo com todos que precisava consolar: alunos revoltados com notas baixas, funcionários frustrados com auxílios não recebidos. Seu trabalho era fazer com que as perdas parecessem menores. Mas os alunos nunca transformavam um C- em B; novas verbas nunca se materializavam. Ninguém jamais conseguia o que queria; apenas aprendia a viver sem aquilo. E a última coisa que James quer é tempo para si mesmo — ficar em casa é insuportável. A cada instante, ele espera que Lydia apareça na porta, ou então ouvir o rangido das tábuas do assoalho de seu quarto lá em cima. Certa manhã, ele ouviu passos no quarto dela e, antes que pudesse evitar, correu escada acima, sem fôlego, apenas para encontrar Marilyn andando de um lado a outro diante da mesa de Lydia, abrindo e fechando suas gavetas. *Saia daqui*, ele quis gritar, como se aquele espaço fosse sagrado. Agora, todas as manhãs, ele pega sua pasta, como se fosse dar aula, e vai à faculdade. Até em sua sala ele fica abismado com a foto da família na escrivaninha, em que Lydia — que mal completara quinze anos na época — espia além do quadro, pronta para pular longe do vidro da moldura e deixar todos eles para trás. À

tarde, ele acaba no apartamento de Louisa, mergulhando em seus braços, então entre suas pernas, onde felizmente sua cabeça se desliga.

Mas, após deixar a casa de Louisa, ele volta a se lembrar e fica sempre mais zangado do que antes. Certas noites, no caminho de volta até o carro, ele pega uma garrafa jogada na rua e a joga na lateral do prédio de Louisa. Em outras, ele luta contra a tentação de bater com o carro em uma árvore. Nath e Hannah tentam ficar fora do seu caminho, e ele e Marilyn mal se falam há semanas. À medida que o 4 de Julho se aproxima, James passa pelo lago e percebe que alguém decorou a doca com bandeirolas e balões brancos e vermelhos. Ele sai da estrada e arranca toda a decoração, estourando cada balão com o calcanhar. Depois que tudo afundou e a doca está solene e nua, ele volta para casa, ainda tremendo.

A visão de Nath vasculhando a geladeira o deixa irritado mais uma vez.

— Você está desperdiçando energia — diz James.

Nath fecha a porta, e sua obediência silenciosa só irrita James ainda mais.

— Você sempre tem que estar no meio do caminho?

— Desculpe — diz Nath. Ele tem um ovo cozido em uma das mãos e um guardanapo de papel na outra. — Eu não estava esperando você.

Fora do carro, que tem o ar carregado do cheiro de escapamento e graxa, James percebe que dá para sentir o perfume de Louisa em sua pele, almiscarado, picante e doce. Ele se pergunta se Nath também sente.

— Como assim, não estava me esperando? Eu não tenho o direito de entrar na minha própria cozinha depois de um longo dia de trabalho? — Ele larga a pasta. — Cadê sua mãe?

— Está no quarto de Ly dia. — Nath hesita. — Passou o dia todo lá dentro.

Sob o olhar do filho, James sente um formigamento agudo entre as escápulas, como se Nath o culpasse.

— Para sua informação, meu curso de verão demanda uma responsabilidade enorme. E eu tenho conferências. Reuniões.

Ele fica ruborizado ao se lembrar daquela tarde — Louisa se ajoelhando diante de sua cadeira, então abrindo devagar o zíper de sua calça — e aquilo o deixa irritado. Nath o encara, os lábios levemente separados, como se quisesse formular uma pergunta, mas não conseguisse passar da primeira letra, e, de repente, James fica furioso. Desde que os filhos nasceram, James acredita que Ly dia se parece com a mãe — linda, de olhos azuis, equilibrada — e Nath se parece com ele: sombrio, hesitando no meio das frases, prestes a tropeçar nas próprias palavras. Na maior parte do tempo, ele esquece que Ly dia e Nath também se parecem. Agora, James tem um súbito vislumbre da filha no rosto de Nath, de olhos arregalados e calado, e a dor daquilo o torna cruel.

— Você fica em casa o dia inteiro. Será que não tem nenhum amigo?

Seu pai diz coisas como essa há anos, mas naquele instante Nath sente algo

arrebentar, feito um cabo esticado além do limite.

— Nenhum. Não sou como você. Nenhuma conferência. Nenhuma... reunião.

— Ele franze o nariz — Você está com cheiro de perfume. É da sua reunião, imagino?

James o segura pelo ombro com tanta força que os dedos estalam.

— Não fale comigo desse jeito. Não me questione. Você não sabe nada da minha vida. — Então, antes que perceba que as palavras estão se formando, elas voam de sua boca feito cuspe. — Assim como não sabia nada da vida da sua irmã.

A expressão de Nath não muda, mas seu rosto todo enrijece, feito uma máscara. James quer pegar as palavras de volta no ar, feito mariposas, mas elas já tinham chegado aos ouvidos do filho: dá para ver nos olhos de Nath, que se tornaram brilhantes e duros como vidro. Ele tem vontade de estender o braço e tocar o filho — sua mão, seu ombro, qualquer lugar — e explicar que não queria dizer isso. Que nada disso era culpa dele. Então Nath bate na bancada com tanta força que deixa uma rachadura na chapa laminada velha e gasta. Sai correndo da cozinha, seus passos soando feito trovões escada acima, e James deixa sua pasta deslizar até o chão e se apoia na bancada. Sua mão toca algo frio e molhado: os restos esmagados do ovo cozido, pedacinhos da casca enfiados nas profundezas do branco macio.

Ele pensa nisso durante a noite toda, o rosto congelado do filho, e se levanta cedo na manhã seguinte. Ao pegar o jornal na varanda, vê a data preta e austera no canto: 3 de julho. Dois meses do dia em que Lydia desapareceu. Não parece possível que apenas dois meses antes ele tenha corrigido trabalhos em sua sala, que tenha ficado constrangido ao tirar uma joaninha do cabelo de Louisa. Até dois meses antes, o dia 3 de julho era uma data feliz, secretamente estimada por dez anos — o dia do milagroso retorno de Marilyn. Como tudo havia mudado. Na cozinha, James tira o elástico do jornal e o desdobra. Ali, abaixo da dobra, vê a pequena manchete: *Professores e alunos relembram menina falecida*. As notícias sobre Lydia se tornaram mais curtas e esparsas. Em breve, acabariam de vez, e todos se esqueceriam dela. James traz o jornal para perto. O dia está nublado, mas ele deixa a luz apagada, como se a luminosidade fraca pudesse atenuar o que está prestes a ler. De Karen Adler: *Ela parecia solitária. Não socializava muito com os colegas*. De Pam Saunders: *Não tinha muitos amigos, nem namorado. Acho que os meninos nem reparavam nela*. Na parte inferior: *O professor de física de Lee, Donald Kelly, a descreveu como a caloura em uma turma de segundo ano, comentando: "Ela se esforçava muito, mas é claro que se destacava."* Ao lado da matéria, um boxê intitulado *Crianças de origem mestiça costumam ter dificuldades de se enturmar*.

Então, o telefone toca. Toda vez, seu primeiro pensamento é: *Eles a encontraram*. Naquele instante, uma pequena parte dele grita que foi tudo um

engano, um caso de identidade trocada, um pesadelo. Mas o resto dele, que sabe a verdade, o puxa para baixo com um baque revoltante: *Você a viu*. E ele volta a se lembrar, com uma clareza horrível, de suas mãos inchadas, seu rosto pálido e sem vida.

É por isso que sua voz, quando atende o telefone, sempre falha.

— Sr. Lee? — É o policial Fiske. — Espero que não seja cedo demais para ligar. Como o senhor está?

— Bem — responde James.

Todos perguntam isso, e a esta altura a resposta já é uma mentira automática.

— Bem, Sr. Lee... — diz o policial Fiske, e James percebe que a notícia é ruim. Ninguém repete seu nome com tanta insistência a menos que esteja tentando ser gentil. — Estou ligando para informar que decidimos encerrar a investigação. Decretamos o caso como suicídio.

James precisa repetir as palavras para si mesmo antes de entender.

— Suicídio?

O policial Fiske hesita.

— A polícia nunca trabalha com *certezas*, Sr. Lee. Quem me dera. Não é como nos filmes... as coisas raramente são tão simples. — Ele não gosta de dar notícias ruins, então se refugia na linguagem formal. — As circunstâncias sugerem que suicídio é, de longe, o cenário mais provável. Não há nenhum indício de violência. Um histórico de solidão. Seu desempenho no colégio estava caindo. Passeando no lago ciente de que não sabia nadar.

James baixa a cabeça e o policial Fiske continua. Seu tom fica mais gentil, feito um pai consolando uma criança pequena.

— Sabemos que não é nada fácil para o senhor e a sua família, Sr. Lee. Esperamos que isso pelo menos os ajude a seguir em frente.

— Obrigado — diz James.

Ele devolve o telefone ao gancho. Atrás dele, Marilyn observa na entrada, com a mão no batente da porta.

— Quem era?

Pela maneira como segura o roupão, apertado na altura do coração, James sabe que ela já ouviu tudo. Marilyn acende a luz, e a luminosidade repentina faz com que ele se sinta exposto e nu.

— Eles não podem encerrar o caso — argumenta Marilyn. — Quem quer que tenha feito isso ainda está solto.

— Quem quer que tenha feito isso? A polícia acha... — James hesita. — Eles acham que não havia ninguém envolvido.

— Eles não a conhecem. Alguém deve tê-la enganado e levado até lá. — Marilyn hesita quando lhe vem à mente a lembrança dos cigarros e das camisinhas, mas a raiva coloca a lembrança de lado e deixa sua voz aguda. — Ela não teria ido até lá sozinha. Você acha que eu não conheço minha própria

filha?

James não responde. Só consegue pensar: *Se nós nunca tivéssemos nos mudado para cá. Se ela nunca tivesse visto o lago.* O silêncio entre eles fica mais denso, feito gelo, e Marilyn estremece.

— Você acredita neles, não é? — provoca Marilyn. — Você acha que ela fez isso.

Não consegue usar a palavra *suicídio*; a mera ideia deixa sua mente em ebulição outra vez. Lydia nunca faria uma coisa dessas com a família. Com a mãe. Como James pode acreditar?

— Eles só querem encerrar o caso. É mais fácil parar de procurar do que trabalhar de verdade. — A voz de Marilyn vacila, e ela fecha as mãos, como se mantê-las imóveis pudesse acietar seu tremor interno. — Se ela fosse branca, eles continuariam procurando.

Uma pedra afunda no estômago de James. Durante todo o tempo que estavam juntos, branca foi apenas a cor do papel, da neve, do açúcar. A palavra “chinês” — quando mencionada — só era usada para um tipo de xadrez, um tipo de exercício de evacuação, um tipo de comida de que James não gostava. O termo não entrava em discussão, assim como não discutiam se o céu fica no alto ou se a Terra gira em torno do Sol. Ele acreditara ingenuamente que — ao contrário da mãe de Marilyn, ao contrário de todas as outras pessoas — aquilo não fazia diferença para eles. Agora, quando Marilyn diz isso — *se ela fosse branca* —, o que James temera o tempo todo era comprovado; que no fundo, desde o início, ela rotulara as coisas. *Branco e não branco.* Que isso fazia toda a diferença.

— Se ela fosse branca — diz ele —, nada disso teria acontecido.

Ainda irada com a polícia, Marilyn não compreende, e isso a deixa ainda mais furiosa.

— Como assim?

Sob a luz da cozinha, seus pulsos estão pálidos e magros; seus lábios, contraídos; seu rosto, frio. James recorda: muito tempo atrás, quando eram jovens e a pior coisa que podiam imaginar era não estarem juntos, ele se debruçou para tocá-la, e seu dedo deixou um rastro arrepiado na escápula de Marilyn. Cada pelinho em seu próprio braço se ergueu, eletrizado. Aquele momento e aquela conexão parecem distantes e pequenos agora, como algo que aconteceu em outra vida.

— Você sabe o que quero dizer. Se ela fosse branca... — As palavras são amargas feito cinzas em sua língua. *Se ela fosse branca. Se eu fosse branco.* — Ela teria se integrado.

Pois se mudar nunca teria sido o suficiente; ele percebe agora. Teria sido igual em qualquer lugar. *Crianças de origem mestiça costumam ter dificuldades de se enturmar.* O erro era anterior, mais profundo, mais fundamental: aconteceu na manhã em que se casaram, quando o juiz de paz olhou para Marilyn e ela disse

sim. Ou antes, naquela primeira tarde que passaram juntos, quando ele ficou de pé ao lado da cama, nu e tímido, e ela passou as pernas em torno de sua cintura e o puxou para si. Antes ainda: naquele primeiro dia, quando ela se debruçou na mesa dele e o beijou, tirando seu fôlego feito um soco repentino e ágil. Milhões de pequenas chances de mudar o futuro. Eles nunca deveriam ter se casado. Ele nunca deveria tê-la tocado. Ela deveria ter dado meia-volta, saído da sala dele para o corredor, se afastado. Ele vê com toda a clareza: nada disso deveria ter acontecido. Um erro.

— Sua mãe tinha razão, no fim das contas. Você deveria ter se casado com alguém que tivesse mais a ver com você.

Antes que Marilyn possa dizer algo — antes de entender se está zangada, triste ou magoada, antes que possa realmente compreender o que James disse —, ele vai embora.

Desta vez, não se dá ao trabalho de parar na faculdade. Vai direto para o apartamento de Louisa, ultrapassando todos os sinais de trânsito, chegando sem fôlego, como se tivesse ido até lá correndo.

— Está tudo bem? — pergunta ela ao abrir a porta, ainda cheirando a banho, vestida, mas com o cabelo molhado, uma escova na mão. — Eu não estava esperando você tão cedo.

São apenas quinze para as nove, e James ouve as perguntas murmuradas por trás de sua surpresa: ele veio para ficar? E a mulher? Ele não sabe as respostas. Agora que enfim colocou para fora as palavras, sente-se estranhamente leve. O quarto oscila e gira, e ele se deixa cair no sofá.

— Você precisa comer alguma coisa — afirma Louisa. Ela vai até a cozinha e volta com um pequeno tupperware. — Aqui.

Delicadamente, ela tira a tampa e lhe estende o recipiente. Há três bolinhos cor de neve, o topo áspero feito peônias prestes a florescer, revelando um brilho vermelho-escuro e amarelado ali dentro. O aroma doce de porco assado alcança seu nariz.

— Eu preparei ontem — diz Louisa. Ela hesita. — Você sabe o que são?

A mãe dele costumava preparar isso, muito tempo atrás, em seu minúsculo apartamento cor de concreto. Ela assava o porco, fazia a massa e arrumava os bolinhos na panela de bambu que tinha trazido da China. O prato preferido de seu pai. *Char siu bau*.

Louisa abre um grande sorriso, e só então James percebe que falou em voz alta. Ele não dizia uma única palavra em chinês havia quarenta anos, mas fica impressionado com a maneira como sua língua ainda se molda ao formato delas. Ele não come esses bolinhos desde que era criança. Sua mãe costumava mandá-los de almoço até que ele pediu que parasse, porque preferia comer o mesmo que as outras crianças.

— Vá em frente — diz Louisa. — Prove.

Lentamente, ele tira um bolinho do pote. É mais leve do que se lembra, feito uma nuvem, cedendo sob seus dedos. Tinha esquecido que algo podia ser tão macio. Abre o bolinho, revelando pedaços reluzentes de porco e molho, um coração vermelho secreto. Quando o põe na boca, é como um beijo: doce, salgado e morno.

James não espera que ela o envolva em seus braços, como se ele fosse uma criança pequena e hesitante, ou que ela o atraia até o quarto. Em vez disso, ele a empurra para o chão enquanto abre seu zíper, levantando a saia dela e puxando-a para cima dele bem ali, na sala. Louisa geme, arqueando as costas, e James se atrapalha com os botões de sua blusa, tirando-a e abrindo seu sutiã, segurando seus seios, pesados e redondos, nas mãos em concha. Enquanto ela sobe e desce sobre ele, James se concentra em seu rosto, no cabelo escuro que cai em sua boca, nos olhos castanhos-escuros que se fecham à medida que a respiração se acelera, seus movimentos se tornam mais ávidos. Louisa é o tipo de mulher, pensa ele, por quem deveria ter se apaixonado. Uma mulher com a mesma aparência que a dele. Uma mulher igual a ele.

— Você é o tipo de moça com quem eu deveria ter me casado — sussurra depois.

É o tipo de coisa que todo homem diz para a amante, mas para ele aquilo é uma revelação. Semiadormecida nos braços dele, Louisa não ouve, mas as palavras serpenteiam em seus ouvidos, dando-lhe os sonhos emaranhados de todas as outras outras. *Ele vai deixá-la... vai se casar comigo... vou fazê-lo feliz... não haverá nenhuma outra mulher.*

* * *

Em casa, quando Nath e Hannah descem a escada, Marilyn está sentada, imóvel, à mesa da cozinha. Embora já passe das dez da manhã, ela ainda está de roupão, tão colado no corpo que não dá para ver seu pescoço, e os dois sabem que a notícia é ruim antes mesmo que ela diga a palavra *suicídio*.

— Foi mesmo? — pergunta Nath devagar.

Virando o corpo em direção à escada, sem olhar para nenhum dos dois, Marilyn responde, apenas:

— Eles dizem que foi.

Nath cutuca os pedaços de cereal no fundo da tigela durante meia hora, enquanto Hannah o observa, nervosa. Ele tem verificado a casa dos Wolff todos os dias, à procura de Jack, tentando surpreendê-lo — apesar de não saber muito bem para quê. Certa vez, ele chegou a subir os degraus da varanda e espiar pela janela, mas a casa estava sempre vazia. O carro de Jack não passava na rua havia dias. Enfim Nath empurra a tigela para longe e pega o telefone.

— Sai daqui — diz para Hannah. — Quero dar um telefonema. — Hannah

para no meio da escada, ouvindo os ruídos lentos enquanto Nath disca. — Policial Fiske — diz ele, após um instante —, aqui é Nathan Lee. Estou ligando para falar sobre a minha irmã.

Ele abaixa a voz, e dá para ouvir apenas alguns trechos do que fala: *precisam reavaliar. Tentei falar com ele. Agindo de maneira evasiva*. Perto do fim da ligação, uma única palavra se faz ouvir. *Jack. Jack*. Como se Nath não conseguisse dizer o nome sem cuspir.

Depois que coloca o telefone no gancho, com tanta força que os sinos soam, Nath se tranca no quarto. Aham que ele está histérico, mas Nath sabe que há alguma coisa ali, algo relacionado a Jack, falta uma peça no quebra-cabeça. Se a polícia não acredita nele, seus pais também não vão acreditar. De qualquer forma, seu pai mal tem parado em casa, e sua mãe se trancou no quarto de Lydia outra vez; pela parede dá para ouvir os passos dela, andando feito um gato vadio. Hannah bate em sua porta, e ele põe um disco para tocar alto, até que não consegue mais ouvir as batidas na porta, ou os passos da mãe. Mais tarde, nenhum deles se lembrará de como correu o dia, apenas um borrão sem vida, ofuscado por tudo que aconteceria no dia seguinte.

Quando a noite cai, Hannah abre a porta do sótão e espia pela fresta. Uma lâmina de luz passa por baixo da porta de Nath, outra por baixo da porta de Lydia. Nath tinha colocado o mesmo disco para tocar sem parar a tarde toda, mas enfim desligou o som, e agora um silêncio espesso, feito névoa, se derrama naquele andar da casa. Ao descer as escadas na ponta dos pés, ela encontra o lugar escuro, o pai ainda não voltou. A torneira da cozinha pinga: *ping, ping, ping*. Ela sabe que deveria fechá-la, mas então a casa ficaria em silêncio, e neste momento isso seria insuportável. De volta ao quarto, ela imagina a pia pingando na cozinha. Com cada *ping*, outra gota de água se forma no aço escovado da pia.

Ela quer se aninhar na cama da irmã e dormir, mas, com a mãe ali dentro, não pode fazer isso. Então, para se consolar, Hannah anda em círculos no sótão, verificando seus tesouros, pegando cada um em seu esconderijo e os examinando. Enfiada entre o colchão e o boxe da cama: a menor colher do jogo de chá da mãe. Atrás dos livros na prateleira: a velha carteira do pai, o couro gasto, fino feito um lenço. Um lápis de Nath, no qual as marcas de dente revelam a madeira sob a tinta amarela. Esses são seus fracassos. Os sucessos se foram: a argola em que o pai guardava as chaves da sala na faculdade; o melhor batom da mãe, *Orvalho de pétala de rosa*; o anel do humor que Lydia costumava usar no polegar. Eram queridos, faziam falta e tinham sido caçados das mãos de Hannah. *Não são brinquedos*, disse o pai. *Você é muito nova para usar maquiagem*, disse a mãe. Lydia foi mais rígida: *Fique longe das minhas coisas*. Hannah escondeu as mãos atrás das costas, saboreando o sermão, assentindo solenemente enquanto memorizava a silhueta deles de pé, ao lado da sua cama. Quando foram embora, ela repetiu cada palavra baixinho, redesenhando-os no espaço vazio que haviam

ocupado.

Tudo que lhe resta são coisas não desejadas, não amadas. Mas ela não as devolve. Para compensar o fato de não sentirem falta desses objetos, ela os conta cuidadosamente, duas vezes, esfrega uma mancha na colher, abre e fecha o compartimento de moedas da carteira. Ela guarda alguns deles há anos. Ninguém jamais reparou que haviam sumido. Tinham desaparecido em silêncio, sem nem mesmo o *ping* de uma gota d'água.

Ela sabe que Nath está convencido, apesar do que a polícia diz, de que Jack levou Lydia até o lago, que teve algo a ver com aquilo, que a culpa é dele. Em sua imaginação, Jack a arrastou até o lago, a empurrou na água, suas impressões digitais marcadas no pescoço dela. Mas Nath está totalmente enganado sobre Jack.

Eis como Hannah sabe disso. No verão anterior, ela, Nath e Lydia foram até o lago. Fazia calor e Nath foi nadar. Lydia tomava sol de biquíni, em uma toalha listrada estendida na grama, cobrindo os olhos com a mão. Hannah estava listando mentalmente os diversos apelidos de Lydia. *Lyd. Lyds. Lyddie. Doçura. Querida. Anjo.* Ninguém chamava Hannah de nada além de Hannah. Não havia nuvens no céu, e, ao sol, a água parecia quase branca, feito uma poça de leite. Ao seu lado, Lydia soltou um breve suspiro e deitou o corpo inteiro na toalha. Ela cheirava a óleo de bebê e sua pele brilhava.

Enquanto estreitava os olhos, à procura de Nath, Hannah pensava nas possibilidades. “Hannah Banana” — podiam chamá-la assim. Ou algo que não tivesse nada a ver com seu nome, algo que soasse estranho, mas que, vindo deles, seria caloroso e pessoal. *Alce*, pensou ela. *Feijão*. Então Jack passou andando, com os óculos escuros na cabeça, embora o sol estivesse muito intenso.

— É bom tomar cuidado — disse a Lydia. — Você vai ficar com uma marca branca no rosto se ficar deitada assim.

Ela riu, descobrindo os olhos e se sentando.

— Nath não está aqui? — perguntou Jack, acomodando-se ao lado delas, e Lydia acenou para a água.

Jack tirou os cigarros do bolso e acendeu um; então, de repente, lá estava Nath, fuzilando-os com o olhar. O peito nu estava salpicado de água, que também escorria do cabelo pelos ombros.

— O que você está fazendo aqui?

Jack apagou o cigarro na grama e colocou os óculos antes de olhar para ele.

— Só curtindo o sol. Achei que seria bom dar um mergulho.

Sua voz não transparecia nervosismo, mas, de onde estava sentada, Hannah viu seus olhos por trás das lentes escuras, como eles foram na direção de Nath e depois desviaram. Sem dizer palavra, Nath se afundou entre Jack e Lydia, amassando sua toalha seca na mão. Pedacos de grama grudaram em seu traje de banho e suas panturrilhas, feito pequenos traços de tinta verde.

— Você vai se queimar — disse a Lydia. — É melhor vestir a camiseta.

— Estou bem.

Lydia voltou a cobrir os olhos com a mão.

— Você já está ficando vermelha — argumentou Nath. Ele estava de costas para Jack, como se o rapaz não estivesse ali. — Aqui. E aqui. — Tocou o ombro de Lydia, depois sua clavícula.

— Estou bem — repetiu Lydia, acenando com a mão livre, como que o dispensando, e voltou a se deitar. — Você é pior que a mamãe. Para de me perturbar. Me deixa em paz.

Algo chamou a atenção de Hannah nesse momento, e ela não ouviu o que Nath retrucou. Uma gota d'água escorreu do cabelo de Nath, feito um camundongo tímido, e desceu pela nuca. Escorreu lentamente por entre as escápulas e, onde suas costas faziam uma curva, caiu de uma vez, como que pulando de um precipício, e aterrissou no dorso da mão de Jack. Com o rosto virado para longe de Jack, Nath não viu, nem Lydia, que espiava entre as brechas de seus dedos. Apenas Hannah, com os braços em volta dos joelhos, a uma pequena distância atrás deles, viu a gota cair. Em seus ouvidos, a gota fez barulho, feito um tiro de canhão. E o próprio Jack teve um sobressalto. Ele olhou para a gota d'água sem se mover, como se fosse um inseto raro que pudesse sair voando. Então, sem olhar para nenhum deles, levou a mão à boca e tocou a gota com a língua, como se fosse mel.

Aconteceu tão depressa que, se fosse outra pessoa, Hannah talvez tivesse se questionado se tinha imaginado aquilo. Ninguém mais viu. Nath ainda olhava para o outro lado; Lydia estava com os olhos fechados por causa do sol. Mas o instante brilhou feito um relâmpago para Hannah. Anos de anseios a haviam tornado sensível, assim como um cão faminto cujas narinas dilatam ao menor aroma de comida. Ela não tinha como se enganar. Reconheceu aquilo de imediato: amor, adoração profunda que ia numa direção, mas não voltava; um amor cuidadoso e silencioso que não ligava e persistia mesmo assim. Era familiar demais para ser surpreendente. Algo dentro dela se esticou e envolveu Jack feito um xale, mas ele não reparou. Ele desviou o olhar para a outra extremidade do lago, como se nada tivesse acontecido. Hannah esticou a perna e tocou o pé de Jack com seu pé descalço, dedão com dedão, e só então ele olhou para ela.

— Oi, mocinha — disse, bagunçando seu cabelo.

Todo o seu couro cabeludo formigou e ela achou que os fios fossem ficar de pé, como eletricidade estática. Ao som da voz de Jack, Nath olhou para os dois e chamou:

— Hannah.

Sem saber por quê, ela se levantou. Nath cutucou Lydia com o pé.

— Vamos embora.

Lydia grunhiu, mas pegou a toalha e o frasco de óleo de bebê.

— Fique longe da minha irmã — disse Nath a Jack, bem baixinho, enquanto iam embora.

Lydia, que já se afastava, sacudindo a toalha cheia de grama, não ouviu, mas Hannah, sim. Pareceu que Nath estava falando dela — Hannah —, mas ela sabia que na verdade o irmão se referia a Lydia. Quando pararam na esquina para esperar um carro passar, ela olhou para trás, espiando, uma olhadela rápida demais para que Nath notasse. Jack observava os dois se afastarem. Qualquer um acharia que ele estava olhando para Lydia, que tinha amarrado a toalha nos quadris, como um sarongue. Hannah lhe deu um leve sorriso, que ele não retribuiu. A menina ficou na dúvida se ele não a tinha visto ou se seu único sorrisinho não fora o suficiente.

Agora ela pensa na expressão de Jack quando olhou para as próprias mãos, como se algo importante tivesse acontecido com elas. Não. Nath está enganado. Aquelas mãos nunca machucariam alguém. Hannah tem certeza disso.

* * *

Na cama de Lydia, Marilyn abraça os joelhos feito uma menininha, tentando preencher as lacunas entre o que James disse, o que ele pensa e o que quis dizer. *Sua mãe tinha razão desde o início. Você deveria ter se casado com alguém que tivesse mais a ver com você.* Havia tanta amargura na voz dele que Marilyn ficou sem reação. As palavras são familiares, e ela as pronuncia em silêncio, tentando situá-las. Então, lembra. No dia de seu casamento, no cartório: sua mãe lhe avisou sobre seus filhos, como eles não se integrariam a lugar algum. *Você vai se arrepender*, disse, como se eles fossem ser maltratados, imbecilizados e condenados, e lá fora, na recepção, James devia ter ouvido tudo. Marilyn disse apenas: *Minha mãe acha que devo me casar com alguém que tenha mais a ver comigo*, depois jogou o assunto para longe, como poeira no chão. Mas aquelas palavras haviam assombrado o marido. Como deviam ter se enrolado em seu coração, apertando cada vez mais ao longo dos anos, entranhando-se na carne. Ele baixou a cabeça feito um assassino, como se seu sangue fosse veneno, como se se arrependesse de sua filha ter um dia existido.

Quando James chegar em casa, pensa Marilyn, emudecida pela dor, ela dirá: *Eu me casaria com você cem vezes se isso nos desse Lydia. Mil vezes. Você não pode se culpar por isso.*

Só que James não volta para casa. Não para o jantar; não quando escurece; não à uma da manhã, quando os bares da cidade fecham. Marilyn fica acordada a noite toda, sentada com os travesseiros apoiados na cabeceira, esperando o som do carro dele na entrada, dos passos na escada. Às três, como ele ainda não voltou, ela decide ir até sua sala na faculdade. A caminho do campus, ela o

imagina encolhido em sua poltrona de rodinhas, oprimido pela tristeza, a bochecha macia apoiada na escrivaninha dura. Quando o encontrar, pensa, vai convencê-lo de que não é culpa dele. Vai levá-lo para casa. Mas, quando entra no estacionamento, ele está vazio. Dá a volta no prédio três vezes, verificando todas as vagas onde ele costuma estacionar, depois, todas as vagas de funcionários, então todos os parquímetros ali perto. Nenhum sinal dele.

De manhã, quando as crianças descem a escada, Marilyn está sentada à mesa da cozinha, com o pescoço tenso e os olhos turvos.

— Cadê o papai? — pergunta Hannah, e o silêncio basta como resposta.

É o feriado do 4 de Julho: tudo está fechado. James não tem amigos na faculdade; não é próximo dos vizinhos; despreza o reitor. Teria sofrido um acidente? Será que ela deveria ligar para a polícia? Nath esfrega os nós machucados dos dedos na rachadura da bancada e se lembra do perfume na pele do pai, de suas bochechas coradas, de sua fúria aguda e repentina. *Eu não devo nada a ele*, pensa, mas ainda assim tem a sensação de estar se jogando de um precipício alto quando engole em seco e enfim diz:

— Mãe? Acho que sei onde ele está.

A princípio, Marilyn não quer acreditar. Não é do feitio de James. Além disso, pondera, ele não conhece ninguém. Não tem nenhuma amiga. Não há mulheres no departamento de história de Middlewood, a faculdade inteira só tem algumas professoras. Quando James conheceria outra mulher? Então, um pensamento horrível lhe ocorre.

Ela pega a lista telefônica e passa os olhos pelos Cs até encontrá-la, a única pessoa de sobrenome Chen em toda Middlewood: *L Chen 4th Street 3A, 105*. Um número de telefone. Ela quase pega o receptor, mas o que diria? *Alô, você sabe onde o meu marido está?* Sem fechar a lista telefônica, ela pega as chaves na bancada.

— Fiquem aqui, vocês dois. Volto em meia hora.

A 4th Street fica perto da faculdade, uma área da cidade repleta de estudantes, e mesmo ao virar a esquina, estreitando os olhos para ver os números dos prédios, Marilyn não tem nada planejado. Talvez, ela pensa, Nath esteja totalmente enganado, talvez ela esteja sendo tola. Sente-se como um violino afiado demais, as cordas tão retesadas que a menor vibração a faz explodir. Então, diante do número 97, ela vê o carro de James, estacionado sob um bordo raquítico. Quatro folhas caídas pontilham seu para-brisa.

Agora ela se sente estranhamente calma. Estaciona o carro, entra no prédio de número 105 e sobe os degraus até o terceiro andar, onde, com o punho firme, bate à porta do 3A. Já são quase onze horas e, quando a porta se abre, apenas o suficiente para revelar Louisa ainda vestindo um roupão azul-claro, Marilyn sorri.

— Olá. Você é Louisa, não é? Louisa Chen? Sou Marilyn Lee. — Como Louisa

não responde, ela acrescenta: — A mulher de James Lee.

— Ah, sim — retruca Louisa. — Seus olhos evitam os de Marilyn. — Desculpe, ainda não estou vestida...

— Estou vendo. — Marilyn põe a mão na porta, mantendo-a aberta. — Só vou tomar um instante do seu tempo. É que estou procurando o meu marido. Ele não voltou para casa ontem à noite.

— Ah é? — Louisa engole em seco, e Marilyn finge não notar. — Que terrível. Você deve estar muito preocupada.

— Estou. Muito preocupada. — Ela não tira os olhos de Louisa. As duas se viram em apenas duas ocasiões, de passagem na festa de Natal da faculdade, depois no enterro, e Marilyn a examina cuidadosamente. Cabelo longo cor de nanquim, longos cílios sobre olhos voltados para baixo, a boca pequena, feito a de uma boneca. Uma coisinha tímida. *Tão diferente de mim*, pensa com uma pontada, *quanto uma garota pode ser*. — Você tem alguma ideia de onde ele pode estar?

O rosto de Louisa fica vermelho-vivo, e Marilyn quase sente pena dela, tão transparente.

— Por que eu saberia?

— Você é a assistente dele, não é? Trabalham juntos todos os dias. — Ela hesita. — Ele fala muito de você lá em casa.

— Fala?

Confusão, prazer e surpresa se misturam no rosto de Louisa, e Marilyn vê exatamente o que está passando pela sua cabeça. *Aquela Louisa... ela é tão inteligente. Tão talentosa. Tão bonita.* Ela pensa: *Ah, Louisa. Como você é jovem.*

— Bem — diz Louisa —, você procurou na sala dele?

— Ele não estava lá mais cedo. Talvez esteja agora. — Ela segura a maçaneta. — Posso usar seu telefone?

O sorriso de Louisa desaparece.

— Sinto muito. Na verdade meu telefone está quebrado.

Ela olha desesperada para Marilyn, como que pedindo que desista e vá embora. Marilyn espera, deixa que Louisa se inquiete. Suas mãos pararam de tremer. Por dentro, ela sente uma raiva silenciosa e fumegante.

— Obrigada mesmo assim. Você ajudou muito.

Ela deixa o olhar vagar para além de Louisa, para a pequena fatia da sala de estar que consegue ver pela porta, e Louisa olha, nervosa, para trás, como se James pudesse ter saído do quarto por algum descuido.

— Se você o vir — acrescenta Marilyn, erguendo a voz —, diga ao meu marido que nos vemos em casa.

Louisa engole em seco outra vez.

— Vou dizer — retruca, e enfim Marilyn permite que ela feche a porta.

Alguns meses antes, outro romance ilícito fermentava. Para imenso desgosto de Nath, durante toda a primavera Lydia passou as tardes com Jack, no carro dele: dirigindo para lá e para cá na cidade, estacionando o Volkswagen perto do pátio gramado da faculdade, perto do parque infantil, ou em um estacionamento deserto.

Apesar do que Nath pensava, para a satisfação presunçosa de Lydia, apesar dos sussurros aqui e ali quando alguém a via entrando no carro de Jack — *Ela não está, será? De jeito nenhum. Ela? Não pode ser* —, apesar das expectativas da própria Lydia, a verdade era muito menos escandalosa. Enquanto os universitários corriam para a aula, as criancinhas subiam no escorrega ou jogadores de boliche iam até a pista para uma rápida partida depois do trabalho, algo que Lydia nunca esperara acontecer: ela e Jack conversavam. Enquanto fumavam sentados com os pés no painel do carro, ela lhe contava histórias sobre os pais: como no segundo ano do fundamental ela copiara o diagrama de um coração da enciclopédia, nomeando cada ventrículo com um marcador, e a mãe pendurara aquilo na parede do seu quarto como se fosse uma obra-prima. Como, quando ela tinha dez anos, a mãe a convencer a não ir para a festa de aniversário de Cat Malone — a única para a qual tinha sido convidada — para terminar o projeto da feira de ciências. Como o pai insistira para que ela fosse ao baile do primeiro ano do ensino médio e lhe comprara um vestido, e ela passara a noite de pé no canto mais escuro do ginásio, contando os minutos até que pudesse ir para casa: que horário seria tarde o bastante? Oito e meia? Nove? No começo, tentava não mencionar Nath, lembrando como Jack o odiava. Mas não podia falar de si mesma sem Nath, e, para sua surpresa, Jack fazia perguntas: por que Nath queria ser astronauta? Ele ficava quieto em casa como ficava na escola? Então ela contou como, depois do pouso na Lua, por dias ele pulara no gramado, fingindo ser Neil Armstrong. Como, no sexto ano, ele convencer a bibliotecária a deixar que pegasse livros da seção dos adultos e levava para casa obras de física, mecânica de voo, aerodinâmica. Como ele pedira um telescópio de presente em seu aniversário de catorze anos, mas ganhara um rádio-relógio; como guardara a mesada e comprara ele mesmo um. Como às vezes, durante o jantar, Nath não dizia nem uma palavra sequer sobre o seu dia, porque os pais não perguntavam. Jack absorvia tudo, acendendo o próximo cigarro dela quando Lydia jogava a guimba do velho pela janela, estendendo seu maço quando o dela acabava.

Semana após semana, ela continha uma pontada de culpa por fazer com que Nath parecesse ainda mais patético — porque falar sobre ele a mantinha no carro de Jack todas as tardes, e todas as tardes que ela passava no carro de Jack incomodavam Nath cada vez mais.

Então, em meados de abril, Jack começou a ensinar Lydia a dirigir. No fim do mês, ela completaria dezesseis anos.

— Pense na embreagem e no acelerador como parceiros. Quando um aumenta, o outro diminui.

Sob a orientação de Jack, Lydia soltou lentamente a embreagem e pisou no acelerador com o dedão do pé, e o carro avançou pelo estacionamento deserto da pista de patinação na Rota 17. Então o carro morreu, fazendo com que seus ombros batessem no encosto do banco. Mesmo após uma semana de treino, a violência daquele momento ainda a surpreendia, como o carro todo chacoalhava e ficava em silêncio, como se tivesse sofrido um ataque cardíaco.

— Tenta de novo — falou Jack. Ele pôs o pé no painel e apertou o acendedor de cigarro. — Devagarinho. Embreagem para a frente, acelerador para trás.

Um carro de polícia surgiu na outra extremidade do estacionamento e fez uma meia-volta perfeita, posicionando-se de frente para a rua. *Eles não estão atrás da gente*, disse Lydia a si mesma. A Rota 17, à beira da cidade, era conhecida por ter forte vigilância de velocidade. Ainda assim, o carro preto e branco chamava a sua atenção. Ela virou a chave, ligando o motor, e fez o carro morrer outra vez, quase de imediato.

— Tenta de novo — repetiu Jack, pegando um maço de Marlboro no bolso. — Você está com muita pressa.

Ela não tinha se dado conta daquilo, mas era verdade. Até as duas semanas que antecederiam seu aniversário, quando poderia obter a carteira de motorista aprendiz, pareciam eternas. Quando tivesse sua habilitação, pensou Lydia, poderia ir a qualquer lugar. Ela poderia dirigir pela cidade, até Ohio, até a Califórnia se quisesse. Mesmo depois que Nath fosse embora — sua mente afastou o pensamento —, ela não ficaria presa, sozinha, com os pais; poderia escapar a qualquer hora. Só de pensar naquilo suas pernas formigavam, como que ansiosas para correr.

Devagar, pensou, respirando fundo. São como parceiros. Um aumenta, o outro diminui. James prometera lhe ensinar a dirigir em seu sedã logo que ela tivesse idade para tirar a carteira, mas Lydia não queria aprender no carro deles. Era sério e dócil, feito uma égua de meia-idade. Ele apitava baixinho, como um acompanhante alerta, se você não colocasse o cinto de segurança. “Depois que tiver a carteira”, dizia o pai, “você poderá sair com o carro nas sextas com suas amigas.” “Se suas notas continuarem boas”, acrescentava a mãe se estivesse por perto.

Lydia afundou a embreagem até o chão, ligou o motor outra vez e pôs a mão

no câmbio. Eram quase cinco e meia, e sua mãe estaria esperando que ela chegasse em breve. Quando tentou soltar a embreagem, seu pé escorregou do pedal. O carro empinou e morreu. Os policiais olharam na direção deles, depois voltaram a prestar atenção na estrada.

Jack balançou a cabeça.

— Podemos tentar de novo amanhã.

As espirais do acendedor brilharam quando ele o tirou do painel e pressionou o cigarro em seu centro, a ponta chamuscando, preta contra o metal, depois laranja, como se a cor tivesse sangrado. Ele o passou para Lydia e, depois que trocaram de lugar, acendeu um para si.

— Você quase conseguiu — disse, guiando o carro até a saída do estacionamento.

Lydia sabia que era mentira, mas assentiu.

— É. Fica para a próxima — disse, com a voz rouca.

Quando entraram na Rota 17, ela soltou uma longa coluna de fumaça em direção ao carro da polícia.

— Então, você vai contar para o seu irmão que tem andado comigo e que eu não sou tão malvado assim? — perguntou Jack quando estavam quase chegando em casa.

Lydia sorriu. Suspeitava que Jack continuava levando outras meninas para sair — alguns dias, ele e o Volkswagen sumiam —, mas com ela era praticamente um cavalheiro: sequer tinha segurado sua mão. E daí se eram só amigos? Na maioria dos dias era ela quem entrava em seu carro, e Lydia sabia que isso não passava despercebido por Nath. Na hora do jantar, enquanto ela inventava histórias para a mãe sobre suas notas e seu *projeto de crédito extra*, ou para o pai sobre a nova permanente de Shelley ou a obsessão de Pam por David Cassidy, Nath a observava — meio irritado, meio temeroso — como se quisesse dizer algo, mas não soubesse como. Ela sabia o que o irmão estava pensando, e não o impedia. Certas noites, ela entrava no quarto de Nath, sentava-se no peitoril da janela e acendia um cigarro, desafiando-o a falar algo.

Então, Lydia disse:

— Ele nunca acreditaria em mim.

Ela saltou do carro um quarteirão antes, e Jack virou a esquina e estacionou em casa enquanto Lydia marchava em direção à sua própria casa, como se tivesse feito todo o percurso sozinha a pé. Amanhã, pensou, vou passar a primeira marcha e vamos passear pelo estacionamento, as linhas brancas correndo por baixo das rodas. Seus pés ficariam confortáveis nos pedais, com os dorsos flexíveis. Em breve, ela deslizaria pela autoestrada, passando a terceira, a quarta, acelerando rumo a um lugar só dela.

Não foi assim que aconteceu. Em casa, no seu quarto, Lydia ligou o toca-discos onde o álbum que Hannah lhe dera de Natal já estava a postos — para

surpresa de Lydia, ela o ouvia sem parar. Colocou a agulha a três centímetros da borda, tentando acertar o começo da sua música preferida, mas errou, e a voz de Paul Simon invadiu subitamente o quarto: *Hey, let your honesty shine, shine, shine...*

Uma batida leve se fazia ouvir por baixo da música, e Lydia aumentou o volume até o máximo. Dali a um instante, Marilyn, com os nós dos dedos doloridos, abriu a porta e entrou.

— Lydia. *Lydia*.

Como a filha não se virou, Marilyn levantou a agulha do toca-discos e o quarto ficou silencioso, o disco girando desamparadamente sob sua mão.

— Melhor assim. Como você consegue pensar com isso tocando?

— Não me incomoda.

— Você já terminou o dever de casa? — Nenhuma resposta. Marilyn comprimiu os lábios. — Sabe, você não devia estar ouvindo música se ainda não acabou o trabalho da escola.

Lydia mordiscava a cutícula.

— Faço depois do jantar.

— Melhor começar agora, não acha? Para garantir que vai ter tempo de fazer tudo e bem-feito? — A expressão de Marilyn se suavizou. — Querida, eu sei que o ensino médio pode não parecer importante. Mas ele é a base para o resto da sua vida.

Ela se sentou no braço da cadeira de Lydia e fez cafuné na filha. Era tão crucial fazê-la entender, mas Marilyn não sabia como. Sua voz foi tomada por um estremecimento, mas Lydia não percebeu.

— Acredite em mim. Por favor. Não deixe que a sua vida fuja do seu controle.

Ai, Deus, pensou Lydia, *de novo, não*. Ela piscou ferozmente e se concentrou no canto da escrivaninha, onde havia uma matéria de jornal que a mãe tinha recortado meses antes e que já estava empoeirada.

— Olhe para mim.

Marilyn segurou o queixo da filha e pensou em todas as coisas que a própria mãe nunca lhe dissera, as coisas que ela ansiara por ouvir durante toda a vida.

— Você tem a vida toda pela frente. Pode fazer o que quiser. — Hesitou, olhando para a prateleira repleta de livros atrás de Lydia, o estetoscópio em cima da estante, o mosaico perfeito da tabela periódica. — Quando eu morrer, só quero que você se lembre disso.

Ela quis dizer: *Eu amo você. Eu amo você*. Mas suas palavras tiraram o ar dos pulmões de Lydia: *Quando eu morrer*. Durante todo aquele verão distante, ela pensara que a mãe podia de fato estar morta, e aquelas semanas e meses haviam deixado uma dor persistente, constante em seu peito, feito uma ferida latejante. Ela prometera: tudo que a mãe quisesse. Qualquer coisa. Contanto que a mãe

ficasse.

— Eu sei, mãe. Eu sei. — Ela tirou o caderno da mochila. — Vou começar logo.

— Essa é a minha garota.

Marilyn beijou sua cabeça, bem na divisão do cabelo, e Lydia inspirou finalmente: xampu, detergente, hortelã. Um aroma que ela conhecia desde sempre, um aroma que, sempre que ela sentia, a fazia se dar conta de que lhe fazia falta. Abraçou a cintura de Marilyn, puxando-a para tão perto que dava para sentir o batimento cardíaco da mãe contra a sua bochecha.

— Já chega — disse Marilyn finalmente, dando um tapa brincalhão na bunda de Lydia. — Vá estudar. O jantar vai ficar pronto daqui a meia hora.

Durante todo o jantar, a conversa que tivera com a mãe se debateu dentro de Lydia. Ela tirou forças de um único pensamento: mais tarde, contaria sobre isso a Nath e depois se sentiria melhor. Pediu logo permissão para sair da mesa, deixando o prato pela metade.

— Tenho que terminar o dever de física — disse, sabendo que a mãe não se oporia.

Então, a caminho do segundo andar, ela passou pela mesa do hall, onde o pai havia colocado a correspondência logo antes do jantar, e um envelope chamou sua atenção: um carimbo de Harvard no canto e, abaixo dele, *Gabinete de admissões*. Ela o rasgou com o dedo para abri-lo e leu:

Caro Sr. Lee, estamos ansiosos pela sua visita ao campus de 29 de abril a 2 de maio e selecionamos um estudante-anfitrião para a ocasião. Ela sabia que aquilo aconteceria, mas até então não tinha parecido real. No dia seguinte ao seu aniversário. Sem pensar, ela rasgou a carta e o envelope em dois. Naquele instante, Nath saiu da cozinha.

— Achei que tinha ouvido você aqui — disse ele. — Pode me emprestar...

Ele viu o brasão vermelho no envelope rasgado, a carta em pedaços na mão de Lydia, e congelou.

Lydia corou.

— Não é nada importante. Eu não...

Mas ela tinha ultrapassado um limite, e ambos sabiam disso.

— Me dá isso. — Nath arrancou a carta de sua mão. — Isso é meu. Caramba. O que você está fazendo?

— Eu só...

Lydia não soube como terminar a frase.

Nath juntou os pedaços rasgados, como se pudesse tornar a carta inteira outra vez.

— É sobre a minha visita. O que passou pela sua cabeça? Que, se não recebesse isso, eu não poderia ir?

Dita de maneira tão crua, a coisa toda pareceu tola, patética, e lágrimas

começaram a se formar nos cantos dos olhos de Lydia, mas Nath não ligou. Foi como se a irmã estivesse roubando dele.

— Vê se entende uma coisa: eu vou. Vou neste fim de semana, e vou em setembro. — Ele correu em direção à escada. — Meu Deus. Mal posso esperar para sair desta casa.

Logo a porta de seu quarto bateu lá em cima, e, embora Lydia soubesse que ele não a abriria — e não fizesse ideia do que diria se ele abrisse —, isso não a impediu de bater de novo, de novo e de novo.

Na tarde seguinte, no carro de Jack, ela fez o carro morrer várias vezes até Jack dizer que era melhor pararem por aquele dia.

— Eu sei o que fazer — disse Lydia. — Só não consigo.

Sua mão assumira a forma de garra em torno do câmbio, e ela o empurrou com dificuldade. *Parceiros*, lembrou a si mesma. O acelerador e a embreagem eram parceiros. Ocorreu-lhe então: aquilo não era verdade. Se um subia, o outro tinha que descer. Era assim que as coisas funcionavam. Sua nota em física subira para C-, mas a nota em história caíra para um D. No dia seguinte, ela teria de entregar o trabalho de inglês — duas mil palavras sobre Faulkner —, mas sequer conseguia encontrar seu livro. Talvez essa história de parceiros fosse bobagem, pensou. De tudo que ela havia estudado, uma coisa passou pela sua mente: *Para cada ação, há uma reação equivalente e oposta*. Um subia e o outro descia. Um ganhava, o outro perdia. Um escapava, o outro ficava preso para sempre.

O pensamento a assombrou por dias a fio. Apesar de Nath — que ficara mais calmo em relação ao incidente com a carta — ter voltado a falar com ela, Lydia não conseguia mencionar o assunto, nem mesmo para se desculpar.

Todas as noites, após o jantar, apesar da aporrinhação insistente da mãe, ela ficava sozinha no quarto em vez de percorrer o corredor na ponta dos pés em busca de empatia. Na noite anterior ao seu aniversário, James bateu na porta.

— Você parece cabisbaixa essas últimas semanas — disse. James estendeu uma caixa de veludo azul do tamanho de um baralho. — Achei que um presente antecipado pudesse animá-la.

Aquele presente lhe tomara bastante tempo, e ele estava orgulhoso. Chegara a perguntar a Louisa o que uma adolescente gostaria de ganhar e, daquela vez, tinha certeza de que Lydia iria adorar.

Na caixa havia um coração prateado em uma corrente.

— É lindo — disse Lydia, surpresa.

Finalmente um presente de verdade — não um livro ou uma indireta —, algo que ela queria, não que eles queriam para ela. Era o colar que ela desejara no Natal. A corrente escorregou pelos seus dedos feito um córrego, tão ágil que pareceu quase viva.

James tocou sua covinha com a ponta do dedo e o girou, uma velha brincadeira sua.

— Ele abre.

Lydia abriu o medalhão e congelou. Dentro, havia duas fotos do tamanho da unha do seu polegar: uma do pai e outra dela — toda arrumada para o baile do nono ano no ano anterior. Durante todo o caminho para casa, ela ficou dizendo ao pai o quanto tinha se divertido. A foto do pai sorria ampla e ternamente, com expectativa. A foto dela desviava o olhar, séria, rancorosa, mal-humorada.

— Eu sei que esse ano está sendo difícil, e sua mãe vem exigindo muito de você — disse James. — Só quero que você lembre que a escola não é tudo. Não é tão importante quanto amizade, ou amor.

Já dava para ver uma leve ruga de preocupação se formando entre as sobancelhas de Lydia, olheiras escuras em torno de seus olhos causadas por longas noites de estudo. James quis apagar aquela ruga com o dedo, limpar as olheiras como faria com pó.

— Toda vez que olhar para isto, lembre-se do que importa de verdade. Toda vez que olhar para isto, quero que sorria. Promete?

Ele mexeu no fecho do colar, tendo dificuldade com a mola minúscula.

— Eu queria ouro, mas uma fonte confiável me disse que todo mundo está usando prata este ano.

Lydia correu o dedo pelo forro de veludo da caixa. Seu pai era tão preocupado com o que *todo mundo* fazia: *Estou tão feliz que você esteja indo para o baile, querida — todo mundo vai para o baile. Seu cabelo fica muito bonito assim, Lyddie — todo mundo tem cabelo comprido hoje em dia, não é?* Sempre que ela sorria: *Você deveria sorrir mais — todo mundo gosta de uma menina sorridente.* Como se um vestido, o cabelo comprido e um sorriso pudessem esconder tudo que havia de diferente nela. Se a mãe a deixasse sair como as outras meninas, pensou, talvez sua aparência não importasse tanto — Jackie Harper tinha um olho azul e o outro verde e ganhara o título de Miss Sociável no ano anterior. Ou, se ela tivesse a mesma aparência que todo mundo, talvez não importasse o fato de ter que estudar o tempo todo, de só poder sair nos fins de semana se tivesse terminado o dever de casa, de simplesmente não poder sair com meninos. Um ou outro talvez pudesse ser superado. Mas ser puxada nas duas direções... não havia vestido, livro ou medalhão capazes de ajudar.

— Agora, sim — disse James, enfim conseguindo abrir o fecho.

Ele fechou o colar na nuca da filha, e o metal formou uma linha fria, feito um anel de gelo, em torno de seu pescoço.

— O que acha? Gostou?

Lydia entendeu: a intenção era que aquilo a lembrasse de tudo que o pai queria para ela. Feito uma linha amarrada em seu dedo, só que aquilo ficava em torno do pescoço.

— É lindo — sussurrou ela, e James confundiu a rouquidão de sua voz com gratidão profunda.

— Me prometa que vai se dar bem com todo mundo. Amigos nunca são demais.

Lydia fechou os olhos e assentiu.

No dia seguinte, por causa do seu aniversário, ela usou o colar, como o pai tinha sugerido.

— Logo depois da escola — disse James —, vou levar você para pegar a permissão para ter aulas de direção e teremos nossa primeira aula antes do jantar.

— E, depois do jantar, vai ter bolo. Tenho alguns presentes especiais para a aniversariante — disse Marilyn.

O que significava livros, pensou Lydia. Naquela noite, Nath faria sua mala. Ela se consolara o dia todo: *Daqui a seis horas, terei minha permissão para tirar a carteira de motorista. Daqui a duas semanas, poderei dirigir para longe.*

Às três horas, seu pai parou o carro na frente da escola, mas, quando Lydia pegou a mochila e foi na direção do sedã, ficou surpresa em ver que alguém já ocupava o banco do carona: uma mulher chinesa — uma jovem, na verdade — com longo cabelo preto.

— Que bom finalmente conhecer você — disse a garota quando Lydia sentou no banco de trás. — Sou Louisa, a professora assistente do seu pai.

James parou o carro para deixar que um grupo de meninos do segundo ano atravessasse a rua vagarosamente.

— Louisa tem um compromisso e, já que eu estava vindo para cá, ofereci uma carona.

— Eu não deveria ter aceitado — disse Louisa. — Deveria ter cancelado logo. *Odeio dentistas.*

Ao atravessar a rua na frente do carro, um dos estudantes sorriu para eles pelo para-brisa e puxou o canto dos olhos com o dedo. Os outros riram, e Lydia se encolheu no assento. Ocorreu-lhe então: os meninos provavelmente achavam que Louisa era sua mãe. Contorcendo-se, ela se perguntou se o pai também estava constrangido, mas, no banco da frente, James e Louisa não haviam percebido nada.

— Aposto dez contos que você não tem nenhuma cárie — provocou James.

— Cinco — retrucou Louisa. — Sou só uma pobre estudante de mestrado, não um professor rico.

Ela deu tapinhas brincalhões no braço de James, e a ternura em seu rosto chocou Lydia. Sua mãe olhava daquele jeito para seu pai tarde da noite, quando ele estava absorto em leituras e ela se apoiava em sua poltrona carinhosamente, antes de chamá-lo para dormir. O toque de Louisa no braço de seu pai durou um pouco mais do que o necessário e Lydia olhou fixamente para os dois, seu pai e aquela garota, aconchegados no banco da frente feito um casalzinho, um quadro emoldurado pela tela brilhante do para-brisa, e ela pensou do nada: *Essa garota*

está dormindo com o meu pai.

Nunca tinha lhe ocorrido pensar no pai como um homem com desejos. Como todos os adolescentes, ela preferia — apesar da própria existência — imaginar seus pais eternamente castos. No entanto, havia algo na maneira como seu pai e Louisa se tocavam, em sua conversa fluida, que chocava sua sensibilidade inocente. Para ela, a sutil crepitação entre eles ardia com tanto fervor que suas bochechas coraram. Eles eram amantes. Tinha certeza disso. A mão de Louisa ainda estava no braço de seu pai e ele não se movia, como se a carícia não fosse algo incomum. Na verdade, James nem percebeu: Marilyn costumava descansar a mão no braço dele daquela forma, e a sensação era familiar demais para chamar a sua atenção. Para Lydia, porém, a maneira como o pai continuou olhando para a frente, os olhos ainda analisando a rua, foi toda a confirmação de que precisava.

— Soube que hoje é seu aniversário — disse Louisa, virando-se para o banco traseiro outra vez. — Dezesseis anos. Tenho certeza de que vai ser um ano muito especial para você. — Lydia não disse nada, então Louisa tentou novamente: — Você gostou do colar? Eu ajudei a escolher. Seu pai pediu a minha opinião sobre o que você gostaria de ganhar.

Lydia passou dois dedos na corrente, lutando contra o ímpeto de arrancá-la do pescoço.

— Como você pode saber do que eu gosto? Você nem me conhece.

Louisa piscou.

— Eu tinha alguma noção. Quer dizer, já ouvi seu pai falar muito de você.

Lydia a olhou bem nos olhos.

— É mesmo? O papai nunca mencionou você.

— Espere aí, Lyddie — disse James —, você já me ouviu falar sobre Louisa. Que ela é inteligente. Que nunca deixa aqueles alunos da graduação se safarem.

Ele sorriu para Louisa, e a visão de Lydia ficou embaçada.

— Papai, para onde você dirigia depois que conseguiu a *sua* carteira de motorista? — perguntou ela, de repente.

No retrovisor, os olhos de James se arregalaram, surpresos.

— Para a escola, para os treinos de natação e reuniões — respondeu. — E às vezes para resolver coisas.

— Mas não para encontros.

— Não — retrucou James. — Sua voz falhou por um instante, como a de um adolescente. — Não, para encontros, não.

Lydia se sentiu pequena, mordaz e cruel, feito uma lâmina.

— Porque você não tinha encontros. Certo? — Silêncio. — Por que não? Ninguém queria sair com você?

James manteve os olhos na estrada à sua frente, as mãos no volante enrijeceram e os cotovelos travaram.

— Ah, não — retrucou Louisa. — Não acredito nisso nem por um segundo.

Ela apoiou o braço no cotovelo de James novamente e, dessa vez, o manteve ali até chegarem ao consultório do dentista, até que James parou o carro e disse, para a indignação de Lydia:

— Vejo você amanhã.

Apesar do olhar furioso da filha no banco de trás, James não percebeu que havia algo errado. Na autoescola, ele lhe deu um beijo na bochecha, pegou uma cadeira e disse:

— Você vai se sair bem. Estarei aqui quando você terminar.

Tendo em mente como Lydia ficaria animada com a permissão para dirigir em mãos, ele se esquecera da situação no carro. Lydia, ainda irritada com o segredo que estava certa de ter descoberto, afastou-se sem dizer palavra.

Na sala da prova, uma mulher lhe passou um folheto e um lápis e disse que se sentasse em qualquer lugar vago. Lydia foi até o fundo da sala, pulando mochilas, bolsas e as pernas do menino na penúltima fileira. Tudo que seu pai já tinha lhe dito voltou à sua mente com um novo tom: *Amigos nunca são demais*. Pensou na mãe, sentada em casa, lavando roupa, preenchendo palavras cruzadas, enquanto o pai... Ela estava furiosa com ele, furiosa com a mãe por ter deixado aquilo acontecer. Furiosa com todos.

Naquele instante, Lydia percebeu que o cômodo ficara em silêncio. Todos estavam debruçados sobre a prova. Olhou para o relógio ali em cima, mas ele não lhe disse nada: nem a que horas haviam começado, nem a que horas terminaria a prova, só o horário atual, três e quarenta e um. O ponteiro dos segundos avançou de onze para doze, e o dos minutos, tal como uma comprida agulha de ferro, pulou mais um espaço. Três e quarenta e dois. Ela abriu o folheto. *De que cor é um sinal de "pare"?* Ela preencheu o círculo correspondente ao B: *vermelho*. *O que você deve fazer se vir ou ouvir um veículo de emergência se aproximando de qualquer direção?* Na pressa, o lápis escorregou para fora da folha, formando uma garra irregular. Algumas fileiras adiante, uma menina de mairas-chiquinhas se levantou, e a mulher ali na frente gesticulou, indicando-lhe o cômodo anexo. Logo depois, o menino sentado ao seu lado fez o mesmo. Lydia baixou os olhos para sua prova novamente. Vinte questões. Faltavam dezoito.

Se seu carro começa a derrapar, você deve... Todas as alternativas pareciam plausíveis. Ela pulou a pergunta. *Quando é que as ruas se tornam mais escorregadias? Que distância você deve manter do carro à sua frente em boas condições de trânsito?* À sua direita, um homem de bigode fechou seu folheto e colocou o lápis na mesa. C, chutou Lydia. A. D. Na página seguinte, encontrou uma lista de frases que não sabia completar. *Ao dirigir atrás de um grande caminhão na autoestrada, você deve...* *Para fazer uma curva com segurança, você deve...* *Ao dar ré, você deve...* Ela repetiu cada pergunta para si mesma e

ficou presa nas últimas palavras, feito um disco arranhado: *você deve, você deve, você deve*. Então alguém tocou seu ombro de leve, e a mulher da frente da sala disse:

— Sinto muito, querida, o tempo acabou.

Lydia manteve a cabeça baixa, como se as palavras só fossem se tornar verdadeiras quando visse o rosto da mulher. Uma mancha escura se formou no meio do papel, e ela levou um instante para entender que era uma lágrima, que era dela. Ela limpou o papel com a mão, depois a bochecha. Todas as outras pessoas já tinham saído.

— Tudo bem — consolou a mulher. — Você só precisa acertar catorze.

Mas Lydia sabia que só havia preenchido cinco círculos.

Na sala ao lado, onde um homem colocava folhas de resposta na máquina de correção, ela espetou o dedo com a ponta do lápis.

— Dezoito corretas — disse o homem para a garota na frente dela. — Leve isto ao balcão. Eles vão tirar a sua foto e imprimir sua carteira. Parabéns.

A garota deu um pulinho de felicidade ao passar pela porta, e Lydia teve vontade de estapeá-la. Houve um breve instante de silêncio enquanto o homem olhava para o formulário de Lydia, e ela se concentrou na lama da bota dele.

— Bem — disse ele. — Não fique chateada. Muita gente é reprovada da primeira vez.

Ele virou o papel de cabeça para cima, e ela viu de novo os cinco círculos escuros, como verrugas, o resto da folha branca e nua. Lydia não esperou para saber sua pontuação. Enquanto a máquina sugava a folha com as respostas, ela passou reto pelo homem, voltando para a sala de espera.

Uma longa fila se formara no balcão de fotos; o homem de bigode contava as notas em sua carteira, a garota que dera o pulinho de alegria cutucava o esmalte da unha. A garota de marias-chiquinhas e o garoto já tinham ido embora. James aguardava, sentado no banco.

— Então — disse, olhando para as mãos vazias dela —, cadê?

— Fui reprovada.

As duas mulheres sentadas no banco ao lado do seu pai olharam para ela, mas logo desviaram o olhar. James piscou uma, duas vezes, como se não tivesse ouvido direito.

— Tudo bem, querida. Você pode tentar de novo este fim de semana.

Sob a nuvem de decepção e humilhação, Lydia não lembrou que podia fazer a prova outra vez, nem ligou para isso. Na manhã seguinte, Nath iria para Boston. Tudo que ela conseguia pensar era: *Vou ficar aqui para sempre. Nunca vou conseguir escapar.*

James abraçou a filha, mas seus braços pesaram no ombro dela feito um cobertor de chumbo, e Lydia se contorceu, afastando-o.

— Podemos ir para casa agora?

— Assim que Lydia chegar vamos gritar “Surpresa!”. Então vamos jantar, e depois, os presentes — disse Marilyn.

Nath estava em seu quarto, fazendo as malas para a viagem, e, sozinha com a caçula, ela planejava em voz alta, falando em parte consigo mesma. Hannah, encantada por ter a atenção da mãe mesmo que por eliminação, assentiu com ar de sabedoria. Ela treinou, baixinho — *Surpresa! Surpresa!* — e observou a mãe escrever o nome de Lydia em azul no bolo retangular. A intenção era que ficasse parecido com uma carteira de motorista, um retângulo de glacê branco com uma foto de Lydia no canto onde a foto de verdade deveria ficar. Por dentro, era de chocolate. Como aquele era um aniversário particularmente especial, a própria Marilyn preparara o bolo — que era de caixinha, verdade, mas ela misturara tudo, uma das mãos na batedeira mexendo a massa, a outra segurando a tigela de alumínio desgastada contra as lâminas giratórias. Ela deixara que Hannah escolhesse o glacê, espremeu o que restava do tubo de cobertura para decoração, soletrando L-Y-D, então pegou outro na bolsa de compras.

Um bolo tão especial, pensou Hannah, teria um gosto ainda mais especial. Melhor do que só baunilha ou chocolate. A caixinha mostrava uma mulher sorridente debruçada em um pedaço de bolo e a frase *Você acrescenta o amor*. O amor, decidiu Hannah, devia ser doce, como o perfume da mãe, e macio como marshmallow. Silenciosamente, ela esticou o dedo, criando um burquinho na superfície lisa do bolo.

— Hannah!

Marilyn se irritou e afastou a mão da filha com um tapa.

Enquanto a mãe desfazia o buraco com a espátula, Hannah levou o glacê do dedo à língua. Era tão doce que seus olhos lacrimejaram e, quando Marilyn não estava olhando, ela limpou o resto no avesso da toalha de mesa. Hannah sabia pela ruguinha entre as sobrancelhas da mãe que ela ainda estava irritada e teve vontade de apoiar a cabeça na coxa de Marilyn, coberta pelo avental. Então a mãe entenderia que ela não tivera a intenção de estragar o bolo. Mas, quando começou a se mover, Marilyn largou o tubo de cobertura no meio de uma letra e ergueu a cabeça, apurando os ouvidos.

— Não podem ser eles tão cedo.

Sob os pés, Hannah sentiu o chão tremer quando a porta da garagem se abriu com um ruído.

— Vou buscar Nath.

No entanto, quando Hannah e Nath chegaram ao térreo, Lydia e o pai já haviam saído da garagem para o corredor, e o momento *Surpresa!* já havia passado. Em vez disso, Marilyn pegou o rosto da filha entre as mãos e beijou-a na bochecha com força, deixando uma marca de batom vermelho, feito uma

queimadura.

— Vocês chegaram cedo — observou ela. — Feliz aniversário. E parabéns. — Estendeu a palma da mão. — Então? Quero ver.

— Fui reprovada — revelou Lydia.

Ela olhou ferozmente para Nath e para a mãe, como que os desafiando a se zangar.

Marilyn a encarou.

— Como assim, foi reprovada? — questionou, sinceramente surpresa, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra.

Lydia repetiu, mais alto dessa vez:

— Fui *reprovada*.

Era quase como se estivesse zangada com a mãe, zangada com todos eles, pensou Hannah. Não podia ser só a prova. Sua expressão estava gélida e imóvel, mas Hannah percebeu os pequenos espasmos — nos ombros curvados, no maxilar tenso. Era como se ela fosse se despedaçar. Hannah quis abraçar a irmã com força, mantê-la firme, mas sabia que Lydia simplesmente a empurraria para longe. Ninguém mais percebeu. Nath, Marilyn e James olhavam uns para os outros, sem saber o que dizer.

— Bem — disse Marilyn finalmente —, é só você estudar as regras de trânsito e tentar de novo quando estiver pronta. Não é o fim do mundo. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Lydia. — Está tudo bem. Não é como se você tivesse sido reprovada no colégio, certo?

Em qualquer outro dia, aquilo teria feito Lydia ferver por dentro. Naquele — depois do colar, dos meninos na frente do carro, da prova, de Louisa — não sobrava espaço para raiva dentro dela. Algo ali dentro caiu e se quebrou.

— Claro, mãe.

Lydia olhou para a mãe, para toda a família, e sorriu, e Hannah quase se escondeu atrás de Nath. O sorriso era grande demais, brilhante demais, alegre e falso, com aqueles dentes brancos. Deixava o rosto da irmã apavorante; transformava Lydia em outra pessoa, uma desconhecida. Mais uma vez, ninguém além dela percebeu. Nath relaxou os ombros; James soltou a respiração; Marilyn enxugou as mãos, que haviam ficado úmidas, no avental.

— O jantar ainda não está pronto — disse a mãe. — Por que você não sobe, toma um banho e relaxa? Vamos comer mais cedo, assim que ficar pronto.

— Ótimo — retrucou Lydia.

Dessa vez, Hannah desviou o rosto até ouvir os passos da irmã na escada.

— O que aconteceu? — murmurou Marilyn para James, que balançou a cabeça em negativa.

Hannah sabia. Lydia não tinha estudado. Duas semanas atrás, antes que Lydia chegasse da escola, Hannah explorara seu quarto à procura de tesouros. Pegara o livro de Lydia no chão do armário e, debaixo dele, encontrara o panfleto de

normas e regulamentos. Quando começasse a estudar, tinha pensado Hannah, Lydia daria falta do livro. Começaria a procurá-lo. Ela havia verificado várias vezes, de dias em dias, mas o panfleto não se movera. No dia anterior, ficara meio coberto por um par de plataformas beges e pela melhor calça boca de sino de Lydia. E o livro ainda estava enfiado debaixo do travesseiro de Hannah.

Ali em cima, em seu quarto, Lydia puxou o colar, que não arrebentou. Ela o abriu e enfiou na caixa feito algo selvagem, e o empurrou bem para baixo da cama. Se o pai perguntasse onde estava, diria que o estava guardando para ocasiões especiais. Diria que não queria perdê-lo, não se preocupe, ela o usaria da próxima vez, papai. No espelho, uma linha fina e vermelha marcava seu pescoço.

Quando Lydia desceu para jantar uma hora depois, a marca havia sumido, mas a sensação que a acompanhava, não. Ela se vestira como se fosse a uma festa, secara e alisara o cabelo brilhante com o ferro na grande tábua de passar, os lábios cobertos de gloss avermelhado. Olhando para ela, James teve uma lembrança repentina de Marilyn quando se conheceram.

— Como você está linda — elogiou ele, e Lydia se obrigou a sorrir.

Ela se sentou bem ereta, com aquele mesmo sorriso falso, à mesa de jantar, feito uma boneca na vitrine, mas apenas Hannah percebeu que era algo forçado. Suas costas doíam enquanto observava Lydia, tudo nela doía, e ela se curvou na própria cadeira quase até escorregar para fora do assento. Assim que o jantar terminou, Lydia limpou a boca com o guardanapo e se levantou.

— Espere — pediu Marilyn. — Tem bolo.

Ela entrou na cozinha e, logo depois, veio com o bolo em uma bandeja, as velas acesas. A foto sumira, a superfície do bolo voltara a ser toda branca, só com o nome de Lydia. Por baixo daquela brancura lisa, pensou Hannah, estava escondida a falsa carteira de motorista, o *Parabéns* e o L-Y-D azul. Embora não fosse visível, estava bem ali embaixo, coberto e manchado, ilegível e horrível. E também daria para sentir o gosto. O pai deles não parava de tirar fotos, mas Hannah não sorria. Ao contrário de Lydia, ela ainda não aprendera a fingir. Em vez disso, semicerrrou os olhos, como fazia durante as cenas assustadoras na TV, para apenas entrever o que viria a seguir.

O que veio foi: Lydia esperou que eles terminassem de cantar. Quando chegaram ao último verso da música, James ergueu a câmera e ela se debruçou sobre o bolo, os lábios unidos como que para dar um beijo. Seu rosto perfeitamente bem-acabado sorriu ao redor da mesa, mirando cada um deles. A mãe. O pai. Nath. Hannah não sabia tudo o que Lydia acreditava entender — o colar, Louisa, *só quero que você se lembre* —, mas sabia que algo havia se deslocado dentro da irmã, que ela estava equilibrada em um rebordo alto e perigoso. Ficou sentada, bem quieta, como se um movimento errado pudesse empurrar a irmã para fora do rebordo, e Lydia apagou as velas com um sopro

rápido.

Lydia estava errada sobre Louisa, é claro. Naquela época, no aniversário da filha, James teria rido da simples ideia de ter um caso; pensar em alguém que não Marilyn em sua cama, em sua vida, era absurdo. Entretanto, na época, pensar na vida sem Lydia também era absurdo. Agora, as duas coisas absurdas tinham se tornado realidade.

Quando Louisa fecha a porta do apartamento e volta para o quarto, James já está abotoando a camisa.

— Você está indo? — pergunta.

Por dentro, ela se agarra à possibilidade de a visita de Marilyn ter sido mera coincidência, mas está se enganando, e sabe disso.

James coloca a camisa para dentro da calça e afivela o cinto.

— Tenho que ir — diz ele, e os dois sabem que isso também é verdade. — É melhor eu ir logo.

Ele não sabe o que esperar ao chegar em casa. Choro? Raiva? Uma frigideira na cabeça? Também não sabe ainda o que dirá a Marilyn.

— Vejo você depois — diz para Louisa, que beija sua bochecha, e essa é a única coisa de que ele tem certeza.

Quando ele entra em casa, logo após o meio-dia, não há choro, não há raiva — apenas silêncio. Nath e Hannah estão sentados lado a lado no sofá da sala, observando-o cautelosamente enquanto ele passa. É como se observassem um condenado marchando para a forca, e é assim que James se sente ao subir as escadas até o quarto da filha, onde Marilyn está sentada à escrivaninha de Lydia, sinistramente calma. Ela fica calada por um bom tempo, e ele se obriga a ficar imóvel, mantém as mãos firmes, até que ela enfim fala.

— Quanto tempo?

Ali fora, Nath e Hannah estão agachados no último degrau da escada, em um acordo tácito, prendendo a respiração, ouvindo as vozes que chegam ao fim do corredor.

— Desde... o enterro.

— O enterro. — Ainda olhando para o tapete, Marilyn comprime os lábios. — Ela é muito nova. Quantos anos tem? Vinte e dois? Vinte e três?

— Marilyn. Pare com isso.

Marilyn não para.

— Ela parece meiga. Bem dócil... uma boa troca, eu imagino. Não sei por que estou surpresa. Suponho que você mereça um revide há muito tempo. Ela daria

uma esposa muito boazinha.

Para sua própria surpresa, James cora.

— Ninguém está falando em...

— Ainda não. Mas sei o que ela quer. Casamento. Marido. Conheço o tipo. — Marilyn hesita, lembrando-se da versão mais jovem de si mesma, do sussurro orgulhoso da mãe: *muitos homens fantásticos em Harvard*. — Minha mãe passou a vida inteira tentando me transformar nesse tipo de mulher.

À menção da mãe de Marilyn, James enrijece, como se virasse gelo.

— Ah, sim. Sua pobre mãe. E aí você foi lá e se casou comigo. — Ele dá uma risada forçada. — Que decepção.

— Eu *estou* decepcionada. — Marilyn levanta a cabeça. — Achei que você fosse diferente.

O que ela quer dizer é: *Achei que você fosse melhor do que os outros homens. Achei que quisesse mais do que isso*. Mas James, ainda pensando na mãe de Marilyn, entende outra coisa.

— Você cansou do diferente, não é? Sou diferente demais. Sua mãe soube disso logo de cara. Você acha que se destacar é algo bom. Mas olhe só para você. Olhe só.

Ele assimila o cabelo cor de mel de Marilyn; sua pele, ainda mais pálida do que de costume devido a um mês sem sair de casa. Aqueles olhos cor de céu que ele venerava há tanto tempo, primeiro no rosto da mulher, depois no da filha. Coisas que ele nunca disse, nunca sequer insinuou para Marilyn antes, jorram de sua boca.

— Você nunca esteve em um lugar onde ninguém tinha a mesma aparência que você. Nunca zombaram de você na sua cara. Você nunca foi tratada como uma forasteira. — Ele tem a sensação de ter vomitado violentamente e passa o dorso da mão nos lábios. — Você não faz ideia de como é ser diferente.

Por um instante, James parece jovem, solitário e vulnerável, feito o menino tímido que ela conheceu tanto tempo atrás, e parte de Marilyn quer pegá-lo nos braços. A outra parte quer enchê-lo de socos. Ela morde o lábio, permitindo esse conflito interno.

— Primeiro período, no laboratório, os homens costumavam se esconder atrás de mim para tentar levantar minha saia — diz ela finalmente. — Uma vez, eles chegaram mais cedo e mijaram em todos os meus béqueres. Quando reclamei, o professor pôs o braço em torno dos meus ombros e disse... — A lembrança fica presa em sua garganta, feito uma pedra. — *Não se preocupe, querida. A vida é muito curta e você é muito linda*. Quer saber? Eu não liguei. Eu sabia o que queria. Eu ia ser médica. — Ela olha furiosamente para James, como se ele a tivesse contrariado. — Então... felizmente... eu caí em mim. Parei de tentar ser diferente. Fiz o que todas as outras garotas estavam fazendo. Me casei. Desisti de tudo aquilo. — Um amargor espesso cobre sua língua. — Faça o que todo mundo

está fazendo. Era o que você sempre dizia para Lydia. Faça amigos. Se enturme. Mas eu não queria que ela fosse igual a todo mundo. — As bordas dos olhos de Marilyn ardem. — Eu queria que ela fosse excepcional.

Na escada, Hannah prende a respiração. Tem medo de mover qualquer coisa, até a ponta do dedo. Quem sabe, se ficar imóvel, os pais parem de falar. Ela pode manter o mundo inerte, e tudo ficará bem.

— Bem, agora você pode se casar com essa aí — diz Marilyn. — Ela parece do tipo sério. Você sabe o que isso quer dizer. — Ela levanta a mão esquerda, onde a aliança cintila fracamente. — Uma garota assim quer o pacote completo. A casa perfeita, a cerca de piquete. Dois ou três filhos. — Ela dá uma risada dura, aguda e assustadora, feito um latido, e, no patamar da escada, Hannah esconde o rosto no braço de Nath. — Imagino que ela ficará muito feliz de trocar a vida de estudante por isso tudo. Só espero que ela não se arrependa.

Com essa palavra — *arrependa* — algo se acende dentro de James. Um cheiro quente e pungente, como o de cabos superaquecidos, atinge suas narinas.

— Assim como você?

Um silêncio repentino e atônito. Embora seu rosto ainda esteja escondido atrás do ombro de Nath, Hannah consegue imaginar a mãe perfeitamente: o rosto congelado, as bordas dos olhos de um vermelho-vivo. Se ela chorar, pensa Hannah, não serão lágrimas. Serão gotinhas de sangue.

— Sai daqui — diz Marilyn finalmente. — Sai desta casa.

James procura as chaves no bolso, então percebe que ainda estão na sua mão: ele sequer as tinha largado. Como se no fundo soubesse, desde o início, que não iria ficar.

— Vamos fingir — propõe ele — que você nunca me conheceu. Que ela nunca nasceu. Que nada disso aconteceu.

Então, ele vai embora.

* * *

Ali fora, no patamar da escada, não dá tempo de correr: Hannah e Nath nem se levantam quando o pai sai no corredor. Ao ver os filhos, James para. Eles certamente ouviram tudo. Nos últimos dois meses, sempre que encontra um dos dois, ele vê um fragmento da irmã ausente — na inclinação de cabeça de Nath, no longo cabelo de Hannah, que esconde parte do rosto — e se afasta abruptamente, sem de fato entender a razão. Agora, com ambos o observando, James avança entre eles, sem ousar encará-los. Hannah se escora na parede, deixando o pai passar, mas Nath olha bem nos olhos dele, em silêncio, com uma expressão que James não consegue interpretar. O som de seu carro gemendo ao sair da garagem, depois acelerando para longe, tem um quê de conclusão; todos o ouvem. O silêncio cobre a casa feito cinzas.

Então Nath se levanta. *Pare*, Hannah tem vontade de dizer, mas sabe que Nath não vai escutá-la. Nath a afasta. As chaves de sua mãe estão penduradas no gancho da cozinha, ele as pega e vai para a garagem.

— Espera — diz Hannah, em voz alta desta vez.

Ela está em dúvida se Nath está indo atrás do pai ou se também está fugindo, mas sabe que o que planeja é algo ruim.

— Nath. Espera. Não vai.

Ele não espera. Dá ré na garagem, batendo de leve no arbusto de lilás ao lado da porta, e, então, também vai embora.

No andar de cima, Marilyn não ouve nada disso. Fecha a porta do quarto de Lydia, e um silêncio denso e pesado a envolve como um cobertor sufocante. Passa o dedo nos livros de Lydia, nos fichários bem-conservados e enfileirados, cada um identificado com marcador indicando a matéria e a data. Uma grossa camada de poeira cobre tudo agora — a fileira de diários em branco, as velhas fitas de feiras de ciências, o cartão-postal de Einstein preso na parede, a capa de cada fichário, a lombada de cada livro. Ela se imagina esvaziando o quarto de Lydia, pedaço por pedaço. Os minúsculos furos e as manchas da cor original que deixarão marcas no papel de parede quando os pôsteres e as fotos forem removidos; o carpete, amassado embaixo dos móveis, que nunca mais voltará ao normal. Como a casa da própria mãe depois que tudo foi removido.

Marilyn pensa na mãe voltando para casa sozinha todos aqueles anos, para uma casa vazia, o quarto conservado do jeito que era, com lençóis limpos para a filha que nunca retornaria, o marido havia muito desaparecido, na cama de outra mulher. As pessoas amam tão intensamente e têm tantas expectativas para depois acabarem sem nada. Filhos que já não precisavam de você. Um marido que já não queria você. Não resta nada além de você, sozinha, e um espaço vazio.

Ela puxa o Einstein da parede e o rasga em dois. Então a tabela periódica, inútil agora. Arranca os fones do estetoscópio de Lydia; desfaz as fitas dos prêmios em pedaços de cetim. Derruba os livros da prateleira um por um. *O atlas colorido da anatomia humana. Pioneiras da ciência.* A cada um, a respiração de Marilyn se torna mais feroz. *Como seu corpo funciona. Experimentos químicos para crianças. A história da medicina.* Ela se lembra de cada um. É como voltar no tempo, rebobinar a vida inteira de Lydia. Uma avalanche se acumula aos seus pés. Lá embaixo, encolhida sob a mesa do hall, Hannah ouve baques pesados, feito pedra atrás de pedra caindo no chão.

Finalmente, de pé no canto da estante: o primeiríssimo livro que Marilyn comprou para Lydia. Fino como um panfleto, ele oscila sozinho na prateleira, depois cai. *O ar paira ao seu redor*, diziam as páginas abertas. *Embora você não possa vê-lo, ele está presente.* Marilyn quer tacar fogo naquela bagunça de livros em seu carpete, arrancar o papel de parede. Qualquer coisa que a faça se lembrar de Lydia e de tudo que ela poderia ter sido. Quer pisotear a própria

estante até reduzi-la a pedaços. Vazia, a estante se inclina, instável, como se estivesse cansada, e, com um empurrão, Marilyn a derruba.

E ali, no vazio abaixo da prateleira inferior: um livro. Grosso. Vermelho. A lombada colada com fita adesiva. Antes mesmo de ver a foto, Marilyn sabe o que é. Mas ela vira o livro mesmo assim, suas mãos repentinamente trêmulas, ainda chocada ao ver o rosto de Betty Crocker implausivelmente, impossivelmente a encarando.

Seu livro de receitas, dissera Lydia. *Eu perdi*. Marilyn ficara felicíssima, considerara aquilo um presságio; a filha tinha lido sua mente. Sua filha nunca ficaria confinada a uma cozinha. Sua filha queria mais. Fora mentira. Ela folheia as páginas que não vê há anos, acompanhando os rabiscos a lápis da mãe com a ponta do dedo, alisando as páginas de cantos dobrados em que ela chorara todas aquelas noites, sozinha, na cozinha. De alguma forma, Lydia soube que esse livro fora como uma pedra muito pesada puxando a mãe. Ela não o destruíra. Ela o escondera, durante todos aqueles anos; empilhara livros e mais livros em cima dele, pesando sobre ele, de forma que a mãe nunca tivesse de vê-lo novamente.

Lydia, aos cinco anos, na ponta dos pés para ver o vinagre e o bicarbonato de sódio espumarem na pia. Lydia pegando um livro pesado da prateleira, dizendo: *Me mostre de novo, me mostre outro*. Lydia levando o estetoscópio com toda a delicadeza ao coração da mãe. As lágrimas embaçam a visão de Marilyn. Não era ciência que Lydia amava.

E então, como se as lágrimas fossem telescópios, Marilyn começa a ver com mais clareza: os pôsteres e imagens rasgados, o amontoado de livros, a estante caída a seus pés. Tudo que ela queria para Lydia, que Lydia nunca quisera, mas aceitara mesmo assim. Um calafrio lento toma conta dela. Talvez — e esse pensamento a deixa sem ar — aquilo tenha acabado por arrastar Lydia para debaixo d'água.

A porta se abre com um rangido, e Marilyn ergue a cabeça devagar, como se Lydia fosse de alguma forma, impossivelmente, aparecer. Por um instante, o impossível acontece: um pequeno fantasma desfocado de uma Lydia criança, cabelo negro, olhos arregalados. Hesitante na porta, segurando o batente. Por favor, pensa Marilyn. Nas duas palavras está tudo que ela é incapaz de verbalizar, até para si mesma. Por favor, volte, por favor, deixe-me recomeçar, por favor, fique. Por favor.

Então ela pisca, e a figura se torna mais nítida: Hannah, pálida e trêmula, o rosto reluzente de lágrimas.

— Mãe — sussurra.

Sem pensar, Marilyn abre os braços, e Hannah se joga neles.

Do outro lado da cidade, na loja de bebidas alcoólicas, Nath põe uma garrafa de uísque no balcão. Ele provou álcool apenas uma vez na vida: em Harvard, seu estudante-anfitrião lhe ofereceu cerveja. Ele acabou bebendo quatro, mais animado com a ideia do que com o sabor — o gosto, para ele, era de urina com gás —, e pelo resto da noite o cômodo vacilou levemente em seu eixo. Agora ele quer que o mundo gire até se soltar e sair rodando.

O homem atrás do balcão examina o rosto de Nath, então estreita os olhos na direção da garrafa de uísque. Os dedos de Nath se agitam. Aos dezoito anos, ele tem direito de comprar apenas cerveja com 3,2 por cento de álcool, a coisa aguada que seus colegas de turma bebem nas festas. Mas essa porcentagem não é suficiente para o que ele precisa no momento. O atendente o observa novamente e Nath se prepara: *Vá para casa, rapaz, você é jovem demais para beber isso.*

Em vez disso, o atendente pergunta:

— Sua irmã é aquela menina que morreu?

A garganta de Nath parece estar em carne viva. Ele assente, concentrando-se na prateleira atrás do balcão, onde há perfeitas pilhas de cigarro vermelhas e brancas.

Então o atendente pega outra garrafa de uísque e a coloca no mesmo saco que a outra. Ele empurra o saco na direção de Nath, com a nota de dez dólares que o menino tinha colocado no balcão.

— Boa sorte para você — diz, e vira as costas.

O lugar mais calmo que Nath conhece fica na periferia da cidade, perto da fronteira do condado. Ele estaciona no acostamento e pega uma das garrafas. Um gole de uísque, depois outro descem queimando, e ele os imagina tacando fogo em tudo que está exposto, vermelho e dolorido dentro dele. Já é quase uma hora, e, quando ele termina a primeira garrafa, só um carro tinha passado por ali, um Studebaker verde-escuro com uma senhora ao volante. O uísque não fez o efeito que ele esperava. Nath achou que limparia sua mente, feito um apagador em um quadro-negro, mas, na verdade, o mundo se torna mais nítido a cada gole, deixando-o tonto com seus detalhes: a mancha de lama no retrovisor; o último dígito do hodômetro, parado entre o 5 e o 6; a costura do banco do carro que começa a desfiar. Uma folha caída, presa entre o para-brisa e o limpador, se remexe ao vento. Enquanto avança na segunda garrafa, pensa de repente na expressão do pai ao sair pela porta: ele sequer olhou para os dois, como se estivesse concentrado em algo distante no horizonte ou profundamente escondido no passado. Algo que nem Nath nem Hannah podiam ver, algo que não poderiam alcançar nem se quisessem. O ar no carro fica pesado, preenchendo seus pulmões como algodão. Nath abre o vidro. Então — quando a brisa fria entra — ele se inclina para fora e vomita as duas garrafas de uísque no acostamento.

Em seu carro, James também reflete sobre o momento na escada. Depois de sair com o carro, ele dirigiu sem rumo, pisando com força no acelerador, indo em qualquer direção que lhe permitisse afundar o pé até o chão. Assim, ele acaba dirigindo não de volta para a casa de Louisa, mas atravessando a cidade, passando pelo campus, até a autoestrada, empurrando a agulha até cem, cento e cinco, cento e quinze quilômetros por hora. Só quando uma placa — *Toledo 25 quilômetros* — surge grande e verde à frente, ele percebe quão longe chegou.

Muito apropriado, pensa. Toledo. James fica impressionado com a linda simetria da vida. Há dez anos, Marilyn fugiu para lá, deixando tudo para trás. Agora é a vez dele. Inspira profundamente e pisa com mais força no acelerador. Finalmente disse o que mais temia, o que ela mais queria ouvir: *Finja que você nunca me conheceu. Que nada disso aconteceu.* Ele desfez o maior erro da vida dela.

Só que — e ele não pode negar, por mais que tente — Marilyn não pareceu agradecida. Ela recuou, como se ele tivesse cuspid o em seu rosto. Mordeu os lábios uma, duas vezes, como se engolis se algo duro, que causasse dor. O carro vira na direção do acostamento, os cascalhos tremem sob as rodas.

Ela foi embora primeiro, James lembra a si mesmo, virando o carro de volta para o meio da rua. Era isso que ela queria desde o começo. No entanto, mesmo com esse pensamento, ele sabe que não é verdade. A linha amarela tremula e se torna sinuosa. Para James, com anos de olhares descarados espetando sua coluna, como se ele fosse um animal exposto no zoológico, anos de comentários na rua — *chinês, asiático, vá para casa* — ardendo em seus ouvidos, *diferente* sempre foi uma marca em sua testa, ostentada ali entre os olhos. Essa palavra manchou toda a sua vida; deixou sua impressão digital suja em tudo. Mas *diferente* sempre foi diferente para Marilyn.

Marilyn: jovem e destemida em uma sala de aula repleta de homens. Esvaziando os frascos com urina, preenchendo a cabeça com seus sonhos para suportar o resto. Uma blusa branca em um mar de blazers azul-marinho. Como ela ansiou pelo *diferente*: em sua vida, em si mesma. É como se alguém tivesse levantado o mundo dele, virado de lado e largado outra vez. Marilyn, embrulhando aqueles sonhos em lavanda para a filha, uma camada de decepção por baixo do sorriso. Triplamente isolada pela casa, pela rua sem saída e pela minúscula cidade universitária, as mãos macias e sem calos, porém desocupadas. As engrenagens complexas de sua mente funcionando silenciosamente para ninguém, os pensamentos zunindo de encontro às janelas fechadas feito uma abelha aprisionada. E agora, sozinha no quarto da filha, cercada pelas relíquias da vida de Lydia, nada de lavanda, apenas poeira no ar. Faz muito tempo que ele não pensa na mulher como alguém com desejos.

Mais tarde — e pelo resto da vida — James terá dificuldade em atribuir palavras a esse sentimento e nunca conseguirá explicar, nem para si mesmo, o que quer dizer realmente. Neste instante, ele só consegue pensar em uma coisa: como pôde ter se enganado tanto.

* * *

Em Middlewood, Nath não tem noção de quanto tempo está deitado ali, esparramado no banco da frente. A única coisa que sabe é que alguém abre a porta do carro. Alguém chama seu nome. Alguém segura seu ombro, com a mão calorosa, delicada e forte, e não solta.

Para Nath, que luta contra um estupor profundo e cambaleante, a voz parece a de seu pai, embora o pai nunca tenha dito seu nome com tanta delicadeza ou o tocado com tanto carinho. No instante antes de abrir os olhos, é seu pai, e, mesmo quando o mundo volta a entrar em foco e revela uma luz do sol indistinta, um carro de polícia, o policial Fiske agachado junto dele na porta do carro aberta, ainda é verdade. É o policial Fiske quem tira a garrafa de uísque de seus dedos e o ajuda a erguer a cabeça, mas, em seu coração, é seu pai quem diz, com tanta gentileza que Nath começa a chorar:

— Filho, é hora de ir para casa.

Em abril, o último lugar onde Nath queria estar era em casa. Durante todo o mês — semanas antes de sua visita ao campus — ele organizou livros e roupas em uma pilha cada vez maior. Toda noite, antes de dormir, pegava a carta de baixo do travesseiro e a relia, saboreando os detalhes: um veterano de Albany, Andrew Bynner, que cursava *astrofísica*, o acompanharia pelo campus, o inseriria em discussões práticas e intelectuais durante refeições no refeitório e o abrigaria durante o feriado. De sexta a segunda, ele pensou, procurando as passagens aéreas; noventa e seis horas. Quando enfim pegou a mala, após o jantar de aniversário de Lydia, já tinha separado as coisas que levaria consigo das que ficariam para trás.

Mesmo com a porta fechada, Lydia ouvia: o clique-clique dos fechos da mala se abrindo, então um baque quando a tampa bateu no chão. A família nunca viajava. Certa vez, quando Hannah ainda era bebê, eles haviam visitado Gettysburg e a Filadélfia. O pai deles planejava a viagem inteira no atlas rodoviário, uma corrente de lugares tão absolutamente americanos que aquilo transparecia em toda parte: nos nomes dos postos de gasolina — Valley Forge Diesel — e nos pratos especiais das lanchonetes quando paravam para almoçar — *camarão Gettystown, lombo de porco William Penn*. Então, em todo restaurante, as garçonetes tinham encarado seu pai, depois sua mãe, depois ela própria, Nath e Hannah, e ela soube, mesmo sendo criança, que nunca mais voltariam a viajar. Desde então, o pai dera aulas durante o verão todos os anos, como se — ela suspeitava com razão — para evitar a questão das férias em família.

No quarto de Nath, uma gaveta se fechou com um baque. Lydia se recostou na cama e apoiou os calcanhares no cartão-postal de Einstein. Ainda sentia na boca o gosto muito doce do glacê; o bolo de aniversário não lhe caíra bem. No fim do verão, pensou, Nath não arrumaria apenas uma mala, e sim um baú e uma pilha de caixas, todos os seus livros e todas as suas roupas, tudo que tinha. O telescópio desapareceria do canto; as pilhas de revistas sobre aeronáutica sumiriam do armário. Uma camada de poeira ocuparia a beirada das prateleiras vazias e a madeira permaneceria limpa no fundo onde os livros tinham estado. Todas as gavetas estariam vazias quando ela as abrisse. Até os lençóis da cama teriam sumido.

Nath abriu a porta com um empurrão.

— Qual é melhor?

Ele ergueu duas camisas, um cabide em cada mão, formando uma cortina dos lados de seu rosto. À esquerda, sua melhor camisa social, azul sem estampa, a que ele vestira para a cerimônia de premiação do segundo ano do ensino médio na primavera anterior. À direita, uma camisa estampada que ela nunca tinha visto antes, com a etiqueta com o preço ainda pendurada no punho.

— Onde arranjou isso?

— Comprei — respondeu Nath com um sorriso.

Durante a vida inteira, sempre que ele precisava de roupas novas, a mãe o arrastava até uma loja de departamentos chamada Decker's e Nath aceitava tudo que ela escolhia para poder voltar logo para casa. Na semana anterior, recontando suas noventa e seis horas, ele próprio fora de carro sozinho até o shopping pela primeira vez e comprara aquela camisa, escolhendo a estampa de cor viva da arara. Fora como comprar uma nova pele, e agora sua irmã também percebia aquilo.

— Um pouco chique demais para assistir à aula. — Lydia não voltou atrás. — Ou é assim que eles esperam que você se vista em Harvard?

Nath baixou os cabides.

— Tem um evento para os alunos em visita. E o meu estudante-anfitrião me escreveu... ele e o colega de quarto vão dar uma festa no fim de semana. Para comemorar o fim do semestre. — Ele colocou a camisa estampada na frente do corpo, prendendo a gola debaixo do queixo. — Talvez seja bom eu experimentar.

Ele desapareceu no banheiro, e Lydia ouviu o rangido do cabide no varão de cortina do chuveiro. Um evento: música, dança, cerveja. Flerte. Números de telefone e endereços rabiscados em pedaços de papel. *Me escreve. Me liga. Vamos nos ver.* Lentamente, seus pés escorregaram e descansaram no travesseiro. Um evento. Onde novos alunos se confundiam e se misturavam e se transformavam em algo novo.

Nath reapareceu na soleira da porta, fechando o botão superior da camisa estampada.

— O que você acha?

Lydia mordeu o lábio. A estampa azul no fundo branco lhe caía bem; fazia-o parecer mais magro, mais alto, mais bronzeado. Embora fosse de plástico, os botões brilhavam feito pérolas. Nath já tinha a aparência de outra pessoa, alguém que ela conhecera muito tempo atrás. Lydia já sentia sua falta.

— A outra é melhor — respondeu. — Você está indo para a universidade, não para o Studio 54.

Mas ela sabia que Nath já tinha se decidido.

Naquela mesma noite, logo antes da meia-noite, ela entrou no quarto de Nath na ponta dos pés. Teve vontade a tarde toda de lhe contar sobre seu pai e Louisa, sobre o que vira no carro aquele dia, o que *sabia* que estava acontecendo. Nath estivera muito absorto, e conseguir sua atenção fora como prender fumaça nas

mãos. Aquela era sua última chance. Ele viajaria na manhã seguinte.

No quarto escuro, apenas a pequena luminária estava acesa, e Nath vestia seu velho pijama listrado, ajoelhado perto da janela. Por um instante, Lydia achou que ele estava rezando e, constrangida por pegá-lo em um momento tão íntimo — era como vê-lo pelado —, começou a fechar a porta. Então, ao ouvir seus passos, Nath se virou, com um sorriso tão incandescente quanto a lua que começava a surgir acima do horizonte, e ela percebeu que se enganara. A janela estava aberta. Ele não estava rezando, e sim sonhando — o que, ela percebeu mais tarde, dava quase no mesmo.

— Nath...

A avalanche de coisas que queria dizer se agitou em sua mente: *Eu vi. Eu acho. Eu preciso*. Algo tão grande para dividir em pequenos grânulos de palavras. Nath não pareceu notar.

— Olha isso — sussurrou ele, com tamanha admiração que Lydia se ajoelhou ao seu lado e espiou lá fora.

Acima deles, o céu estendia um manto negro intenso, feito uma piscina de nanquim, repleto de estrelas. Elas não tinham nada a ver com as estrelas de seus livros de ciências, turvas e indistintas feito gotas de cuspe. Eram nítidas, cada uma precisa como pontos finais em um texto, pontuando o céu com luz. Com a cabeça inclinada para trás, ela não podia ver as casas, o lago ou os postes na rua. Via apenas o céu, tão imenso e escuro que podia esmagá-la. Era como estar em outro planeta. Não... como flutuar no espaço, sozinha. Ela procurou as constelações que vira nos pôsteres de Nath: Orion, Cassiopeia, a Ursa Maior. Os diagramas pareciam infantis agora, com suas linhas retas, suas cores primárias e suas figuras formadas por palitos. Ali as estrelas ofuscavam seus olhos como lantejoulas. *Essa é a aparência do infinito*, pensou. A clareza delas a oprimia, eram feito alfinetadas no coração.

— Não é incrível? — comentou Nath, baixinho, na escuridão.

Ele já parecia estar a anos-luz dali.

— É — respondeu Lydia, distraída, mais baixo que um sussurro. — Incrível.

* * *

Na manhã seguinte, enquanto Nath guardava a escova de dentes na mala, Lydia andava perto da porta. Dali a dez minutos, o pai deles o levaria ao aeroporto de Cleveland, onde a companhia aérea Trans World o transportaria até Nova York, depois Boston. Eram quatro e meia da manhã.

— Promete que vai ligar e me contar como estão as coisas?

— Aham — respondeu Nath.

Ele estendeu as tiras elásticas por cima das roupas dobradas, formando um X perfeito, e fechou a mala.

— Promete?

— Prometo. — Nath fechou as linguetas com o dedo, então levantou a mala pela alça. — O papai está esperando. Vejo você na segunda.

E assim ele foi embora.

Bem mais tarde, quando Lydia desceu a escada para tomar café, por pouco ela poderia fingir que nada havia mudado. Seu dever de casa estava ao lado da sua tigela de cereal com quatro tiques na margem; do outro lado da mesa, Hannah cutucava bolinhas de cereal na tigela. A mãe bebericava chá e folheava o jornal. Apenas uma coisa estava diferente: o lugar de Nath estava vazio. Como se ele nunca tivesse estado ali.

— Ai está você — disse Marilyn. — Melhor se apressar e corrigir isso, querida, ou não vai dar tempo de comer antes de o ônibus chegar.

Lydia, que tinha a sensação de estar flutuando, foi em direção à mesa. Enquanto isso, Marilyn passava os olhos pelo jornal — o índice de aprovação de Carter em sessenta e cinco por cento, Mondale se estabelecendo no papel de “assessor sênior”, o amianto banido, outro tiroteio em Nova York — até que seus olhos passaram por uma pequena matéria no canto da página. *Médico de Los Angeles ressuscita homem que estava em coma há seis anos*. Incrível, pensou ela. Sorriu para a filha, que estava de pé segurando as costas da cadeira como se, sem isso, pudesse sair voando por aí.

* * *

Nath não telefonou naquela noite, quando Lydia se encolheu e murchou sob a atenção concentrada dos pais. *Peguei um catálogo de cursos na faculdade — você quer estudar estatística neste verão? Alguém já convidou você para o baile de formatura? Bem, com certeza alguém vai convidar em breve*. Ele não telefonou no sábado, quando Lydia foi dormir chorando, nem no domingo, quando ela acordou com os olhos ainda ardendo. Então é assim que vai ser, pensou ela. Como se eu nunca houvesse tido um irmão.

Com Nath longe, Hannah seguia Lydia feito um cachorrinho, correndo até sua porta toda manhã antes mesmo que o seu rádio-relógio tocasse, a voz sem fôlego, quase ofegante. *Adivinha só, Lydia, adivinha?* Nunca era adivinhável e nunca era importante: estava chovendo; havia panquecas para o café da manhã; tinha um gaio azul no abeto. Todos os dias, o dia inteiro, ela seguia Lydia sugerindo coisas que podiam fazer: *Podemos jogar Life, podemos assistir ao filme da TV, podemos fazer pipoca*. Durante toda a vida, Hannah pairara a distância dos irmãos, e Lydia e Nath haviam tolerado tacitamente sua pequena e desajeitada lua. No momento, Lydia reparava em mil coisinhas na irmã: como ela remexia o nariz rápido feito um coelho quando falava; o hábito de ficar na ponta dos pés, como se calçasse saltos invisíveis. E então, no domingo à tarde, enquanto subia nos tamancos que

Lydia descalçara, Hannah apresentou sua mais recente ideia: *Podemos ir brincar na beira do lago. Lydia, vamos brincar perto do lago.* E Lydia percebeu outra coisa, brilhante e prateada, sob a blusa de Hannah.

— O que é isso?

Hannah tentou virar de costas, mas Lydia segurou sua gola para revelar o que já havia vislumbrado: uma corrente de prata flexível, um coração de prata fino. Seu medalhão. Ela o segurou com o dedo em forma de gancho e Hannah vacilou, cambaleando para fora dos sapatos de Lydia com um baque.

— O que você está fazendo com isso?

Hannah olhou para a porta, como se a resposta correta estivesse pintada na parede. Seis dias antes, ela encontrara a caixinha de veludo debaixo da cama de Lydia.

— Achei que você não quisesse — sussurrou.

Lydia não estava ouvindo. *Toda vez que olhar para isto*, ela ouviu o pai dizer, *lembre-se do que importa de verdade.* Ser sociável. Ser popular. Integrar-se. *Você não está com vontade de sorrir? E daí? Obrigue-se a sorrir. Não critique, condene ou reclame.* Hannah, tão satisfeita com aquela pequena armadilha prateada, lembrava Lydia mais nova — tímida, atrapalhada, os ombros apenas começando a se curvar sob o peso de algo que parecia tão tênue, prateado e leve.

Com um estalo alto, sua mão se chocou contra a bochecha de Hannah, empurrando-a para trás, virando seu rosto para o lado. Então, ela passou a mão toda em torno da corrente e torceu, com força, puxando a irmã para a frente como um cachorro em uma coleira. *Desculpe*, Hannah tentou dizer, mas nada saiu além de uma leve arfada. Lydia torceu com mais força. Então o colar arrebentou, e as duas irmãs se deram conta de que podiam respirar outra vez.

— Você não quer isso — disse Lydia, a delicadeza em sua voz surpreendendo Hannah, surpreendendo a própria Lydia. — Escute o que estou dizendo. Você acha que quer. Mas não quer. — Ela juntou o colar no punho. — Me promete que nunca mais vai usar isso. Nunca.

Hannah balançou a cabeça, os olhos arregalados. Lydia tocou o pescoço da irmã, o polegar passando pelo fiapo de sangue onde a corrente rasgara a pele.

— Nunca sorria se não quiser — disse ela. E Hannah, quase ofuscada pelo holofote da atenção total de Lydia, assentiu. — Lembre-se disso.

Hannah cumpriu a promessa: mais tarde, naquela mesma noite, e durante anos, ela se lembraria daquele momento, tocando o pescoço todas as vezes, de onde a marca vermelha da corrente havia muito sumira. Lydia parecera mais ansiosa do que zangada, o colar pendurado em seus dedos feito uma cobra morta; ela soara quase triste, como se ela própria tivesse feito algo errado, não Hannah. O colar seria, aliás, a última coisa que Hannah furtaria. Mas aquele momento, aquela última conversa com a irmã a deixaria intrigada por muito tempo.

Naquela noite, na segurança de seu quarto, Lydia pegou a folha solta em que

Nath anotara o telefone do seu estudante-anfitrião. Após o jantar — depois que o pai se retirou para o escritório e a mãe se acomodou na sala — ela o desdobrou e pegou o telefone no patamar da escada. Ele chamou seis vezes antes de ser atendido, e, ao fundo, dava para ouvir os sons estridentes de uma festa que acabava de começar.

— Quem? — perguntou a voz na outra ponta duas vezes.

Finalmente Lydia desistiu de sussurrar e gritou:

— Nathan Lee. O aluno que está de visita. *Nathan Lee*.

Minutos se passaram, cada um deles aumentando a tarifa de longa distância — mas, quando a conta chegasse, James estaria arrasado demais para perceber. No andar de baixo, Marilyn girou repetidamente o mostrador de canais da televisão: *Rhoda*. *O homem de seis milhões de dólares*. *Quincy*. *Rhoda* outra vez. Então, enfim, Nath surgiu na linha.

— Nath — disse Lydia. — Sou eu.

Para sua surpresa, seus olhos se encheram de lágrimas só de ouvir a voz do irmão — embora a voz dele estivesse mais grave e grossa do que de costume, como se ele estivesse resfriado. Na verdade, Nath tinha bebido três quartos da primeira cerveja de sua vida, e o cômodo começava a adquirir um brilho quente. Então, a voz da irmã — enfraquecida pela longa distância da ligação — cortou o brilho como uma faca cega.

— O que houve?

— Você não ligou.

— O quê?

— Você prometeu que ia ligar.

Lydia enxugou os olhos com o dorso do pulso.

— É por isso que você está ligando?

— Não. Olha, Nath, preciso contar uma coisa.

Lydia hesitou, sem saber como explicar. Ao fundo, uma gargalhada se ergueu como uma onda quebrando na praia.

Nath soltou um suspiro.

— O que aconteceu? A mamãe aporrinhou você por causa do dever de casa?

— Ele virou a garrafa contra os lábios e percebeu que a cerveja tinha esquentado e o líquido rançoso fez sua língua se franzir. — Espera, deixa eu adivinhar. A mamãe comprou um presente especial para você, mas era só um *livro*. O papai comprou um vestido novo para você... não, um colar de diamantes... e quer que você *use*. Ontem à noite, durante o jantar, você teve que falar, falar e *falar*, e toda a atenção deles estava concentrada em você. Acertei?

Lydia ficou calada, perplexa. Ao longo de toda a vida deles, Nath entendera, melhor do que ninguém, o léxico de sua família, as coisas que eles nunca poderiam realmente explicar para estranhos: que um livro ou um vestido significavam mais do que algo para ler ou usar; que a atenção era acompanhada

de expectativas que — feito a neve — caíam, se acumulavam e a esmagavam. Todas as palavras estavam certas, mas, naquele novo tom de Nath, elas pareciam triviais, frágeis e vazias. Da mesma forma que qualquer um as ouviria. Seu irmão já tinha se tornado um desconhecido.

— Tenho que ir — disse ele.

— Espera. Nath, espera. Me ouve.

— Meu Deus, eu não tenho tempo para isso. — Em um clarão de ressentimento, ele acrescentou: — Por que você não leva os seus *problemas* para o Jack?

Ele não sabia naquele momento como aquelas palavras iriam assombrá-lo. Depois de bater o telefone de volta no gancho, uma pontada de culpa, feito uma pequena bolha, atravessou seu peito. Mas, a distância, com o calor e o barulho da festa o envolvendo, sua perspectiva tinha mudado. Tudo que parecera tão imenso de perto — a escola, seus pais, suas vidas —, bastava se afastar para que encolhesse e desaparecesse. Dava para parar de atender aos telefonemas, rasgar as cartas, fingir que eles nunca haviam existido. Recomeçar como uma nova pessoa com uma vida nova. Era apenas uma questão de geografia, pensou Nath, com a segurança de alguém que nunca tentara se libertar da família. Em breve, Lydia também iria embora para a faculdade. Em breve, ela também se libertaria. Ele engoliu o resto da cerveja e foi pegar outra.

Em casa, sozinha no patamar da escada, Lydia segurou o telefone por um bom tempo após o clique. As lágrimas que haviam embargado sua voz secaram. Uma raiva lenta e ardente de Nath se acendeu dentro dela, suas últimas palavras soando em seus ouvidos. *Eu não tenho tempo para isso*. Ele havia se transformado em outra pessoa, alguém que não se importava se ela precisava ou não dele. Alguém que dizia coisas para magoá-la. Ela sentiu que também estava se transformando em outra pessoa: alguém que daria um tapa na irmã. Alguém que magoaria Nath tanto quanto ele a magoara. *Leva os seus problemas para o Jack*.

* * *

Na segunda-feira de manhã, ela pôs seu vestido mais bonito, o de frente única com florezinhas vermelhas que o pai lhe dera no outono. *Uma roupa nova para o novo ano escolar*, dissera ele. Estavam comprando material escolar quando James viu o vestido em um manequim na vitrine. Gostava de comprar para Lydia vestidos que ficavam expostos em manequins — para ele, isso significava que todo mundo estava usando o modelo. *A última moda, certo? Toda garota precisa de um vestido para uma ocasião especial*. Lydia, que queria ser o mais discreta possível — um casaco de capuz e calças de veludo; uma blusa simples e calças boca de sino —, sabia que aquele era um vestido para um encontro, mas ela não saía com ninguém. Ela o guardara no fundo do armário durante meses,

mas naquele dia o tirou do cabide. Repartiu o cabelo ao meio cuidadosamente e prendeu um dos lados com uma presilha vermelha. Com a ponta do batom, percorreu as curvas da boca.

— Como você está bonita — elogiou James no café da manhã. — Tão bonita quanto Susan Dey.

Lydia sorriu e não disse nada, nem quando Marilyn comentou:

— Lydia, não demore muito depois da escola, Nath estará em casa para o jantar.

E também não disse nada quando James colocou o dedo na sua covinha — aquela velha brincadeira outra vez — e acrescentou:

— Agora todos os garotos vão correr atrás de você.

Do outro lado da mesa, Hannah observou o vestido da irmã e o sorriso com batom, roçando um dedo na ferida áspera, fina feito uma teia de aranha, que dava a volta em seu pescoço. *Não*, ela teve vontade de dizer, embora não soubesse: *não* o quê? Ela sabia apenas que algo estava prestes a acontecer e que nada que ela dissesse ou fizesse seria capaz de impedir. Quando Lydia foi embora, ela pegou a colher e esmagou o cereal mole na tigela até transformá-lo em massa.

Hannah tinha razão. Naquela tarde, por sugestão de Lydia, Jack dirigiu até o Point, com vista para a cidade, e eles estacionaram na sombra. Em uma noite de sexta-feira, meia dúzia de carros parariam ali, as janelas embaçando aos poucos, até que uma viatura da polícia os dispersasse. Naquele momento — na luz intensa de uma tarde de segunda-feira — não havia ninguém por perto.

— Então, quando Nath volta?

— Acho que hoje à noite.

Na verdade, Lydia sabia que o avião de Nath pousaria no aeroporto Hopkins, em Cleveland, às cinco e dezenove. Ele e o pai estariam em casa às seis e meia. Ela espiou pela janela, para onde se erguia o relógio First Federal, visível no centro da cidade. Quatro horas e cinco minutos.

— Deve ser estranho não ter ele por perto.

Lydia riu, uma risada curta e amarga.

— Aposto que quatro dias não foram o bastante para ele. Mal pode esperar para ir embora de vez.

— Não é como se você nunca mais fosse vê-lo. Quer dizer, ele vai voltar. No Natal. Nas férias. Não vai?

Jack ergueu uma sobrancelha.

— Talvez. Ou talvez ele fique fora para sempre. Quem liga? — Lydia engoliu em seco, firmando a voz. — Eu tenho minha própria vida.

O farfalhar das folhas novas nos bordos entrava pela janela aberta. Uma semente em forma de hélice, a última que restara do outono, se soltou e caiu no chão, girando. Cada célula do seu corpo tremia, mas, quando Lydia olhou suas

mãos, elas estavam calmas e imóveis em seu colo.

Ela abriu o porta-luvas e pegou a caixa de camisinhas. Havia duas ali dentro, como meses antes.

Jack pareceu perplexo.

— O que você está fazendo?

— Tudo bem. Não se preocupe. Não vou me arrepender de nada. — Ele estava tão perto que dava para sentir o aroma doce e salgado de sua pele. — Sabe, você não é como as pessoas acham — disse, tocando a coxa dele. — Todo mundo acha, por causa de todas aquelas garotas, que você não liga para nada. Mas não é verdade. Você não é assim realmente, é? — Seus olhos encontraram os dele, azul no azul. — Eu conheço você.

E, enquanto Jack a encarava, Lydia respirou fundo, como se fosse mergulhar na água, e o beijou.

Ela nunca tinha beijado ninguém antes, e foi — embora ela não soubesse — um beijo meigo, inocente, de menininha. Sob os seus lábios, os dele estavam quentes, secos e imóveis. Por baixo do cheiro de fumaça, Jack parecia ter estado na floresta, tinha o aroma de folhas verdes. O cheiro dele era como a sensação do veludo, algo que se tinha vontade de acariciar e depois de colar ao rosto. Naquele instante, a mente de Lydia pulou para o futuro, como nos filmes. Para eles passando para o banco de trás, jogando-se um em cima do outro, as mãos lentas demais para seus desejos; depois ele desamarrando o nó do vestido na nuca dela, depois os dois tirando as roupas, o corpo de Jack pairando acima do seu. Todas as coisas que ela nunca experimentara e, na verdade, mal podia imaginar. Quando Nath chegasse em casa, pensou Lydia, ela estaria transformada. Naquela noite, quando Nath lhe contasse tudo de novo que vira em Harvard, tudo sobre a nova vida fabulosa que ele já começava, ela também teria uma novidade para contar.

Então, muito delicadamente, Jack afastou o rosto.

— Você é um doce — disse ele.

Ele a encarou, mas — até Lydia instintivamente entendeu — não com o olhar de um amante: com carinho, da maneira como os adultos olham para crianças que caíram e se machucaram. Por dentro, Lydia murchou. Olhou para seu colo, deixando o cabelo cobrir o rosto quente, e um gosto amargo surgiu em sua boca.

— Não me diga que você de repente criou escrúpulos — disse ela, bruscamente. — Ou sou eu que não sou boa o suficiente para você?

— Lydia... — Jack suspirou, a voz suave como uma flanela. — Não é você.

— Então é o quê? — Uma longa pausa, tão longa que ela pensou que Jack tinha se esquecido de responder. Quando enfim falou, ele se virou para a janela, como se o que realmente quisesse dizer estivesse lá fora, além dos bordos, além do lago e de tudo abaixo deles. — Nath.

— Nath? — Lydia revirou os olhos. — Não precisa ter medo de Nath. Ele não

importa.

— Importa, sim — retrucou Jack, ainda olhando pela janela. — Ele importa para mim.

Lydia levou um instante para assimilar aquilo e olhou boquiaberta, como se o rosto de Jack tivesse mudado de forma ou se seu cabelo tivesse mudado de cor. Jack esfregou o polegar na base do dedo anelar, e ela soube que estava dizendo a verdade, que aquela era a verdade havia muito, muito tempo.

— Mas... — Lydia hesitou. *Nath?* — Você está sempre... quer dizer, todo mundo sabe...

Sem querer, ela olhou de relance para o banco de trás, para o cobertor desbotado amontoado ali.

Jack abriu um sorriso irônico.

— Como foi que você falou? Todo mundo acha, por causa de todas aquelas garotas... mas você não é assim. — Ele olhou de esguelha para Lydia. Entrando pela janela aberta, um vento leve bagunçou seus cachos louros. — Ninguém nunca suspeitaria.

Trechos de conversas voltaram à mente de Lydia naquele momento com um tom diferente. *Cadê o seu irmão? O que Nath vai dizer? Você vai contar para o seu irmão que está andando comigo e que não sou tão ruim assim?* O que ela havia respondido? *Ele nunca acreditaria em mim.* A caixa semivazia de camisinhas parecia encará-la, e ela a esmagou com um soco. *Eu conheço você,* ela se ouviu dizer outra vez, e seu corpo se retraiu. Como posso ter sido tão estúpida, pensou. Ter entendido Jack tão errado. Ter entendido tudo tão errado.

— Tenho que ir.

Lydia pegou a mochila no chão do carro.

— Sinto muito.

— Sente muito? Pelo quê? Você não tem por que se desculpar. — Lydia pôs a mochila no ombro. — Na verdade, eu é que sinto muito por você, apaixonado por alguém que o odeia.

Ela encarou Jack um recuo abrupto, como se Lydia tivesse jogado água em seus olhos. Então, a expressão de Jack se tornou desconfiada, contraída e fechada, como era na presença de outras pessoas, como fora no dia em que se conheceram. Ele sorriu, porém parecia mais uma careta.

— Pelo menos eu não deixo que os outros me digam o que quero.

Ela recuou com o desprezo na voz dele. Fazia meses que não o ouvia usar aquele tom.

— Pelo menos eu sei quem sou. O que quero. — Os olhos dele se estreitaram.

— E você, Srta. Lee? O que *você* quer?

É claro que eu sei o que quero, pensou ela, mas, quando abriu a boca para falar, descobriu que estava vazia. Em sua mente, palavras ricochetearam como bolinhas de gude — *médica, popular, feliz* — e se dispersaram em silêncio.

Jack soltou uma risada debochada.

— Pelo menos eu não deixo que os outros me digam o que fazer o tempo todo. Pelo menos eu não tenho medo.

Lydia engoliu em seco. Sua pele parecia estar sendo arrancada sob o olhar dele. Ela teve vontade de bater em Jack, mas isso não seria doloroso o bastante. E, então, ela soube o que mais o machucaria.

— Aposto que Nath adoraria saber isso tudo — provocou ela. — Aposto que todo mundo na escola adoraria. Você não acha?

Jack murchou feito um balão furado diante dos seus olhos.

— Olha... Ly dia... — começou, mas ela já havia aberto a porta do carro, saído e a fechado com violência.

A cada passo, a mochila batia em suas costas, mas ela continuou correndo até a estrada principal e à sua casa, não parando nem quando sentiu uma fígada na lateral do corpo. A cada carro que ouvia, Ly dia se virava, esperando ver Jack, mas o Volkswagen não estava em parte alguma. Ela se perguntou se Jack ainda estava estacionado lá em cima, no Point, com aquele olhar amedrontado.

Quando passou pelo lago e chegou à sua rua, desacelerando o passo para recuperar o fôlego, tudo lhe pareceu diferente: estranhamente nítido, todas as cores vivas demais, feito uma televisão mal ajustada. Os gramados verdes estavam um pouco azuis demais, o frontão da Sra. Allen um pouco deslumbrante demais, a pele dos próprios braços um pouco amarela demais. Tudo parecia ligeiramente distorcido, e Ly dia semicerrou os olhos, tentando devolver as coisas a seu formato original. Quando chegou em casa, levou um tempo para perceber que a mulher que varria a varanda era sua mãe.

Ao ver a filha, Marilyn estendeu os braços para lhe dar um beijo. Só então Ly dia percebeu que ainda segurava a caixa de camisinhas e a enfiou no forro da mochila.

— Você está quente — afirmou Marilyn. Pegou a vassoura outra vez. — Estou quase acabando. Depois podemos começar a revisão para as suas provas.

Minúsculos brotos verdes, caídos das árvores, eram esmagados pelas cerdas.

Por um instante, a voz de Ly dia ficou congelada, mas, quando enfim emergiu, estava tão alterada que nem ela nem a mãe a reconheceram.

— Já falei, não preciso da sua ajuda — berrou.

No dia seguinte, Marilyn esqueceria aquele momento: o grito de Ly dia, o tom estridente de sua voz. Aquilo desapareceria da lembrança que guardaria de Ly dia, do jeito que as lembranças que guardamos das pessoas amadas sempre se suavizam e se simplificam, perdendo complexidade como se fossem escamas. Naquele momento, perplexa com o tom inabitual da filha, ela o atribuiu ao cansaço de fim de tarde.

— Não resta muito tempo — afirmou quando Ly dia abriu a porta da frente. — Você sabe, já estamos em maio.

Mais tarde, ao recordar aquela última noite, a família não se lembrará de quase nada. Tantas coisas serão diminuídas pela tristeza por vir. Rubro de excitação, Nath tagarelou durante todo o jantar, mas nenhum deles — incluindo ele próprio — se lembrará dessa loquacidade incomum ou de uma única palavra dita por ele. Não se lembrarão da luz do sol, no fim da tarde, derramando-se na toalha de mesa como manteiga derretida ou de Marilyn dizendo: *Os lilases estão começando a florir*. Não se lembrarão de James sorrindo à menção de Charlie's Kitchen, pensando em antigos almoços com Marilyn, ou de Hannah perguntando: *As estrelas são as mesmas em Boston?* E Nath respondendo: *É claro que sim*. Tudo isso terá sumido pela manhã. Eles vão dissecar essa última noite durante anos a fio. O que passou despercebido que deveriam ter notado? Que pequeno gesto, esquecido, poderia ter mudado tudo? Vão analisar os mais ínfimos detalhes, perguntando-se como aquilo tudo dera tão errado, e nunca terão certeza de nada.

Quanto a Lydia: durante toda a noite, ela se fez a mesma pergunta. Não percebeu a nostalgia do pai nem o rosto iluminado do irmão. Durante todo o jantar, e após o jantar, depois de dar boa-noite, essa pergunta se revirou em sua mente. Como aquilo tudo dera tão errado? Sozinha, com o disco tocando à luz da lâmpada, ela vasculhou sua memória: antes da expressão de Jack, naquela tarde, ao mesmo tempo desafiadora, afetuosa e amedrontada. Antes de Jack. Antes da prova de física malsucedida, antes da biologia, antes das fitas e premiações, dos livros e do estetoscópio de verdade. Onde é que as coisas haviam descarrilhado?

Quando o relógio passou de 1h59 para 2h00 com um clique suave, a resposta lhe ocorreu, instalando-se com o mesmo barulho ínfimo. O disco havia muito parado de girar, e a escuridão ali fora tornava o silêncio mais profundo, como a quietude abafada de uma biblioteca. Ela enfim sabia onde tudo dera errado. E sabia aonde deveria ir.

A madeira do pier era tão lisa quanto ela lembrava. Lydia se sentou na beirada, como fizera tanto tempo antes, os pés balançando, onde o barco batia de leve na doca. Durante todo aquele tempo, ela nunca mais tinha ousado se aproximar tanto. Naquela noite, no escuro, ela não sentiu medo e percebeu isso com uma admiração serena.

Jack tinha razão: ela sentia medo havia tanto tempo que se esquecera de como era não sentir — medo de que a mãe um dia sumisse de novo, de que o pai desabasse, de que a família inteira entrasse em crise mais uma vez. Desde aquele verão sem a mãe, a família havia parecido instável, como se cambaleasse à beira de um penhasco. Antes disso, ela não tinha se dado conta de

como a felicidade era frágil, como a qualquer momento, se não fosse cuidadosa, ela poderia cair e quebrar. Tudo que a mãe quisesse, Lydia prometera. Contanto que a mãe ficasse. Lydia sentira tanto medo.

Portanto, sempre que a mãe perguntava *Você quer...?*, ela respondia que sim. Sabia o que os pais desejavam sem que precisassem dizer uma palavra sequer e queria vê-los felizes. Ela cumprira a promessa. E a mãe ficara. Leia esse livro. *Sim*. Queira isso. Ame isso. *Sim*. Certa vez, no museu da faculdade, enquanto Nath fazia cara feia por ter perdido a exibição do planetário, ela vira uma pepita de âmbar com uma mosca presa lá dentro.

— Isso tem quatro milhões de anos — sussurrara Marilyn, abraçando a filha pelas costas.

Lydia olhara boquiaberta, até que Nath enfim as tirara de lá. Agora ela pensava na mosca pousando delicadamente na poça de resina. Talvez ela a tivesse confundido com mel. Talvez sequer tivesse visto a poça. Quando enfim percebeu seu erro, era tarde demais. Ela se debatera, afundara e então se afogara.

Desde aquele verão, ela tivera tanto medo — de perder a mãe, de perder o pai. E, após um tempo, o maior medo de todos: de perder Nath, o único que entendia o equilíbrio estranho e frágil de sua família. O único que sabia de tudo que havia acontecido. Que sempre a mantivera na superfície.

Naquele dia muito tempo antes, sentada naquele mesmo ponto do pier, ela já tinha começado a sentir: como seria difícil herdar os sonhos dos pais. Como era sufocante ser tão amada. Ela sentira as mãos de Nath nos ombros e ficara quase agradecida ao cair para a frente, ao se deixar afundar. Então, quando sua cabeça mergulhou abaixo da superfície, a água foi como um tapa. Ela tentara gritar, mas o frio desceu pela sua garganta, sufocando-a. Ela esticara os dedos dos pés à procura do chão, mas não havia. Não encontrou nada quando estendeu os braços. Apenas o frio molhado.

Então: calor. Os dedos de Nath, a mão de Nath, o braço de Nath, Nath a puxando para cima e a cabeça dela saindo do lago, água pingando de seu cabelo para os olhos e os olhos ardendo. Bata a perna, dissera Nath. As mãos dele lhe deram apoio, surpreendendo-a com sua força, sua segurança, e ela sentira o calor no corpo todo. Os dedos de Nath seguraram os dela e, naquele instante, Lydia parara de ter medo.

Bata a perna. Estou segurando você. *Bata a perna.*

Tinha sido a mesma coisa desde então. Não me deixe afundar, pensara ao pegar a mão dele, e ele prometera não deixar ao pegá-la. Aquele momento, pensou Lydia. Tinha sido ali que tudo dera errado.

Não era tarde demais. Ali no pier, Lydia fez uma nova série de promessas, dessa vez para si mesma. Ela vai recomeçar. Vai dizer à mãe: chega. Vai tirar os pôsteres e guardar os livros. Se for reprovada em física, se nunca se tornar

médica, vai ficar tudo bem. Ela vai dizer isso à mãe. E vai dizer à mãe também: não é tarde demais. Para nada. Vai devolver o colar e o livro ao pai. Vai parar de ficar ao telefone mudo; vai parar de fingir ser alguém que não é. Daquele momento em diante, vai fazer o que *ela* quer. Com os pés plantados firmemente no nada, Lydia — havia tanto tempo escravizada pelos sonhos dos outros — ainda não conseguia imaginar o que queria, mas de repente o universo brilhava com possibilidades. Ela vai mudar tudo. Vai pedir desculpas a Jack, dizer que nunca contará seu segredo. Se ele pode ser corajoso, tão seguro de quem é e do que quer, talvez ela também possa. Ela lhe dirá que entende.

E Nath. Vai dizer a Nath que não tem problema ele ir embora. Que ela vai ficar bem. Que ele não é mais responsável por ela, que não precisa se preocupar. E, então, vai deixá-lo ir embora.

Com essa última promessa, Lydia entendeu o que deveria fazer. Como recomençar tudo do zero, para nunca mais ter medo de ficar sozinha. O que deveria fazer para selar as promessas, para torná-las reais. Delicadamente, ela entrou no barco e soltou a corda. Ao se empurrar para longe do píer, preparou-se para uma onda de pânico que não chegou. Até depois de remar, um impulso atrapalhado após o outro, mais para dentro do lago — longe o bastante para que o poste se transformasse em um mero pontinho, pequeno demais para contaminar a escuridão à sua volta —, ela se sentiu estranhamente calma e confiante. Acima dela, a lua estava redonda feito uma moeda, nítida e perfeita. Abaixo, o barco balançava com tanta delicadeza que ela mal percebia o movimento. Ao olhar para o céu ali em cima, teve a sensação de estar flutuando no espaço, totalmente livre de amarras. Não acreditava que qualquer coisa fosse impossível.

A distância, a luz do píer brilhava feito uma estrela. Ao estreitar os olhos, dava apenas para entrever o contorno escuro do píer em si, a linha pálida de tábuas no fundo mais escuro da noite. Quando chegasse um pouco mais perto, pensou, conseguiria vê-lo perfeitamente: as tábuas tornadas lisas por anos de pés descalços, os pilares que as mantinham acima da superfície da água. Com cuidado, ela ficou de pé, abrindo os braços com o balanço do barco. Não era tão longe. Ela era capaz de fazer aquilo, tinha certeza. Tudo que precisava fazer era bater a perna. Bateria a perna até chegar ao píer, então estenderia os braços até as tábuas e ergueria o corpo para fora da água. Na manhã do dia seguinte, perguntaria a Nath sobre Harvard. Como eram as coisas lá. Perguntaria a ele sobre as pessoas que conhecera, as matérias que estudaria. Diria a ele que seria maravilhoso.

Ela olhou o lago abaixo, que, no escuro, parecia um nada, apenas escuridão, um grande vazio se abrindo sob seus pés. Vai ficar tudo bem, disse a si mesma, e deu um passo para fora do barco, para dentro da água.

Ao longo de todo o caminho para casa, James pensa: *Não é tarde demais. Não é tarde demais.* Ele repete isso a cada quilômetro que passa, até que está de volta a Middlewood, passando pela faculdade e depois pelo lago. Quando enfim chega em casa, a porta da garagem está aberta e o carro de Marilyn não está em parte alguma. Cada respiração o faz vacilar, por mais que tente se manter ereto. Durante todos aqueles anos, ele só pensou: *Ela fugiu.* Aceitou isso como uma evidência: *Ela voltou.* E: *Ela ficou.* Ao pegar a maçaneta, suas pernas cambaleiam. Não é tarde demais, diz para si mesmo, mas por dentro ele treme. Não poderá culpá-la se tiver ido embora de novo, agora de vez.

No hall de entrada, ele é recebido por um silêncio pesado, como o de um enterro. Então entra na sala de estar e vê um pequeno vulto encolhido no chão. Hannah. A coluna encurvada feito uma bola, abraçando a si mesma. Os olhos vermelhos e cheios de água. Ele se lembra de repente de uma tarde muito tempo antes, duas crianças sem mãe sentadas no degrau frio em frente à porta.

— Hannah? — sussurra, ao mesmo tempo que se sente desabar, feito um prédio velho, fraco demais para se manter de pé. A pasta escorrega dos seus dedos para o chão. É como se respirasse por um canudo. — Cadê sua mãe?

Hannah olha para cima.

— Lá em cima. Dormindo. — Então, e é isto que faz com que James recupere o fôlego: — Eu falei para ela que você ia voltar para casa.

Hannah diz isso sem afetação, sem triunfo. É apenas um fato, redondo e simples como uma pérola.

James afunda no tapete ao lado da filha pequena, silenciado pela gratidão, e Hannah pondera se deve contar mais. Pois há mais, muito mais: como ela e a mãe se aninharam juntas na cama de Lydia e choraram, choraram a tarde toda, em um abraço tão apertado que suas lágrimas se misturaram, até que a mãe adormeceu. E como, meia hora antes, seu irmão chegou em casa em uma viatura, desgrenhado e zonzo, e fedendo muitíssimo, mas estranhamente sereno, e foi direto para a cama, no quarto. Espiando por trás da cortina, Hannah viu o policial Fiske ao volante, e mais tarde naquela noite o carro de Marilyn reapareceria silenciosamente na frente de casa, lavado, a chave cuidadosamente deixada no banco do motorista. Isso pode esperar, ela decide. Está acostumada a guardar os segredos dos outros, e há algo mais urgente que precisa dizer para o pai.

Ela puxa seu braço, apontando para cima, e James fica surpreso com a

pequenez e a força de suas mãos.

— Olha.

A princípio, de tão assoberbado pelo alívio, tão acostumado a ignorar a filha mais nova, ele não vê nada. Não é tarde demais, pensa, olhando para o teto, limpo e brilhante feito uma folha nova de papel no sol do fim de tarde. Ainda não é o fim.

— *Olha* — insiste Hannah de novo, virando a cabeça do pai com um toque autoritário.

Ela nunca ousou ser tão mandona, e James, surpreso, olha com atenção e enfim vê: uma pegada branca no fundo creme, como se alguém tivesse pisado na tinta e depois no teto, deixando um rastro sutil, porém perfeito. Ele nunca tinha notado aquilo. Hannah o encara com uma expressão séria e orgulhosa, como se tivesse descoberto um novo planeta. Na verdade, uma pegada no teto é ridícula. Inexplicável, inútil e mágica.

Hannah dá uma risadinha, que para James parece um sino tocando. Um som bom. Ele também ri, pela primeira vez em semanas, e Hannah, de repente corajosa, se aconchega perto do pai. A sensação é familiar, o jeito como ela se aninha em seu corpo. Isso o faz lembrar-se de algo que tinha esquecido.

— Sabe o que eu fazia com a sua irmã às vezes? — pergunta, baixinho. — Quando ela era pequena, bem pequena, ainda menor que você, sabe o que eu fazia?

Ele deixa Hannah subir em suas costas. Então fica de pé e vira o corpo de um lado para outro, sentindo o peso da filha.

— Cadê a Ly dia? — diz ele. — Cadê a Ly dia?

Ele costumava repetir aquilo várias vezes, enquanto Ly dia escondia o rosto em seu cabelo e ria. Dava para sentir o calor do hálito dela no couro cabeludo, na parte de trás das orelhas. Ele percorria a sala de estar, espiando atrás dos móveis e das portas.

— Estou ouvindo a Ly dia — dizia. — Estou vendo o pé dela. — Ele apertava seu tornozelo, segurando com força. — Cadê ela? Cadê a Ly dia? Onde ela pode estar?

James virava a cabeça e ela se abaixava, dando gritinhos, enquanto ele fingia não perceber o cabelo dela caído sobre seu ombro.

— Aí está ela! Aí está a Ly dia!

James girava cada vez mais rápido, Ly dia se segurando nele com mais força, até que ele caía no tapete, deixando-a rolar, rindo, para longe de suas costas. Ela nunca se cansava da brincadeira. Encontrada e perdida e encontrada outra vez, perdida bem à vista dele, colada em suas costas, os pés presos em suas mãos. O que tornava algo precioso? Perdê-lo e encontrá-lo. Todas aquelas vezes em que ele fingira perdê-la. Ele afunda no tapete, zozno com a sensação da perda.

Então sente dois bracinhos em torno do pescoço, o calor de um corpinho se

apoiando no dele.

— Papai? — sussurra Hannah. — Faz isso de novo?

Ele sente o próprio corpo se erguendo, colocando-se de joelhos.

* * *

Há muito mais a fazer, muito mais a reparar. Mas, por enquanto, ele só pensa nisso, sua filha, ali nos seus braços. Ele tinha se esquecido da sensação de abraçar uma criança — de abraçar qualquer um — daquele jeito. Como o peso delas afundava no seu corpo, como elas se agarravam instintivamente a você. Como confiavam em você. Leva um bom tempo até que ele se sinta pronto para soltá-la.

E quando Marilyn acorda e desce a escada, assim que começa a escurecer, é isto que encontra: o marido embalando a caçula em um círculo de luz, uma expressão suave e calma no rosto.

— Você voltou — diz Marilyn.

Todos sabem que isso é uma pergunta.

— Voltei — retruca James.

Hannah fica na ponta dos pés, avançando até a porta. Dá para sentir que a sala está à beira de algo — ela não sabe ao certo de quê, mas sabe que não quer destruir este lindo e delicado equilíbrio. Acostumada a ser ignorada, ela vai na direção da mãe, prestes a passar despercebida. Então Marilyn toca delicadamente em seu ombro, e os calcanhares da menina pousam no chão com um baque de surpresa.

— Está tudo bem — diz a mãe. — Seu pai e eu só precisamos conversar. — Ela lhe dá um beijo na cabeça, bem na divisão do cabelo, deixando Hannah corada de alegria. — Vemos você amanhã de manhã.

No meio da escada, Hannah hesita. Só consegue ouvir murmúrios vindos lá de baixo, mas, pela primeira vez, não desce sorrateiramente para ouvir. *Vemos você amanhã de manhã*, disse a mãe, e ela entende isso como uma promessa. Avança pelo corredor na ponta dos pés, passando pelo quarto de Nath, onde, atrás da porta fechada, o irmão dorme um sono sem sonhos, o resto do uísque evaporando-se devagar de seus poros; pelo quarto de Lydia, que no escuro dá a impressão de que nada mudou, embora seja exatamente o contrário; sobe até o próprio quarto, onde pela janela o gramado azul-escuro lá fora está apenas começando a se tornar preto. Seu relógio que brilha no escuro indica que são oito horas, embora pareça mais tarde, o meio da noite, a escuridão silenciosa e grossa feito um edredom. Ela se cobre com essa sensação. Dali de cima, não dá para ouvir a conversa dos pais. Mas saber que estão ali já é o suficiente.

* * *

No andar de baixo, Marilyn permanece alguns instantes na soleira da porta, segurando o batente. James tenta engolir, mas algo duro e afiado parece preso em sua garganta, feito uma espinha de peixe. Antes ele conseguia decifrar o humor da mulher até de costas. Pela inclinação de seus ombros, pela forma como trocava o peso de pé, James sabia o que ela estava pensando. Mas fazia muito tempo que não a olhava com atenção, e agora, mesmo cara a cara, tudo que consegue ver são as discretas rugas nos cantos de seus olhos, as suaves marcas de dobra onde a blusa fora amassada e depois esticada.

— Pensei que você tinha ido embora — diz ela finalmente.

Quando a voz de James passa pelo objeto afiado em sua garganta, sai aguda e rouca.

— Pensei o mesmo de você.

E, por enquanto, isso é tudo que precisam dizer.

Certas coisas nunca serão discutidas: James nunca mais vai voltar a falar com Louisa e vai se envergonhar disso pelo resto da vida. Mais tarde, aos poucos vão deduzir outras coisas que nunca foram ditas. Ele vai lhe mostrar o relatório do médico legista; ela vai pôr o livro de receitas em suas mãos. Vai demorar até que James consiga falar com o filho sem uma pedra na garganta; vai demorar até que Nath deixe de se encolher quando o pai fala com ele. Pelo resto do verão, e durante anos, eles vão buscar as palavras certas para dizer o que querem: para Nath, para Hannah, um para o outro. Há muita coisa que precisa ser dita.

Neste instante de silêncio, algo toca a mão de James tão de leve que ele mal sente. Uma mariposa, pensa. A manga de sua camisa. Mas, ao olhar, vê os dedos de Marilyn em volta dos seus, ligeiramente curvados, apertando sua mão. Ele quase tinha se esquecido de como era tocá-la, como era ser perdoado, mesmo que tão sutilmente. Baixa a cabeça e a apoia no dorso da mão dela, tomado por gratidão por ter mais um dia.

Na cama, eles se tocam com delicadeza, como se estivessem juntos pela primeira vez: a mão dele deslizando cuidadosamente pelas costas dela, os dedos dela cuidadosos e decididos ao abrir os botões da camisa de James. Seus corpos estão mais velhos; ele sente os próprios ombros curvados, vê as cicatrizes prateadas dos partos riscando a barriga de Marilyn logo abaixo da cintura. No escuro, eles são cautelosos um com o outro, como se soubessem o quanto são frágeis, que podem quebrar a qualquer momento.

* * *

No meio da noite, Marilyn acorda e sente o calor do marido ao seu lado, seu aroma doce, feito torrada — maduro, orgânico e agridoce. Como seria adorável ficar ali aninhada junto dele, sentir seu peito subindo e descendo contra ela, como

se fosse sua própria respiração. No entanto, há outra coisa que Marilyn precisa fazer.

Ela para na porta do quarto de Lydia com a mão na maçaneta e apoia a cabeça no batente, lembrando-se daquela última noite juntas: como um raio de luz atingiu o copo d'água de Lydia e ela olhou a filha do outro lado da mesa e sorriu. Inventando o futuro dela, repleta de confiança, ela nunca imaginara, nem por um segundo, que ele pudesse não se concretizar. Que ela pudesse ter cometido algum engano.

Aquela noite, aquela certeza parecem antigas agora, como algo que se torna pequeno com a distância dos anos. Algo que ela viveu antes de ter filhos, antes de se casar, enquanto ela mesma ainda era criança. Ela entende. Não há direção para seguir, a não ser adiante. Ainda assim, parte dela deseja voltar atrás só por um instante — não para mudar alguma coisa, nem para falar com Lydia, nem para lhe dizer algo. Apenas para abrir a porta e ver mais uma vez a filha ali, dormindo, e saber que tudo estava bem.

Quando enfim abre a porta, é isto que vê. O formato da filha ali na cama, uma longa mecha de cabelo no travesseiro. Se olhar com atenção, dá até para ver o subir e descer do edredom florido a cada respiração. Ela sabe que lhe concederam uma visão e tenta não piscar, para absorver este momento, esta última linda imagem da filha dormindo.

Um dia, quando estiver pronta, ela vai abrir as cortinas, juntar as roupas na escrivaninha, empilhar os livros do chão e empacotá-los. Vai lavar os lençóis, abrir as gavetas, esvaziar os bolsos da calça jeans de Lydia. Quando o fizer, encontrará apenas fragmentos da vida da filha: moedas, cartões-postais não enviados, páginas arrancadas de revistas. Vai se deter diante de um chiclete de hortelã, ainda envolto em celofane, e se perguntar se era importante, se significara alguma coisa para Lydia, se fora apenas esquecido e jogado fora. Ela sabe que não encontrará respostas. Por enquanto, observa o vulto na cama e seus olhos se enchem de lágrimas. É o bastante.

* * *

Quando desce a escada ao nascer do sol, Hannah conta cuidadosamente: dois carros na frente de casa. Dois molhos de chave na mesa do hall. Cinco pares de sapatos — um de Lydia — junto da porta. Embora o último número lhe cause uma pontada bem entre as escápulas, as somas são reconfortantes. Então, espiando pela janela da frente, vê a porta dos Wolff aberta e Jack saindo com o cachorro. As coisas nunca mais serão iguais, ela sabe disso. Mas ver Jack e o cachorro indo até o lago também é reconfortante. É como se o universo estivesse aos poucos voltando ao normal.

Entretanto, para Nath, na janela do seu quarto, é o contrário. Acordando do

sono profundo e bêbado, o uísque eliminado do corpo, tudo parece novo: o contorno dos móveis, os raios de sol que atingem o tapete, as mãos diante do rosto. Até a dor no estômago — ele não come nada desde o café da manhã da véspera, que, assim como o uísque, já se foi há um bom tempo — parece nova, pura e aguda. E agora, do outro lado do gramado, ele vê aquilo que vem procurando todos os dias há tanto tempo. Jack.

Não se dá ao trabalho de trocar de roupa, de pegar suas chaves ou mesmo de pensar. Apenas calça os tênis e desce a escada correndo. O universo lhe deu essa chance, e ele se recusa a desperdiçá-la. Quando abre a porta da frente, Hannah é apenas um borrão assustado no hall. Ela, por sua vez, sequer calça os sapatos. Descalça, sai correndo atrás do irmão, o asfalto ainda frio e úmido sob seus pés.

— Nath — chama ela. — Nath, não é culpa dele.

Ele não para. Não está correndo, apenas marchando com um passo feroz e irado em direção à esquina, onde Jack acaba de sumir. Parece um dos caubóis dos filmes do pai, decidido, o maxilar tenso, inabalável no meio da rua deserta.

— Nath.

Hannah segura seu braço, mas ele continua andando, impassível, e ela se apressa para acompanhar seu passo. Estão na esquina agora, e ambos veem Jack ao mesmo tempo, sentado no pier, abraçando os joelhos, o cachorro deitado ao seu lado. Nath para e deixa um carro passar, e Hannah puxa sua mão com força.

— Por favor — pede ela. — Por favor.

O carro passa e Nath hesita, mas está esperando respostas há tempo demais. É agora ou nunca, pensa, desvencilhando-se e atravessando a rua.

Se Jack os ouve se aproximar, não demonstra. Fica parado, olhando a água, até que Nath para bem acima dele.

— Você achou que eu não ia te ver? — pergunta Nath. Jack não responde. Ele se levanta devagar, encarando Nath, as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans. Como se, pensa Nath, nem quisesse se dar ao trabalho de brigar com ele. — Você não pode se esconder para sempre.

— Eu sei — retruca Jack.

Junto de seus pés, o cachorro solta um gemido grave e choroso.

— Nath — sussurra Hannah. — Vamos para casa. Por favor.

Nath a ignora.

— Espero que você esteja mal com tudo isso — diz.

— Estou mesmo — retruca Jack — Pelo que aconteceu com Lydia. — Um leve tremor faz sua voz falhar. — Por tudo.

O cachorro de Jack se afasta, encolhendo-se contra as pernas de Hannah, e ela então tem certeza de que os punhos de Nath vão se abrir, de que ele vai dar meia-volta, seguir caminho e deixar Jack em paz. Mas isso não acontece. Por um segundo, ele parece confuso — então, estar confuso o deixa ainda mais irado.

— Você acha que isso muda alguma coisa? Não muda. — Os nós de seus

dedos ficam brancos. — Me diz a verdade. Agora. Quero saber. O que aconteceu entre vocês. O que a fez ir até o lago naquela noite.

Jack balança discretamente a cabeça, como se não entendesse a pergunta.

— Achei que Lydia tivesse contado para você... — Ele mexe o braço por impulso, como se estivesse prestes a pegar o ombro ou a mão de Nath. — Eu mesmo devia ter contado. Devia ter contado há muito tempo...

Nath dá um passo para a frente. Está tão perto agora, tão perto de entender, que fica zozno.

— O quê? — pergunta, quase num sussurro, tão baixo que Hannah mal consegue ouvir. — Que é culpa sua?

No segundo antes de a cabeça de Jack se mover, ela entende o que vai acontecer: Nath precisa de um alvo, um lugar para onde mirar a raiva e a culpa, ou vai desabar. Jack sabe disso — ela percebe pelo seu rosto, pela maneira como apruma os ombros, se preparando. Nath se aproxima e, pela primeira vez em muito tempo, olha Jack nos olhos, castanho no azul. Exigindo. Implorando. *Me diga. Por favor.* E Jack assente. *Sim.*

Então seu punho afunda no corpo de Jack, e Jack se curva. Nath nunca tinha batido em ninguém e achou que a sensação seria boa — de poder —, seu braço se impulsionando feito um pistão. Não é. É como socar um pedaço de carne, algo denso e pesado, algo que não oferece resistência. Isso o deixa um pouco enjoado. E ele tinha esperado um *pou*, como nos filmes, mas quase não há barulho. Apenas um baque, como uma sacola pesada caindo no chão, um arquejo discreto, e isso também o deixa enjoado. Nath se prepara, esperando, mas Jack não revida. Apruma o corpo lentamente, a mão na barriga, os olhos vidrados em Nath. Não chega nem a cerrar o punho, o que embrulha ainda mais o estômago de Nath.

Ele achou que, quando encontrasse Jack, quando socasse seu rosto arrogante, se sentiria melhor. Que tudo mudaria, que a grande bola de raiva que havia crescido dentro de si se desfaria feito areia. Mas nada acontece. Ainda sente dentro de si uma massa de concreto, deixando suas vísceras em carne viva. E a expressão de Jack não é arrogante. Ele esperou ao menos uma atitude defensiva, quem sabe medo, mas não vê nada disso nos olhos de Jack. Pelo contrário. Jack o olha quase carinhosamente, como se sentisse muito. Como se quisesse se aproximar e abraçá-lo.

— Vamos lá — grita Nath. — Está envergonhado demais para revidar?

Ele segura Jack pelo ombro e faz uma nova investida, e Hannah desvia o olhar logo antes de seu punho atingir o rosto de Jack. Desta vez, um filete vermelho escorre de seu nariz. Ele não se limpa, só deixa o sangue pingar, da narina para o lábio, do lábio para o queixo.

— Para com isso — grita Hannah, e só quando ouve a própria voz percebe que está chorando, que as bochechas, o pescoço e a camiseta estão molhados de

lágrimas.

Nath e Jack também ouvem. Ambos a encaram, Nath ainda de punho levantado, o rosto de Jack e a expressão carinhosa agora virados para a menina.

— Para — grita ela outra vez, o estômago embrulhado. Ela corre e para entre os dois, tentando proteger Jack, estapeando o irmão, empurrando-o.

Nath não resiste. Permite que ela o empurre, sente o corpo vacilando, os pés escorregando na madeira lisa, e se deixa cair do pier, na água.

* * *

Então é essa a sensação, pensa Nath quando a água cobre sua cabeça. Não se debate. Prende a respiração, imobiliza os braços e as pernas, mantém os olhos abertos ao afundar. É assim. Imagina Lydia afundando, a luz do sol sobre a água tornando-se mais fraca quanto mais ele próprio afunda. Logo estará no fundo, pernas, braços e costas largados no leito arenoso do lago. Ficará ali até não conseguir mais prender a respiração, até que a água entre para apagar sua mente feito uma vela. Seus olhos ardem, mas ele os mantém abertos. É assim, diz para si mesmo. Preste atenção. Preste atenção em tudo. Lembre-se.

Mas ele está muito acostumado a estar na água. Seu corpo já sabe o que fazer, da mesma forma como sabe que tem de se abaixar no canto da escada, em casa, onde o teto é mais baixo. Seus músculos se estendem e se debatem. Por conta própria, seu corpo se endireita, os braços escalam a água. As pernas batem até que a cabeça irrompe na superfície, e ele tosse um bocado de lodo e respira o ar frio que penetra seus pulmões. É tarde demais. Ele já aprendeu a não se afogar.

Nath boia de barriga para cima, os olhos fechados, deixando que a água sustente seus membros cansados. Não dá para saber qual foi a sensação nem da primeira, nem da última vez. Pode fazer conjecturas, mas nunca saberá de verdade. Como foi, o que ela estava pensando, tudo que ela nunca lhe contou. Se estava decepcionada com ele ou se queria que a deixasse em paz. Isso, mais do que tudo, o faz sentir que ela se foi.

— Nath? — chama Hannah, espiando pela lateral do pier, o rosto pequeno e pálido.

Então surge outra cabeça, a de Jack, estendendo a mão na sua direção. Ele sabe que é a mão de Jack e que, quando alcançá-la, vai pegá-la mesmo assim.

E o que vai acontecer depois que pegá-la? Vai andar com dificuldade até em casa, encharcado, enlameado, os nós dos dedos feridos pelos dentes de Jack. Junto dele, Jack estará machucado e inchado, uma mancha marrom-escura na parte da frente da camisa. Será óbvio que Hannah chorou; será visível pelas marcas sob seus olhos, no toque dos cílios molhados contra a bochecha. Apesar disso, estarão estranhamente radiantes, todos eles, como se tivessem sido polidos. Levarão muito tempo para esclarecer as coisas. Hoje terão de lidar com seus

pais, com a mãe de Jack também, com todas as perguntas: *Por que vocês estavam brigando? O que aconteceu?* Levará muito tempo, porque eles não conseguirão explicar, e pais, eles sabiam, precisam de explicações. Vão vestir roupas secas, Jack usará uma velha camiseta de Nath. Passarão mercurocromo na bochecha de Jack, nos dedos de Nath, fazendo-os parecer mais ensanguentados, como se suas feridas tivessem sido reabertas, quando na verdade estão começando a se fechar.

E amanhã, e no mês seguinte, no ano seguinte? Levará muito tempo. Dali a anos, eles ainda estarão reorganizando as peças que conhecem, questionando-se sobre suas características, redesenhando seus contornos na mente. Seguros de que acertaram dessa vez, certos naquele instante de que enfim a compreendem totalmente. Pensarão nela com frequência: quando Marilyn abrir as cortinas do quarto de Lydia, quando abrir o armário e começar a tirar as roupas das prateleiras. Quando o pai, um dia, adentrar uma festa e, pela primeira vez, não olhar rapidamente para todas as cabeças loiras do lugar. Quando Hannah assumir uma postura mais ereta, quando ela começar a falar com mais clareza, quando certo dia ela colocar o cabelo atrás da orelha em um gesto familiar e se perguntar, por um instante, onde o tinha visto. E Nath. Quando, na faculdade, as pessoas perguntarem se ele tem irmãos: *Duas irmãs, mas uma morreu*; quando, certo dia, ele olhar o pequeno calombo que marcará para sempre a linha do nariz de Jack e tiver vontade de passar delicadamente o dedo ali. Quando, muito, muito tempo depois, ele olhar a bola de gude silenciosa e azul que é a Terra lá embaixo e pensar na irmã, como fará em todas as ocasiões importantes de sua vida. Ele não sabe disso ainda, mas pode senti-lo em seu âmag. Tantas coisas vão acontecer que eu queria contar para você, pensa ele.

Agora, ao finalmente abrir os olhos, ele se concentra no píer, na mão de Jack, em Hannah. Do local onde está boiando, o rosto dela está olhando para ele, ele nada cachorrinho até ela. Não quer mergulhar e perder de vista o rosto da irmã.

nota da autora

Tomei pequenas liberdades históricas: a capa de *Como fazer amigos e influenciar pessoas* que descrevo no romance é um amálgama de capas de várias edições, mas o texto de fato existe. Do mesmo modo, as citações do livro de receitas de Betty Crocker *Betty Crocker's Cookbook* são da edição de 1968 da minha mãe, porém a mãe de Marilyn teria usado uma edição anterior.

agradecimentos

Muito obrigada à minha agente, Julie Barer, que esperou pacientemente por este romance durante seis anos e que sempre acreditou mais nele (e em mim) do que eu mesma. Agradeço aos céus por ela. Foi um prazer trabalhar com William Boggess, Anna Wiener, Gemma Purdy e Anna Knutson Geller da Barer Literary, eu não poderia ter estado em melhores mãos.

Minhas editoras da The Penguin Press, Andrea Walker e Ginny Smith Younce, ajudaram a deixar este livro incomensuravelmente melhor e me guiaram a cada passo do caminho. Sofia Groopman literalmente alegrou o meu dia todas as vezes em que trocamos e-mails. Jane Cavolina, minha editora de texto; Lisa Thornbloom, minha revisora; Barbara Campo e a equipe de produção editorial harmonizaram minhas numerosas incoerências e foram excepcionalmente pacientes com o meu uso do itálico. Minha assessora de imprensa, Juliana Kiyan, vem sendo uma defensora dinâmica e incansável, e sou muitíssimo grata a Ann Godoff, Scott Moyers, Tracy Locke, Sarah Hutson, Brittany Boughter e a todos os demais da The Penguin Press e Penguin Random House por terem trazido este livro ao mundo com tamanho entusiasmo e amor.

As pessoas costumam dizer que escrever é algo que não pode ser ensinado, mas eu aprendi muito — tanto sobre a escrita quanto sobre a vida de escritora — com meus professores. Patricia Powell me ajudou a levar meu trabalho a sério em minha primeira oficina de escrita de verdade. Wendy Hyman foi a primeira a sugerir a ideia de um mestrado em belas-artes, e lhe serei eternamente grata por isso. Eliezra Schaffzin ofereceu incentivo e apoio cruciais no início, e meus professores de Michigan incrivelmente generosos — Peter Ho Davies, Nicholas Delbanco, Matthew Klam, Eileen Pollack e Nancy Reisman — ainda são uma fonte de sabedoria e orientação.

Também devo muito a meus professores informais — meus amigos escritores. Sou particularmente grata a meus colegas de mestrado em Michigan, sobretudo Uwem Akpan, Jasper Caarls, Ariel Djanikian, Jenni Ferrari-Adler, Joe Kilduff, Danielle Lazarin, Taemi Lim, Peter Mayshle, Phoebe Nobles, Marissa Perry, Preeta Samarasan, Brittani Sonnenberg e Jesmyn Ward. Ayelet Amittay, Christina McCarroll, Anne Stameshkin e Elizabeth Staudt merecem agradecimentos duplos — triplos, quádruplos — por terem lido os primeiros rascunhos deste romance ao longo dos anos e me incentivado. Jes Haberli não é apenas uma interlocutora confiável, mas também uma necessária porta-voz de sanidade.

Escrever é uma tarefa solitária, e sou imensamente grata às comunidades que me ofereceram companhia ao longo do caminho. A equipe da *Fiction Writers Review* me fez lembrar sempre que *a ficção é importante*, e a Bread Loaf Writers' Conference me apresentou a muitos amigos e ídolos literários, incluindo os Voltron. Em Boston, a Grub Street me recebeu em sua calorosa e acolhedora família de escritores — porções extras de agradecimentos a Christopher Castellani por ter me incluído no grupo. Meu grupo de escritores, os Chunky Monkeys (Chip Cheek, Jennifer De Leon, Calvin Hennick, Sonya Larson, Alexandria Marzano-Lesnevich, Whitney Scharer, Adam Stumacher, Grace Talusan e Becky Tuch), oferece incentivo ilimitado e críticas impiedosas. E, sempre que tenho um bloqueio, o Darwin's Ltd., em Cambridge, me salva com chá quente, os melhores sanduíches da cidade e (de alguma forma) a música certa no aparelho de som.

Finalmente, agradeço de coração à minha família e meus amigos, que contribuíram para a minha formação de incontáveis maneiras. Katie Campbell, Samantha Chin e Annie Xu são minhas líderes de torcida e confidentes há mais de duas décadas. Muitos outros amigos que eu poderia listar aqui estiveram ao meu lado ao longo do caminho; vocês sabem quem são — obrigada. Carol, Steve e Melissa Fox gentilmente me receberam em seu lar de amor à palavra mais de uma década atrás. E minha família é uma fonte de apoio contínuo, mesmo quando não *sabiam bem* como lidar com essa coisa da escrita; obrigada a meus pais, Daniel e Lily Ng, e minha irmã, Yvonne Ng, por me deixarem (e me ajudarem a) encontrar meu caminho. Meu marido, Matthew Fox, não apenas me incentivou a cada passo como assumiu infinitas responsabilidades para permitir que eu escrevesse. Sem ele, este livro não teria sido possível. E, por fim, agradeço a meu filho, que atura gentilmente sua mãe sonhadora, me faz rir o tempo todo e ajuda a manter as coisas em perspectiva: você sempre será a minha maior realização.

sobre a autora



© Kevin Day

CELESTE NG nasceu nos Estados Unidos, filha de chineses que imigraram na década de 1960. Formou-se em Harvard e fez mestrado em belas-artes na Universidade de Michigan, onde ganhou o Hopwood Award. Publicou diversos ensaios e textos de ficção antes de estrear como romancista com *Tudo o que nunca contei*, eleito um dos melhores livros de 2014 pela Amazon e por veículos como *The New York Times*, *Booklist*, *San Francisco Chronicle*, *Entertainment Weekly*, *The Huffington Post* e *Buzzfeed*. Celeste mora em Cambridge, no estado americano de Massachusetts, com o marido e o filho.

leia também



A filha perdida
Elena Ferrante



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty



Destinos e fúrias
Lauren Groff



A visita cruel do tempo
Jennifer Egan